POSTILLAS

DE

GRAMMATICA GERAL,

APPLICADA Á LINGUA PORTUGUEZA

PELA

ANALYSE DOS CLASSICOS,

OU GUIA PARA A CONSTRUCÇÃO PORTUGUEZA

POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

SEGUNDA EDIÇÃO

REVISTA E ACCRESCENTADA PELO AUTOR.

A l'illustre et devoué ami du Brésil,
A Mr. Ferdinand Denis,
comme hommage d'estime et de respect
Lui offre
Lisbonne -
le 21 fevr. 1872. Son très humble admirateur
Dr. Antonio Henriques Leal

POSTILLAS

DE

GRAMMATICA GERAL.

POSTILLAS

DE

GRAMMATICA GERAL,

APPLICADA Á LINGUA PORTUGUEZA

PELA

ANALYSE DOS CLASSICOS,

OU GUIA PARA A CONSTRUCÇÃO PORTUGUEZA

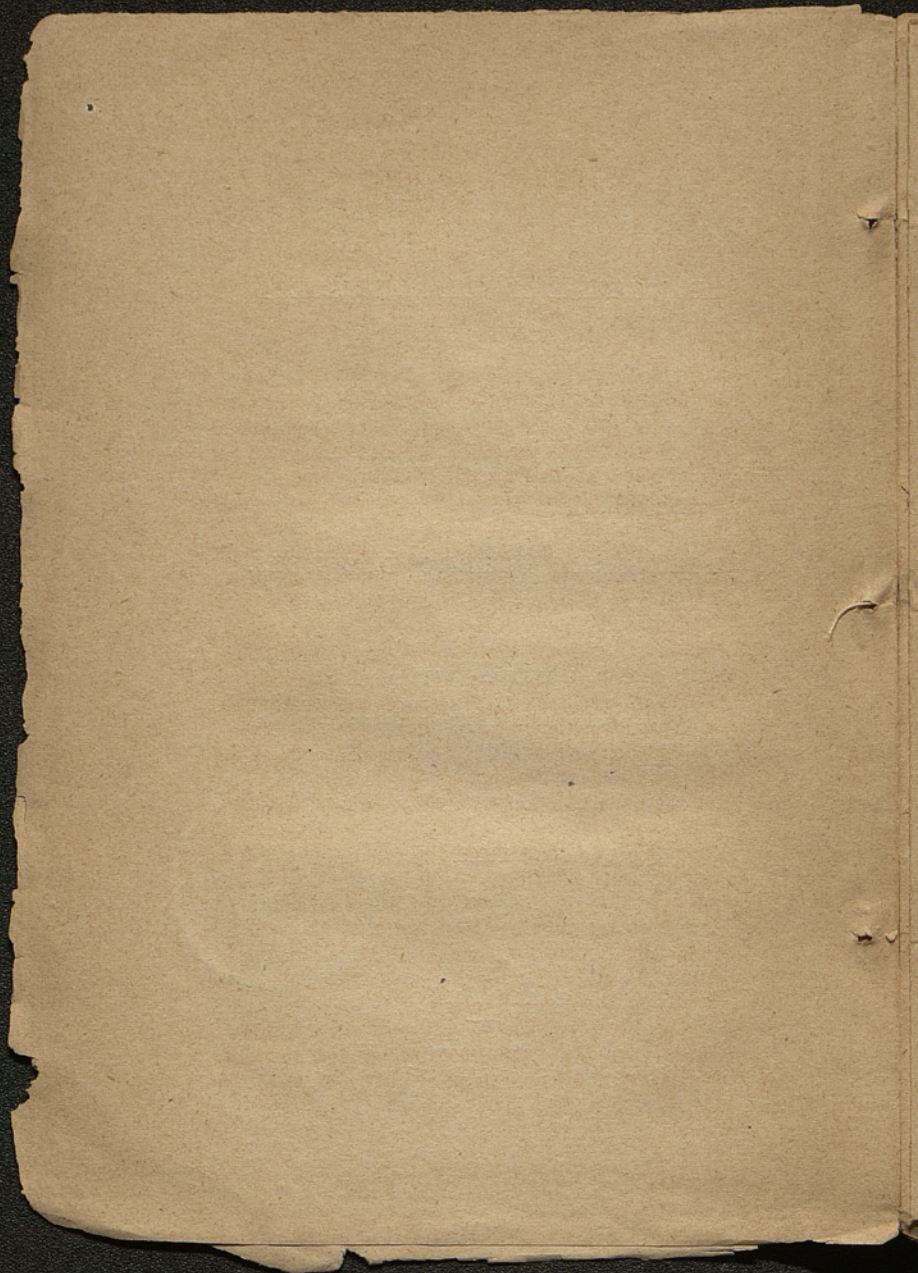
POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

SEGUNDA EDIÇÃO

REVISTA E ACCRESCENTADA PELO AUTOR.

MARANHÃO.

MDCCCLXVIII.

PRIMEIRA PARTE.

PROPOSIÇÃO.

A proposição, que tambem se chama oração, phrase, sentença, é o enunciado do juizo. Toda a reunião de palavras, a qual forma sentido, é uma proposição que contem os tres termos, sujeito, verbo, attributo. Exp.: «Deus é justo.» *Deus* sujeito, *é* verbo, *justo* attributo.

Sujeito é a pessôa ou cousa a que se attribue alguma qualidade; é a idéa principal, o objecto do juizo.

Attributo é a qualidade que se attribue ao sujeito; é a idéa accessoria.

O sujeito e o attributo dividem-se em grammaticaes, e totaes.

O sujeito grammatical é representado por nome substantivo, pronome, oração.

O attributo grammatical é representado por nome adjectivo ou cousa equivalente.

O sujeito e o attributo totaes são o sujeito e o attributo com complementos.

Complemento é toda palavra ou oração que completo o sujeito, ou o attributo.

Verbo é o nexo ou copula que une o attributo ao sujeito; é a palavra por excellencia.

O verbo que affirma a existencia do attributo no sujeito, é o verbo *Ser*, o qual se chama verbo substantivo, por que subsiste por si só.

Todos os outros verbos são uma combinação do verbo substantivo e do attributo grammatical; por isso chamão-se verbos attributivos ou adjectivos, pois *amo*

é o mesmo que *sou amante*; *quero* o mesmo que *sou querente*; *peço* o mesmo que *sou pedinte*.

O sujeito e o attributo podem ser simples, compostos, complexos.

Sujeito simples é o que representa um só objecto, ou objectos da mesma natureza,

Attributo simples é o que exprime uma só maneira de existir do sujeito.

Exemplo do sujeito e attributo simples: «A vida é curta.»

Sujeito composto é o que representa objectos differentes, ou de natureza diversa.

Attributo composto é o que exprime diversas maneiras de existir do sujeito.

Exemplo do sujeito composto: «Pedro e João são irmãos.»

Exemplo do attributo composto: «Cicero foi orador e philosopho.»

Sujeito complexo é o que tem complementos.

Attributo complexo é o que tem complementos.

Exemplo do sujeito complexo: «O homem que se contenta com o pouco, é feliz.»

Exemplo do attributo complexo: «O homem nascêo para amar á Deus.»

Nota.—Quando o sujeito e o attributo são simples e incomplexos, a proposição é simples e incomplexa; quando o sujeito, ou o attributo é composto, a proposição é composta; quando o sujeito, ou o attributo é complexo, a proposição é complexa.

Ordem directa e inversa.

A Proposição pode estar na ordem directa, ou inversa.

Está na ordem directa, quando os seus termos se achão naturalmente collocados, tendo o primeiro logar o sujeito ou idéa principal, o segundo o verbo ou idéa

de nexo, o terceiro o attributo ou idéa accessoria. Está na ordem inversa, quando os seus termos se achão invertidos, transtornada a ordem natural da precedencia.

Exemplo da proposição na ordem directa: «O homem que ama a Deus, vive isento do temor da morte.»

Exp. da proposição na ordem inversa: «Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger.»

Complementos.

Os complementos teem diversas denominações, segundo as suas relações mais ou menos intimas com as palavras que os precedem.

Chama-se complemento directo ou objectivo o complemento que constitue o objecto do verbo transitivo, ou representa a pessôa ou cousa sobre que recae a acção do sujeito, expressa por esse verbo.—Este complemento nunca é precedido de preposição, excepto quando é nome de pessôa, porque então leva antes de si na lingua portugueza a preposição *a*.

Exp. do complemento directo ou objectivo do verbo transitivo, sendo nome de cousa: «Pedro estuda *as lettras latinas.*»

Exp. do complemento directo ou objectivo do verbo transitivo, sendo nome de pessôa: «Pedro estima *á João.*»

Chama-se complemento indirecto ou terminativo o complemento que constitue o termo de relação do verbo ou do adjectivo relativo, a que se junta. Este complemento é precedido de preposição accommodada, excepto quando é algum dos casos dos pronomes pessoaes, *eu, tu, elle, se,* porque então póde deixar de levar preposição antes de si.

Exp. do complemento indirecto ou terminativo do verbo relativo: «O mundo obedece *á Deus.*»

Exp. do complemento indirecto ou terminativo do

verbo transitivo e relativo, sem ser precedido de preposição: «Dá-*me* pão.»

Exp. do complemento indirecto ou terminativo do adjectivo relativo: «Propenso *ao furor:* queixosa *delle;* feito *por nós.*»

Nota.—Os nomes substantivos appellativos, quando relativos, tambem pedem complementos terminativos, como se vê nestes exemplos: «Devêres *para com Deus;* inclinação *ás armas;* amor *ás lettras.*» Alguns grammaticos com tudo entendem nestes casos um adjectivo accommodado, como «amor *consagrado* ás lettras»; mas sem evidente necessidade.

Chama-se complemento restrictivo o complemento que restringe e determina a significação vaga e indeterminada do nome appellativo. Este complemento é na lingua portugueza, e outras da mesma origem, precedido da preposição *de.*

Exp. do complemento restrictivo do nome appellativo: «Livro *de Pedro;* flôr *de viola*; amor *do justo.*»

Chama-se complemento circumstancial o complemento que exprime alguma circumstancia do verbo ou do nome adjectivo, a que se junta por preposição accommodada. Esta circumstancia pode ser: de *modo*, de *causa,* de *instrumento,* de *tempo anterior, actual, posterior,* de *ordem,* de *opposição,* de *exclusão,* de *fim,* de *materia,* de *espaço* ou *distancia,* de *medida,* de *companhia,* de *origem* ou *principio de alguma procedencia,* de *preço*, de *logar, onde, donde, para onde, por onde,* ou outra qualquer.

Exp. da circumstancia de modo: «Leio *com cuidado.*»

Exp. da circumstancia de causa: «Morrêo *de fome* ou *á fome.*»

Exp. da circumstancia de instrumento: «Ferio-me *com a espada.*»

Exp. da circumstancia de tempo anterior: «Morrêo o *anno passado,* isto é, *durante o anno passado.*»

Exp. da circumstancia de tempo actual: «Chegou *neste momento.*»

Exp. da circumstancia de tempo posterior: «Virá *para o anno.*»

Exp. da circumstancia de ordem: «*Após o bispo* seguia-se o deão.»

Exp. da circumstancia de opposição: «Marchou *contra Roma.*»

Exp. da circumstancia de exclusão: «É um homem *sem instrucção.*»

Nota.—Esta circumstancia confunde-se algumas vezes com a de modo.

Exp. da circumstancia de fim: «Preparou-se *para orar.*»

Exp. da circumstancia de materia: «Edificio feito *de pedra.*

Exp. da circumstancia de espaço ou distancia: «Distante *de Roma tres legoas*, isto é, *até tres legoas.*»

Exp. da circumstancia de medida. «Elevado *sete palmos*, isto é, *até sete palmos.*»

Exp. da circumstancia de companhia: «Veio *comnosco.*»

Exp. da circumstancia de origem ou principio de alguma procedencia: «Isto nos vem *de Deus.*»

Exp. da circumstancia de preço: «Cedêo-me as fazendas *pelo custo.*»

Exp. da circumstancia de logar onde: «Nascêo *em Lisbôa.*»

Exp. da circumstancia de logar d'onde: «Veio de *Athenas.*»

Exp. da circumstaucia de logar para onde: «Foi *para o Rio de Janeiro.*»

Exp. da circumstancia de logar por onde: «Andou *pela China.*»

PARTES DA ORAÇÃO INVARIAVEIS.

São invariaveis a conjuncção, a preposição, o adverbio, a interjeição.

Conjuncção.

A conjuncção é uma parte da oração invariavel que liga palavras, proposições e sentidos.

As conjuncções dividem-se em conjuncções de primeira classe, e conjuncções de segunda classe.

As conjuncções de primeira classe ligão palavras, proposições e sentidos. As conjuncções de segunda classe ligão unicamente proposições.

Principaes conjuncções de primeira classe: *e, mas, porem, tambem, ou, nem, quer* (repetido), *ora* (repetido), *ja* (repetido.)

Principaes conjuncções de primeira classe, que, sem ligar palavras, ligão proposições e sentidos:—*depois, d'ahi, emfim, finalmente, logo, portanto, por conseguinte, entretanto, n'este comenos, n'estes entrementes, neste interim, com tudo, todavia, não obstante, por isso, demais, pois, bem assim, assim, outrosim, senão, alem disso, no emtanto, conseguintemente.*

Principaes conjuncções de segunda classe:—*que, para que, afim que, de sorte que, alem de que, com tanto que, até que, quando, como, como quer que, depois que, antes que, porque, pois que, ainda que, bem que, assim que, por isso que, de que, pelo que, si, por quanto, com quanto, em quanto, primeiro que.*

Quando a conjuncção é composta, como—*alem de que,* chama-se locução conjunctiva.

Preposição.

A preposição é uma parte da oração invariavel que liga uma palavra a outra, exprimindo uma relação entre dois termos, dos quaes um é antecedente, outro consequente.

As relações expressas pelas preposições são, ou *de*

logar, ou *de tempo*, ou *de ordem*, ou *de fim*, ou quaesquer outras.

Exp. da preposição, exprimindo uma relação de logar: «Sahio *de* casa.»

Exp. da preposição, exprimindo uma relação de tempo: «Chegou *antes de* mim.»

Exp. da preposição, exprimindo uma relação de ordem: «Foi *ante* posto *a* mim.»

Exp. da preposição, exprimindo uma relação de fim: «Preparou-se *para* fallar em publico.»

Principaes preposições:—*a*, *em*, *com*, *de*, *desde*, *des*, *depois de*, *atrás de*, *diante de*, *alem de*, *a quem de*, *após*, *para*, *sem*, *per*, *por*, *contra*, *para com*, *excepto*, *afóra* (antiquada) *fóra de*, *por cima de*, *por baixo de*, *sob*, *sobre*, *perante*, *trás* (antiquada), *ante* (antiquada), *segundo*, *conforme*, *entre*, *dentro de*.

Quando a preposição é composta, como—*atrás de*, chama-se locução prepositiva.

Adverbio.

O adverbio é uma parte da oração invariavel que exprime uma circumstancia do verbo, ou do nome adjectivo, a que se junta, equivalendo á preposição com o seu complemento. Assim os adverbios exprimem todas as circumstancias expressadas pelos complementos das preposições.

Exp. do adverbio, exprimindo uma circumstancia de modo: «Fallou *eloquentemente*, isto é, *com eloquencia*.»

Exp. do adverbio, exprimindo uma circumstancia de tempo: «Chegou *agora*, isto é, *n'esta hora*.»

Exp. do adverbio, exprimindo uma circumstancia de ordem: «Direi *primeiramente*, isto é, *em primeiro logar*.»

Exp. do adverbio, exprimindo uma circumstancia de

espaço ou distancia: «Veio *de longe*, isto é, *de longes terras*.»

Exp. do adverbio, exprimindo uma circumstancia de quantidade: «Chovêo *muito*, isto é, *em muita quantidade*.

Exp. do adverbio, exprimindo uma circumstancia de logar: «Esteve *aqui*, isto é, *n'este logar*.»

Principaes adverbios: de modo—*assim, como, quasi, bem, mal, ás escondidas, ás tontas &, alto, baixo*, (em referencia á voz), *sabiamente, bellamente, graciosamente*, (e todos os adverbios formados d'um adjectivo e do substantivo mente, excepto os que exprimem ordem, tempo e logar); de tempo—*hoje, hontem, ante-hontem, amanhã, depois damanhã, cedo, tarde, logo, immediatamente, agora, outr'ora, então, antigamente, já, nunca, jamais, sempre, in continenti, ás pressas;* de ordem—*primeiramente, secundariamente, primò, secundò, terciò, quartò, &;* de quantidade—*muito, pouco, assás, mais, menos, tão, tanto, quanto;* de affirmar—*sim, em vērdade, de véras, certamente, de certo, por ventura* (dubitativo), *talvez* (dubitativo), *quiçá* (dubitativo antiquado), e os adverbios demonstrativos, *eis, eis-aqui, eis-ahi, eis-alli*; de negar—*não, nunca, nunca jamais, nada;* de logar—*aqui, ahi, alli, cá, lá, acolá, de lá, de cá, d'aqui, d'ahi, d'alli, onde, donde, por onde, para onde, aliás, algures* (antiquado), *nenhures* (antiquado), *alhures* (antiquado), *por cima, por baixo, dentro, por dentro, fóra, por fóra, internamente, externamente, interiormente, exteriormente.*

Quando o adverbio é composto, como *ás occultas*, chama-se locução adverbial.

Interjeição.

A interjeição é uma parte da oração invariavel que

exprime os affectos d'alma, e equivale a uma proposição implicita.

Exemplos da interjeição em logar d'uma proposição: «*Olá!* é o mesmo que vem cá; *triste de mim!* é o mesmo que sou muito desgraçado; *Jesus!*, o mesmo que valha-me Jesus; *animo!* o mesmo que tem animo.»

Principaes interjeições: de dôr—*ai, ai de mim, ai Jesus;* de prazer—*ah, viva*; de admiração—*oh, ah, ui, irra, arre* (termo baixo); de susto—*Jesus! Virgem Santa!;* de animação—*eia, ora sus, animo, bravo, avante, vamos;* de indignação—*apre, fóra, fora daqui;* de chamar—*ó, olá, ptsio;* de impôr silencio—*chiton, tá, silencio;* de desejo—*oxalá, oh!*

Quando a interjeição é composta, como—*ai de mim!* chama-se locução interjectiva.

Nota 1.ª—Julgámos conveniente fazer uma enumeração succinta das partes da oração invariaveis, porque a influencia destas particulas, especialmente *conjuncções* e *preposições,* é de summa importancia no discurso, e o perfeito conhecimento do seu emprego muito concorre para facilitar a analyse, quer se trate da syntaxe das palavras, quer da syntaxe das proposições.

Nota 2.ª—Não enumerámos as *particulas prepositivas* ou preposições que só entrão na composição das palavras, como *di, dis, ex, soto, con, &,* porque não ligando ellas propriamente uma palavra a outra, não vêm ao nosso proposito.

Partes da oração variaveis.

São variaveis o nome substantivo appellativo que varía nos numeros; o nome adjectivo que varía nos numeros e na terminação accommodada ao genero; o verbo que varía nos tempos, modos, pessôas e numeros.

Nota 1.ª—Para formação do singular e plural dos nomes substantivos e adjectivos, bem como para as inflexões dos verbos, recorra-se ás grammaticas ordina-

rias, visto como nosso fim não é compôr uma grammatica, mas auxiliar unicamente, na analyse das proposições e periodos grammaticaes, aos principiantes que já tiverem o preciso conhecimento das partes da oração.

Nota 2.ª—Suppondo bem conhecidas as variações dos nomes, e dos verbos, só nos occuparemos aqui com os nomes adjectivos em relação ás classes a que pertencem, e ás subdivisões destas, porque a sua differente natureza muito influe na analyse que nos propomos.

—Os nomes adjectivos dividem-se em duas grandes classes; em adjectivos determinativos, e adjectivos qualificativos.

Adjectivos determinativos.

Pertencem á classe dos adjectivos determinativos os que determinão o genero, a especie, a posição, o numero, a ordem, a quantidade.

Taes são entre outros: o artigo definido *o, a,* para o singular, *os, as,* para o plural; o artigo indefinido *um, uma,* para o singular; *uns, umas,* para o plural (este artigo distingue-se do numeral cardinal *um, uma,* porque tem plural); os adjectivos demonstrativos *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquelle, aquella, aquillo, o mesmo, a mesma;* os adjectivos partitivos *outro, outra, al* (terminação antiquada), *est'outro, ess'outro, aquell'outro, algum, alguma, algo* (terminação antiquada), os adjectivos distributivos partitivos, *cada, cada um, cada qual, qualquer, qualquer que, quem quer que, todo aquelle que, todo, toda* (anteposto ao nome appellativo), *nenhum, nenhuma,* (negativo), os adjectivos numeraes cardinaes *um, dois, tres, &;* os adjectivos numeraes ordinaes *primeiro, segundo, terceiro &;* o adjectivo quantitativo ou collectivo universal, *todo, toda* (posposto ao nome appellativo); os adjectivos quantitativos indeterminados e partitivos, *mui-*

to, muita, pouco, pouca, mais, menos, tanto, tanta, quanto, quanta, um tanto, outro tanto, algum tanto.

Á classe dos determinativos pertencem tambem o adjectivo conjunctivo, e o adjectivo interrogativo.

Formas variaveis do adjectivo conjunctivo: *o qual, a qual,* para o singular, *os quaes, as quaes,* para o plural; *cujo, cuja,* para o singular, *cujos, cujas,* para o plural.

Formas invariaveis do adjectivo conjunctivo: *que, quem,* para o singular e plural.

NOTA 1.ª

Quem é o mesmo que *o qual homem.*

NOTA 2.ª

O adjectivo conjunctivo toma o nome, do seu officio de ligar proposições, e liga sempre proposições circumstanciaes.

NOTA 3.ª

Que, o qual, a qual, os quaes, as quaes referem-se tanto ás pessôas como ás cousas; *quem* refere-se unicamente ás pessôas.

—Formas variaveis do adjectivo interrogativo: *qual?* para o singular, *quaes?* para o plural; *cujo? cuja?* para o singular; *cujos? cujas?* para o plural.

Formas invariaveis do adjectivo interrogativo: *que? quem?* para o singular e plural.

NOTA 1.ª

Quem adjectivo interrogativo é o mesmo que *que homem* ou *qual homem.*

NOTA 2.ª

O adjectivo interrogativo toma o nome, do seu officio de servir para as interrogações, e liga sempre proposições completivas.

—Pertence ainda á classe dos determinativos o adjectivo pronominal, *o*, *a*, *o*, para o singular, *os*, *as*. para o plural.

NOTA 1.ª

Convém não confundir este adjectivo com o artigo definido *o*, *a*, o qual se junta ao nome appellativo para determinal-o, ao nome adjectivo para substantival-o, ao passo que o adjectivo pronominal *o*, *a*, representa o nome, e em sua terminação neutra *o* (id), adoptada do latim, até membros de orações inteiras, e junto ao verbo transitivo lhe serve de complemento objectivo.

NOTA 2.ª

O artigo definido *o*, *a*, vem do latim, *hic*, *hæc*, *hoc*, como o indica a maneira porque elle se escrevia antigamente *ho*, *ha;* o adjectivo pronominal *o*, *a*, *o*, vem do latim, *is*, *ea*, *id*, como tambem o indica a referida terminação neutra, que passou do latim para o portuguez, e sobretudo o seu emprego no discurso.

—Pertencem finalmente á classe dos determinativos os adjectivos indicativos de posse ou possessivos, *meu*, *minha*, *teu*, *tua*, *seu*, *sua*, *nosso*, *nossa*, *vosso*, *vossa*.

ADJECTIVOS QUALIFICATIVOS,

Pertencem á classe dos qualificativos os adjectivos positivos: *bello*, *bella*, *bom*, *bôa*, *máo*, *má*, *justo*,

justa, amarello, amarella, pequeno, pequena, verde, amavel, horrivel, amabil (antiquado), *horribil*, (antiquado), *grande, facil, perenne* ou *perennal, eterno, eterna,* ou *eternal, geral, universal,* &; os adjectivos comparativos: *melhor, peior, maior, mór,* (contracto), *inferior, superior, mais, menos, mais elevado, mais vistoso, mais bonito, menos ardente, menos facil,* &; os adjectivos superlativos: *bonissimo, malissimo, grandissimo, minimo, intimo, optimo, pessimo, maximo, facilimo, humilissimo, supremo, superno, muito sabio, muito alto, sapientissimo, altissimo, muito feio, feissimo, muito poderoso, poderosissimo, o melhor, o peior, o maior, o menor, o mais honesto, o mais forte, o mais bravo, o mais preclaro,* &; os adjectivos participios: *amado, amada, querido, querida, composto, composta, resolvido, resolvida, resoluto, resoluta,* (antiquado), *absolvido, absolvida, morto, morta, matado, matada,* (antiquado), *nascido, nascida, nado, nada,* (antiquado), *contido, contida, conteúdo, conteúda, mantido, mantida, manteúdo, manteúda,* (antiquado), *tido, tida, teúdo, teúda,* (antiquado), *voltado, voltada, volvido, volvida, vôlto, vôlta,* (antiquado), *involvido, involvida, involto, involta,* &; os simples adjectivos verbaes: *potente, doente, demente, amante, fallante, verdejante, pedinte, ouvinte, amador, amadora, fallador, falladora, rugidor, rugidora, quebrador, quebradora, vividor, vividora,* &; os adjectivos patrios ou gentilicos: *brazileiro, francez, inglez, portuguez, sueco, maranhense, bahiano, pernambucano, fluminense* &.

NOTA 1.ª

Os adjectivos qualificativos podem se dividir ainda em qualificativos, explicativos e qualificativos restrictivos.

Adjectivos qualificativos explicativos são os que expri-

mem uma qualidade inherente ao individuo, ou objecto de que se tracta, por exp.—o homem *mortal*, o fogo *abrasador*.

Adjectivos qualificativos restrictivos são os que exprimem uma qualidade accidental ao individuo, ou objecto de que se tracta, por exp.—o homem *prudente*, a cana *rachada*.

NOTA 2.ª

Os adjectivos qualificativos explicativos resolvem-se em proposições incidentes explicativas.

Os adjectivos qualificativos restrictivos resolvem-se em proposições incidentes restrictivas.

Exp. do primeiro caso: «O homem *mortal*, isto é, *que é mortal*, vive sobre a terra vida transitoria.»

Exp. do segundo caso: «O homem *prudente*, isto é, *que é prudente*, não se expõe aos perigos sem necessidade.»

NOTA 3.ª

O adjectivo qualificativo resolve-se em proposição, por que referindo-se a comprehensão das idéas, constitue complemento, e todo complemento se resolve em proposição; o adjectivo determinativo e meramente articular, não, por que referindo-se unicamente a extensão das idéas, não constitue complemento, ou idéa equivalente a proposição.

OBSERVAÇÕES FINAES.

O Portuguez não possue, como o Latim e o Grego, casos que indiquem as relações das palavras umas com outras; como as outras linguas derivadas do Latim, exprime estas relações, observando a lei da posição, ou collocando as palavras uma depois de outra, segundo a

sua relação de dependencia: tem com tudo uma excepção a este respeito,—os pronomes pessoaes, *eu, tu, elle, ella, se,* que são declinaveis.

DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES.

N. S.	N. P.	N. S.	N. P.	N. S.	N. P.
eu	*nós*	*tu*	*vós*	*elle, ella*	*elles, ellas*
me	*nos*	*te*	*vos*	*lhe*	*lhes*
mim	*nosco*	*ti*	*vosco*		
migo		*tigo*			

N. S. e P. *se*
si
sigo

N. B.—Esta differente terminação do nome no mesmo numero é o que se chama *caso*.

—O nome substantivo, ou designativo da substancia representada por pessôa ou cousa, é o sujeito, ou supposto, ou nominativo, por excellencia. O nome adjectivo substantivado pelo artigo, ou qualquer outra parte da oração substantivada, para servir de sujeito, muda de natureza, e fica sendo nome substantivo. O pronome, a oração, quando sujeitos, fazem as vezes do nome substantivo. O nome adjectivo, ou designativo da qualidade attribuida a substancia (pessôa ou cousa), é o unico representante do attributo. O nome substantivo tomado abstractamente, para servir de attributo, muda de natureza, e fica sendo nome adjectivo.

MODELOS DE ANALYSE.

I.

«A inclinação de Pedro ás armas é evidente.»

SUJEITO.

A inclinação (sugeito grammatical):

De Pedro (complemento restrictivo do appellativo inclinação, ligado a elle pela preposição, *de,* da qual, a *inclinação,* é o termo antecedente, e, *Pedro,* o consequente): *ás armas* (complemento terminativo do mesmo appellativo, ligado a elle pela preposição, *a,* combinada com o artigo, *as,* e da qual, a *inclinação,* é o termo antecedente, e, *as armas,* o consequente).

A inclinação de Pedro ás armas (sujeito total; complexo, porque tem os complementos, *de Pedro,* e, *ás armas).*

VERBO.

É (verbo substantivo; está na terceira pessôa do presente do indicativo; concorda com o sujeito grammatical, *a inclinação,* porque se accommoda pela forma á terceira pessôa e ao numero singular do sujeito).

ATTRIBUTO.

Evidente (attributo grammatical e total; simples, porque exprime uma só maneira de existir do sujeito; incomplexo, porque não tem complementos; é um adjectivo que concorda em genero e numero com o sugeito grammatical, a *inclinação).*

N. B. Não entro em mais pormenores, porque o alumno já conhece todas as partes da oração.

II.

«Alexandre, Cesar, e Napoleão o primeiro, fôrão amantes da gloria das armas.»

SUJEITO.

Alexandre, Cesar, e *Napoleão o primeiro* (sujeito gram-

matical e total; composto, porque representa objectos, isto é, pessôas differentes; complexo, porque, *Napoleão*, tem o complemento, o *primeiro*, que se resolve na proposição incidente, *que foi o primeiro de nome na ordem dos reis de França*, e é o equivalente do complemento restrictivo).

VERBO.

Forão (verbo substantivo; está na terceira pessôa do plural do preterito perfeito do indicativo; concorda com o sujeito, accommodando-se á sua pessôa e numero, porque os tres sujeitos da terceira pessoa do singular fazem um só da mesma pessôa do plural.

ATTRIBUTO.

Amantes (attributo grammatical; concorda com os tres sujeitos do singular representando um só do plural, e por isso está no plural): *da gloria* (complemento terminativo do adjectivo relativo, *amantes*, ligado a elle pela preposição, *de*, combinada com o artigo *a*, e da qual, *amantes*, é o termo antecedente, e, *a gloria*, o consequente : *das armas* (complemento restrictivo do appellativo, *gloria*, ligado a elle pela preposição, *de*, combinada com o artigo, *a*, e da qual, *a gloria*, é o termo antecedente, e *as armas*, o consequente):

Amantes da gloria das armas (attributo total; complexo, porque tem os complementos, *da gloria*, e, *das armas*).

N. B. Verifica-se que o sujeito é composto, dividindo-se a proposição em tantas, quantos são os sujeitos; o que se faz, acommodando-se o verbo e o attributo a cada um dos sujeitos tomado separadamente. A proposição analysada, por exemplo, pode se dividir em tres pela seguinte maneira:

«Alexandre foi amante da gloria das armas.»
«Cesar foi amante da gloria das armas.»
«Napoleão o primeiro foi amante da gloria das armas.»

Quando o attributo é composto tambem se verifica que o é, dividindo-se a proposição em tantas, quantos são os attributos. Mas neste ultimo caso o verbo e o attributo que se repetem, ficão sempre subordinados ao sujeito que tambem se repete. Sirva de exemplo a proposição, *Cicero foi orador* e *philosopho*, a qual se divide em duas pela seguinte maneira:

«Cicero foi orador.»
«Cicero foi philosopho.»

III.

«O homem fertilisa com a cultura a terra ainda a mais ingrata.»

SUJEITO.

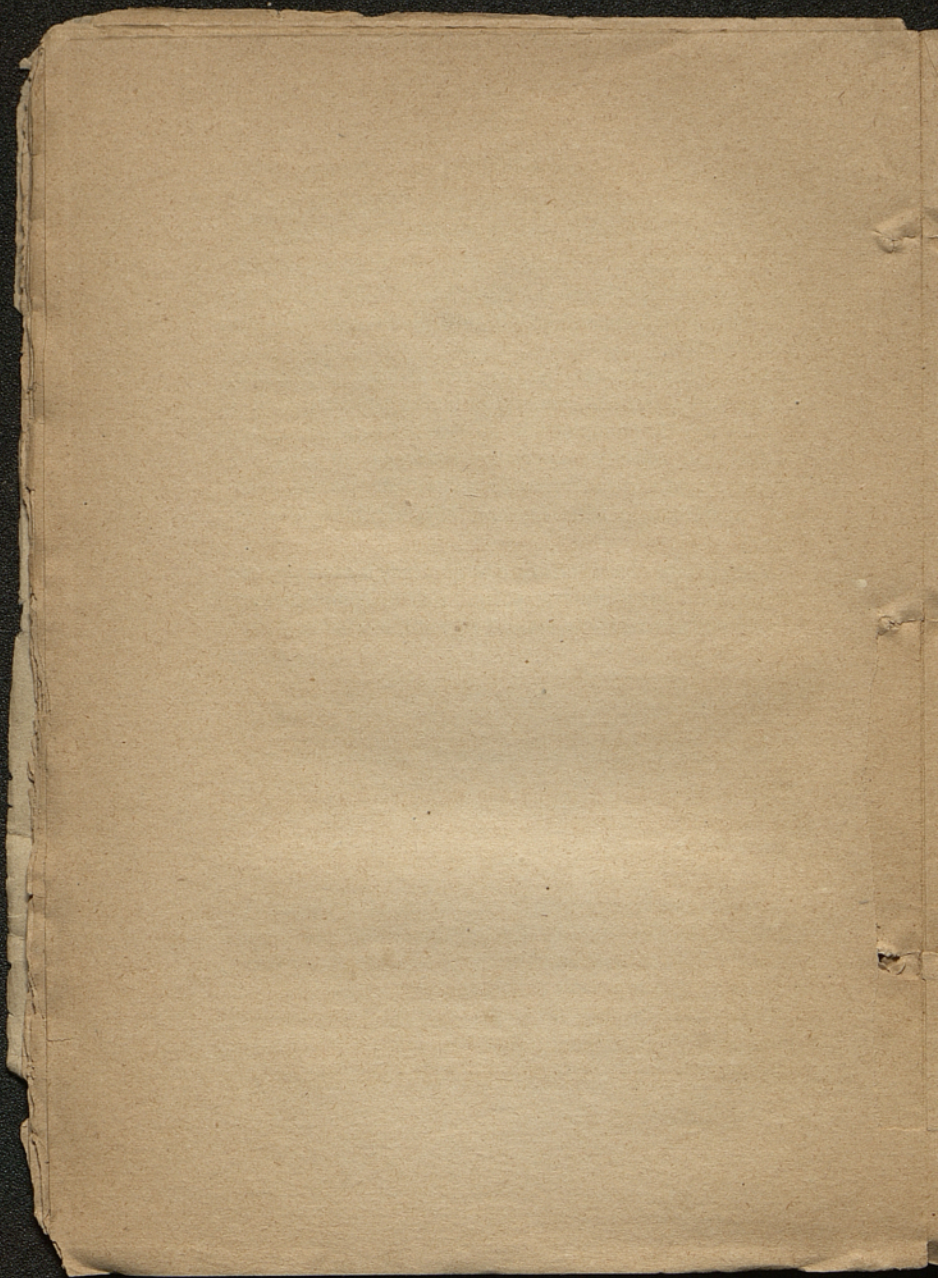
O homem (sujeito grammatical e total; simples, porque representa um só objecto, isto é, uma só pessôa; incomplexo, porque não tem complemento).

VERBO.

Fertilisa (verbo attributivo da primeira conjugação, que decomposto é o mesmo que, *é fertilisante*; está na terceira pessôa do singular do presente do indicativo; concorda em pessôa e numero com o sujeito, *o homem*, a cuja pessôa e numero se accommoda; é transitivo, porque passa a acção do sujeito, *o homem*, ao sujeito diverso, *a terra ainda a mais ingrata*).

ATTRIBUTO.

Fertilisante (attributo grammatical incluido no verbo): *com a cultura* (complemento circumstancial, de causa, do attributo, *fertilisante*, ligado a elle pela preposição, *com*, da qual, *fertilisante*, ou o verbo, *fertilisa*, em que se inclue este attributo, é o termo antecedente, e *a cultura* o consequente):
a terra (complemento objectivo do attributo, *fertilisante*, ou do verbo, *fertilisa*, em que se inclue este attributo):
a mais ingrata (complemento do appellativo, *a terra*, com o qual este adjectivo superlativo concorda em genero e numero): (*ainda* (adverbio de quantidade, complemento do superlativo, *a mais ingrata*, cuja significação encarece):

Fertilisante com a cultura a terra ainda a mais ingrata (attributo total: complexo, porque tem os complementos, *com a cultura*, *a terra*, *a mais ingrata*, e, *ainda*).

SEGUNDA PARTE.

PERIODO.

O periodo grammatical, que tambem se pode chamar phrase total, é um sentido perfeito e absoluto, formado por uma ou mais proposições grammaticaes.

Assim como as palavras se ligão e combinão entre si, para formar a proposição, ou o enunciado do juizo, sem o qual não pode haver linguagem, assim tambem as proposições se ligão e combinão entre si, para formar o periodo, que é em ultima analyse um sentido absoluto, que se liga pelo seu turno a outros sentidos absolutos, para formar o discurso seguido.

Os periodos grammaticaes dividem-se em simples, e compostos.

Periodo simples é o periodo formado por uma só proposição grammatical.

Periodo composto é o periodo formado por mais de uma proposição grammatical.

NOTA 1.ª

Cumpre observar que o periodo grammatical, com que nos occupamos, distingue-se do periodo oratorio em sua contextura; pois o primeiro, em que cada verbo indica uma proposição, consta de proposições grammaticaes; o segundo, em que se attende principalmente á harmonia symetrica, resultante das pausas e contrastes, consta de

membros, que podem comprehender, e comprehendem ordinariamente mais de uma proposição grammatical.

Nota 2.ª

No periodo oratorio as proposições incidentes explicativas e restrictivas, bem como as proposições infinitivas, concorrem com as proposições de que são dependencias, para a formação de cada um dos membros do periodo, si bem que n'isto não haja muita regularidade.

Assim ao periodo grammatical simples pode corresponder o que os rhetoricos chamão inciso e membro simples; ao periodo grammatical composto corresponde o periodo oratorio de dois, tres, e quatro membros, ou a oração periodica, quando o numero de membros excede a quatro.

—As proposições que formão o periodo grammatical, ou são absolutas, ou subordinadas.

Proposição absoluta é a que constitue por si só sentido absoluto, e não depende de outra em sua construcção.

Proposição subordinada é a que não constitue por si só sentido absoluto, e depende de outra em sua construcção.

A proposição absoluta tem o seu verbo no indicativo, no imperativo, no condicional.

A proposição subordinada tem o seu verbo no conjunctivo, no infinito, no participio, e ainda no indicativo, quando a palavra que a liga, não influe sobre o modo do verbo, levando-o ao conjunctivo.

Proposições absolutas.

As proposições absolutas dividem-se em absolutas principaes, e absolutas aproximadas.

Absoluta principal é a proposição absoluta de que dependem todas as outras proposições do periodo composto, ou a que forma por si só o periodo simples.

Absoluta aproximada é a proposição absoluta que se liga á principal, ou por uma conjuncção de primeira classe, ou pela identidade do sujeito, ou pela ordem, geração, e successão natural das idéas.

Exp. do periodo simples: «A morte é desgraça commum á humanidade.»

Exp. do periodo composto de proposições absolutas aproximadas, ligadas por conjuncções de primeira classe: «A morte é desgraça commum á humanidade, *pois* todo o homem deve morrer, *logo* todo o homem é desgraçado.»

Exp. do periodo composto de proposições absolutas aproximadas, ligadas pela identidade do sujeito: «Deus creou o mundo em seis dias; fez no ultimo o homem á sua imagem e semelhança; depois desta admiravel obra da creação, descançou no setimo.»

Exp. do periodo composto de proposições absolutas aproximadas pela ordem, geração e successão natural das idéas: «O tempo vôa; as suas mudanças são successivas; nós com o tempo mudamos.»

NOTA.

Cumpre observar que a combinação de proposições absolutas aproximadas, para formar periodo, é muito mais frequente no verso, que na prosa.

Eis um exemplo disto no verso em tres periodos quasi successivos:

«De Jesus-Christo a Igreja, vezes nove,
Os sp'ritos infernaes contra ella vira

Conjurados: e, vezes nove a Barca
De Pedro se vio salva do naufragio.»

. . . .

«D'hora em hora medrava a grei de Christo:
Nem de Jove os cultores sós logravão
As honras, os tropheos, pompas, riquezas.»

. . . .

«Poz-lhe mui breve á vista o vento prospero
O Promontorio Ténaro; e costeando
Oetylos, e após Thálames e Leuctres,
Da Choeria selva, lançou ferro, à sombra.»

(Francisco Manoel do Nascimento.)

PROPOSIÇÕES SUBORDINADAS.

As proposições subordinadas dividem-se em proposições subordinadas circumstanciaes, e proposições subordinadas completivas ou integrantes.

Proposição subordinada circumstancial é a proposição que exprime uma simples circumstancia da proposição por ella modificada.

Proposição subordinada completiva ou integrante é a proposição que inteira o sentido da proposição por ella modificada.

Exp. do periodo formado por uma proposicão absoluta combinada com proposições subordinadas: «Não foi bastante a grande vigia, que el-rei mandava ter na guarda do principe, para o livrar de um notavel perigo, de que ninguem julgou que sahisse com vida.»

(Frei Luiz de Souza.)

Exp. do periodo formado por mais de uma proposição absoluta combinada com uma proposição subordinada. «Era entrado em doze annos, e pousava com el-rei a Santos, o Velho, nas casas que depois forão de D. Luiz de Lencastre.»

(Prei Luiz de Souza.)

Nota.

A combinação de uma ou mais proposisões absolutas com proposições subordinadas, para formar periodo, é de todas a mais frequente, tanto na prosa, como no verso.

Eis exemplos disto no verso:

«Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.»

(Camões.)

«Cara filha, puz peito a ornar-te a infancia
Com virtudes, com gratos dons das Musas:
Que ao descer-nos, ao corpo, Aura celeste
Cumpre tratal-a, qual tratamos o Hospede
Divino, com grinaldas, com arômas.»

(Francisco Manoel do Nascimento.)

Proposições subordinadas circumstanciaes.

As proposições subordinadas circumstanciaes são ligadas, ou por uma conjuncção de segunda classe, ou pelo adjectivo conjunctivo, ou por algum adverbio conjunctivo, ou por alguma preposição, ou pelo verbo no participio.

Exp. da proposição subordinada circumstancial, ligada por uma conjuncção de segunda classe: «*Em quanto* fores feliz, contarás muitos amigos.»

Exp. da proposição subordinada circumstancial, ligada pelo adjectivo conjunctivo: «Enéas, *que* fugia de Troia, veio á Italia.»

Exp. da proposição subordinada circumstancial, ligada por um adverbio conjunctivo: «Eneas veio á Italia, *onde* fundou um reino.»

Exp. da propósição subordinada circumstancial, ligada por uma preposição: «*Para* sermos felizes, pouco nos basta.»

Exp. da proposição subordinada circumstancial, ligada pelo verbo no participio: «*Destruida* Troia, Eneas veio á Italia.»

NOTA 1.ª

As proposições subordinadas circumstanciaes, ligadas pelo adjectivo conjunctivo, e chamadas ordinariamente proposições incidentes, dividem-se em proposições incidentes explicativas, e proposições incidentes restrictivas.

Incidente explicativa é a proposição, que exprime uma circumstancia inherente ao nome que na proposição por ella modificada, é o antecedente do adjectivo conjunctivo.

Incidente restrictiva é a proposição, que exprime uma circumstancia accidental ao nome que na proposição por ella modificada, é o antecedente do adjectivo conjunctivo.

Exp. da proposição incidente explicativa: «Deus, *que é justo*, premeia os bons, e castiga os máos.»

Exp. da proposição incidente restrictiva: «O homem *que sabe regular a sua vida*, é prudente.

NOTA 2.ª

Facil é distinguir a proposição incidente explicativa da proposição incidente restrictiva, porque a primeira pode se supprimir sem offensa do sentido, a segunda, não.

Proposições subordinadas completivas.

As proposições subordinadas completivas são ligadas, ou por uma conjuncção de segunda classe, ou pelo adjectivo interrogativo, ou por algum adverbio interrogativo, ou por alguma preposição, ou pelo verbo no infinito, quando as proposições infinitivas não teem outra ligação, como a identidade do sujeito, ou alguma preposição.

Exp. da proposição subordinada completiva, ligada por uma conjuncção de segunda classe: «Quero *que* estudes.»

Exp. da proposição subordinada completiva, ligada pelo adjectivo interrogativo: «Dize-me *quem* és?»

Exp. da proposição subordinada completiva, ligada por um adverbio interrogativo: «Não sei *como* és feliz.»

Nota.

Esta especie de proposição, quando interrogativa, pode ter, e as mais das vezes tem a proposição principal occulta, como se vê nestes exemplos: *Quem* está ahi? *Donde* vens?

—Exp. da proposição subordinada completiva, ligada por uma preposição: «Inclino-me *a* seguir a profissão das armas.»

Exp. da proposição subordinada completiva, ligada pela identidade do sujeito: «Desejo *estudar as humanidades.*»

Exp. da proposição subordinada completiva, ligada pelo verbo no infinito: «É bom *estudares.*»

Nota.

Facil é distinguir as proposições subordinadas circumstanciaes das proposições subordinadas completivas, por

que as primeiras podem se supprimir sem offensa do sentido, quando não são incidentes restrictivas, as segundas, não.

Observbções finaes.

1.ª

As Proposições tambem se dividem em proposições totaes, e proposições parciaes.

Proposição total é a que com as proposições della dependentes forma uma só proposição complexa.

Proposição parcial é a que faz parte de outra proposição, ou é complemento della.

Nesta divisão vem a corresponder:

1.º As proposições totaes ás proposições absolutas,e ainda á muitas das circumstanciaes e completivas.

2.º As proposições parciaes ás proposições subordinadas circumstanciaes incidentes e proposições subordinadas completivas, nem sempre bem discriminadas.

N. B.—Já daqui se deixa ver que uma divisão, que colloca prpposições da mesma natureza em classes distinctas, é assás deffeituosa, e occasiona embaraços ao principiante no estudo da syntaxe das proposições, o qual importa muito ao perfeito conhecimento da linguagem. Nasce o seu deffeito de confundir o periodo oratorio com o periodo grammatical, ou de partir da divisão por membros para a classificação das proposições.

2.ª

Em relação ao periodo oratorio, a que propriamente diz respeito esta divisão, as proposições totaes formão

com regularidade os diversos membros do periodo; as proposições parciaes, os complementos desses membros, dos quaes um é sempre a proposição principal do periodo.

Eis um exemplo do que os rhetoricos chamão periodo de dois membros:—

«Ou dai na paz as Leis iguaes, constantes,
Que aos Grandes não deem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a Lei dos imigos sarracenos.»

(Camões.)

N. B. Este periodo comprehende, como se vê, não menos de tres proposições grammaticaes.

3.ª

Chama-se tambem incidente a proposição, que se enxerta no periodo entre parenthesis. Esta especie de proposição, porem, cujo emprego se deve evitar, porque prejudica mais ou menos a boa expressão do pensamento, não faz parte do periodo, em que só figura como excrescencia, concorrendo para tornar o sentido intrincado, e o estylo arrastrado.

Eis um exemplo deste defeito n'um periodo em que se acha enxertada tal proposição incidente: «Porque continuando o monte, ora em companhia dos reis, ora sós, quando succedia tornarem cansados e moidos *(que o mór passatempo da vida humana se acha no fim do dia, comprado com quebramento de corpo,e fastio de vontade)*, achavão aqui allivio de trato cortez e santo com religiosos lettrados e discretos.»

(Frei Luiz de Sousa.)

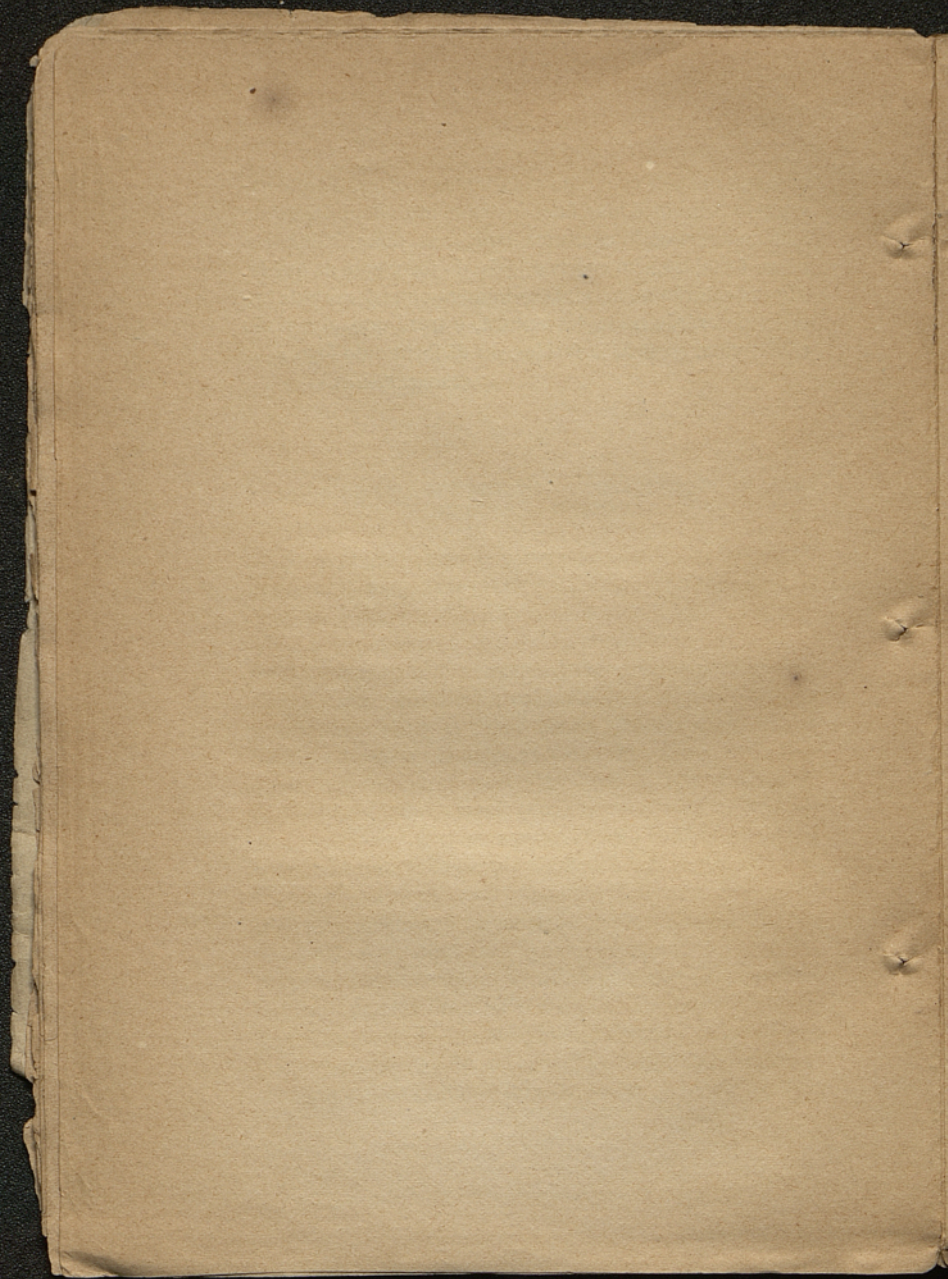
NOTA.

Tire-se deste periodo a proposição enxertada por incidente, e ficará um periodo regular, e de sentido claro: «Porque continuando o monte, ora em companhia dos reis, ora sós, quando succedia tornarem cansados e moidos, achavão aqui allivio de trato cortez e santo com religiosos lettrados e discretos.»

MODELO DE UMA SUCCESSÃO DE PERIODOS, FORMANDO DISCURSO SEGUIDO.

«No baluarte S. João se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o signal de se dar fogo á mina, retirando-se a um mesmo tempo todos; porem o temor igual, e subito, nos descobrio o engano. Bradou logo o capitão-mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem damno rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedecêrão todos ás vozes do capitão-mór, deixando o posto; porem Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o logar, tratando de covardes aos que o desamparavão. Á estas vozes tornárão todos a occupar o posto, não querendo seguir a razão, senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentárão mortos o logar, que defendêrão vivos. Aqui acabou Dom Fernando de Castro em idade de dezenove annos, levantado de uma doença que a natureza pudéra fazer leve, e o valor fez mortal. Morrêo Dom Francisco de Almeida, continuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu appellido. Aqui ficárão tambem sepultados Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Rey-

noso, que pagou com uma vida tantas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. Dom Diogo de Sottomaior, voando com uma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da quéda. Alguns cahirão no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens perecêrão nesta desventura, e treze que escapárão com a vida, ou ficárão feridos, ou disformes do fogo.»

(Jacinto Freire.)

TERCEIRA PARTE.

SECÇÃO 1.ª

PARTICULARIDADES DE CONSTRUCÇÃO E IDIOTISMOS DA LINGUA PORTUGUEZA.

Tão frequente é na construcção portugueza a inversão dos termos da proposição, que de ordinario se encontrão nas obras dos autores classicos mais exemplos de proposições na ordem inversa, que na directa, distinguindo-se nisto a indole de nossa lingua da de outras linguas vivas, e com especialidade da franceza em que é de uso muito mais geral a ordem directa. Esta inversão com tudo não se faz arbitrariamente, mas em certos e determinados casos, como no emprego da proposição participio, da proposição do infinito pessoal, da proposição de sujeito composto, ou de sujeito complexo, e ainda das proposições interrogativa e exclamativa, sem que entretanto estes casos especiaes excluão a inversão de qualquer proposição de sujeito simples, e incomplexo, do modo finito, quando o requer a harmonia da phrase.

Para perfeito conhecimento da indole da lingua, cumpre saber bem determinar os casos de inversão; e os exemplos tirados dos classicos auxiliarão melhor ao principiante neste estudo, que longas dissertações acerca de tal objecto. Exemplifiquemos pois:—

Inversão dos termos da proposição

Proposição participio.

A nossa proposição participio está sempre na ordem inversa, e tem o seu sujeito ordinariamente expresso, quer seja formada com participio presente, quer com participio preterito, ao contrario do que se observa na proposição participio franceza, que vai para a ordem directa, e ainda na latina, que se colloca n'uma ou n'outra ordem.

Exemplos da proposição participio formada com participio presente:—

«Escreverei a vida de Dom João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias, cujas noticias são hoje no Oriente, de pais a filhos, um livro successivo, *conservando-se a fama de suas obras sempre viva;* e nós ajudaremos o prégão universal de sua gloria com este pequeno brado, porque durão as memorias menos nas tradições, que nos escriptos.»

(Jacinto Freire.)

«Entrou o anno de 1522 com tamanho aperto de fome, nascido da sêcca do anno atrás por toda a Africa, que, *estando o rio de Azamor cheio de caravellas* que devião ir buscar a carga dos saveis, que alli se pescão, trocárão o desenho; e carregavão de infinitos Mouros, moços, e moças de bom parecer, para levarem a Lisboa e á Sevilha.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«*Estando o santo prégando,* havia na igreja um doido, que inquietava o auditorio; lançou-lhe o santo o seu cordão ao pescoço, e no mesmo ponto recuperou o entendimento, e ficou sisudo.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«Os indios, assim Tupinambás, como Poquigaras, se puzerão todos nas aldeias mais visinhas á cidade, para melhor serviço da republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dois mil indios escravos e livres: mas nem por isso ficárão, nem ficarão jamais satisfeitos seus

moradores, porque, *sendo os rios desta terra os maiores do mundo*, a sêde é maior, que os rios.»

(O Padre Antonio Vieira.)

Exemplos da proposição participio formada com participio preterito:—

«*Recebida por Martim Afonso a carta, e ouvidos os embaixadores do Hidalcão*, entendêo delles que pela pessôa de Meale offerecia cento e cincoenta mil pardáos, e as terras firmes de Bardez e Salsete, importantes ao Estado pelos rendimentos, e visinhança de Gôa.»

(Jacinto Freire.)

«*Embarcado ò conde*, ficou a terra em aperto, porque se diminuio a gente de cavallo, assim pela que elle trouxe sua, como por alguns moradores que o forão acompanhando, para terem favor em seus requerimentos.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«*Resoluta a necessidade de justificação da guerra por voto de todas as pessoas ecclesiasticas e seculares*, com quem Vossa Magestade a mandou consultar, foi de parecer o padre Antonio Vieira, que em quanto a guerra se ficava prevenindo, em todo o segredo, para maior justificação, e ainda justiça della, se offerecesse primeiro a paz aos Nheengaibas, sem soldados, nem estrondo de armas, que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal de Negreiros tinha succedido.»

(O Padre Antonio Vieira.)

Esta regra geral rarissimas vezes tem excepção nos bons autores portuguezes; e a excepção observa-se mais no verso em razão da difficuldade do metro que a desculpa, que na prosa que a repelle por contraria a indole da lingua, seja qual fôr a autoridade do prosador.

Exemplos da proposição participio na ordem directa:—

«Porém já cinco sóes erão passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,

Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadôra prôa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.»

(Camões.)

«Porem *Antonio Moniz Barreto mettendo-se em uma galveta*, que acaso achou na praia, os de terra o virão mil vezes soçobrado; mas como era embarcação tão leve, e não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha.»

(Jacinto Freire.)

Nota 1.ª

Sendo tal construcção uma imitação dos Latinos, menos no que respeita a inversão do sujeito, cumpre observar que o emprego da proposição participio só tem logar, quando o sujeito desta proposição é diverso do sujeito da proposição por ella modificada, como se verifica no Latim; por isso sempre se encontra esta proposição nos bons autores com sujeito proprio, claro ou occulto.

Na proposição formada com participio preterito, o qual representa unicamente o attributo, deve subentender-se o participio presente do verbo substantivo, *sendo*, que representa o verbo. Na suppressão quasi constante deste participio em caso tal patenteia-se ainda a imitação do Latim, onde por se haver antiquado o participio presente do verbo, *sum*, assim como o primitivo verbo, *esum*, do qual se formava, nunca se exprime, dizendo-se sem elle: «*Mortuo* Tullo, his *constitutis* rebus, Germanico bello *confecto*, *consule* Manlio &.»; em Portuguez: «Morto Tullo, estabelecido isto, concluida a guerra da Germania, no consulado de Manlio, ou sendo consul Manlio.»

NOTA 2.ª

Sendo a lingua portugueza mui pobre de participios presentes, cumpre ainda não confundir este participio com o gerundio, que se lhe assemelha, e é precedido da preposição, *em*, ou ainda, *entre*, raras vezes expressas.

Exemplo do gerundio com preposição expressa:—

«E *em querendo* entrar ao batel (ao querer, no momento de querer) remettêrão dous negros a elle polo entreter, da qual ousadia sahirão com os focinhos lavados em sangue, a que acodirão os outros: e foi tanta a pedrada e frechada sobre o batel, que quando Vasco da Gama chegou polos apaziguar, foi fréchado per uma perna, e Gonçalo Alvares mestre do navio S. Gabriel, e dous marinheiros levárão cada um sua.»

(João de Barros.)

Exemplos do gerundio, a que se deve subentender a preposição, *em*:—

«Posta neste estado (a náo), e começando os soldados a dar saco ao que havia, acodio o capitão que era Francez, *dizendo* que seu rei era irmão do de Portugal, e não era justo que seus vassallos fossem roubados por Portuguezes, que elle protestava haver-se-lhe de fazer restituição do navio, e das fazendas que trazia.

(Frei Luiz de Sousa.)

«E duas leguas antes do porto sahirão os principaes a encontrar as nossas canôas em uma sua grande, e bem esquipada, empavezada de pennas de varias côres, *tocando* buzinas, e *levantando* pocêmas, que são vozes de alegria e applauso, com que gritão todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles; com que tambem de todas as nossas se lhes respondia.»

(O Padre Antonio Vieira.)

NOTA 3.ª

Ha nada obstante autores classicos que formão pro-

posição participio com sujeito identico ao sujeito da proposição por ella modificada, repetindo expressamente o mesmo sujeito em cada uma das duas proposições, modificada e modificante; o que nos não parece digno de imitação.

Eis um exemplo disto:—

«E a este grande damno foi *Vossa Magestade* servido acodir por meio dos missionarios da Companhia, *ordenando Vossa Magestade* que os resgates se fizessem somente quando fossem missões ao sertão, e que só os missionarios pudessem examinar, e approvar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz; e depois de examinados, e julgados por legitimamente captivos, os recebessem, e pagassem os compradores; conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossivel neste estado, que era haver nelle serviço, e consciencia.»

(O Padre Antonio Vieira.)

Observações finaes sobre a natureza do participio presente e do gerundio.

O participio presente que em Portuguez se assemelha ao gerundio, formou-se das terminações, *ante*, *ente*, *iente* do ablativo do participio presente em Latim, convertidas em, *ando*, *endo*, *indo*; o gerundio, das terminações do ablativo do gerundio latino, *ando*, *endo*, *iendo*, as mesmas que as nossas, com pequena differença no gerundio dos nossos verbos da terceira conjugação.

N. B. O participio presente e o gerundio do verbo, *pôr*, e os de seus compostos, os quaes antigamente pertencião a terceira conjugação, fazendo no infinito, *poêr*, *compoêr*, &c., são hoje irregulares, como os ver bos donde nascem.

—O participio presente distingue-se do gerundio, porque faz as vezes do verbo, e do adjectivo attributivo, quando inclue em si o attributo grammatical; o gerundio distingue-se pelo seu turno do participio, porque faz as vezes do substantivo com virtude verbal

para exigir complemento directo ou indirecto, segundo a natureza do verbo donde nasce, sendo em ultima analyse o primeiro um nome adjectivo,quando não está pelo verbo; o segundo um nome substantivo. Isto é o que cumpre bem discriminar, para não commetter erros, tomando um pelo outro.

Assim o participio presente do verbo substantivo, que se deve subentender quando occulto, representa o verbo na proposição participio, e o do verbo attributivo, o verbo com o attributo, ou um complemento que se resolve em proposição incidente, quando é mera dependencia do sujeito de alguma proposição: o gerundio ou nome-verbo, como lhe chamão alguns grammaticos, quando vem em qualquer proposição, exprime uma circumstancia do verbo a que se junta, ou ainda tomado como substantivo abstracto em certas formas compostas de alguns verbos, que tão expressiva tornão a lingua portugueza, como, estou *lendo,* vou *andando,* fico *esperando,* ando *procurando,* pode ser attributo, ou sub-attributo, segundo a natureza do verbo com que se combina.

N. B. Estas formas verbaes compostas tambem se podem explicar pelo participio presente como adjectivo attributivo.

—Na lingua franceza, que tem como a portugueza participio presente semelhante ao gerundio, vem sempre o gerundio, para se evitar confusão, precedido da preposição, *en*, clara, sendo nisto o Francez muito mais regular,que o Portuguez em que,por falta da preposição, *em*, expressa, pode ser o gerundio confundido com o participio presente, ou vice-versa, como acontece, quando se não attende bem á natureza de cada um delles.

No tempo de nossos mais antigos escriptores, sem duvida para evitar a confusão a que dá origem a forma, *ando, endo, indo,* tambem se formárão participios presentes em, *ante, ente, inte,* como os latinos, mas esses participios antiquárão-se, prevalecendo a

forma, *ando, endo, indo;* e em vão os pretendem hoje restabelecer certos grammaticos modernos, com o mesmo fundamento, visto como taes participios já não existem na lingua, em que ha muito deixárão de ter uso, passando a ser meros adjectivos verbaes.

Esta pobreza de participios presentes, proveniente de ter o participio forma identica á do gerundio,e poder confundir-se com elle, é parte para que, na lingua portugueza, sejão por demais frequentes as proposições incidentes, que podião ser substituidas por esse participio, e concorrão por seu excesso para tornar arrastrado e languido o estylo, e até ás vezes empeçado e confuso o sentido da phrase. A riqueza das linguas é toda relativa, porque nenhuma dellas ha que deixe de ser minguada em alguma cousa: assim a nossa que é a outros respeitos uma lingua mui abundante e rica, é neste ponto pobre e deficiente.

Proposição do infinito pessoal.

A nossa proposição do infinito pessoal tambem está de ordinario na ordem inversa, quando tem o seu sujeito expresso, porque assim o requer a indole da lingua.

Exemplos da proposição do infinito pessoal com sujeito expresso:—

«Foi Dom João de Castro entre os de tão grande appellido illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, *por serem as obras proprias paes melhores,* que os que da natureza se recebem.

(Jacinto Freire.)

«Quando el rei Dom Henrique soube que el rei de Portugal lhe fazia guerra, e as cidades e villas que por elle estavão, e que como bisneto legitimo d'el rei Dom Sancho pretendia *serem seus os reinos de Castella e Leão,* partio de Toledo, e se foi a Çamora, que estava contra elle, e lhe poz cerco.»

(Duarte Nunes de Leão.)

«*Com isto ser assim, e o prometter Christo tão claramente*, houve muitos que negárão esta verdade ao Santissimo Sacramento, não só daquelles hereges que negão o Sacramento, nem só daquelles que negão a resurreição; mas de outros que, confessando a resurreição e o Sacramento, não querem entender que a resurreição haja de ser por virtude sua.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«Na tarde do mesmo dia déo o padre seu presente a cada um dos principaes, como elles o tinhão trazido, conforme o costume destas terras, que a nós é sempre mais custoso, que a elles. Os actos desta solemnidade, que se fizerão, forão tres, por não ser possivel *juntarem-se todos no mesmo dia;* e os dias que alli se detiverão os padres, que forão quatorze, se passárão todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim de nossas nações, como das suas, que como differentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinhão muito que ver, e que ouvir;»

(O Padre Antonio Vieira.)

Exemplos da proposição do infinito pessoal com sujeito occulto:—

«Em dois meios se resolvem (disse) todos os debates, que aqui são passados, um é *sahirmos em terra, pondo os peitos ás bombardas de tantas trincheiras e baluartes*, como nelles vemos assestadas, e descercar a fortaleza: outro é *mettermos nella tanta gente, munição, e mantimento*, que fique fornecida para muitos mezes. Ao primeiro meio vejo aqui inclinados alguns, e quanto a mim é *quererem parecer valentes e gentis homens no votar*, que ordinariamente é caminho de perdição, ou *cuidarem* que agradão a quem tudo quer levar ao fio da espada, que não *pelo entenderem assim.*»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Mas emquanto não chegárão as mais visinhas (nações de indios), que forão cinco dias, não esteve o demonio ocioso, introduzindo no animo dos indios, e ainda dos Portuguezes, ao principio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavão, si os Nheengaïbas faltassem a fé promettida, taes desconfianças, suspeitas e temores, que faltou pouco *para não lar-*

garem a empreza, e ficar perdida, e desesperada para sempre.»

(O Padre Antonio Vieira.)

N. B. A ellipse do sujeito da proposição do infinito pessoal verifica-se ordinariamente, quando o sujeito é algum dos pronomes, com especialidade da primeira e segunda pessôa.

—A regra geral da inversão dos termos desta propoposição tem mais excepções nos bons autores portuguezes que a da proposição participio, pois não é raro encontrar nelles a proposição do infinito pessoal na ordem directa.

Exemplos da proposição do infinito pessoal na ordem directa:—

«E antes que el rei de Castella partisse de Sevilha para vir sobre o Algarve, veio (o legado do papa) a elle, ao qual propoz sua embaixada, em que com muitas razões mostrou os damnos, que á republica christã podião resultar de sua discordia, porque alem da guerra em que andavão ser mais que civil, pois era entre principes christãos (Affonso IV de Portugal e Affonso XI de Castella), e entre pai e filho (sogro e genro), e parentes contra parentes, podia ser occasião *de os Mouros se aproveitarem de suas dissenções, e entrarem em Hespanha, e a destruirem, e se aproveitarem della*, como já fizerão.»

(Duarte Nunes de Leão.)

«E como acontece muitas vezes *algumas cousas*, que se fazem acaso, ou com leve occasião, *sahirem tão acertadas*, como si com maduro conselho traçadas fossem, parecêo um genero de prognostico da grande prudencia, que depois resplandecêo neste principe, dar-se-lhe por pai espiritual o nome e representação de um estado (o de Veneza cujo embaixador fôra padrinho do principe), que por todas as idades teve fama, e obras de prudentissimo.»

(Frei Luiz de Sousa.)

Nota 1.ª

O infinito pessoal, ou a modificação verbal, pela qual

se dão pessoas e numeros ao verbo no infinito, é privativo da lingua portugueza, que leva nisto grande vantagem ás linguas que o não possuem, porque o emprego desta forma especial muito contribue para a harmonia e variedade do discurso, e sobretudo, para o seu principal merito, a clareza. Os equivocos, a que muitas vezes dá occasião nas outras linguas a falta desta variação verbal, desapparecem em Portuguez só por beneficio della. Para a boa expressão do pensamento, é o infinito pessoal um recurso inapreciavel, que as linguas ainda as mais ricas invejão á nossa, pois tem, alem das apontados, a vantagem de evitar a continua e desagradavel reproducção do monotono, *que*, substituindo na mór parte dos casos as proposições completivas ligadas por elle.

NOTA 2.ª

Cumpre notar que o emprego da proposição do infinito pessoal se verifica regularmente, quando esta proposição tem, claro ou occulto, sujeito proprio e distincto do sujeito da proposição por ella modificada, como se vê nos exemplos acima citados. Ha com tudo nos classicos portuguezes não poucos exemplos do contrario, ou da proposição do infinito pessoal com sujeito identico ao da proposição por ella modificada, quando a proposição infinitiva é complemento de alguma preposição; mas isto não constitue uma excepção invariavel á regra geral, porque, no mesmo caso, vem de envolta muitas vezes com as do pessoal proposições do infinito impessoal.

Eis alguns exemplos desta excepção:—

«Cá tive meus rebates, como o anno passado, de me quererem mudar o degredo para mais longe nesta occasião de náos da India; mas não são necessarias as calmas de Guiné, nem as tormentas do Cabo de Bôa Esperança; bastão os frios de Coimbra *para satisfazerem á vontade de meus amigos.*»

(O Padre Antonio Vieira.)

«Em terceiro logar despachou para a costa de Melinde Fernão Martins de Sousa com duas embarcações; e juntamente mandou mais duas galeotas a Jeronymo de Souza, para que igualasse em ligeireza os paráos dos Mouros, e ficasse com mais força. E forão-lhe bem necessarias, porque logo teve novas que no rio de Braçalor estavão oitenta paráos de pimenta *para irem vender á Cambraia ás náos da Méca,* e foi pelejar com elles.»

(Frei Luiz de Sousa.)

Observações finaes sobre o emprego da proposição do infinito pessoal.

Para nós é ponto averiguado, que a nossa proposição do infinito pessoal, pondo-se de parte as terminações dos verbos portuguezes accommodadas ás pessoas e aos numeros, bem como os casos dos nomes, que não temos, é construcção imitada do Latim, onde a proposição infinitiva tem expresso o seu sujeito em accusativo, quando diverso do sujeito em nominativo da proposição do modo finito por ella modificada, e ainda não poucas vezes quando identico, si bem que então deva por via de regra ficar invariavel em nominativo; pois Cicero disse: «Cupio *me* esse clementem»; o que vertido á lettra quer dizer: «Desejo ser *eu* clemente.» Na traducção do Latim temos uma amostra da proposição do infinito pessoal portugueza com sujeito identico ao da proposição por ella modificada.

Estas construcções da proposição infinitiva dos latinos, dos quaes os classicos portuguezes erão grandes imitadores, influirão de certo, *mutatis mutandis,* na construcção da nossa proposição do infinito pessoal, assim como na construcção da nossa proposição participio influirão tambem as contrucções da proposição participio latina. D'ahi a pouca regularidade que, quanto ao emprego da proposição do infinito pessoal, se nota algumas vezes nos autores classicos, que de ordinario attendião mais á harmonia da phrase, e á imi-

tação do Latim, que ás regras grammaticaes,e ao fundamento logico do dizer; pois o que pede em rigor a clareza, é o emprego exclusivo da proposição do infinito pessoal, quando a proposição infinitiva tem sujeito proprio, ou distincto do sujeito da proposição por ella modificada, ou o mesmo que se observa no emprego da proposição participio.

Nos exemplos acima citados na nota 2.ª Vieira se teria sem duvida exprimido melhor, si dissesse: «Bastão os frios de Coimbra *para satisfazer á vontade de meus amigos;*» e Frei Luiz de Sousa, com mais clareza, si dissesse: «Que no rio de Braçalor estavão oitenta paráos de pimenta *para ir vendel-a,* ou *il-a vender,* ou *a ir vender em Cambaia ás nãos da Méca.*»

A especie de dureza, que se nota na passagem do primeiro, nasce: 1.º da desnecessidade do emprego da proposição do infinito pessoal em semelhante caso: 2.º de estar o infinito pessoal, cujo sujeito é o mesmo do verbo, *bastão,* mui proximo deste sujeito; pois menos apparente seria certamente essa dureza, si Vieira tivesse dado outro torneio á phrase, exprimindo-se por esta maneira: «*Para satisfazerem á vontade de meus amigos*, bastão os frios de Coimbra.»

A dureza e amphibologia, que se notão na passagem do segundo, provem: 1.º da desnecessidade sobredita: 2.º de estar o verbo, *vender*, tomado em sentido absoluto, de *fazer venda;* pois não se sabe bem o que vai a *vender*, si os paráos com a pimenta, ou si esta somente: 3.º da desagradavel repetição da preposição, *a,* exprimindo relações diversas na mesma phrase. Talvez que o desejo de empregar aqui a metonimia do continente pelo conteúdo, fosse parte, para que um tão grande mestre da lingua assim se expressasse.

Que em geral os classicos levavão mais o fito em arredondar o periodo, que em guardar os preceitos da boa logica grammatical, prova-o o mesmo emprego da

proposição do infinito pessoal com sujeito identico ao da proposição por ella modificada, sem ser precedido de preposição, ou servindo de complemento directo, pela unica circumstancia de se achar essa proposição um pouco afastada do verbo de que é complemento, mettendo-se de permeio outra do infinito impessoal, e não offender assim o ouvido, como aconteceria, si viesse logo depois do sobredito verbo.

Exemplo d'isto:—

«Tanto que o principe foi em Touro, por o grande favor que el rei seu pai, e todos com sua vinda recebêrão, porque el rei D. Fernando tinha cercado o castello de Zamora, determinárão logo de irem cercar a cidade da outra parte da ponte, o que logo fizerão, e deixou el rei com a rainha em Touro o duque de Bragança e o conde de Villa real com a gente, que cumpria. Aos quaes em uma ilha que faz o rio Doiro se juntárão pera concerto de paz, da parte del rei D. Fernando o duque Dalva e o almirante, e da parte del rei D. Affonso o senhor D. Alvaro e Ruy de Sousa, e tiverão muitas praticas, mas não fizerão concerto algum, e el rei e o principe por lhe fallecerem os mantimentos, e lhe não poderem vir, e aquelle sitio ser doentio, e a gente receber muito máo trato, determinárão alevantar o arraial, e *tornarem-se á cidade de Touro.*»

(Garcia de Rezende.)

No emprego da excepção apontada ao caso especial em que deve ter cabimento a proposição do infinito pessoal, naufragárão os melhores mestres da lingua, prosadores e poetas, todas as vezes que a proposição infinitiva com sujeito identico ao da proposição, por ella modificada, se acha proxima ao sujeito, e ainda ao verbo dessa proposição, porque então patentêa-se em toda a sua clareza a desnecessidade de tal emprego, que fica como rebuçada, quando a proposição infinitiva está um pouco distante d'aquelle sujeito e verbo. Deste defeito não se eximio o proprio Camões, que deve a todos os respeitos ser entre os mais abalisados reputado

o primeiro mestre do fallar portuguez, pois disse com notavel aspereza para os ouvidos da intelligencia: «E folgarás de *veres a policia;*» em vez de «E folgarás de vêr.»

Embora pois seja a mencionada excepção autorisada com taes exemplos, o mesmo defeito em que cahirão os autores de melhor nota, abusando della, está aconselhando ao escriptor principiante, que no emprego da proposição do infinito pessoal attenda unicamente á regra geral, larga e segura, recorrendo a elle nos casos em que se pode dar a essa proposição sujeito proprio, ou distincto do da proposição por ella modificada, porque é justamente o que requer a boa logica grammatical, não só para se evitar o equivoco e a confusão, que a carencia desta modificação verbal occasiona não poucas vezes em outras linguas que, como a nossa, não teem casos para determinar a relação dos nomes, mas tambem para se dar harmonia, graça, e animação ao dizer, que deve caminhar cheio, desempeçado e livre.

Proposição de sujeito composto.

A proposição cujo sujeito é composto, colloca-se ás mais das vezes na ordem inversa, muito principalmente quando esse sujeito é composto, e ao mesmo tempo complexo.

Exemplos da proposição de sujeito composto:—

«Os outros capitães erão *Antonio Pereira*, e *Christovão de Sá;* e porque na costa da India teve a capitánea os ventos ponteiros, esgarrou, e não podendo ferrar Gôa, foi tomar Angediva, donde mandou aviso ao viso-rei para o prover do necessario, visto ser-lhe necessario invernar em aquelle porto.»

(Jacinto Freire.)

«Ao seguinte dia depois do assalto entrárão pela barra de Gôa *D. Antonio de Atayde*, e *Francisco Guilherme, que*

achárão os mares menos bravos, que os outros, que temos referido.»

(Jacinto Freire.)

«Assim vendo que já não tinhão monção, senão por fim do anno presente, ou principio do seguinte de 1527, e que se achavão alli com elle *muitos navios*, e *muitos fidalgos*, e *bôa gente, de que se podia aproveitar*, determinou accommetter Bintão; e tendo posto em ordem com segredo e cautella tudo o que cumpria para a empreza, partio com vinte vellas um domingo 23 de Outubro.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Inda não tinha surgido na barra (Pero Mascarenhas) quando forão com elle no mar *os juizes da cidade*, e *juntamente Duarte Teixeira, thesoureiro del rei*, e *Manoel Lobato, escrivão da feitoria:* por elles lhe mandou notificar Affonso Mexia duas cousas: primeira, que Lopo Vaz de Sampaio, por nova provisão de Sua Alteza, estava nomeado governador da India: segunda, que tinha ordem do mesmo Lopo Vaz, para por nenhum caso o receber naquella cidade como governador.»

(Frei Luiz de Sousa.)

Esta regra geral tem com tudo não poucas excepções nos bons autores; e o ouvido é sempre o melhor juiz no emprego de taes inversões.

Proposição de sujeito complexo.

A proposição cujo sujeito é complexo, colloca-se tambem ordinariamente na ordem inversa, e ainda pela ventura com mais frequencia, que a de sujeito composto.

Exemplos da proposição de sujeito complexo:—

«O mesmo entenderão a respeito dos Indios Tabajarás da serra de Ibiapába *todos os capitães mais antigos e experimentados desta conquista, os quaes o anno passado, sendo chamados a conselho pelo governador sobre as prevenções, que se devião fazer para a guerra, que se temia dos Hollandezes, respondêrão todos uniformemente, que não havia outra prevenção mais, que procurar por amigos os*

Indios Tabajarás da serra, porque quem os tivesse da sua parte, seria senhor do Maranhão.

(O Padre Antonio Vieira.)

«Entretanto tinha chegado a Pero Mascarenhas, por differentes vias, *a nova da sua successão na governança do Estado, declarada e acceitada por todos os fidalgos da India.*»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Chegado á ilha, foi primeiro trabalho *desembaraçar o rio de um grande numero de estacas, que tolhião a entrada, obra de muito risco e fadiga;* mas no maior fervor della dêo novo cuidado *apparecem ao mar trinta lancharas, que vinhão demandar o rio,* e *erão* de *soccorro, que mandava el rei de Pão ao genro.*»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Poucos forão *os reinos do Oriente, que no governo de D. João de Castro não alterassem aquelle Estado com diversos movimentos de guerra; ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria,* vendo-o muitas vezes o Oriente em serviço da religião cingir a espada.»

(Jacinto Freire.)

«Era naquelle tempo clara *a fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger, cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia.*»

(Jacinto Freire.)

Esta regra geral tem tambem não poucas excepções nos bons autores portuguezes, sendo, como dissemos, o ouvido o melhor juiz da inversão dos termos da proposição.

Nota. Para nos convencermos de quão natural é na nossa lingua a construcção inversa da proposição de sujeito complexo, basta collocar na ordem directa as proposições desta natureza, que entrão na composição dos periodos acima citados, todos harmoniosos e cheios, e não só nelles desapparece inteiramente a graça, e a harmonia, mas até nos de Vieira e Frei Luiz de Sousa fica emmaranhado e confuso o sentido. Nada ha mais har-

monioso e bello, quanto a estructura, que o ultimo periodo de Jacintho Freire; faça-se a experiencia com elle, que é de todos o menos extenso: «A fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger, cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia, era clara naquelle tempo;» harmonia, donaire e belleza, tudo desapparece no mesmo instante, restando unicamente uma prosa desenxabida e chilra.

PROROSIÇÕES INTERROGATIVA E EXCLAMATIVA.

Invertem-se tambem os termos da proposição, quando é interrogativa ou exclamativa, e tem sugeito expresso.

Exemplos:—

«Onde póde acolher-se *um fraco humano;*
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme e se indigne *o Ceo sereno,*
Contra um bicho da terra tão pequeno!»

(Camões.)

«Homem curvado c'o pendor dos annos,
Ou summo Antiste és *tu* de excelsos Numes?»

(Francisco Manoel do Nascimento.)

«E quantas dessas comparais *vós* á minha pessôa?—E o mesmo podião bem dizer *muitos parentes seus,* e *outros fidalgos* e *valentes cavalleiros* e *soldados,* que o acompanhavão!»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Maculará *Nuno da Cunha* aquelle illustre nome, porque depois das traições de Badur, não fez a guerra a Cambaia?.......... Será pois justo *deixar na contingencia de um successo o Sceptro Oriental, com espanto e inveja das gentes, fundado sobre tantas victorias?* Si perdermos esta armada, onde está junto todo o poder da India, que thesouros poupados tem *Sua Alteza* para nos mandar outra!»

(Jacinto Freire.)

Nota. Esta regra porém não é tão invariavel na nossa lingua, quanto a proposição interrogativa, como na Franceza; pois encontrão-se entre nós frequentes exemplos de excepção a ella, principalmente quando empregámos adverbios interrogativos, que dispensão a inversão do sujeito.

A proposição exclamativa, que tambem se colloca ás vezes na ordem directa pelo mesmo motivo, é muitas vezes elliptica, como se vê neste exemplo:—

«No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!»

(Camões.)

«Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!»

(Camões.)

Observações finaes sobre a inversão dos termos da proposição.

Alem dos casos mencionados e exemplificados, é de uso tão geral na lingua portugueza a inversão dos termos da proposição, que as mesmas proposições de sujeito simples e incomplexo achão-se mui frequentemente na ordem indirecta nos prosadores e poetas de melhor nota, como a cada passo se observa em seus escriptos.

Eis ahi alguns exemplos:—

«Nos outros baluartes não estavão *as armas* ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversão facilitar a entrada pelo de Sanctiago, onde havia rebentado *a mina*. Ordenou tambem *Rumecão*, que se batesse a igreja da fortaleza, que podia ser arrasada por estar eminente, crendo, n'aquelle logar seria mais sensitiva a *offensa*.»

(Jacinto Freire.)

«Passados dois mezes vierão um dia *as espias* com no-

va que erão entrados *outros Almogavares* no porto do Canto: julgou *o Capitão* por bom discurso que não podião trazer costas: despedio Fernão da Silveira com vinte cinco de cavallo, e mandou-lhe que se escondesse ao longo das pontinhas de Pero de Menezes, com ordem que ouvindo primeiro rebate corressem a atalhar o caminho de Alicacapo,»

(Frei Luiz de Sousa.)

Si hoje é muito menos frequente na construcção a ordem inversa, que no tempo em que mais florecêo a lingua portugueza, é isso devido á constante leitura de livros francezes sem o preciso conhecimento do patrio idioma, e o que peior é, á alluvião de más traducções de obras francezas, que nos vão cada dia corrompendo e abastardando a lingua, em que tão eloquente e magistralmente se exprimirão os Barros, os Camões, os Moraes, Ferreiras, Sousas, Freires, Vieiras, e Nascimentos.

Fomos minuciosos na citação de passagens dos bons autores, as quaes podem servir de outros tantos modelos de analyse, não só para facilitar ao principiante o estudo desta com variedade de exemplos, como tambem para dar-lhe uma idéa ajustada da indole da lingua em que tem de exprimir-se, e que tão eivada se acha de construcções viciosas adoptadas do Francez, as quaes, sendo bôas n'aquelle idioma, são intoleraveis no nosso, que tem feições, vestes e maneiras de dizer proprias.

O emprego da construcção directa ora tão seguido no portuguez afrancezado de nossos jornaes, e de quasi todas as composições hodiernas com bem raras excepções, devido ao nenhum estudo, que se faz do Portuguez legitimo e castiço, si pode em alguns casos servir á clareza, concorre na mór parte delles para preverter o genio da lingua, fazendo-lhe perder a harmonia, flexibilidade, graça, viveza, energia e magestade, com que a dotárão, e enriquecêrão nossos avós,

a ponto de nada ter que invejar a outros idiomas tão gabados. É para lamentar a vergonhosa metamorphose, por que está passando o Portuguez; e não lhe tem sido certamente menos prejudicial o torneio á *franceza* que se dá á phrase, por ignorancia do *proprio*, que os gallicismos grosseiros, e erros de grammatica, provenientes do emprego de palavras e locuções puramente francezas, feito sem o menor exame, nem criterio.

Á tanto tem chegado entre nós o despreso do estudo da lingua, que começamos a balbuciar desde a mais tenra infancia, e fallamos em todo o decurso da vida, que homens, aliás mui instruidos, e verdadeiros sabios em outras materias, commettem crassos erros de linguagem, exprimindo-se no patrio idioma, que devião tratar de aprender com esmero; porque sem perfeito conhecimento da lingua que falla, ninguem pode ser nunca orador, nem poeta, nem historiador, nem autor illustre em qualquer genero de litteratura que seja. Sendo nós tão grandes imitadores dos Francezes, porque, para bem saber a nossa, tambem os não imitamos no aturado e profundo estudo, que fazem de sua lingua? Um poeta francez entretanto, o celebre Boileau, nos aconselha o estudo do patrio idioma nos seguintes bem conhecidos versos: —

«Surtout qu'en vos écrits la langue reverée,
Dans vos plus grands écarts vous soit toujours sacrée.
En vain vous me frappez d'un son melodieux,
Si le terme est impropre, ou le tour vicieux:
Mon esprit n'admet point un pompeux barbarisme,
Ni d'un vers ampoulé l'orgueilleux solécisme,
Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.»

Sendo a construcção o principal caracteristico, que distingue a indole do nosso da do idioma francez, pois que no nosso idioma predomina a construcção inversa,

e no francez a directa, parecêo-nos mui conveniente, visto como a lingua franceza é hoje tão estudada e conhecida entre nós, indicar, quando se proporcionou occasião, a diversidade de indole das duas linguas neste ponto essencial, para bem assignalar ao escriptor principiante um dos mais perigosos escólhos, em que naufragão os que escrevem em portuguez afrancezado, por ser elle menos apparente a olhos inexpertos, que o de palavras e locuções francezas, e inspirar-lhe ao mesmo tempo o gosto do estudo do patrio idioma, pela demonstração da necessidade de lêr com aproveitamento os nossos autores classicos.

SECÇÃO 2.ª

IDIOTISMOS E DIFFICULDADES GRAMMATICAES.

Emprego do verbo unipessoal, Haver.

O verbo unipessoal, *haver,* cuja significação é a mesma de *existir,* emprega-se ordinariamente com o sujeito grammatical occulto, «*classe, genero, especie, porção, quantidade, numero, tempo, espaço &.,*» e um complemento expresso desse sujeito precedido da preposição, *de,* tambem occulta.

Exemplos:—

«Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Si lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem *dos Portuguezes*
Alguns traidores houve algumas vezes.»

(Camões.)

N. B. A syntaxe regular neste caso é «dizei-lhe que tambem numero d'alguns traidores portuguezes, ou dentre os portuguezes, houve algumas vezes.»

«Cansão forças, e braços, e ardidezas.
No bom conselho só está o bom seguro.
Do saber são as bôas fortalezas.
Escolhão-se bons zelos, bons sp'ritos,
Mais no mundo soarão nossas grandezas.
Aquelles claros feitos, altos ditos,
De que os livros são cheios, desprezemos.
Mores feitos (quantidade de) *ha* ca, não tão bem escriptos.
Vençamos no melhor, o outro imitemos.»

(Ferreira.)

«Porque, ainda que *ha outras nações* (numero, quantidade de) de melhor entendimento para perceberem os misterios da fé, e passar da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da Lei de Christo; não ha porem nação alguma no mundo, que, ainda naturalmente, esteja mais disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos della, ou seja dos que traz comsigo a natureza, ou dos que accrescenta a malicia.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«*Haverá quatorze mezes* (tempo, espaço de) que continua a Missão, pelo corpo e braços daquelles rios, donde se tem trazido mais de seiscentos escravos, todos primeiro pelo Missionario, na forma das leis de Vossa Magestade.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«D. Garcia, sendo avisado desta náo, tratou logo de ver si podia trazer para si os castelhanos por via da cortezia e bom termo, e depois de alguns recados, *que houve* (porção dos quaes) *de parte a parte*, assentou em conselho com os seus ir elle em pessoa a Tidore fallar com o Biscainho, e requerer-lhe deixasse a companhia de mouros nossos inimigos, e se viesse para Ternate; e refusando a vinda por bem, obrigal-o por armas.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Antes de se fazerem estas menagens, el rei com o duque de Bragança, e outros senhores, e pessoas do conse-

lho, praticou nas palavras, que nas menagens havião de dizer, muitas vezes, em que *houve* (quantidade de) *muitas porfias, desgostos, descontentamentos*, por lhe parecer aspera forma a em que el rei queria que se fizessem (cousa de muito grande descuido dos reis passados.)»

(Garcia de Rezende.)

«Bonançou o vento, e achárão-se tão longe de Inglaterra, como aquelles que erão lançados na costa de Hespanha, e tão mettidos nella, que quasi estavão no fim da terra da bellicosa Lusitania, provincia então povoada de muitos, e mui esforçados cavalleiros, onde, por virtude do planeta que a rege, *houve sempre* (genero ou especie de) *mui famosos*; posto que naquelle tempo os que maior fama tinhão, erão idos em busca de Recindos, seu natural senhor, de quem se então não sabia, por estar na prisão de Dramusiando.»

(Francisco de Moraes.)

Observação final.

Esta construcção elliptica é analoga á construcção franceza «*Il y a des homes*,» ha homens, ou, com a particula, *hi*, (adverbio e ainda pronome) expressa, ha *hi* homens, do que tambem ha exemplo; e parece haver passado do Francez para a nossa lingua, como o está indicando analogia tão evidente, sem que com tudo se possa precisar bem a época. A unica differença que se dá entre as duas construcções, é que na franceza o pronome indefinido, *il*, que serve de chamar a attenção para o sujeito occulto, *classe, genre, espece, quantité* &c., vem sempre expresso, e na portugueza não, porque é isso repugnante á indole da lingua.

Tomado o verbo, *haver*, na mesma accepção com sujeito claro, é frequente no Portuguez juntar-se-lhe a referida particula, como «Ha *hi* homem, não ha *hi* cousa»; disto ha um sem numero de exemplos nos bons autores. Camões disse: «Que geração tão barbara ha *hi* de gente?» Isto confirma ainda a origem, que assig-

namos á locução portugueza; pois a não ser assim, não viria o verbo, *haver*, tantas vezes acompanhado da particula, *hi*, denunciando a sua derivação franceza.

Viesse-nos porem do Francez, como presumimos, ou, segundo querem outros, do Hespanhol, onde tambem se dá construcção identica, é hoje tal modo de fallar um idiotismo da lingua, que não é permittido violar sem ir de encontro ao genio della. Assim é erro grosseiro dizer: «Hão, havião, houverão homens», em vez de «Ha, havia, houve homens.» Os que levão o verbo ao plural, peccão de duas maneiras: primeira, porque deixão de respeitar uma locução consagrada pelo uso desde longo tempo, e constantemente empregada pelos melhores mestres da lingua: segunda, porque dão ao verbo regular, *haver*, uma significação que nunca teve, confundindo-o com o unipessoal, *haver*, bem distincto delle.

Esta é uma das ellipses mais notaveis da lingua portugueza, que em tudo o mais é muito regular, e nada tem que invejar em perspicuidade e clareza á outras linguas.

Entretanto não concluiremos esta observação sem apresentar exemplo da particula, *ahi*, ou, *hi*, junta ao verbo unipessoal, *haver*, com sujeito occulto, o que é mais uma prova de que tal locução nos veio do Francez. Eil-o:—

«Os tristes o poderão ler: mas «*ahi* não os houve mais homens» depois que nas mulheres houve piedade: mulheres sim, porque sempre nos homens houve desamor: mas para ellas não nos faço eu: que pois o seu mal é quamanho, que se não pode confortar com outro nenhum pera as mais entristecer, sem razão seria, querer eu que o lessem ellas: mas antes lhes peço muito que fujão delle, e de todas as cousas de tristeza, que, ainda com isto poucos serão os dias, que hão de poder ser ledas: porque assim está ordenado pela desaventura com que ellas nascem.»

(Bernardim Ribeiro.)

Emprego do pronome indefinido, SE, distincto do pronome reflexivo, SE.

As linguas que não teem verbos passivos, supprem ordinariamente a falta delles, conjugando o verbo substantivo com o participio passivo dos verbos adjectivos do mesmo modo, por que os latinos formavão os tempos compostos de seus verbos passivos.

O Portuguez, lingua mui rica, emprega neste caso não só o verbo substantivo, *ser*, mas ainda o verbo, *estar*, quando é meramente accidental a qualidade attribuida ao sujeito, e o pronome indefinido, *se*, quando se falla indeterminadamente em relação á pessôa e ao genero, ou quando o sujeito, claro, occulto, ou incluido no verbo, é cousa, e não pessôa.

Cumpre bem discriminar o emprego especial e a natureza deste pronome, a que os grammaticos ora chamão *caso*, ora *particula*, para apassivar os verbos.

Exemplos:—

«Floreça, falle, cante, ouça-*se* e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr,
Senhôra va de si, soberba e altiva;
Si até qui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitárão,
Esquecimento nosso e desamor.»

(Ferreira.)

E porque lhe parecêo que não era tanto, quanto cumpria, com muito récado e muita certeza de paga tomou a prata das igrejas e mosteiros: aquella que não era sagrada, que na sagrada não *se* bolio, nem pôz mão: a qual depois de ser rei com muito cuidado pagou, e de todas estas cousas fez-*se* bôa somma de dinheiro.

(Garcia de Rezende.)

«No baluarte São João *se* resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o signal de *se* dar fogo á mina, re-

tirando-se a um mesmo tempo todos: porem o temor igual e subito nos descobrio o engano.»

(Jacinto Freire.)

«Logo cerrando-*se* a noite, lançou um golpe de gente na margem esquerda do rio uma legua abaixo da ponte, e com suas guias diante começou a caminhar rio acima.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber pera o soffrimento, que antigo é fazerem-*se* as cousas sem razão, e contra razão.»

(Bernardim Ribeiro.)

Nota 1.ª Nos exemplos acima citados o pronome indefinido, *se*, não reflecte no sujeito *cousa*, nem a elle se refere, como acontece ao pronome reflexivo, *se*, com o sujeito pessôa «*Pedro* ferio-*se*,» mas refere-se vaga e indeterminadamente á pessôa ou pessôas occultas, que só temos na mente. Faça-se isto claro pela analyse.

«Falle, cante, oiça-*se* a portugueza lingua,» por *seja fallada, cantada, ouvida*; é o equivalente destas proposições: «A portugueza lingua seja *falla* ou *fallar*, *canto* ou *cantar*, *audição* ou *ouvir*, para o *homem*, ou *o geral dos homens* (em relação aos paizes onde predomina o idioma portuguez.)

«Que na sagrada não *se* bolio (com sujeito incluido no verbo), nem pôz mão,» por *não foi bolida*, nem *foi posta mão*; é o equivalente destas proposições: «Que o *bolimento* ou o *bolir* no sagrada não teve cabimento, ou não foi acto para *ninguem*, nem mão teve *postura* na sagrada para *alguem*, ou nem mão foi *posta* na sagrada por *ninguem*.»

«E de todas estas cousas *se* fez bôa somma de dinheiro.» por *foi feita*; é o equivalente desta proposição: «E de todas estas cousas bôa somma de dinheiro teve *feitura*, ou foi *feita*, para *os interessados no soccorro de gente* (o principe D. João, depois D. João II, tratava de mandar soccorro de gente a seu pai, D. Affonso V, que fazia a guerra em Castella.)

«No baluarte São João *se* resistia (com sujeito incluido no verbo) á violencia do ferro.... até que chegou o signal de *se* dar fogo á mina,» por *era resistido, ser dado fogo*; é o equivalente destas proposições: «A *resistencia* ou o *resistir* á violencia do ferro no baluarte São João tinha logar, ou era acto para *os defensores delle*, ou para *os sitiados*....até que chegou o signal de fogo ser dado á mina por *algum*, ou *alguns dos sitiantes*.»

«Logo cerrando-*se* a noite, «por *tendo sida cerrada*;» é o equivalente desta proposição: «Logo tendo a noite sido cerrada, ou melhor, tendo sido noite cerrada para *os habitantes daquella parte do mundo*.» O, *se*, desta proposição, principalmente si fosse um poeta quem fallasse, tambem podia explicar-se pelo pronome reflexivo, personificando-se, *noite*; e então seria ella o equivalente dest'outra: «Cerrando a *Noite* a si»

«Que antigo é fazerem-*se* as cousas sem razão, e contra razão,» por *serem feitas*; é o equivalente desta proposição: «Que antigo é estarem as cousas *tendo effeito*, ou serem as cousas *facto* sem razão, e contra razão, para os *apaixonados*, ou *magoados*.»

Nota 2.ª Querem alguns grammaticos que, *se*, quando não é reflexivo, seja uma simples particula empregada para apassivar os verbos; mas sem fundamento solido, porque, *se*, neste caso sempre se refere a pessôa indeterminada, e tem a sua virtude de pronome, posto que então seja indefinido, como outros pronomes da mesma natureza.

«Ama-*se* a virtude, aborrece-*se* o vicio» não é rigorosamente o mesmo que, »a virtude *é amada*, o vicio *é aborrecido*,» mas o equivalente destas proposições: «A virtude é *amor*, o vicio é *aborrecimento* para *o homem*, ou *o geral dos homens*.»

Isto ainda se torna mais evidente, quando o verbo está tomado unipessoalmente com o sujeito incluido em si: «Ama-*se*, aborrece-*se*, diz-*se*, escreve-*se*,» não é o mesmo que, «é *amado* ou *amada*, *aborrecido* ou *aborrecida*, *dicto* ou *dicta*, *escripto* ou *escripta*»; mas o equivalente destas proposições: «O *amor* ou *o amar*, *o aborrecimento* ou *o aboarecer*, *o dicto* ou *o dizer*, a *escriptura* ou *o escre-*

ver, tem logar ou é acto para o *homem*, ou para os de *nossa especie*, ou simplesmente para *alguem*.»

«Come-*se*, bebe-*se*,» não é o mesmo que, «é *comido* ou *comida*, *bebido* ou *bebida*;» mas o equivalente destas proposições: «A *comida* ou o *comer*, a *bebida* ou o *beber*, tem cabimento actual, ou está sendo acto para *alguem*, ou *algumas pessoas*» (quando se falla em relação ao homem.)

Isto finalmente torna-se evidentissimo, quando o verbo tomado unipessoalmente é da natureza daquelles, que não transmittem a acção do sujeito á outro sujeito diverso:

«Vive-*se*, morre-*se*,» não é o mesmo que é *vivido* ou *vivida*, *morto* ou *morta* por *morrido* ou *morrida*;» mas o equivalente destas proposições: «A *vida* ou o *viver*, a *morte*, ou o *morrer*, é facto ou propriedade fatal para *os entes animados*, ou para *todo animal*.»

Nota 3.ª—Cumpre ainda notar que muitos sujeitos, que representão cousas ou objectos inanimados, achão-se personificados nos bons autores, não só poetas, como prosadores; e que nestes casos, *se*, é pronome reflexivo.

«O *orgulho* offende-*se* com pouca cousa, a paixão irrita-*se* com os obstaculos, a *virtude* compraz-*se* nas boas obras»; estas proposições são justamente o equivalente dest'outras: «O orgulho offende *a si*, ou dá-*se* por offendido com, ou por pouca cousa; a *Paixão* irrita *a si*, ou mostra-*se* irritada com os obstaculos; a *Virtude* compraz *a si*, ou revê-*se* complacente nas boas obras.» O orgulho está aqui pelo *orgulhoso*, a paixão pelo *apaixonado*, a virtude pelo *virtuoso*, tomando-se o termo abstracto pelo concreto.

Nota 4.ª A differença que se dá entre o emprego de, *se*, reflexivo, e o de, *se*, indefinido, como complemento de verbo, é que o primeiro é complemento objectivo e as vezes terminativo,—o segundo, complemento objectivo só apparente, mas em rigor termo de relação, ou indicio desse termo, porque o verbo a que elle se junta, torna-se desde logo relativo, pela referencia

que tem este ultimo pronome á pessôa, ou pessôas unicamente concebidas na mente de quem falla, ou escreve. Facil é verificar isto em todos os exemplos acima citados, e explicados.

Observações finaes sobre o emprego de, SE, pronome indefinido.

«Ama-*se*,» corresponde a «*amatur*», em Latim, assim como «é *amado*, è *amada*,» a «est *amatus*, est *amata*», e ainda «é *amado*,» a est *amatum*». É de notar que a forma portugueza em que entra o pronome indefinido, *se*, para apassivar o verbo na terceira pessôa do singular, leva vantagem á forma latina sua correspondente; pois em portuguez diz-se em todos os tempos do presente, preterito e futuro: «Ama-*se*, amava-*se*, amou-*se*, amára-*se*, *se* amará, *se* amaria, ame-*se*, amasse-*se*, *se* amar;» e em Latim somente no presente, imperfeito, e futuro: «*Amatur, amabatur, amabitur, ametur, amaretur*.»

Assim prescindindo-se já do futuro do condicional, que não tinhão, e supprião com o presente e o imperfeito do subjunctivo, não podião os latinos dizer, como se diz em portuguez, «pelejou-*se*, pelejára-*se*,» mas unicamente, recorrendo ás formas compostas, «foi, fôra pelejado.»

A forma portugueza em que entra o referido pronome para apassivar o verbo na terceira pessôa do plural, só se verifica com sujeito determinado *cousa*, sendo que a mesma forma na terceira pessôa do singular não só tem logar com esse sujeito, mas tambem com sujeito indeterminado ou incluido no verbo, quando este está tomado unipessoalmente.

Observaremos que junto ao verbo tomado unipessoalmente, de que, *se*, indefinido é complemento objectivo apparente, mas em rigor termo de relação, vem de ordinario expressa alguma circumstancia, que serve para indicar a referencia que esse pronome tem á pessôa, ou pessôas que concebemos na mente, ou ao verdadeiro

termo de relação do verbo, como se verifica neste exemplo acima citado: «*No baluarte São João* se resistia á violencia do ferro.»

O mesmo se nota no Latim, onde o verbo passivo tomado unipessoalmente tem quasi sempre occulto o seu termo de relação, ou complemento indirecto, em ablativo, como se vê nesta passagem de Virgilio: Usque adeo turbatur *agris*,» tanta perturbação ha nos *campos*, isto é, *entre os camponezes*; á lettra, tão perturbado se anda *nos campos*, ou entre os *camponezes*;—e nest'outra de Tito Livio: «Itaque trepidatum *Romae* est,» assim houve terror em *Roma*, isto é, entre *os Romanos;* á lettra, assim treméo-se em *Roma*, ou entre *os Romanos*.

Se, quer indefinido, quer reflexivo, é sempre o *sui, sibi*, *se*, tomado dos latinos; e posto que em Latim não se désse, como em portuguez, a referencia mental deste pronome, bastava comtudo que a idea de pessôa fosse indirectamente trazida por algum adjectivo possessivo, para que tivesse cabimento o seu emprego em referencia a essa presupposta pessôa, como se vê nesta passagem de Virgilio... «Et vereor quó *se Junonia* vertant hospitia....» e receio o paradeiro que terão agasalhos de Juno; á lettra, e receio para onde *se* voltem ou voltarão agasalhos *Junonios*.

Desta referencia indirecta e ideal, que davão os latinos ao seu *sui, sibi, se,* quer nos parecer que teve origem a referencia puramente mental, que damos ao nosso indefinido, *se*.

Nesta proposição por exemplo: «O nome de *João*, precursor de Christo, fez-*se* grande na *terra*,» equivalente dest'outra: «O nome de João, precursor de Christo, teve *engrandecimento*, ou foi *engrandecido*, para *os habitantes da terra*,» *se*, indefinido, tem, como na versão do logar de Virgilio, toda analogia com, *se*, de referencia indirecta, em Latim.

Se, reflexivo, não se póde confundir com, *se*, indefi-

nido, porque sempre se refere a pessôa determinada, a qual é sujeito da proposição em que tem emprego, fazendo com que a acção desse sujeito recaia sobre elle mesmo. Exemplo: «Pedro ferio-*se*,» isto é, «ferio-*se a si proprio*.» Dizem os grammaticos que os verbos de que *se*, ou algum dos pronomes da primeira e segunda pessôa, é neste caso complemento objectivo, como «Nós *nos* perdemos, tu *te* matas,» está na voz media ou reflexa, isto é, n'uma voz entre activa e passiva. Cumpre porem fazer a seguinte distincção.

Quando temos em vista attribuir ao sujeito algum facto de realidade effectiva ou supposta, assim é, o verbo está na voz media ou reflexa; quando porem só fallamos por analogia, são ainda taes formas o equivalente da voz passiva. Sirva de exemplo a traducção desta passagem de Phedro: «....Linguam vis meam præcludere, Ne latrem pro re domini! Multum *falleris*».... Queres prender-me a lingua, ou tapar-me a bocca, para que não ladre pela fazenda de meu senhor! Muito *te* enganas, isto é, *estás* muito *enganado*; bem como este anexim portuguez: «Muito *se* engana quem cuida,» isto é, muito enganado *está* quem cuida.

Temos mais outro equivalente da voz passiva nestas formas: «Amão-*me*, offendem-*te*, perseguem-*no*;» pois proposições taes valem o mesmo que est'outras: «*Sou* amado, *es* offendido, *é* perseguido.»

Assim as formas passivas, que damos ao verbo com outros pronomes, veem ainda em conclusão provar-nos que, *se*, quando está apassivando o verbo, ou, *se*, indefinido, é neste emprego um verdadeiro pronome.

EMPREGO DO VERBO, SER, PELO VERBO, ESTAR.

Os nossos classicos, para dar ao dizer certo resaibo de antiguidade, ou simplesmente para evitar repetições, empregavão muitas vezes elegantemente, *ser*, por, *estar*; o que dava particular graça ao discurso, revestindo-o

de um como tom de autoridade. Isto do que ainda hoje ha exemplo nos poetas e prosadores, era entre elles frequentissimo, e como habitual.

Exemplos:

«Mas indo assim, por certo,
Foi c'um barco n'agua dar,
Que estava amarrado á terra,
E seu dono *era* (estava) a folgar.
Saltou assim como ia dentro,
E foi a amarra cortar,
A corrente e a maré
Acertárão-no ajudar.
Não sabem mais que foi delle,
Nem novas se podem achar,
Suspeitou-se que *era* (estava) morto,
Mas não é pera affirmar»

(Bernadim Ribeiro.)

«Fui dos filhos asperrimos da terra
Qual Encélado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me adamastor, e *fui* (estive) na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava»

(Camões.)

«*Erão* (estavão) já nesse tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deuses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.»

(Camões.)

«E o duque de Viseu, que tambem *era* (estava) ahi, foi com a infanta D. Isabel até o extremo, onde a entregou aos senhores de Castella, que ahi esperavão por ella; e

despedido da senhôra infanta, tornou logo com muita pressa para o principe, que alcançou no caminho, e entrou com elle em Evora.»

(Garcia de Resende.)

«E logo a dita villa por el-rei, e o principe com esses que *erão* (estavão) fóra, foi cercada e combatida até os vinte e quatro dias do dito mez de Agosto, dia de São Bartholomeo, que se tomou.»

(Garcia de Resende.)

«Vosso senhôr fallecêo como cavalleiro: e ainda vos digo que as pessôas que lhe bem querião, não devem *ser* (estar) tristes, antes se devem alegrar muito, que foi de tão alto coração, que não pôude sopportar ser vencido: que sel-o, ou não, está na ventura.»

(Bernardim Ribeiro.)

«E *sendo* (estando-se) já no anno de quatrocentos e noventa e sete, em que a frota pera esta viagem estava de todo prestes, mandou el-rei, estando em Monte Mor o Novo, chamar Vasco da Gama, e aos outros capitães, que havião de ir em sua companhia, os quaes erão Paulo da Gama seu irmão, e Nicoláo Coêlho, ambos pessôas de quem el-rei confiava este cargo.»

(João de Barros.)

«Não tardou muito que ao longo da praia vio vir uma donzella em cima de um palafrem negro, vestida da mesma côr, porem tão bem ataviada, que a fazia parecer formosa, alem de o ser de seu natural. Chegando a Pridos, o tomou pela redea dizendo:—Senhor cavalleiro, esforçai, que essa tristeza não pode guarecer o que buscaes: sabei que D. Duardos *é* (está) vivo, posto que não está em seu poder, nem sahirá tão cedo da prisão, em que está.»

(Francisco de Moraes.)

«Criava-o a mãe a seus peitos com cuidado de mãe, e mãe de grandes virtudes. Estava fugida da peste, que ardia em Lisbôa, em um casal que tinhão no logar da Torrugem, limite de Oeiras, quasi tres legoas da cidade. *Era* (estava-se) sobre tarde, tinha-o nos braços á porta do casal: chegou um homem no trajo pobre mendicante, no semblante estrangeiro, e pedio-lhe esmola. Em quanto

lh'a mandava dar, foi cousa de espanto, e que dêo muito que cuidar á mãe, e aos de casa, o que virão no menino. Encarou no pobre todo risonho, todo alegre, debatendo-se para elle, e festejando-o com as mãosinhas, bocca, e olhos, como si fôra um dos mais conhecidos de casa: e em quanto o pobre se não despedio, não desviou os olhos delle, nem deixou de o estar agasalhando com aquellas innocentes mostras: sendo assim, que semelhantes mostras são o côco, com que as amas assombrão, ou acalentão os meninos desta, e ainda de maior idade. Dada a esmola, disse o pobre á mãe, que criasse com muito cuidado aquelle menino, e como *fosse* (estivesse) maior, o encaminhasse para as lettras, porque lhe fazia saber, que nellas seria eminente, e que andando o tempo, viria a ser uma grande cousa na igreja de Deus.»

(Frei Luiz de Sousa.)

OBSERVAÇÕES SOBRE O EMPREGO DO VERBO, SER, PELO VERBO, ESTAR.

Ser, o mesmo que *ser ente*, verbo substantivo, ou subsistente por si só, nexo ou copula que une o attributo ao sujeito, exprime como tal unicamente a affirmação, ou a existencia da qualidade na substancia.

Estar, o mesmo que *ser estante*, verbo attributivo em sua origem latina, já é o verbo substantivo combinado com a idea de estada, attitude, postura, estado, ou a idea de existencia combinada com a de modo vaga.

Daqui a differença entre os dois verbos nas linguas que, como o Portuguez, o Hespanhol, e o Italiano, os possuem ambos.

Cumpre notar que o verbo, *estar*, tem significação muito mais lata, que a que tinha o verbo latino, *sto, stas, steti, statum, stare*, do qual veio, e que significa estar em pé, ou em attitude determinada, servindo em Latim o verbo, *esse*, ser, tanto para os casos em que empregamos, *ser*, como para aquelles em que tem logar o emprego de, *estar*.

Desta significação restricta de, *stare*, sirva de exem-

plo a seguinte passagem de Quinto Curcio, em que se designa a attitude e a formatura dos Persas na batalha de Arbellas: «Acies autem Persarum hoc modo stetit &.;» em Portuguez: «O exercito,ou melhor, como se dizia antigamente, a hoste porem dos Persas *esteve*, ou *permanecêo*, em formatura de batalha, isto é, *postou*-se, ou esteve *postada*, em ordem de batalha por este modo &c.» Ora se Quinto Curcio quizesse descrever unicamente a ordem de batalha sem relação á continencia dos soldados, teria dito: «Acies autem Persarum hoc modo fuit instructa &c.;» em Portuguez: «A hoste porem dos Persas foi ordenada em batalha por este modo &c.»

Na lingua portugueza emprega-se o verbo, *ser*, quando a qualidade attribuida ao sujeito lhe é inherente ou habitual, e o verbo, *estar*, quando a qualidade attribuida ao sujeito lhe é accidental ou transitoria. Si queremos, por exemplo, designar o máo estado de saude habitual de um homem achacado e valetudinario, dizemos com o verbo, *ser*: «E' doente este homem;» quando, porem, queremos designar o estado casual de enfermidade de um homem habitualmente são, dizemos com o verbo, *estar*: «Este homem está doente.»

Nisto leva o portuguez grande vantagem, não só ao Francez, que não possue o verbo, *estar*, e não pode por conseguinte fazer taes distincções, sem recorrer a circumloquios para evitar o equivoco, mas ainda ao mesmo Latim, donde o tomou, e convertêo em outro, mudando-lhe a natureza, porque o verbo latino, *stare*, cuja significação já fica mencionada, não podia ter o mesmo emprego que o nosso verbo, *estar*, seu derivado. Quando os latinos tomavão, *stare*, em sentido figurado, era sempre com analogia á sua significação primitiva de, *estar em pé*, ou *estar firme*, como se vê nesta passagem de Virgilio: «Et bene apud memores veteris *stat* gratia facti?» em Portuguez: «E persiste o agradecimento do antigo beneficio, inabalavel na lembrança dos

agraciados? á lettra, e *está firme* em gente bem lembrada o agradecimento do velho beneficio?»

Servindo pois em Latim, *esse*, tanto para os casos em que empregamos, *ser*, como para aquelles em que com tão bem cabida distincção usamos de, *estar*, e vindo este ultimo verbo de, *stare*, como o attesta a identidade de forma, e atè, si bem attentarmos na primitiva, a mesma extensão de significação que lhe damos, não é por certo de admirar que os nossos classicos, grandes imitadores dos latinos, tomassem um verbo por outro, pondo tão frequentemente, *ser*, por, *estar*.

Quando se emprega, *ser*, por, *estar*, já o verbo *ser*, não exprime unicamente a affirmação, mas a affirmação combinada com a idéa de existencia modal indeterminada; pois, *ser*, já não é então o mesmo que *ser ente* abstractamente, mas, o mesmo que *ser ente existente* de alguma maneira. O mesmo se dá em Latim com, *esse*, e verifica em Francez com, *être*, empregados naquelles casos, em que a lingua portugueza se serve de, *estar*. Demonstre-se isto pela analyse das passagens citadas.

«E seu dono *era* a folgar, por *estava*,—Suspeitou-se que *era* morto, por *estava*; é o equivalente destas proposições: «E seu dono era *existente*, ou *existia* a folgar, isto é, *estava*, ou *permanecia*, ou *achava-se*, a folgar,—suspeitou-se que *tinha morrido*, ou não era *existente* vivo, isto é, que *estava*, ou *permanecia*, ou *achava-se* morto »

....«E *fui* na guerra, Contra o que vibra os raios de Vulcano, por *estive*,—*Erão* já neste tempo meus irmãos, Vencidos, e em miseria extrema postos » por *estavão*; é o equivalente destas proposições: «E fui *existente*, ou *existi* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano, isto é, *estive*, ou *permaneci*, ou *achei-me* na guerra contra &c.,— *tinhão* ja *sido*, ou erão já *existentes* neste tempo meus irmãos vencidos, e em miseria extrema postos, isto é, *estavão*, ou *permanecião*, ou *achavão-se* vencidos &c.»

«E o duque de Viseu, que tambem *era* ahi, foi com a infanta D. Isabel até o extremo,» por *estava*; é o equivalente desta proposição: «E o duque de Viseu, que tam-

bem era *existente*, ou *existia* ahi, foi com a infanta D. Isabel até o extremo, isto é, que tambem *estava*, ou *permanecia*, ou *achava-se* ahi, &c.»

«E logo a dita Villa por el rei e o principe com esses que *erão* fóra, foi cercada e combatida &c.,» por *estavão*; é o equivalente desta proposição: «E logo a dita villa por el rei e o principe com esses que erão *existentes*, ou *existião* fóra, foi cercada e combatida &c., isto é, com esses que *estavão*, ou *permanecião*, ou *achavão-se* fóra, foi &c.»

«E ainda vos digo que as pessôas que lhe bem querião, não devem *ser* tristes,» por *estar*; é o equivalente desta proposição: «E ainda vos digo que as pessôas que lhe bem querião, não devem ser *existentes*, ou *existir* tristes, isto é, *estar*, ou *permanecer* tristes.»

«E *sendo* já no anno de quatrocentos e noventa e sete,» por *estando-se*; é o equivalente desta proposição: «E a *existencia*, ou o *existir* (em relação ao tempo) sendo já *existente*, ou *existindo* ja no anno de quatrocentos e noventa e sete, isto é, e a *estada* ou o *estar* (em relação ao tempo) *estando*, ou *permanecendo*, ou *achando-se*, ja no anno de quatrocentos &c., para *os que computão o tempo pela era christã*.»

«Sabei que D. Duardos *é* vivo,» por *está* vivo; é o equivalente desta proposição: «Sabei que D Duardos é *existente* ou *existe* vivo, isto é, *está*, ou *permance*, ou *acha-se* vivo.»

«*Era* sobre tarde, por *estava-se*,—e como *fosse* maior,» por *estivesse*; é o equivalente destas proposições: «A *existencia* ou o *existir* (em relação ao tempo) era *existente* ou *existia* sobre tarde, isto é, a *estada* ou o *estar* (em relação ao tempo) *estava*, ou *permanecia*, ou *se achava* sobre tarde, para *os habitantes daquella parte do mundo*,—e como fosse *existente*, ou *existisse* maior, isto é, como *estivesse*, ou *permanecesse*, ou *se achasse* maior.»

N. B. Tambem podem ser explicadas as proposições: «*Sendo* já no anno de quatrocentos e noventa e sete,—*era* sobre tarde, tomando-se, *sendo*, e *era*, por, *estando*; e *estava*, sem a juncção do indefinido, *se*, pela seguinte maneira: «Estando o *tempo*, ou o *curso do tempo*, já no anno de quatrocentos e no-

venta e sete,—O *dia* ou o *curso do dia* estava sobre tarde.»

Cumpre ainda notar que, *ser,* tomado na accepção de, *estar,* vem quasi sempre acompanhado de alguma circumstancia, e com especialidade de *logar* e *tempo,* a qual serve como de indicar, que, *ser,* em tal caso exprime a affirmação combinada com a idéa de existencia modal, como se verifica na mór parte dos exemplos citados: «Era *a folgar*, era *ahi*, erão *fóra*, erão *já neste tempo,* fui na *guerra*, sendo *já no anno*, era sobre *tarde.*» Isto mesmo com pouca differença se observa em Latim com, *esse,* e em Francez com, *être,* quando tomados na accepção do nosso, *estar:* «Est *hic*, il est *ici,* está *aqui.*»

O verbo, *estar,* tambem vem ordinariamente acompanhado das mesmas circumstancias, como: «Estou *aqui,* estás em *apertos,* esteve na *India*, estamos em *tempo de paz*, &c.; mas não necessita tanto da expressão dellas, como, *ser*, quando lhe faz as vezes; e a razão é, que sendo, *estar*, o mesmo verbo, *ser*, combinado com a idéa de *estada* de algum modo, esta nos suscita logo a idéa de *logar, postura*, *tempo,* ou *maneira.*»

EMPREGO ESPECIAL DO ADJECTIVO PRONOMINAL, O.

O adjectivo pronominal, *o*, em sua forma neutra, adoptada do Latim, *id,* representa não só membros de orações, mas ainda orações inteiras, e sentidos extensos, e complicados.

Exemplos:

> «E vós, ó bem nascida segurança
> Da Lusitana antiga liberdade,
> E não menos certissima esperança
> De augmento da pequena Christandade:
> Vós, ó novo temor da Maura lança,

Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande:
  Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vede, *o*, no vosso escudo que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos dêo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou »

(Camões.)

«A vermos nós agora um excellente
Capitão Portuguez de quantos temos,
De que se espanta, e treme o Oriente,
  Querer mostrar a ordem, que devemos
Guardar na guerra em lingua estrangeira,
Quão certo, Andrade, é que nos riremos.
  Este, dirias, em vez da maneira
Nos querer ensinar como vençamos,
Faz outra gente contra nós guerreira.
  E tanto é mais razão que, *o*, nós sintamos,
Quanto maior proveito nos cabia,
E quanto mór o damno, que esperamos.»

(Ferreira.)

«E com o senhor D. Alvaro, irmão do duque, assentou el rei, que por então se fosse fóra de Portugal, e não ficasse em Castella, nem estivesse em Roma, isto, até sua mercê, e que em todolos outros reinos e terras pudesse estar, e haver lá todalas rendas que neste reino tinha, até el rei haver por bem de o mandar vir, e elle se foi com tenção de, *o*, cumprir, e proposito de ir a Jerusalem, o que não cumprio, porque chegando a côrte de Castella. foi del rei e da rainha tão favorecido, que não passou adiante, e ficou em seus reinos e côrte, a que recolhêo a senhôra D. Felippa sua mulher, e filhos.»

(Garcia de Rezende.)

«Não se póde duvidar, que ha muitas provincias, cidades, casas, e pessôas, que Deus nosso Senhor por suas misericordias favorece com mais particulares mercês, com

maiores graças, e prerogativas, que outras. É senhôr universal, é tudo seu, do seu dá, e reparte, como é servido. Assim, *o*, disse no Evangelho, por bocca do pai de familias, aos que trabalhavão na vinha. Assim, *o*, tinha dito muito antes, fallando de Jacob e seu irmão: que amára um, e aborrecêra outro.)

(Frei Luiz de Sousa.)

«Estando elle assim todo occupado daquella doce tristeza, sentio como alguem a par de si. Olhando com o luar, que então fazia, vio uma sombra de homem de estatura desproporcionada de nosso costume estar perto delle. A supita novidade o commovêo á alteração: mas como esforçado que era, lançando mão á espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era: e vendo que com tudo se calava, se poz em se mover pera elle, ja com a espada arrancada, dizendo: «Ou me dirás quem és, ou, *o*, saberei eu.» «Está quedo Bimnarder (chamando-o assim por seu nome, lhe disse a sombra), que inda agora foste vencido de uma donzella.» Chorando, deteve Bimnarder o passo, espantado daquello que ainda cuidava elle que, *o*, não sabia ninguem; mas tornando logo a querer lhe perguntar de donde, *o*, sabia, a meia palavra olhou, e vio aquella sombra que, virando-se pera umas moutas grandes que hi cerca estavão, se ia mettendo por antre ellas, pouco a pouco. E assim se encobrio, e desappareceo.

(Bernardim Ribeiro.)

Observações sobre o emprego especial do adjectivo pronominal, O.

O adjectivo pronominal, *o*, em sua terminação neutra, que passou do Latim para o Portuguez, assim como, nos demonstrativos puros, passárão tambem, *isto, isso, aquillo,* nos demonstrativos partitivos, *al, algo,* (antiquados), no adjectivo conjunctivo, *o que*, (forma composta), no pronome da terceira pessôa, *ello,* (antiquado), e no adjectivo collectivo universal, *tudo,* de iguaes terminações neutras do Latim, representa, como dissemos, não só membros de orações, mas ain-

da orações inteiras, e sentidos extensos, e complicados, quer em referencia ao que fica dito, quer ao que se tem na mente e vai dizer, como é facil verificar nos exemplos citados, e em outros muitos, que se encontrão a cada passo nos nossos prosadores e poetas.

«Vede, *o*, no vosso escudo, que, *presente,* Vos amostra *a victoria ja passada,* &c:» O adjectivo pronominal, *o*, representa aqui não só o que o poeta ja disse em resumo na proposição do seu poema sobre as acções memoraveis dos portuguezes, mas ainda o que vai dizer sobre o mesmo assumpto na dedicatoria, que delle faz a D. Sebastião, como indicão as palavras em italico, as quaes teem intima relação com o que precede. *Isto*, não exprimiria o mesmo que, *o*, porque é de referencia mais immediata; *isso*, tambem não, porque é de referencia mais indeterminada; *aquillo,* ainda menos, porque a sua referencia é toda ao que precede. Nesta passagem, *o*, equivale por si só á, *aquillo, isto,* e *isso*; isto é, ás proezas que ficão por alto referidas, e ás que se referem, e vão referir.

«E tanto é mais razão que, *o*, nós *sintamos*, Quanto maior proveito *nos cabia*, E quanto mór o damno, *que esperamos.*» O adjectivo pronominal, *o*, representa ainda aqui tanto o sentido anterior, como o posterior; o que bem se infere das palavras, que pômos em italico. Nesta passagem, *o*, equivale a, *isto*, e *isso*: basta substituil-o por estes demonstrativos para de tal nos convencermos: «E tanto é mais razão, que nós sintamos *isto*, quanto maior proveito *disso* nos cabia, ou caberia, e quanto mór o damno, que *disso* esperamos, ou temos a esperar.»

....«E elle se foi com tenção de, *o*, cumprir, e proposito de ir a Jerusalem, o que não cumprio, &c,:» O adjectivo pronominal, *o*, representa aqui *todo o determinado* por el rei D. João II a D. Alvaro nas proposições antecedentes, ou sentido anterior unicamente, sem referencia posterior; pois, *o que*, que se segue, não é senão a repetição dessa mesma referencia. Nesta passagem, *o*, equivale á, *tudo isto*, ou a, *isso*, e mais *isto*.

«Assim, *o*, disse no Evangelho, por bocca do pai de familias &c.—Assim, *o*, tinha dito muito antes, fallando de Jacob e seu irmão, &c.» O adjectivo pronominal, *o*, re-

presenta aqui tudo que fica exposto no primeiro periodo, de que o immediato é como a explicação, ou o sentido anterior unicamente, sendo a segunda referencia apenas uma repetição da primeira. Nestes casos, *o*, equivale á, *tudo aquillo*, ou ainda á, *tudo isso*.

«Ou me dirás quem és, ou, *o*, saberei eu.—Chorando deteve Bimnarder o passo, espantado daquello que ainda cuidava elle que, *o*, não sabia ninguem.—Mas tornando logo a querer lhe perguntar de donde, *o*, sabia, á meia palavra olhou, e vio aquella sombra &c.» O adjectivo pronominal, *o*, representa aqui, no primeiro caso, sentido posterior, e equivale á *isso*; no segundo, sentido anterior, como está indicando o demonstrativo *aquello*, e equivale á, *tudo aquillo*; no terceiro, sentido tanto anterior como actual, e equivale á, *aquillo*, e, *isto*.

Dos nossos grammaticos uns confundirão o adjectivo pronominal, *o*, com o artigo definido *o*, outros o fizerão caso do pronome pessoal, *elle*. Ambas estas opiniões são erroneas, porque, *o, a, o*, pronominal, vem de, *is*, *ea*, *id*, em Latim, como está indicando, quer a sua forma, quer a sua significação;—e, *o, a*, artigo definido, a que tambem em muitos casos se pode accommodar uma terminação neutra em, *o*, vem de, *hic, hæc, hoc*, em Latim, como indica a sua primitiva forma em Portuguez, *ho*, *ha*, e sobretudo o seu emprego especial, distincto do do demonstrativo, *o*, segundo já em outro logar fizemos vêr.

N. B. A mesma pronuncia no artigo distinguia-se antigamente da do demodstrativo, porque era aberta e clara, do que ainda hoje se conservão vestigios no modo por que o pronuncião em algumas provincias do Brazil.

—Os primeiros enganárão-se com a apparencia de forma, occasionada pela mudança de orthographia, que assemelhou o artigo definido *o*, ao adjectivo pronominal, *o*, não attentando nem na natureza do artigo, o qual serve para determinar o nome, ou o que se põe por elle, nem tão pouco na do adjectivo pronominal, o qual ser-

ve para demonstrar, indicar, ou representar o nome, o membro de oração, a oração, ou o sentido, de que se trata.

Os segundos illudirão-se certamente com o officio especial de *complemento objectivo*, que faz o adjectivo pronominal, nas suas formas masculina, e feminina, *o, a,* o que corresponde ao accusativo dos latinos, não advertindo que o mesmo adjectivo na sua forma neutra, *o,* tambem serve especialmente de attributo, e ainda em todas as formas, de sujeito, quando é antecedente do adjectivo conjunctivo, *que*, como por exemplo em—*o,* que,—*a,* que,—*o*, que, *is,* qui, *ea,* quæ, *id,* quod, em Latim, empregos esses que correspondem ao do nominativo dos latinos, em todas as proposições do modo finito, e em que por conseguinte, *o, a, o,* não pode ser caso.

Accresce que nenhuma paridade se dá entre as formas do pronome pessoal, *elle, ella,* e as do adjectivo pronominal, *o, a, o,* para que, prescindindo-se ja do diverso emprego de cada um, possão as formas do segundo reputar-se casos do primeiro, sendo aliás que entre *elle, ella,* e as formas, *lhe, lhes,* verdadeiros casos desse pronome, toda paridade e semelhança se nota.

Cumpre ainda observar que, *elle, ella,* pronome pessoal com a forma neutra antiquada *ello,* bem como *aquelle, aquella, aquillo,* adjectivo demonstrativo, vem ambos de, *ille, illa, illud,* que em Latim tanto significa *elle,* como *aquelle*, e não de *is, ea, id,* em Portuguez, *o, a, o*, forma diversa, que se não pode confundir com a primeira, nem n'uma, nem noutra lingua, assim como em nenhuma dellas se confundem, *este, esta, isto,* que vem de, *iste, ista, istud*, e, *esse, essa, isso,* que vem de, *ipse*, *ipsa*, *ipsum*.

Si vertemos muitas vezes do Latim, *is,* por, *este,* ou por, *elle,* é porque fóra dos casos apontados em que, *o*, *a*, *o*, pode ser ou sujeito, ou attributo, o uso da

lingua só o emprega como complemento objectivo, e com todo o fundamento, para evitar a confusão que, entre elle e o artigo definido, que tem a mesma forma, a cada passo se daria. Os Francezes tambem teem o mesmo adjectivo pronominal, sob a forma, *le, la,* mas não o confundem com o artigo definido, *le, la,* nem o fazem caso do pronome pessoal, *il, elle;* assignão-lhe o seu verdadeiro logar, e chamão-lhe adjectivo pronome.

Nesta passagem de Bernardim Ribeiro: «Era ensinada á livros de historias, polo que era ja entonces *sabida,* e depois quando velha, *o,* foi muito mais;» o adjectivo pronominal, *o,* em sua forma neutra, representa o membro da proposição antecedente, *sabida,* e é o attributo da proposição, em que se acha collocado. E nest'outra do mesmo autor: «Não abastou á minha desaventnra haver de ser a mais triste do mundo, mas ainda a maneira de como me veio, *o,* havia tambem de ser?»; o adjectivo pronominal, *o,* em sua forma neutra, representa o membro da proposição antecedente, *a mais triste do mundo,* e é o attributo da proposição, cujo sujeito é, *a maneira.*

Bastão estes exemplos para confirmar o que dizemos acerca do seu emprego, correspondente ao do nominativo dos Latinos.

EMPREGO DO ADJECTIVO CONJUNCTIVO EM SUA FORMA NEUTRA COMPOSTA, O QUE.

O Adjectivo conjunctivo, em sua forma neutra composta, *o que,* tomada de, *id quod* em Latim, e constante, em Portuguez, dos dois equivalentes das palavras latinas, tambem repesenta membros de orações, orações inteiras, e sentidos mais ou menos extensos, com referencia porem ao que fica dito, ou immediata ou remota, e ainda algumas vezes ao que se tem na mente.

Exemplos:

«Aqui espero tomar, senão me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes nas vossas náos vereis cada anno
(Si é verdade *o que* meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.»

(Camões.)

DEMODOCO.

—«Hospede meu prudente, e digna esposa,
Que eu á mãe bem comparo de Telemaco,
Informados por certo estaes de Eudoro
De quanto em pró de minha filha, em selvas
Transviada, por Faunos, prefizera.
Mostrai-m'o: e que eu o abrace, como á filho,»—

LASTHENES.

Co'a mãe se encobre, e *o que* prefez, é occulto.»—

(Francisco Manoel do Nascimento.)

«E como el-rei chegou, e soube como o dito capitão mór, e capitães vinhão de todo desbaratados, não nos quiz ver, nem ouvir, até primeiro lhe mandar ás pousadas vestidos inteiros, e dobrados, de sedas, e ricos pannos, com todalas outras cousas, que pera elles, e pera os seus erão necessarias, e assi cavallos e mullas em que andassem: e lhe mandou dizer, que pera homens tão honrados, e tanto seus amigos fallarem a tal rei, não era razão que ante elle viessem com menos atavios, porque sendo de outra maneira parecia que seus reinos lhe erão estranhos, *o que* muito sentiria, porque pola antiga amisade que elle, e os reis seus antecessores, tinhão com Veneza, todos os de sua nação devião d'haver e estimar seus reinos, e senhorios, por propria sua terra.

(Garcia de Rezende.)

«Poucos annos depois no primeiro capitulo, que cele-

brárão, entrando neste reino, o padre frei Jeronimo de Padilha, e os mais companheiros, que com elle descêrão de Castella, com titulo de reformadores, á petição del rei D. João, teve frei Bartholomeu conclusões de theologia. Foi o capitulo em Lisboa: houve grande concurso de todas as religiões, como é de crêr, á conta dos novos reformadores. Aqui se assignalou frei Bartholomeu de maneira, que honrou a provincia, e ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e applauso dos padres que o criárão. *Do que* resultou declararem-no logo por leitor de artes do collegio de Lisboa instituido por el-rei D. Manoel, donde o mesmo leitor era collegial, sem preceder para o leitorado pretenção, nem diligencia, nem ainda imaginação.

(Frei Luiz de Sousa.)

«E quando veio ao desfraldar das velas, que os mareantes segundo seu uso derão aquelle alegre principio de caminho, dizendo bôa viagem, todolos que estavão promptos na vista delles com uma piedosa humanidade dobrárão estas lagrimas, e começárão de os encommendar á Deus, e lançar juizos, segundo *o que* cada um sentia daquella partida.»

(João de Barros.)

OBSERVAÇÕES SOBRE O EMPREGO DO ADJECTIVO CONJUNCTIVO EM SUA FORMA NEUTRA COMPOSTA, O QUE.

«*Si* é verdade, *o que* meu juizo alcança.» O adjectivo conjunctivo, *o que*, em sua forma neutra composta, que cumpre não perder de vista, representa aqui o sentido anterior com referencia indirecta, visto como o adjectivo pronominal, *o*, que precede, *que*, forma invariavel daquelle adjectivo, e lhe communica sua neutralidade, é o sujeito grammatical da proposição condicional incidente: «*Si* é verdade;» e ainda por cima disto, o que Adamastor tem na mente, como se infere da proposição circumstancial incidente: «*Que* meu juizo *alcança.*» Nesta passagem, *o que*, equivale a, *tudo isso que*, e a *tudo aquillo que*.

«C'oa mãe se encobre, e *o que* prefez, é *occulto.*» O adjectivo conjunctivo, *o que*, em sua forma composta, repre-

senta aqui unicamente o sentido anterior, comprehendido no primeiro periodo, pois o segundo só exprime a gratidão de Demodoco pelo beneficio recebido. Nesta passagem, *o que*, equivale á, *tudo isso que*, isto é, á, «*tudo quanto* prefizera Eudoro,» visto como se falla indeterminadamente, sendo o adjectivo pronominal, *o*, que precede, *que*, o sujeito grammatical da proposição: «É *occulto.*»

....«Por que sendo de outra maneira parece que seus reinos lhe, isto é, lhes erão estranhos, *o que*, muito sentiria, porque pela antiga amisade &c.» O adjectivo conjunctivo, *o que*, em sua forma composta, representa aqui todo o sentido anterior, com referencia, porém, directa ao que se segue á «lhe mandou dizer,» e indirecta ao que vem antes, equivalendo assim á, *ist'outro que*, e á, *iss'outro que*. Tão intima é neste logar a ligação de, *que*, adjectivo conjunctivo, com o adjectivo pronominal, *o*, que, *o que*, sôa, não já, *id quod*, mas somente, *quod*, *cousa que*, ou *a qual cousa*.

«*Do que* resultou declararem-no logo por leitor de artes no collegio de Lisboa instituido por el-rei D. Manoel,&.» O adjectivo conjunctivo, *o que*, em sua forma composta, representa aqui todo o sentido comprehendido no periodo precedente, e sôa unicamente como *de cousa que*, ou por se achar collocado em principio de periodo, á maneira dos Latinos, que dão nestes casos á, *qui, quae, quod*, o valor de, *et is, et ea, et id*, exprime o mesmo que: «*E disto* ou *disso* resultou &c.

....«E começárão de os encommendar á Deus, e lançar juizos, segundo *o que* cada um sentia daquella partida.» O adjectivo conjunctivo, *o que*, em sua forma composta, representa aqui o sentido que cada um dos espectadores tinha na mente, e equivale á, *aquillo que*, sendo o adjectivo pronominal, *o*, que precede, *que*, adjectivo conjunctivo, complemento da preposição, *segundo*.

É de notar que não tendo o adjectivo conjunctivo terminação neutra em sua forma variavel, *o qual, a qual*, ou terminação da mesma natureza que, *isto, isso, o, aquillo, al, algo, tudo*, a lingua a reputou necessaria, adoptando para suppril-a a forma composta, *o que*, que em muitos casos se torna tão homogenea, que equivale

precisamente á, *quod* em Latim, *cousa que*, ou *a qual cousa*, em Portuguez.

As sobreditas terminações neutras, que os grammaticos reputão hoje masculinas, reduzindo tudo á systemas estreitos, e insufficientes, como si a lingua que tem outras anomalias, não pudesse ter tambem a de genero nestes casos especiaes, correspondem não só ás terminações neutras latinas do singular, suas analogas, *istud, hoc, ipsum, id, illud, aliquod* ou *aliquid, totum, id quod*, ou *quod*, mas ainda elegantemente, ás neutras latinas do plural, *ista, hœc, ipsa, ea, illa, alîa, aliqua, tota, ea quœ*, ou *quœ*.

Facil é verificar o que dizemos, das mesmas terminações,correspondentes ás terminações neutras latinas do plural, na traducção das seguintes passagens tomadas do Latim: «*Haec* ait, et Maia genitum demittit ab alto (Virgil);»—Diz *isto*, e envia do alto o filho de Maia:—«*Quae* dixerit ipse, *quae* que viderit, refert (Tit. Liv.);»—Relata *o que* o mesmo disse, e *o que* vio—: «Constituerunt *ea*, *quae* ad proficiscendum pertinerent, comparare (Jul. Caes.)»;—Resolvêrão aprestrar *o que* dizia respeito á partida—.

Accresce ainda que antigos grammaticos, como João de Barros, consideravão as referidas terminações *variações neutras*, de, *este*, *esse*, *aquelle*, &c., como em realidade são, quer se attenda á sua origem latina, quer ao seu emprego na lingua portugueza, onde nunca se applicão á individuos ou objectos do genero masculino e feminino, como acontece com as outras terminações dos demonstrativos e partitivos mencionados: «*Este* homem, *esta* mulher, *outro* officio, *outra* terra &c.» É singular que Constancio, homem aliás douto, responda a esta tão sensata opinião de João de Barros, resistindo á evidencia, e dando por provado o que não está: «Mas em Portuguez não existe genero neutro.» Tanto póde em nós o espirito de systema!

É ainda de notar que os nossos classicos, assim como

collocavão em principio de periodo a forma neutra composta do adjectivo conjunctivo, *o que*, equivalendo á, *e isto*, assim por igual imitação dos Latinos, collocavão tambem em principio de periodo o mesmo adjectivo conjunctivo em sua forma variavel, *o qual, a qual*, equivalendo á, *e este, e esta*. Isto porém já cahio em desuso, e é hoje modo de fallar antiquado.

Entretanto, como é bom saber de tudo, aqui damos um exemplo tirado de um dos prosadores, que mais concorrêo para o aperfeiçoamento da lingua:—

«Alevantado em terra da Arabia aquelle grande Antichristo Mafamede, quasi nos annos de quinhentos e noventa e tres de nossa Redempção, assi lavrou a furia de seu ferro, e fogo de sua infernal seita por meio de seus capitães e califas, que em espaço de cem annos conquistárão em Asia toda Arabia, e parte da Syria e Persia, e em Africa todo Egypto d'aquem, e d'alem do Nilo. E segundo escrevem os Arabios no seu Larigh, que é um summario dos feitos que fizerão os seus califas na conquista d'aquellas partes do Oriente, neste mesmo tempo de lá se levantárão, e vierão grandes enxames delles povoar estas do Ponente, a que elles chamão Algarb, e nós corruptamente Algarve, d'alem-mar; os quaes, á força de armas devastando, e assolando as terras, se fizerão senhores da maior parte da Mauritania Tingitania, em que se comprehendem os reinos de Féz e Marrocos, sem até este tempo a nossa Europa sentir a perseguição desta praga. Pero vindo o tempo, té o qual Deus quiz dissimular os peccados de Hespanha, esperando sua penitencia acerca das heresias de Arrio, Elvidio, e Pelagio, de que ella andou muito iscada (posto que já per sanctos Concilios nella celebrados fossem desterradas), em logar de penitencia accrescentou outros mui graves e pubricos peccados, e que mais acabárão de encher a medída de sua condemnação, que a força feita á Cava filha do conde Julião. Com *as quaes cousas* (e com *estas cousas*, ou com *isto*) provocada a justiça de Deus, usou de seu divino e antigo juizo, que sempre foi castigar pubricos e geraes peccados com pubricos e notaveis peccadores; e permittir que um herege seja açoute de outro, vingando-se por esta maneira de seus imigos per outros maiores imigos.»

(João de Barros.)

Parecerá talvez esta passagem demasiadamente extensa para exemplo, mas transcrevemol-a por inteiro, não só por ser necessaria á perfeita intelligencia de, «com *as quaes cousas*,» representando aqui todo o sentido anterior, como ainda porque dá-nos uma idea ajustada do estylo animado e pittoresco de João de Barros, no qual é tão frequente o uso dos tropos, empregados á proposito.

QUARTA PARTE.

Figuras de Construcção.

Principaes Ellipses.

A *Ellipse*, que consiste na suppressão de uma ou mais palavras, que facilmente se subentendem pelo sentido, é de todas as figuras de construcção a mais frequente, e por conseguinte a que mais tem de occupar-nos, pois o seu perfeito conhecimento muito importa á boa intelligencia dos prosadores e poetas.

Ellipse do sujeito.

Na lingua portugueza é mui commum a ellipse do sujeito, quando este é pronome da primeira e segunda pessôa, e ainda da terceira, todas as vezes que d'ahi não resulta equivoco, como é facil verificar nos exemplos que adduzimos, collocando entre paranthesis o sujeito subentendido.

Exemplos:

«Cantar quero (eu) os combates, e a victoria,
Que houverão os Christãos dos Anjos réprobos,
Pela destimidez clara e magnanima
De dous Esposos Martyres.»

(F. M. do Nascimento.)

«Rei tendes (vós) tal, que si o valor tiverdes (vós)
Igual ao Rei que agora alevantastes (vós)
Desbaratareis (vós) tudo o que quizerdes (vós)
Quanto mais a quem já debaratastes (vós).»

(Camões.)

«As pequenas forças que hoje temos (nós), são formidaveis á nossos inimigos, em quanto as não conhecem (elles.)»

(Jacinto Freire.)

«Mas não se contentão os Chins de edificar e morar somente na terra; igualmente o fazem (elles) na agua, obridando-a á lhes pagar com esta usura o muito, que pela grande multidão dos rios lhes occupa (ella).»

(O padre João de Lucena.)

«Bem sei (eu) que de juro devia ser esta de uma mão de papel: mas com licença de Vossa Reverencia remetti (eu) as miudezas de nossa jornada á pena de Pero de Tavares.»

(D. Frei Bartholomeu dos Martyres.)

«Trabalha (tu), meu filho, para agradarem tuas obras á Deus.»

(Fernão Mendes Pinto.)

«E ella:—Não deverás querer saber (tu), lhe disse, a causa, porque não has de ser (tu) mais ledo, quando a souberes (tu).»

(Bernardim Ribeiro.)

Quando porem se falla com emphase, ou faz constraste de pessôas e objectos, ou resulta confusão do emprego da ellipse por ser a forma do verbo semelhante, ou por outro motivo, cumpre exprimir o sujeito, como se observa nos seguintes—

Exemplos:

«*Eu só* com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem sobjugada.»

(Camões.)

«E *tu* Virgem do Pindo, *tu* da Grecia
Filha engenhosa, desce do Heliconio.»
(F. M. do Nascimento.)

«Esses Turcos e Janizaros, que deste logar estamos vendo, vem a restaurar com nosco a honra que no primeiro cerco perdêrão; porém nem *elles* valem mais que os que então forão vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores.»
(Jacinto Freire.)

«Ficou Lamentor com suas tristezas: Arima partio com as suas, as quaes ligeiramente com o caminho esqueceo, senão era naturalmente triste de uma tristeza lá em si branda, que escassamente se podia desenxergar de honestidade. Cá ambas *ella* tinha, e entre ambas sua formosura, que parecia melhor.
(Bernardim Ribeiro.)

«Andavão em competencia com frei Bartholomeu as honras e as dignidades, *elle* a aborrecel-as, *ellas* a entrar-lhe por casa. Quem persuadiria esta philosophia aos ambiciosos? Que é poderoso meio para as alcançar, o fugir dellas: levârão *elles* melhor vida, e tiveramos no mundo mais quietação.»
(Frei Luiz de Sousa.)

«Depois que aprouve á Nosso Senhor, que *eu* recebesse o sceptro desta real herança de Portugal, mediante a sua graça, assi por haver a benção de meus avôs, de quem a *eu* herdei, os quaes com gloriosos feitos, e victorias, que houverão de seus imigos, a tem accrescentado por ajuda de tão leaes vassallos, e cavalleiros, como forão *aquelles*, donde *vós* vindes, como por causa de agalardoar a natural lealdade, e amor, com que todos me servis: a mais principal cousa, que trago na memoria, depois do cuidado de vos reger, e governar em paz, e justiça, é como podereis accrescentar o patrimonio deste meu reino, para que mais liberalmente possa distribuir per cada um o o galardão de seus serviços.»
(João de Barros.)

Nota. Em todas estas passagens é necessaria a expressão do pronome, seja porque se falla com emphase, como nas de Camões e Francisco Manoel; seja por-

que se faz opposição e contraste de pessôas, como nas de Jacinto Freire e Frei Luiz de Sousa; seja porque se faz opposição e contraste de pessôas, ou para evitar o equivoco, que sem elle occasionaria a forma do verbo, *tinha,* como na de Bernardim Ribeiro; seja porque se falla com emphase, ou para evitar o equivoco, que sem elle occasionaria a forma do verbo, *recebesse,* como na de João de Barros.

—Tendo nós na segunda secção da terceira parte dado conta da *ellipse* mais notavel, particular á lingua portugueza, quando, explanando algumas difficuldades grammaticaes, nos occupámos com o verbo unipessoal, *haver*, com o sujeito occulto, *numero, generó, quantidade*, *espaço*, &c., só trataremos agora de confirmar a doutrina alli exposta, adduzindo algumas passagens de autores classicos com o referido sujeito expresso.

Exemplos:

«Morrêrão dos nossos vinte e cinco soldados, e houve grande *numero de feridos*: mas dos mouros ficárão mortos mil e quinhentos e outros tantos captivos, e a mór parte dos paráos tomados.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Como aquelles gentios não tecem, nem teem pannos, é grande entre elles o uso das pennas, pela formosura das côres com que a natureza vestio os passaros, e particularmente os chamados *guarás*, *de* que ha infinita *quantidade*, grandes e todos vermelhos, sem mistura de outra côr.»

(O Padre Antonio Vieira.)

NOTA.

«Houve grande *numero de* feridos,» equivale a esta proposição elliptica: «Houve muitos feridos.»

«*De* que ha infinita *quantidade*,» equivale a est'outra proposição elliptica: *De* que ha infinitos.»

Bastão estes exemplos para confirmar a doutrina expendida.

Observações Finaes sobre a Ellipse do Sujeito.

Tão usual e frequente é a ellipse do sujeito *pronome*, que se pode dizer que ella constitue a regra para quem tem de exprimir-se em Portuguez, e a expressão desse sujeito, a excepção, pois só se verifica em certos e determinados casos. Nisto assemêlha-se o Portuguez ao Latim em que a sobredita ellipse é ainda mais frequente, e leva grande vantagem ao Francez em que o sujeito *pronome* é constantemente expresso, com um unico e bem limitado caso de excepção. Em Portuguez como em Latim com um verbo se forma proposição: «Amo, aborreço,» *amo, odi*, quando em Francez é preciso dizer: «J'aime, je hais.»

Ainda que não houvesse outro fundamento para demonstrar a origem latina de nossa lingua, *na qual* (diz Camões) *quando imagina, Com pouca corrupção crê que é a latina*, bastava a constante suppressão do sujeito *pronome* para attestal-a ainda ao mais incredulo. Esta ellipse, sem em nada prejudicar a clareza, dá ao Portuguez certo resaibo de laconismo, e o torna uma lingua desempeçada, e mui propria para a poesia, ao passo que o Francez arrastra-se com o seu inalteravel cortejo de pronomes, o qual não é poucas vezes occasião de equivoco, e o converte n'uma lingua summamente prosaica.

Ha outras muitas ellipses do sujeito, das quaes, por serem communs ao Portuguez com outras linguas, só faremos abreviada menção.

«Era dia, era noite, era meio dia, era meia noite, erão sete horas &c.» Nestes casos o sujeito occulto é, o *tempo*, ou, *o curso do tempo, a hora, as horas*, segundo se falla em relação á divisão do tempo chamada *dia*, ou *noite*, e á sua subdivisão em horas.

«Está claro, está escuro.» Nestes casos o sujeito occulto é, *o tempo, o dia, o céo, o logar*, segundo se falla em relação á cada um destes objectos.

«Está sereno, está chuvoso, está tempestuoso &c.» Nestes casos o sujeito occulto é, *o tempo*, *o dia*, *o céo*, segundo se falla em relação á cada um destes objectos.

«Faz bom tempo, faz mão tempo.» Nestes casos o sujeito occulto é, *o céo*, pois se falla em relação ao estado da atmosphera.

Ainda ha outra ellipse do sujeito, que cumpre distinguir, e é quando o sujeito subentendido é sempre o mesmo em todo o periodo, ou em mais de uma proposição, como por exemplo: «Pedro foi para Portugal, de lá se passou (elle) á Hespanha, e da Hespanha se encaminhou (elle) para França.»

Neste e outros casos, em que se subentende mais de uma vez o mesmo sujeito, a ellipse é constante, pois, ainda que a forma do verbo seja parecida, não se dá perigo de equivoco.

Ellipse do Attributo.

A ellipse do attributo, posto que seja muito menos frequente que a do sujeito, tambem tem ás vezes logar; e nestes casos o attributo subentendido é ou um adjectivo accommodado para exprimir, e ainda simplesmente indicar a qualidade attribuida ao sujeito, ou um substantivo tomado abstractamente, embora seja o mesmo, que exprime a idéa do sujeito. Nos exemplos adduzidos, vão notados os lugares em que se subentende o attributo com este signal—, ou pondo-se em italico os complementos do attributo occulto.

Exemplos:

> «*Triste de mim* que—será,
> Ó coitado que farei,
> Que não sei onde me vá,
> Com quem me consolarei ?
> Ou quem me consolará ?
> Ao longo das ribeiras,
> Ao som das suas aguas,

Chorarei muitas canceiras,
Minhas magoas derradeiras
Minhas derradeiras magoas.»

(Bernardim Ribeiro.)

«Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicoláo,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A prôa inclina d'uma e d'outra náo:
Quando indo o coração, que espera e teme,
E que tanto fiou d'um fraco páo,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

E—foi, que, estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se vião,
N'um rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravão, e sahião.»

(Camões.)

.....«Juntamente se aparalhava pera dizer missa examinando sua consciencia pera se confessar primeiro, e uma cousa e outra fazia todos os dias, e em celebrar não faltava nenhum, salvo havendo justa causa, como adiante se dirá mais em particular, e a confissão era *com tamanho escrupulo* e *tamanha pureza*, como se cuidára que não havia de fazer outra, e que era aquella a ultima de sua vida.»

(Frei Luiz de Sousa.)

.....«E neste ponto era inexoravel, porque não havia dobrar-se por rogos, nem importunações, e muito menos, por valias ou cartas de recommendação....»

....

«Julgava o arcebispo que quem se valia de rogadores pera negocios dependentes de sufficiencia, julgava mal da sua: ou—era querer ensinar os subditos a trabalharem, e merecerem por si, estando desenganados, que não havião de ter com elle melhor valedor, que merecimento proprio.»

(Frei Luiz de Sousa.)

.....«E rompendo ambos os seus exercitos, houve entre elles uma mui crúa batalha, em que o califa de Da-

masco foi vencido; e temendo elle a furia de seu imigo Abedela, quiz se recolher na cidade de Damasco, de que tantos tempos fôra senhôr; mas os moradores della lhe fechárão as portas, sem o quererem receber, com que lhe conveio fugir pera a cidade do Cairo, onde achou peior gasalhado, dizendo todolos cidadãos, que Deus os tinha livrado de um tão máo homem, como elle sempre—fôra.»

Observações sobre a Ellipse do Attributo.

Sendo a ellipse do attributo muito maïs rara, que a do sujeito, e muito mais difficil de supprir a quem se propõe o estudo da lingua, releva por isso mesmo fazermos della uma analyse mais desenvolvida.

Triste de mim que será?» Nesta passagem subentende-se o attributo grammatical, *feito*, do qual, *triste de mim*, é complemento, equivalendo a proposição elliptica á estr'outra completa: «Que será *feito* de mim triste?»

«E—foi, que ....N'um rio,...... .Bateis á vela entravão, e sahião.» Nesta passagem, onde o verbo, *foi*, tem por sujeito as proposições subordinadas, *que bateis entravão, e sahião*, com suas dependencias, o attributo que se subentende, é o adjectivo pronominal, *o*, em sua forma neutra, representando o sentido contido na proposição anterior, *o coração.....foi d'uma novidade alvoroçado*, que se toma abstractamente, equivalendo assim a proposição elliptica á estr'outra completa: «E *o* foi, que estando já da costa perto, Onde as praias, e valles bem se vião, N'um rio, que alli sahe ao mar aberto, bateis á vela entravão, e sahião.»

Já em outro logar demonstrámos com exemplos,como o adjectivo pronominal, *o*, em sua forma neutra, representa membros de phrases,e phases inteiras, servindo em casos taes de attributo; o que confirma a doutrina expendida.

O attributo subentendido nesta proposição podia tambem ser, *isto*, com referencia mais circumscripta, por este modo: «E *isto*, ou *a novidade*, foi que &c.; mas então o supprimento da ellipse seria muito menos explicativo do sentido desta passagem do poeta.

«E a confissão era *com tamanho escrupulo e tamanha pureza*, como se cuidára que não havia de fazer outra.» Nesta passagem o attributo que se subentende, é, *confissão*, ou *confissão feita*, equivalendo a proposição elliptica á estr'outra completa: «E a confissão era *confissão feita* com tamanho escrupulo e pureza, como si cuidára que não havia de fazer outra.»

Neste e em casos analogos, ou quando vem expresso algum complemento do attributo precedido de proposição, tem muitas vezes cabimento subentender-se para attributo, tomado abstractamente, o mesmo substantivo que exprime a idea do sujeito, como o demonstrão os seguintes exemplos: «O trigo é sem *joio*, o chá é do *melhor*, o dia é de *festa*; isto é, o trigo é *trigo* sem joio, o chá é *chá* do melhor, o dia é *dia* de festa.»

Esta ellipse é commum ao Portuguez com outras linguas.

«Ou—era querer ensinar os subditos a trabalharem, e merecerem por si, estando desenganados, que não havião de ter com elle melhor valedor, que merecimento proprio.» Nesta passagem, onde o verbo, *era*, tem por sujeito as proposições infinitivas, *querer ensinar os subditos a trabalharem, e emerecerem por si*, com suas dependencias, o attributo que se subentende, é, o adjectivo demonstrativo, *isso*, em sua forma neutra, representando o sentido anterior tomado abstractamente, *e neste ponto era inexoravel, por que* &c.; equivalendo assim a proposição elliptica á estr'outra completa: «Ou *isso* era querer ensinar os subditos a trabalharem, e merecerem por si, estando desenganados, que não havião de ter com elle melhor valedor, que merecimento proprio.»

.....«Com que lhe conveio fugir pera o Cairo, onde achou peior gasalhado, dizendo todolos cidadãos, que Deus os tinha livrado de um tão máo homem, como elle sempre fôra.» Na ultima proposicão desta passagem o attributo, que se subentende, é o adjectivo pronominal, *o*, em sua forma neutra, representando o membro da preposição antecedente, *máo homem*, equivalendo assim a proposição elliptica á estr'outra completa: «Como elle sempre *o* fôra.»

Ellipse do verbo.

A ellipse do verbo tambem tem algumas vezes logar, si bem que não seja com tanta frequencia como na lingua latina. Nos exemplos adduzidos vai ella notada com este signal —.

Exemplos:

«Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto—carregado, a barba—esqualida:
Os olhos—encovados, e a postura—
Medonha e má, e a cor—terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos—os cabellos,
A bocca—negra, os dentes amarellos.»

(Camões.)

«Ergueo-se o Sol, fraudado de seus raios.
Parecia um broquel de rubro ferro,
Que medrava em calor de instante a instante.
Lá, pela hora da terça, o dromedario
Começa a dar signaes de des-socego:
Crava na areia as ventas; sopra rijo.
A espaços, o abestruz dá guinchos lugubres,
Serpentes, camelões vão açoadados
Abrigar-se nas tócas subterraneas.
Olhava para o Ceo, e enfiava o guia:
Requeiro-lhe a razão de seus receios....

Guia.

Vem lá o Sul no de tropel.—Cuidar no Conto.»

(F. M. do Nascimento.)

«Passou os primeiros annos, cultivado nas lettras e virtudes, que soffre aquella idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister—torcido, senão—encaminhado.

(Jacinto Freire.)

«No mesmo anno mandou el-rei despachar em Lisbôa quatro náos pera a India,—capitão-mor Diogo da Silvei-

ra, irmão de D. Maria da Cunha, primeira mulher de Nuno da Cunha.

(Frei Luiz de Sousa.)

«E—passados alguns annos, que estas ilhas (as Canarias) per causa do descobrimento da ilha da Madeira, e assi de Guiné, começárão a ter nome, e sabor na opinião da gente da Hespanha, desistio o infante dellas, porque se intromettéo nisso el rei de Castella, dizendo, que lhe pertencião; por quanto Mossior João Betancor, que primeiro conquistára as tres, no reino de Castella se armára, e alli recebêra todalas ajudas de gentes, mantimentos, e munições, pera as conquistar, e depois de sua partida, Maciot seu sobrinho sempre recebêra as mesmas ajudas de Castella, e a Gomeira, que elle tinha conquistado, com gente de Castella fôra, e aos reinos della dava obediencia, e reconhecia por senhores; e que se elle Maciot vendêra a fazenda, e terras, que tinha aproveitado, não podia vender o senhorio, e jurisdicção, que era da corôa de Castella.»

(João de Barros.)

Observações sobre a Ellipse do Verbo.

Os exemplos acima adduzidos são todos da ellipse do verbo não expresso, ficando para depois, por constituir uma especie particular, a ellipse do verbo expresso antes.

«O rosto—carregado, a barba—esqualida, Os olhos—encovados, e a postura—Medonha e má, e a côr—terrena e pallida, Cheios de terra e crespos—os cabellos, A bocca—negra, os dentes amarellos.» O verbo que se entende nestas proposições, é, ou o verbo substantivo accommodado ao numero dos sujeitos, ou o verbo, *tinha*, por esta forma: «O rosto *era* carregado, a barba *era* esqualida, os olhos *erão* encovados, &c., ou então: «O rosto *tinha* carregado, a barba *tinha* esqualida, os olhos *tinha* encovados &c.»

«Vem lá o Sul de tropel.—Cuidar no couto.» O verbo que se entende aqui, é, *cumpre*, ou *importa*, ou *releva*, ou *convem*, ou o verbo substantivo com attributo accommodado, por esta forma: «Vem lá o Sul de tropel. *Cum-*

pre, ou *importa*, ou *releva*, ou *convem*, ou *é preciso* cuidar no couto.»

Neste e em casos analogos é mui frequente em Portuguez a ellipse do verbo, como se pode ver nas seguintes proposições ellipticas:—Andar assim,—fugir da occasião,—passar bem, &c.; isto é: «*Convém* ou *importa*, ou *é bom* andar assim, fugir da occasião, passar bem &c.»

.....«Sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister—torcido, senão—encaminhado.» Nesta passagem ha ellipse do verbo e da preposição, pois é preciso entender o verbo, *ser*, e a preposição, *de*, por esta forma: «Sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister *de ser* torcido, senão *de ser* encaminhado.»

«No mesmo anno mandou el rei despachar em Lisbôa quatro náos pera a India,—capitão mor Diogo da Silveira.» Nesta passagem em que vem unicamente expressos o sujeito e o attributo da proposição participio, entende-se o verbo, *sendo*, por esta forma: «No mesmo anno mandou el rei despachar em Lisboa quatro náos pera a India, *sendo* capitão-mor Diogo da Silveira.»

«E—passados alguns annos, que estas ilhas per causa do descobrimento da Ilha da Madeira, e assi de Guiné, começárão a ter nome, e sabor na opinião da gente de Hespanha, desistio o infante dellas.» Nesta passagem em que tambem se achão unicamente expressos o sujeito e o attributo da proposição participio, o verbo que se entende, é, *sendo*, por esta forma: «E *sendo* passados alguns annos, que estas ilhas per causa do descobrimento da Ilha da Madeira, e assi de Guiné, começárão a ter nome e sabor na opinião da gente de Hespanha, desistio o infante dellas.»

Nestes casos a ellipse do verbo substantivo no participio presente é uma imitação dos latinos, que tambem o supprimião na sua proposição participio, por se haver antiquado o participio presente do verbo, *sum*, como já em outro lugar dissemos.

Ha em Portuguez outros muitos casos de ellipse do verbo, de que podem servir de exemplo as seguintes

proposições ellipticas: «—Á Deus,—bons dias,—saude,—para bem,—muitos para bens, eis aqui—o livro, eis alli—o papel, eis ahi—o lente &c,» equivalendo á est'outras proposições completas: «*Encommendo-te* á Deus, ou á Deus o *recommendo, desejo*-lhe bons dias, ou *dou*-lhe os bons dias, *desejo*-lhe saude, para bem *seja*, ou *dou*-lhe muitos para bens, eis aqui *está* ou *tem* V. Mc. o livro, eis alli *está* ou *tem* V. Mc. o papel, eis ahi *está* ou *temos* o lente.»

Quasi todas estas ellipses são communs ao Portuguez com outras linguas, por isso não nos demoraremos com ellas.

Ha muitas vezes notavel ellipse do verbo na preposição exclamativa, como se observa na seguinte passagem de Camões:

> «—No mar tanta tormenta,—e tanto damno,
> —Tantas vezes a morte a percebida!
> —Na terra tanta guerra, e tanto engano,
> —Tanta necessidade aborrecida.»

Nesta passagem do poeta o verbo subentendido é, *ha*, ou *temos*, equivalendo as proposições ellipticas á est'outras completas: «*Ha* no mar tanta tormenta, e *ha* tanto damno, *ha* tantas vezes a morte apercebida, *ha* na terra tanta guerra, *ha* tanto engano, *ha* tanta necessidade aborrecida!» ou então: «No mar *temos* tanta tormenta, e *temos* tanto damno, &c.»

A ellipse do verbo tem ordinariamente cabimento, quando, tomados de subita impressão de espanto, queremos pintar energicamente, e á largos traços, o objecto que nos impressionou, como se nota na bella passagem de Camões sobre a estupenda figura de Adamastor; ou quando, possuidos de terror, ou outro sentimento, que nos prende a voz, fallamos com laconica precipitação, como se nota na passagem de F. M. do Nascimento; ou quando o verbo subentendido é o verbo substantivo, que facilmente se suppre pelo sentido, como se nota na passagem de Jacintho Freire; ou quando este verbo,

cuja ellipse é mais frequente que a de outros, se subentende na proposição participio, como se nota nas passagens de Frei Luiz de Sousa, e de João de Barros; ou quando opprimidos por um tropel de impressões, que nos sobjugão, parece que nos faltão as palavras para exprimir-nos, como se nota nas proposições exclamativas da segunda passagem de Camões.

Ellipse do verbo chamada Zeugma.

Ha outra ellipse do verbo, que constitue uma especie particular, e chama-se Zeugma. É de todas as ellipses do verbo a mais frequente, e consiste em o verbo uma vez expresso atar e regular duas ou mais proposições, ou sentenças, ou ainda uma serie dellas, embora subentendido em diversos numeros.

«Ao longo de uma ribeira,
Que vai polo pé da serra,
Onde me a mim fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr;
Já era tarde do dia,
E a agoa della corria
Por antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes *ia quedo*
O rio, e ás vezes não.—»

(Bernardim Ribeiro.)

«A torre de S. Tiago *entregou* á Alonso de Bonifacio, escrivão da alfandega; o baluarte S. Thomé,—á Luiz de Sousa; o de S. João,—á Gil Coutinho; o que fica sobre a porta,—á Antonio Freire: o outro baluarte S. Tiago que descobria o rio,—á D. João de Almeida com seu irmão D. Pedro de Almeida; o de S Jorge,—á Antonio Peçanha; a couraça pequena,—á João de Venezeanos; a grande,—á Antonio Rodrigues.»

(Jacinto Freire.)

«Conhecido o medo, dêo o governador trás elles, tomando embarcações, matando e cativando homens, de sorte que no fim da briga, que durou desde pola manhã até

vespera, e foi dos mais formosos dias, que por este tempo tivemos na India, se achou que *ficárão* mettidos no fundo dezoito paráos—tomados vinte dous,—mortos quasi oitocentos Malabares,—e muitos outros cativos.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Então cahia na conta de quanta razão tivera nas forças e repugnancias, e extremos que fizera por escusar tamanha carga, quando o buscavão pera ella: e só isto o consolava alliviando a tristeza, que opprimia sua alma, com a memoria de que nunca dera consentimento n'ella: aqui *acudia* á Deus com rios de lagrimas, *pedindo*-lhe conselho, e luz;—conselho pera acertar com remedio conveniente a tamanho desamparo, e poder encaminhar tantos milhares de almas pola estrada da verdade e da vida:—luz celestial e poderosa, que desfizesse os cerrados nevoeiros da ignorancia, e barbaria, e os corações de todos com viva fé allumiasse e com inteiro conhecimento della.»

(Frei Luiz de Sousa.)

Observações sobre a Ellipse do verbo, chamada Zeugma.

Nesta especie particular de ellipse subentende-se tantas vezes o verbo, accommodado ao numero de cada um dos sujeitos, quantas são as proposições por elle reguladas, como é facil verificar nos exemplos adduzidos.

«E a agoa della corria, por antre um alto arvorêdo, Onde as vêzes *ia quêdo* O rio e as vêzes não—.» Nesta passagem em que ha ellipse do verbo e do adjectivo, subentende-se na ultima proposição o verbo, *ia*, com o adjectivo *quêdo*, por esta forma: «E a agoa della corria, Por antre um alto arvorêdo, Onde as vêzes *ia quêdo* O rio, e as vêzes não *ia quêdo*.»

N. B. *Quêdo*, adjectivo, pode tambem por enallage estar aqui pelo adverbio, *quêdamente*.

«A torre de S. Tiago *entregou* á Alonso de Bonifacio, escrivão da alfandega; o baluarte S. Thomé—á Luiz de Sousa; o de S. João—á Gil Coutinho; o que ficava sobre a

porta—á Antonio Freire &c.» Nesta passagem subentende-se tantas vezes o verbo *entregou*, quantas são as proposições ellipticas, por esta forma: «A torre de S Tiago *entregou* á Alonso de Bonifacio, escrivão da alfandega; o baluarte S. Thomé *entregou* á Luiz de Sousa; o de S. João *entregou* á Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta, *entregou* á Antonio Freire, &c.»

....«Se achou que *ficárão* mettidos no fundo dezoito paráos,—tomados vinte dous,—mortos quasi oitocentos Malabares, e—muitos outros cativos.» Nesta passagem subentende-se tantas vezes o verbo, *ficárão*, quantas são as proposições ellipticas, por esta forma: «Se achou que *ficárão* mettidos no fundo dezoito paráos, *ficárão* tomados vinte dous, *ficárão* mortos quasi oitocentos Malabares, e *ficárão* muitos outros cativos.»

«Aqui *acudia* á Deus com rios de lagrimas, *pedindo*-lhe conselho, e luz:—conselho pera acertar com remedio conveniente á tamanho desamparo, e poder encaminhar tantos milhares de almas pola estrada da verdade e da vida:—luz celestial e poderosa, que desfizesse os cerrados nevoeiros da ignorancia, e barbaria, e os corações de todos com viva fé allumiasse e com inteiro conhecimento della.» Nesta passagem em que ha ellipse do verbo e do gerundio, subentende-se tantas vêzes o verbo, *acudia*, e o gerundio, *pedindo*, quantas são as proposições ellipticas, por esta forma: «Aqui *acudia* á Deus com rios de lagrimas, *pedindo*-lhe conselho, e luz: *acudia*, *pedindo* conselho para acertar com remedio, &c.: *acudia*, *pedindo* luz celestial e poderosa, que desfizesse os cerrados nevoeiros da ignorancia, &c,»

Ha casos em que varia o numero do sujeito, e com elle o do verbo subentendido, como se observa nesta passagem: «*Voárão* duas aguias; *esta*—do Oriente, *aquella*—do Occidente,» isto é: «*Voárão* duas aguias; *esta voou* do Oriente, *aquella voou* do Occidente.»

Ellipse da Conjuncção.

É frequente nos bons autores a ellipse da conjuncção uma vez expressa, e ainda a da conjuncção, *que*, e

compostas della não expressas antes, como se pode vêr nos exemplos que adduzimos, tanto d'um, como d'outro caso.

Exemplos:

REI.

«I-vos (por *ide-vos*) apparelhar, que em vós me salvo,
Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,
Que cuidão, que propoem, que determinão,
Allumia minh'alma—não se cegue
No perigo em que está: não sei que siga.
Entre medo e conselho fico agora:
Matar injustamente é grã crueza
Soccorrer o mal publico é piedade.
D'uma parte receio, mas d'outra ouso.

(Ferreira.)

Ás do corpo assemelhão, febres d'alma,
Quem dellas se quer livre, de ares mude,
Da Armórica resolvo despedir-me,
E dar ao Mundo o Á Deus. Mando a Constancio
As, do meu cargo insignias; e requeiro
—Me consinta deixar o mundo, e as armas.

(F. M. do Nascimento.)

«Oh quantos vão voando sem a sua
Mina d'ouro deixada ao ingrato herdeiro:
Como podes dizer uma cousa tua?
Eu vejo *que* as mais vezes o primeiro,
Que quiz ser diligente, fica a quem,
E—passa então por elle o derradeiro»

(Ferreira.)

«E foi assentado per o capitão Lançarote, *que*, por quanto podião ser vistos destes Mouros, indo todos os navios á vista da ilha, Martim Vicente e Gil Vasques, que alli estavão, por serem homens, que já forão junto della, devião ir em os bateis, somente com gente que os remasse, a espiar os Mouros; e—depois que lá fossem, enviassem um delles com recado, e—os outros se mettessem entre a ilha e a terra firme, porque, querendo os Mouros passar á ella,

achassem o caminho tomado, té elles chegarem com os navios, e darem juntamente nelles.»

(João de Barros.)

«Houve varios parecêres: Dizião uns *que, pois* sua vinda fôra pera assegurar aquella fortaleza do cerco, que temia,por terra, el-rei de Cambaia,—e isso alcançava estando no porto, devia escusar ir buscar os inimigos do mar, que erão muitos, e—podia receber delles tanto damno, inda que os vencesse, que ficasse inhabil pera resistir ao cerco, que na fortaleza esperava.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Alem destes bens espirituaes e temporaes, se conseguem muitos outros, por meio da mesma Missão, em todas as terras por onde passa; porque se baptisão muitos innocentes e adultos, que estão no extremo perigo de vida, que logo sobem ao Ceo; e—se descobrem novas terras, novos rios, e novas gentes, como agora se descobrirão algumas nações, onde nunca tinhão chegado os Portuguezes, nem ainda agora chegárão mais que os padres.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«Sobresaltado o Hidalcão com a presença de Meale em Gôa, tentou com o remedio das armas purgar estes receios; e porque as guerras de Dio tinhão um pouco desangrado o Estado, crendo—acharia no governador confiança ou descuido nascido das victorias, sabendo—a cidade de Gôa o tinha ausente, accommettêo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz estavão sem defensa.»

(Jacinto Freire.)

Observações sobre a Ellipse da Conjuncção.

Com ser tão frequente o uso desta ellipse, entendemos que não deviamos passal-o em silencio, porque o perfeito conhecimento delle importa muito á boa intelgencia dos prosadores e poetas, como se infere da analyse das passagens citadas, pois casos ha em que a falta de pratica pode induzir o principiante em erro.

«Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas, Que cuidão, que propoem, que determinão, Allumia minh'alma, —não se cegue No perigo em que está.» Aqui entende-

se no logar assignalado a conjuncção, *para que*, ou *afim que*, que liga a proposição subordinada circumstancial, não *se cegue no perigo*, á proposição principal, *senhor,...... allumia a minh'alma*, equivalendo toda a passagem á est'outra cómpleta: «Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas, que cuidão, que propoem, que determinão, allumia a minh'alma, *para que* não se cegue no perigo, em que está.»

«Da Armórica resolvo despedir-me, E dar ao Mundo o Á Deus. Mando a Constancio As, do meu cargo insignias; e requeiro—me consinta deixar o Mundo, e as armas.» Aqui entende-se no logar assignalado a conjuncção, *que*, que liga a proposição subordinada completiva, *me consinta deixar o Mundo e as armas*, á proposição antecedente, *requeiro*, equivalendo toda a passagem á est'outra completa: «Da Armorica resolvo despedir-me, e dar ao Mundo o Ádeus. Mando a Constancio as, do meu cargo insignias, e requeiro *que* me consinta deixar o Mundo e as armas.»

«Eu vejo *que* as mais vezes o primeiro, Que quiz ser diligente, fica a quem,E—passa então por elle o derradeiro.» Aqui entende-se no logar assignalado a conjuncção, *que*, que liga a segunda proposição subordinada completiva, *e passa então por elle o derradeiro*, á proposição principal, *eu vejo*, equivalendo toda a passagem a est'outra completa: «Eu vejo *que* as mais vezes o primeiro, que quiz ser diligente, fica a quem, e *que* passa então por elle o derradeiro.»

....«E—depois que lá fossem, enviassem um delles com recado, e—os outros se mettessem entre a ilha e a terra firme, porque &c.» Aqui entende-se nos logares assignalados, a conjuncção, *que*, que liga as proposições subordinadas completivas, *e enviassem um delles com recado, e os outros se mettessem entre a ilha e a terra firme*, á proposição principal, *e foi assentado per o capitão Lançarote*, equivalendo toda a passagem a est'outra completa: «E foi assentado per o capitão Lançarote *que......*; e *que*, depois que lá fossem, enviassem um delles com recado, e *que* os outros se mettessem entre a ilha e a terra firme, porque &c.»

«Dizião uns *que, pois*, sua vinda fôra pera assegurar

aquella fortaleza do cerco que temia, por terra, del rei de Cambaia, e—isso alcançava estando no porto, devia escusar ir buscar os inimigos do mar, que erão muitos, e—podia receber delles tanto damno, inda que os vencesse, que ficasse inhabil pera resistir ao cerco &c. Aqui entende-se no primeiro logar assignalado a conjuncção, *pois*, que liga a proposição subordinada circumstancial, e *isso alcançava estando no porto*, á proposição subordinada completiva, cujo verbo é, *devia;* e no segundo, a conjuncção, *que*, que liga a proposição subordinada completiva, *podia receber delles tanto damno*, á proposição principal. *dizião uns*, equivalendo toda a passagem a est'outra completa: «Dizião uns *que, pois* sua vinda fôra pera assegurar aquella fortaleza do cerco que temia, por terra, del rei de Cambaia, e *pois* isso alcançava estando no porto, devia escusar ir buscar os inimigos do mar, que erão muitos, e *que* podia receber delles tanto damno, inda que os vencesse, que ficasse inhabil pera resistir ao cerco &c.»

.....«E—se descobrem novas terras, novos rios, e novas gentes, como agora se descobrirão algumas nações, onde nunca tinhão chegado os Portuguezes, nem ainda agora chegárão mais que os padres.» Aqui entende-se no logar assignalado a conjuncção, *porque*, que liga a proposição subordinada circumstancial; *e se descobrem novas terras, novos rios, e novas gentes*, á proposição principal *alem destes bens espirituaes e temporaes, se conseguem muitos outros* &c., equivalendo toda a passagem á est'outra completa: «Alem destes bens espirituaes e corporaes, se conseguem muitos outros &c... *porque* se baptisão muitos innocentes &c.... e *porque* se descobrem novas terras, novos rios, e novas gentes, como agora se descobrirão algumas nações, onde nunca tinhão chegado os Portuguezes, nem ainda agora chegárão mais que os padres.»

... «E, porque as guerras de Dio tinhão um pouco desangrado o Estado, crendo—acharia no governador confiança ou descuido nascido das victorias, sabendo—a cidade de Gôa o tinha ausente, accommettêo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz estavão sem defensa.» Aqui entende-se nos logares assignalados, a conjuncção, *que*, que liga as proposições sobordinadas com-

pletivas, *acharia no governador confiança ou descuido nascido das victorias, a cidade de Gôa o tinha ausente*, á proposição absoluta seguinte, cujo verbo é, *accommettêo*, equivalendo toda a passagem a est'outra completa: «E, porque as guerras de Dio tinhão um pouco desangrado o Estado, crendo *que* acharia no governador confiança ou descuido nascido das victorias, sabendo *que* a cidade de Gôa o tinha ausente, accommettêo as terras de Bardez e Salsete, que asseguradas na paz estavão sem defensa.»

Podiamos multiplicar exemplos de muitas outras conjuncções subentendidas, porque encontrão-se á cada passo nos autores classicos, mas basta a analyse dos que ficão apontados, para demonstrar a importancia desta especie de ellipse, cujo perfeito conhecimento é indispensavel para bem apreciar a natureza das proposições, e sua relação de dependencia, nem sempre estabelecida por ligações expressas e ostensivas.

Não deixaremos comtudo de mencionar uma ellipse notavel da conjuncção, mais complicada que as outras, por vir ao mesmo tempo acompanhada da ellipse do verbo; e é a que se nota na seguinte passagem de frei Luiz de Sousa:

«Desta aceitação se fez assento assignado por todos, de que levou frei Henrique o traslado, o qual anda no cartorio do convento, e parece—feito em doze de Novembro de mil equinhentos e sessenta.»

No logar assignalado do exemplo acima proposto ha ellipse da conjuncção, *que*, e do verbo, *foi*, equivalendo toda passagem a est'outra completa: «Desta aceitação se fez assento assignado por todos, de que levou frei Henrique o traslado, o qual anda no cartorio do convento, e parece *que foi* feito em doze de Novembro de mil e quinhentos e sessenta.»

A justificação desta ellipse, que parece á primeira vista dura, está nest'outra passagem analoga do mesmo autor, em que deixou de ser empregada a sobredita figura: «Pola via de Çafim e polas caravellas, que a carta de D. Goterre aponta *que se* lhe *fugirão* do porto, se

publicou logo em Lisbôa a tomada da villa, e pouco depois o cativeiro de D. Goterre e Manoel da Camara.» Aqui podia tambem ter elle dito com a ellipse, como no exemplo acima: «Pola via de Çafim e polas caravellas, que a carta de D. Goterre aponta *fugidas* do Porto, se publicou &c.»

Cumpre porem neste caso distinguir bem uma cousa, e vem a ser, que as proposições subordinadas de ambas as passagens, ligadas pela conjuncção, *que*, quer subentendida, quer expressa, embora tenha cada uma dellas por sujeito o adjectivo conjunctivo, são proposições completivas em relação aos verbos, *parece* e *aponta*, dos quaes a primeira é sujeito, e a segunda, complemento objectivo.

ELLIPSE DA PREPOSIÇÃO.

É tambem mui frequente a ellipse da preposição uma vez expressa, e em certos casos, a da preposição não expressa antes, com especialidade quando se trata das circumstancias de tempo, espaço, medida, e de quasi todas designadas pelo gerundio, como se nota nos exemplos adduzidos para demonstral-o.

Exemplos:

«—Dias e—noites velava,
—Nenhum espaço—dormia,
Catherina bem o olhava,
Cuidou per si o que valia;
Não valia o que cuidava:
Confiou no merecer,
Cuidou que a tinha de seu.
Veio ahi outro pastor ter:
Com o que prometteu, ou deu,
Se leixou (por *deixou)* delle vencer.

Levada para outra terra,
Vendo-se Persio sem ella,
Vencido da nova guerra,

Mandou a alma tras ella,
E o corpo ficou na serra,
Veio Fauno, outro pastor,
Que pera al vinha—buscal-o,
Seu criado, e servidor,
Começou a consolal-o,
O conselho era peor.»

(Bernardim Ribeiro.)

«E não se maravilhe ninguem da facilidade com que passava dos negocios á contemplação, porque desd'a primeira idade tinha feito habito neste santo exercicio de maneira, que sendo moço, e de fraca compreição, *nelle* achava, e—ganhava forças *pera* não somente poder aturar os rigores da Ordem,mas—accrescentar a elles novas e particulares penitencias. E este antigo costume lhe trazia a viola do espirito tão temperada sempre, que *em* qualquer conjuncção—que largava o negocio, logo a achava prestes *pera* sem detença entoar as musicas da celestial Jerusalem, e ficar absorto nos prazeres do divino ocio.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Mas foi um sentimento cheio *de* brio e—firme proposito de vingança, sem embargo—que estava certo—não se poder sustentar a praça, por muito soccorrida que fôra.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Quando elle já tornou, estava a Côrte aposentada naquell'outra cidade; mas chegou—um dia, e—o outro—foi ao Paço.»

(Bernardim Ribeiro.)

«E depois dêo logar—que se sabissem os que quizessem; e os capitães das náos, ou navios que os levavão, davão seguras fianças *de* os não levarem á terra de Mouros, salvo á Levante, e—os pôrem em terra de Christãos, e—trazerem disso authenticas certidões.»

(Garcia de Rezende.)

OBSERVAÇÕES SOBRE A ELLIPSE DA PREPOSIÇÃO.

Sendo mui vulgar a ellipse da preposição, presta-selhe de ordinario pouca attenção, mas nem por isso deixa

o seu perfeito conhecimento de importar á bôa intelligencia dos prosadores e poetas.

«Dias e—noites velava.» Aqui entende-se nos logares assignalados a preposição, *durante*, ou outra accommodada, por esta forma: «*Durante* dias e *durante* noites velava.»

«—Nenhum espaço—dormia.» Aqui entende-se nos logares assignalados a preposição, *em*, e o substantivo, *tempo*, por esta fórma: «*Em* nenhum espaço de *tempo* dormia.»

«Que pera al vinha—buscal-o.» Aqui entende-se no logar assignalado a preposição, *á*, por esta forma: Que para al vinha *á* buscal-o.»

....«*Nelle* achava, e—ganhava forças *pera* não somente poder aturar os rigores da Ordem; mas--accrescentar a elles novas e particulares penitencias.» Aqui entende-se nos logares assignalados a prepósição, *em*, com o pronome, *elle*, e a preposição, *pera*, por esta forma: «*N'elle*, achava, e *n'elle* ganhava forças *pera* não somente poder aturar os rigores da Ordem, mas *pera* accrescentar a elles novas e particulares penitencias.

....«Que *em* qualquer conjuncção—que largava o negocio, logo a achava prestes *pera* sem detença entoar as musicas da celestial Jerusalem, e—ficar absorto nos prazeres do divino ocio.» Aqui entende-se nos logares assignalados as preposições, *em*, e, *pera*, por esta forma: «Que *em* qualquer conjuncção *em* que largava o negocio, logo a achava prestes *pera* sem detença entoar as musicas da celestial Jerusalem, e *pera* ficar absorto nos prazeres do divino ocio.»

«Mas foi um sentimento *cheio de* brio e—firme proposito de vingança.» Aqui entende-se no logar assignalado a preposição, *de*, precedida do adjectivo, *cheio*, por esta forma: «Mas foi um sentimento *cheio de* brio, e *cheio de* firme proposito de vingança.»

....«Sem embargo—que estava certo—não se poder sustentar a praça.» Aqui entende-se nos logares assignalados a preposição, *de*, por esta forma: Sem embargo *de* que estava certo *de* não se poder sustentar a praça.

....«Mas chegou--um dia, e—o outro—foi ao Paço.»

Aqui entende-se no primeiro logar assignalado a preposição, *em*, e no segundo, a preposição, *em*, com o substantivo, *dia*, por esta forma: «Mas chegou *n'um* dia, e *no* outro *dia* foi ao Paço.»

«E depois dêo logar—que se sahissem os que quizessem.» Aqui entende-se no logar assignalado a preposição, *á*, por esta forma: «E depois dêo logar *á* que se sahissem os que quizessem »

....«Davão seguras fianças *de* os não levarem á terra de Mouros, salvo á Levante, e—os pôrem em terra de Christãos,—e trazerem disto authenticas certidões.» Aqui entende-se nos logares assignalados a preposição *de*, por esta forma: «Davão seguras fianças *de* os não levarem á terra de Mouros, salvo á Levante, e *de* os pôrem em terra de Christãos, e *de* trazerem disso authenticas certidões.»

Cumpre notar que a ellipse da preposição antes da conjuncção, *que*, é mui vulgar nos autores classicos, que põem muitas vezes, *que*, por *á que*, *de que*, *para que*, *por que*, ou a conjuncção simples pela composta, e sendo ella tão frequente, importa muito o seu perfeito conhecimento á bôa intelligencia dos mesmos.

Ficando já especificada na primeira secção da terceira parte a ellipse da preposição nas diversas circumstancias expressas pelo gerundio, basta para justificação desta especie de ellipse, uma das mais notaveis da lingua portugueza, adduzirmos aqui alguns exemplos mais do gerundio com preposição expressa.

Exemplos:

«Soube dizer um gentio, que nunca se achava menos só, que quando estava só. Quanto com mais razão poderia dizer isto quem na hora que assi estava, era sua conversação sobre as estrellas com tanta abundancia de orvalhos da divina graça, que acontecia *em* se recolhendo, e pondo os olhos em um Crucifixo, ser tanto o impeto do espirito, que sem se poder reprimir, por mais força que fazia, arrebentava em suspiros, em gemidos, e exclamações, que se ouvião longe, acompanhando-as com rios de lagrimas.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Elle lhe (a Rumecão) respondêo, com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavão o capitão que os levasse ao campo; que se esperava brevemente a vinda de D. Alvaro com oitenta baixeis, o qual *em* desembarcando sahiria á campanha, porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos; que o governador aprestava maior poder, porque queria acabar de uma vez com as cousas de Cambaia. Rumecão que sabia a verdade de nossas forças, invejou um coração tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimaçao, como soldado, de quem entre prisões o despresava.»

(Jacinto Freire.)

Exemplo da proposição participio ligada por preposição:

«Passava o arcebispo o dia todo, dando expediente aos negocios, que se offerecião, sem largar mão em quanto havia luz. Mas, *em* se cerrando a noite, que se despedia delles, e ficava só em sua camara, pagava-se do peso do dia e do trabalho com um passatempo mal conhecido no mundo, e ao menos buscado de poucos (e ainda mal, que si muitos o buscárão, fôra melhor ao mundo): entregava-se á uma profunda contemplação das cousas divinas: este era o seu refugio, e o seu descanço; aqui achava todos os gostos, e de maneira se restaurava, que esta hora lhe matava a fome, e temperava a sede, e lhe tornava suave todo o cançaço do dia.»

(Frei Luiz de Sousa.)

Nesta ultima passagem de frei Luiz de Sousa, *Em se cerrando a noite*, é uma preposição participio, com sujeito proprio, ligada á principal, *pagava-se do peso do dia* &, pela preposição, *em*, alem, do liame do participio. Destes casos ha muitos exemplos nos classicos portuguezes.

Ellipse do Adverbio.

A ellipse do adverbio occorre menos vezes que a da conjuncção, e a da preposição, mas não deixa tambem de ter logar, como se nota nas seguintes passagens.

«Não tardou muito que vio grande lume de tochas accesas atravessar pelo valle contra a parte donde elle vinha. Quanto mais a elle se chegavão,—ouvia prantos de pessôas, que com palavras cheias de muita lastima representavão sua dor e sentimento.»

(Francisco de Moraes.)

«Velejou—quanto poude, entendendo o que podia ser, e chegou a tão bôa hora, que não só salvou ao Macedo da affronta em que estava, mas fez fugir as fustas com morte do capitão, que era um filho de Xeque Gil, que tambem morréo ás mãos de Portuguezes em Chaul, sendo capitão das fustas de Baçaim.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«E por isso muito torno a pedir a V. Reverencia, que se esforce *muito*, e cresça—seu zelo em apagar o fogo da luxuria por esse arcebispado, e de nenhuma cousa tenha tanto escrupulo, como de ser remisso nisso, e por nenhuma outra cousa tema *tanto* o juizo de Deus,—e prese-se muito de ganhar inimigos por esta via, e excitar linguas contra si.»

(D. Frei Bartholomeu dos Martyres.)

Observações sobre a Ellipse do Adverbio.

«Quanto mais a elle se chegavão,—ouvia prantos de pessôas, que com palavras cheias de muita lastima representavão sua dor e sentimento.» Aqui entende-se no logar assignalado a locução adverbial, *tanto mais*, ficando a passagem depois de completa por esta forma: «Quanto mais a elle se chegavão, *tanto mais* ouvia prantos de pessôas, que com palavras cheias de lastima, representavão sua dor e sentimento.»

«Velejou—quanto poude, entendendo o que podia ser &c.» Aqui entende-se no logar assignalado o adverbio, *tanto*, ficando a passagem depois de completa por esta forma: «Velejou *tanto* quanto poude, entendendo o que podia ser &c.»

«E por isso muito torno a pedir a V. Reverencia, que se esforce *muito*, e cresça—seu zelo em apagar o fogo da luxuria por esse arcebispado &c.» Aqui entende-se no logar assignalado o adverbio, *muito*, expresso antes, fican-

do a passagem depois de completa por esta fórma: «E por isso muito torno a pedir a V. Reverencia, que se esforce *muito*, e cresça *muito* seu zelo em apagar o fogo da luxuria por esse arcebispado &c.»

.....«E de nenhuma outra cousa tenha tanto escrupulo, como de ser remisso, e por nenhuma outra cousa tema *tanto* o juizo de Deus—, e prese-se muito &c.» Aqui entende-se no logar assignalado o adverbio *como*, e o complemento, *por esta* (cousa), ou, *por isto*, ficando a passagem depois de completa por esta fórma:... «E de nenhuma outra cousa tenha tanto escrupulo, como de ser remisso nisso, e por nenhuma outra cousa tema *tanto* o juizo de Deus, *como por esta* ou *por isto*, e prese-se muito &c.»

Alem da ellipse dos adverbios comparativos, a qual recahe ora sobre o primeiro, ora sobre o segundo termo da comparação, como se nota nas passagens analysadas, é tambem frequente a ellipse do adverbio expresso antes, quando este modifica mais de um adjectivo, como por exemplo: «Homem *mais* integro e—severo, que clemente; isto é, homem *mais* integro e *mais* severo, que clemente;» «*Muito* alto e poderoso senhor; isto é, *muito* alto e *muito* poderoso senhor.

Quando se reunem dois ou mais adverbios compostos de um adjectivo e do substantivo, *mente*, é de rigor na lingua portugueza a ellipse desse substantivo na primeira ou primeiras locuções adverbiaes, como se vê neste exemplo: «Exprimio-se sabia—e eloquente*mente*; isto é, exprimio-se sabia*mente* e eloquente*mente*.»

Ellipse do Adjectivo Conjunctivo.

Este especie de ellipse só tem cabimento, quando o adjectivo conjunctivo se acha expresso antes, como se nota nos exemplos aqui adduzidos.

«Mandão seus mensageiros, *que* passárão
Hespanha, França, Italia celebrada;
E—lá no illustre porto se embarcárão,

Onde já foi Parthenope enterrada,
Napoles, onde os fados se mostrárão,
Fazendo-a á varias gentes sobjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos,
C'o o senhorio de inclytos Hispanos.»

(Camões.)

«E pois essa fazenda, *que* feitoriza, e—mordomêa, é toda de Deus, que nem eu nem elle (por *Vossa Mercê* ou *Vossa Reverencia*) a herdamos, nem ganhamos, convem na dispersão della ter o olho posto somente em Deus, e grite quem gritar, e murmure quem murmurar; porque á fim, á fim, ainda neste mundo *in fine canitur laus.*»

(D. Frei Bartholomeu dos Martyres.)

«Ha nesta cidade dous conventos da Ordem; foi-se o arcebispo com seu companheiro ao *que* lhe ficou mais á mão, e—foi o ultimo de toda a jornada até Trento, em que se aproveitou desta sua recreação; do que lhe déo queixas o prior que então era, como logo veremos.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Lava-lhe (á Trento) os muros o rio Adige, chamado *Athesis* dos Latinos, *que* corre crescido de aguas e navegavel, e—vai entrar no mar Adriatico.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Eu tenho em muito a linguagem portugueza, *cuja* gravidade,—graça laconica, e—autorisada pronunciação, nada deve á latina, que vol-a exalça mais que seu imperio»...

(Jorge Ferreira de Vasconcellos.)

Observações sobre a Ellipse do Adjectivo Conjunctivo.

«Manda seus mensageiros, *que* passárão Hespanha, França, Italia celebrada, E—lá no illustre porto se embarcárão, Onde já foi Parthenope enterrada.» Aqui subentende-se no logar assignalado o adjectivo conjunctivo, *que*, ficando toda a passagem sem a ellipse por esta forma: «Manda seus mensageiros, *que* passárão Hespanha, França, Italia celebrada, e *que* lá no illustre porto se embarcárão, onde já foi Parthenope enterrada.»

«E pois essa fazenda, *que* feitoriza, e—mordoméa, é toda de Deus.» Aqui subentende-se no logar assignalado o adjectivo conjunctivo, *que*, ficando toda a passagem sem a ellipse por esta forma: «E pois essa fazenda, *que* feitoriza, e *que* mordoméa, é toda de Deus.»

«Ha nesta cidade dous conventos da Ordem; foi-se o arcebispo com seu companheiro ao *que* lhe ficou mais á mão, e—foi o ultimo de toda jornada até Trento &c.» Aqui subentende-se no logar assignalado o adjectivo conjunctivo, *que*, ficando toda a passagem sem a ellipse por esta forma: «Ha nesta cidade dous conventos da Ordem; foi-se o arcebispo com seu companheiro ao *que* lhe ficou mais á mão, e *que* foi o ultimo de toda a jornada até Trento &c.»

«Lava-lhe os muros o rio Adige, chamado *Athesis* dos Latinos, *que* corre contra a Italia crescido já de aguas e navegavel, e—vai entrar no mar Adriatico.» Aqui subentende-se no logar assignalado o adjectivo conjunctivo, *que*, ficando toda passagem sem a ellipse por esta forma: «Lava-lhe os muros o rio Adige, chamado *Athesis* dos Latinos, *que* corre contra Italia crescido ja de aguas e navegavel, e *que* vai entrar no mar Adriatico.»

«Eu tenho em muito a linguagem portugueza, *cuja* gravidade,—graça laconica, e—autorisada pronunciação nada deve á latina.» Aqui subentende-se nos logares assignalados o adjectivo conjunctivo, *cuja*, ficando toda a passagem sem a ellipse por esta forma: «Eu tenho em muito a linguagem portugueza, *cuja* gravidade, *cuja* graça laconica, e *cuja* autorisada pronunciação nada deve á latina.»

Cumpre notar que esta especie de ellipse tem ordinariamente logar nos bons autores, todas as vezes que o antecedente do adjectivo conjunctivo subentendido é o mesmo do adjectivo conjunctivo expresso, como se verifica em todos os exemplos adduzidos. Ainda nisto differe a indole da lingua portugueza da da lingua franceza, na qual é de rigor exprimir o adjectivo conjunctivo em casos taes.

Outras ellipses notaveis.

Alem das mencionadas são ainda notaveis, a ellipse do

partitivo, *alguns*, com o complemento expresso, *delles*, e a ellipse do complemento, *delles*, com, *qual*, partitivo, distincto de *qual* interrogativo, e *qual* comparativo.

Exemplos do primeiro caso:

«E quando foi fazer esta carga das náos á Cochi, levou os mais dos navios pequenos que havia, *delles* pera ficarem de armada sobre os portos de Calecut, pera não leixarem (por *deixarem*) entrar, nem sahir náos de Mouros, e outros pera serem corrigidos do damno, que recebêrão naquelle rio de Gôa no tempo do cerco.»

(João de Barros.)

«Porque como o Çamori vio elle Affonso de Albuquerque partido, por temor de quem a elle concedia (a concedia elle), e tambem por outros induzimentos, *delles* da parte d'el rei de Cananôr, *delles* por meio d'el rei de Cochi, ainda que não se descobrisse nisso, aos quaes pesava desta fortaleza ser alli feita, pelas razões, que atrás apontámos, poz o Çamori tantos impedimentos, que morrêo sem nisso consentir.»

(João de Barros.)

Exemplos do segundo caso:

«Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e treme:
Qual—do cavallo vôa, que não desce;
Qual—c'o o cavallo em terra dando, geme;
Qual—vermelhas as armas faz de brancas,
Qual—c'o os penachos do elmo açouta as ancas.

(Camões.)

«Em fim, qual—mais, qual—menos, não houve navio que deixasse de fazer proveito.

(Frei Luiz de Sousa.)

Observações sobre as duas ellipses especificadas.

Na primeira passagem de João de Barros entende-se

no logar assignalado o partitivo, *alguns*, ou *uns*, antes do complemento, *delles*, e o complento, *delles*, depois do partitivo, *outros*, ficando ella depois de completa por esta forma: «Levou o mais dos navios pequenos, *alguns* ou *uns* delles pera ficar de armada sobre os portos de Calecut, pera não deixarem entrar, nem sahir náos de Mouros, e outros *delles* pera serem corrigidos do damno &c.»

Na segunda passagem do mesmo autor entende-se tantas vezes o partitivo, *alguns*, quantos são os complementos, *delles*, ficando ella depois de completa por esta forma:....«E tambem por outros induzimentos, *alguns* delles da parte d'el-rei Cananôr, *alguns* delles per meio d'el-rei de Cochi, ainda que não se decobrisse nisso, aos quaes pesava desta fortaleza ser alli feita pelas razões &c.»

Na passagem de Camões entende-se tantas vezes o complemento, *delles*, quantos são os logares assignalados, ficando ella depois de completa por esta forma: «Qual *delles* do cavallo vôa, que não désce; qual *delles* c'o o cavallo em terra dando, geme; qual *delles* vermelhas as armas faz de brancas, qual *delles* c'o os penachos do elmo açouta as ancas.»

Na passagem de frei Luiz de Sousa entende-se tantas vezes o complemento, *delles*, quantos são os logares assignalados, ficando ella depois de completa por esta forma: «Em fim, qual *delles* mais, qual *delles* menos, não houve navio que deixasse de fazer proveito.

Observações finaes sobre a ellipse.

Depois das ellipses, que ficão mencionadas, apontaremos de passagem outras, que pelo seu uso quotidiano, são facillimas de supprir, taes como a ellipse do substantivo commum, com que concorda o adjectivo qualificativo, ou articular expresso, a ellipse do adjectivo expresso antes, e algumas mais.

Exemplos do primeiro caso:

«Á direita, á—esquerda; isto é, á *mão* ou a *parte* direita, á *mão* ou á *parte* esquerda.» «O Atlantico, o—Pacifico; isto é, o *oceano* Atlantico, o *oceano* Pacifico.» «A—Europa,—a Asia; isto é, a *parte do Mundo* Europa, a *parte do Mundo* Asia.» «O—Brazil, a India; isto é, o *imperio* ou o *paiz* Brazil, *a região* India:» «O—Amazonas, o—Nilo; isto é, o *rio* Amazonas, o *rio* Nilo» «Os—Alpes, os—Andes; isto é, os *montes* Alpes, os *montes* Andes.» «As Canarias, a—Madeira; isto é, as *ilhas* Canarias, a *ilha* Madeira.»

Exemplos do segundo caso:

«*Cheio* de vida e—força; isto é, *cheio* de vida e *cheio* de força:» «*Distincto* nas lettras e—nas armas; isto é, *distincto* nas lettras e *distincto* nas armas.» «A *nossa* liberdade,—honra,—e vida, estão em perigo; isto é, a *nossa* liberdade, a *nossa* honra, e a *nossa* vida estão em perigo.» &c.

Antes dos adjectivos comparativos, *qual*, e *quanto*, entendem-se, *tal*, e *tanto*, quando não veem expressos, como se nota nos seguintes exemplos: «Vi-o hoje,—*qual* nunca o vi; isto é, vi-o hoje *tal, qual* nunca o vi:» «É—*quanto* basta; isto é, é *tanto, quanto* basta.»

Antes da conjuncção, *que*, entende-se o adjectivo comparativo, *tal*, nas expressões, *de maneira—que*, *de sorte—que*, *de modo—que*, *a ponto—que*, equivalentes a est'outras: «De *tal* maneira, *que*; de *tal* sorte, *que*; de *tal* modo *que*; a *tal* ponto, *que*.»

Não é menos vulgar a ellipse do sujeito incluido nos verbos unipessoaes, quando estes verbos são empregados em suas formas compostas, ou com o attributo da proposição unicamente expresso, como se nota nos seguintes exemplos: «—Tem *chovido*,—tem *ventado*,—tem *nevado*,—está *relampeando*,—está *trovejando*; isto é, *a chuva*, ou o *chover* tem chovido, o *vento* ou o *ventar* tem ventado, a *neve* ou o *nevar* tem nevado, o *relampago* ou o *relampear* está relampeando, o *trovão* ou o *trovejar* está trovejando.»

Nas formas simples de taes verbos, que formão por si só proposições completas, deixa de dar-se a ellipse;

pois, *chove, venta, neva, relampêa, troveja,* equivalem á, *existe* ou *ha chuva, vento, neve, relampago, trovão,* ou á, *chuva chove, vento venta,* &c., ou ainda á, *cahe chuva, sibila,* ou *silva vento, cahe neve, fuzila relampago, estrala* ou *eccôa trovão.*

Outra ellipse vulgarissima é a do nome substantivo, ou adjectivo, ou de ambos juntos, ou do nome e do verbo, depois da conjuncção, *que*, que se segue aos comparativos, como se observa nestes exemplos: «*Homem* mais erudito, que—profundo; isto é, *homem* mais erudito, que *homem* profundo.» «*Facção* mais *celebre* pola victoria, que pola utilidade; isto é, que *facção celebre* pola utilidade.» «*Acção* mais *facil* de louvar, que—de imitar; isto é, *acção* mais *facil* de louvar, que *acção facil* de imitar.» «Mais *faceis a confessar os vicios* na pessôa, que—na Magestade; isto é, mais *faceis a confessar os vicios* na pessôa, que *faceis a confessar os vicios* na Magestade.» «*Durão as memorias* menos nas tradicções, que—nos escriptos; isto é, *durão as memorias* menos nas tradições, que *durão as memorias* nos escriptos.»

Pleonasmo.

O Pleonasmo, que consiste em accrescentar alguma cousa á legitima construcção, tem hoje mui pouco cabimento no Portuguez, que repelle demazias. Entretanto reproduziremos aqui algumas passagens dos escriptores classicos mais antigos, em que se nota esta figura, ou antes esta redundancia.

Exemplos:

«Nas selvas junto do mar,
Persio Pastor costumava
Seus gados apascentar;
De nada se arreceava,
Não tinha que arrecear;
Na mesma selva nasceo

Fez-se famoso pastor.
Tanto que veio do Ceo
Fazer-lhe guerra o Amor;
Era mais forte e venceo.

Sendo livre, mui isento,
Vio dos olhos Catherina:
Cegou-o o entendimento,
E Catherina era dina
Pera dar pena e tormento.
Logo então começou
Seu gado á emmagrecer;
Nunca mais delle curou,
Foi-se-lhe todo á perder,
Com o cuidado que cobrou.»

(Bernardim Ribeiro.)

«Ao qual (por *e a este*) recado *elle* Hidalcão não respondêra; e que como os principes ás vezes se *indignavão indignamente* de seus capitães nos taes negocios, e isto quando não sabem a verdade, e tem á sua ilharga pessôas, que teem odio ás partes, e *elle* Roztomocan tinha alguns emulos por razão de seus honrados feitos, per ventura com este concedido por se mais não poder fazer, como são todos casos de guerra, e não per sua vontade, encruaria a do Hidalcão, por o não tratar como elle merecia, por quão prudentemente, e como cavalleiro se tinha havido no modo que teve com Pulate Can, e na defensão daquella fortaleza.»

(João de Barros.)

Observações sobre o Pleonasmo.

«Sendo livre, mui izento, *Vio dos olhos* Catherina; Cegou-o o entendimento; E Catherina era dina Pera dar pena e tormento.» Nesta passagem, *dos olhos* ou *com os olhos*, é demais, é redundante; mas tal é a natural singeleza e a harmonia destes maviosos versos de Bernardim Ribeiro, que o defeito fica encoberto, e parece belleza. Nós mesmos nos não pudémos furtar ao prazer de citar a bellissima estancia que precede a do exemplo, julgando com

isso fazer serviço ao leitor, que não possúe as obras deste poeta.»

«Ao qual recado *elle* Hidalcão não respondêra; e que como os principes ás vezes *se indignavão indignamente* de seus capitães nos taes negocios, e isto quando não sabem a verdade, e teem á sua ilharga pessôas, que teem odio ás partes, e *elle* Roztomocan tinha alguns emulos por razão de seus honrados feitos, per ventura com este concedido por se mais não poder fazer,.......e não per sua vontade, encruaria a do Hidalcão &c.» Nesta passagem é redundante o pronome pessoal, *elle*, junto aos nomes *Hidalcão* e *Roztomocan*, sujeitos dos verbos, *respondêra* e *tinha*, bem como o adverbio, *indignamente*, junto ao verbo pronominal, ou reflexo, *se indignavão*.

Os adverbios de quantidade, *mais*, e *mui*, ou *muito*, juntos aos comparativos e superlativos, como por exemplo, *mais maior*, *mais superior*, *mui sapientissimo*, *muito fortissimo*, toleraveis em certos casos no Latim, são em Portuguez redundancias condemnaveis.

As expressões, *vi com estes olhos*, *ouvi com estes ouvidos*, empregadas para dar mais força á affirmação, bem como est'outras, *viver vida attribulada*, *correr carreira desempeçada*, deixão de ser pleonasmos, porque tanto umas, como outras, accrescentão alguma cousa *ao sentido*, as primeiras por meio do demonstrativo, *estes*, junto á *olhos*, e *ouvidos*, as segundas por meio dos qualificativos, *atribulada* e *desempeçada*, juntos á, *vida*, e *carreira*.

As expressões porem, *vi com os olhos*, *ouvi com os ouvidos*, *viver vida*, *correr carreira*, são verdadeiros pleonasmos, porque consistem na reunião de vozes do mesmo significado, que, accrescentando alguma cousa á legitima construcção, nada accrescentão ao sentido.

SYLLEPSE.

A syllepse, que consiste na discordia apparente de genero, ou de numero, ou de ambos juntos, é menos usada no Portuguez, que no Latim, onde os casos della são muito mais frequentes. Adduziremos aqui algumas

passagens de nossos classicos, em que se nota esta figura.

«Dest'arte a *gente* fórça, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelado lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgão de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões;
Vão correndo, e gritando á boca aberta:
—Viva o famoso rei que nos liberta.»

(Camões.)

«Virão-se emfim tão apertados os nossos, que mais pelejavão pola vida, do que pola victoria; por espaço de uma hora esteve duvidoso o successo, até que *um grande troço dos moradores*, cortados do temor, e do ferro *desampararão* o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo, menos que de mulheres: cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia.»

(Jacinto Freire.)

«Poucos dias depois chegou Francisco Pereira Pestana, e querendo prover os nossos de arroz e de algumas cousas que trazia, acertou estar a noite tão clara com a lua, que acudio *todo o campo* ao arrecife, *e matárão* cinco dos nossos; e D. João de Lima, que a tudo queria sempre ser presente, ficou ferido em uma perna com perigo, de maneira que ás costas o mettêo Jorge de Lima da porta pera dentro, e foi necessario fazer cama alguns dias.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Mas crescêo a ira nos portuguezes em logar de afrouxarem com a perda do capitão, e apertárão tão furiosamente c'os inimigos, que todavia se mantinhão com braveza e brio, que durou a briga desde pola manhã até ás nove horas do dia, e sem mostrarem signal de fraqueza, *forão a mor parte mortos* á ferro, ou *afogados* na agua, e alguns captivos com seu capitão.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exercito*, ao som de muitos instrumentos bellicos, com as

bandeiras desenroladas, que se vião tremolar dos nossos, e chegando aos muros, *começárão* em torno da fortaleza a arvorar escadas favorecidas do *corpo do exercito*, com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror deste conflicto confusas e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando os juizos, impedião mandar e obedecer.»

(Jacinto Freire.)

Observações sobre a Syllepse.

«Dest'arte *a gente* fórça, e esforça Nuno, *Que*, com lhe ouvir as ultimas razões *Removem* o temor frio, importuno, Que gelados lhe tinha os corações.» Nesta passagem ha discordia de genero e de numero ao mesmo tempo, porque o adjectivo conjunctivo, *que*, sujeito do verbo da proposição incidente, *removem*, e o mesmo que, *os quaes*, é do genero masculino, e está no plural, ao passo que o seu antecedente, *gente*, complemento objectivo dos verbos das proposições absolutas, *fórça*, e *esforça*, é do genero feminino, e está no singular. Esta discordia de genero e de numero, porem, é só apparente, porque o adjectivo conjunctivo, *que*, está aqui concordando com os individuos que representa o collectivo, *gente;* isto é, com *Portuguezes*, pois a gente de que se trata, é gente *portugueza*, ou são *Portuguezes*.

«Virão-se emfim tão apertados os nossos, que mais pelejavão pola vida, do que pola victoria; por espaço de uma hora esteve duvidoso o successo, até que *um grande troço* dos moradores, cortados do temor, e do ferro, *desampararão* o campo &c.» Nesta passagem ha discordia de numero, porque o sujeito grammatical da proposição subordinada circumstancial, *um troço*, está no singular, e o verbo da mesma proposição, *desampararão* no plural. Mas esta discordia de numero é apenas apparente, porque, *desampararão*, está aqui concordando com os individuos representados pelo collectivo *um troço*, isto é, com *alguns*, ou *uns tantos* dos moradores.

«Poucos dias depois chegou Francisco Pereira Pestana, e querendo prover os nossos de arroz e de algumas cousas que trazia, acertou estar a noite tão clara com a lua,

que acudio *todo o campo* ao arrecife, e *matárão* cinco dos nossos, &c.» Nesta passagem ha discordia de numero, por que o verbo da segunda proposição subordinada completiva, *matárão*, está no plural, e o sujeito subentendido da proposição, o qual é o mesmo da primeira subordinada completiva, *todo campo*, está no singular. A discordia de numero porem é ainda apparente, porque, *matárão*, está concordando com os individuos representados pelo collectivo, *todo o campo*: isto é, com *todos os soldados*, que formavão o campo, ou exercito sitiante.

.....«E sem mostrarem signal de fraqueza, *forão a mor parte mortos* á ferro, ou *afogados* n'agua, e alguns captivos com seu capitão.» Nesta passagem ha discordia de genero e de numero, porque o sujeito da segunda proposição subordinada completiva, *a mor parte*, é do genero feminino, e está no singular, quando, não só os adjectivos attributivos, *mortos*, e *afogados*, estão na terminação masculina, como tambem estes, e o verbo da proposição *forão*, no plural. Mas a discordia de genero e de numero é apenas apparente, porque tanto os adjectivos, *mortos* e *afogados*, como o verbo, *forão*, estão concordando com os individuos representados pelo collectivo, *a mor parte*: isto é, com *os mais delles*, do genero masculino e do plural.

«Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exercito*, ao som de muitos instrumentos bellicos, com as bandeiras desenroladas, que se vião tremolar dos nossos, e chegando aos muros, *começárão* em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do *corpo de exercito*, com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas &c.» Nesta passagem ha discordia de numero, porque o verbo da segunda proposição absoluta, *começárão*, está no plural, e o sujeito subentendido, *o exercito*, que o é tambem da proposição principal, está no singular. Esta discordia de numero, porém, é só apparente, por que, *começárão*, está aqui concordando com os individuos que representa o collectivo, *exercito*; isto é, com *soldados*, ou *uns tantos dos soldados*, ou *guerreiros*, de que se compunha *o exercito*, como o indica o complemento do adjectivo favorecidas, *do corpo do exercito*.

Tambem ha syllepse de numero nestes exemplos: «Eu e tu *passamos* bem; eu, tu e Antonio *partiremos*

todos amanhã; eu e vós *nos sentamos*; tu, e o pai *mandaes.*» A concordancia do verbo porem opera-se em casos taes com um sujeito do plural representado pelos do singular por esta fórma: «*Nós*, eu e tu, *passamos* bem; *nós*, eu, tu, e Antonio, *partiremos todos* amanhã; *nós*, eu e vós, *nos sentamos*; *vós*, tu e o pai, *mandaes.*» Muitos grammaticos explicão esta syllepse por ellipse com bom fundamento.

Convem observar que a syllepse de numero tem ordinariamente logar com sujeito expresso, quando este é algum collectivo partitivo, e com sujeito subentendido de alguma das proposições antecedentes, quando este é um collectivo geral, como se verifica nos exemplos adduzidos. Não se segue porem que o verbo e o adjectivo attributivo vão sempre para o plural, quando o sujeito é um collectivo partitivo, ainda mesmo com complemento no plural; porque nos autores classicos ha em casos taes muitos exemplos do contrario.

Eis aqui alguns de Jacinto Freire, de quem adduzimos uma das passagens com o verbo no plural.

«Ganhámos emfim a cidade com menos damno, que perigo, porque na resolução da entrada por baixo da artilharia do inimigo, mais arrastou á D. Alvaro o valor, que a disciplina. *Dos Mouros perecêo a maior parte*, uns no conflicto, os mais na retirada.»

«*A quantidade dos gastadores*, que servião o campo, *era* outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto a artilharia do nosso baluarte jogava com damno do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, e descoberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.»

Destes dois ultimos exemplos, e de outros muitos da mesma natureza, que podiamos apresentar, segue-se que o emprego da syllepse de genero e de numero com os collectivos partitivos não dá logar no Portuguez á regra alguma particular de syntaxe. A differença unica da syntaxe ordinaria e regular é, que nos casos de syllepse, quer com collectivos partitivos, quer com collecti-

vos geraes, a concordancia de genero e de numero, ou só de numero, opera-se, não com o nome collectivo, mas com os individuos por elle representados, ou é uma concordancia toda mental.

Hyperbato.

O hyberbato, que consiste na transposição de palavras com, ou sem perturbação da ordem grammatical, e comprehende *a anastrophe*, *a tmesis*, *o parenthesis*, *e a synchisis*, é muito mais frequente no verso, que na prosa. Passaremos a adduzir aqui algumas passagens, com especialidade dos poetas, em que se nota esta figura.

«Não faltão alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atrôando.
Mostra-se *dos Cyclopas* o exercicio,
Nas *bombas* que, *de fogo*, estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo ferião,
Instrumentos altisonos tangião.

Responde-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando com zunido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se levanta ao ceo, *da gente*:
O mar se via em fogos accendido;
E não menos a terra: e assi festeja
Um ao outro, á maneira de peleja.»

(Camões.

«No tenro, e casto peito
Da moça vergonhosa,
Tempo esperando e geito,
Entra (Amor) com força branda, ou furiosa.
O fogo já desfeito
Da cinza outra vez cria,
No frio sangue, e fria

Neve outra vez se accende
Dos olhos no meio da alma, *o raio prende.*»

(Ferreira.)

«*De Jesus Christo* a Igreja, vezes nove,
Os Sp'ritos infernaes contra ella vira
Conjurados: e vezes nove a Barca
De Pedro se vio salva do naufragio.»

(F. M. do Nascimento.)

«Nesse campestre quadro desparzidas
Vês cidades, vês ruinas, lavor de artes,
Andanias, que o lamento ouvio de Mérope,
Tricca, berço que fôra de Esculapio,
Gerêna, *de Machaon* sepultura,
Pheres, onde acceitou o astuto Ulysses
De Iphyto, o arco fatal aos amadores
De Penélope casta; Stenyclara,
Onde, inda *de Tyrtêo* os sons reclamão;
Paiz formoso, avassalado, outróra
Ao sceptro de Nelêo: no Ithomeo cume
E Dorio perystilo da Ara Homerea
Se estendia *uma faxa de verdura,*
De stadios, ampla em roda, *centos oito.*»

(F. M, Nascimento.)

«*Os grandes feitos*, que os Portuguezes obrárão neste dia, o Oriente *os* diga, eu creio que *da Illustre Dio,* lhes será *cada pedra* um epitaphio mudo.»

(Jacinto Freire.)

«Tres annos havia que el-rei D. Manoel era casado *(que tantos corrêrão do fim de Novembro de* 1518, *em que se recebeo na villa do Crato, até outro tal dia do anno* 1521*)* quando aos cinco dias do mez de Dezembro do mesmo anno em uma quinta-feira foi accommettido de uma febre ardente com inclinação á somno.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«D. Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome portuguez, que a *honra* levavão ja *perdida, a vida,* grandemente *arriscada*; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrar-se da indignação justa de seu rei, ao qual despresavão na pessôa de seu capitão mor com sedição tão feia. Porem

elles, fatalmente obstinados, se ordenárão para dar a batalha, dizendo, que *de nenhum delicto* se engeitava a victoria *por desculpa*; e quando se perdessem ficavão fóra do premio e do castigo; que elles acudião pola honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que a perder as suas.

(Jacinto Freire.)

«E não me podendo eu supportar (*como fera tigre, que cançada, vindo de longes terras com mantimentos pera seus pequenos filhos, achando-os levados, sólta a preza da bocca; esquecendo todo cançaço, corre pera uns e outros cabos*) assim fiz eu. Testemunhas verdadeiras me sejão todos estes matos: não cessei, até que o vim achar á sombra deste arvoredo, que *descançando*, dizia elle, que estava *da calma*, que cahia então, e *do trabalho* do coração, que tinha por aquelle dia a não ter visto.»

(Bernardim Ribeiro.)

Observações sobre o Hyberbato.

«Mostra-se *dos Cyclopas* o exercicio, Nas *bombas* que, *de fogo* estão queimando.» Aqui ha transposição de palavras com perturbação da ordem grammatical, porque o poeta não só deixou de guardar a lei da posição na collocação do complemento, *dos Cyclopas*, como estabelecêo a confusão com a deslocação insolita do completo, *de fogo*. Eis o que pedia a lei da posição, e a ordem grammatical: «Mostra-se o exercicio *dos Cyclopas*, nas bombas *de fogo*, que estão queimando; isto é, quanto á ultima parte, nas bombas *de fogo*, as quaes bombas *de fogo* estão queimando.»

«*A grita* se levanta ao ceo, *da gente*.» Aqui ha transposição de palavras com pertubação da ordem grammatical por causa da deslocação insolita do complemento, *da gente*, feita pelo poeta. Eis o que pedia a lei da posição, e a ordem grammatical: «A grita *da gente* se levanta ao ceo.»

«*Dos olhos* no meio d'alma *o raio prende*.» Aqui ha transposição de palavras com pertubação da ordem grammatical; porque sendo o sujeito subentendido da proposi-

ção, *o Amor*, o poeta não só collocou antes do verbo o complemento objectivo, *o raio*, como ainda deslocou por tal forma o complemento restrictivo, *dos olhos*, que resulta confusão. Eis o que requeria a lei da posição, e a ordem grammatical: «No meio d'alma prende *o raio dos olhos*, ou prende *o raio dos olhos* no meio d'alma.»

«*De Jesus Christo* a Igreja, vezes nove, *Os Sp'ritos infernaes* contra ella vira *Conjurados* &c.» Aqui ha transposição de palavras sem pertubação da ordem grammatical, porque da deslocação, que fez o poeta dos complementos, *de Jesus Christo, os Spritos infernaes*, e *conjurados*, não resulta confusão alguma. Eis no emtanto o que requeria a lei da posição: «A Igreja *de Jesus Christo*, vezes nove, vira os *Sp'ritos infernaes conjurados* contra ella.»

«Gerêna, *de Macháon* sepultura..... Onde, inda, *de Tirtêo* os sons relamão.» Nestes versos ha unicamente transposição de palavras, porque a deslocação, que fez o poeta dos complementos restrictivos, *de Macháon*, e *de Tirtêo*, é mui commum na poesia. Eis entretanto o que requeria a lei da posição: «Gerêna sepultura *de Macháon*.... Onde, inda os sons de *Tirtêo* reclamão.»

.....«No Ithomeo cume E Dorio perystilo da Ara Homerea Se estendia *uma faxa de verdura De stadios, ampla* em roda, *centos oito*.» Aqui ha transposição de palavras com pertubação da ordem grammatical, porque da deslocação, que fez o poeta dos complementos, *de stadios, ampla*, e, *centos oito*, resulta não pequena confusão. Eis o que pedia a lei da posição, e a ordem grammatical:.....«No Ithomeo cume e Dorio perystilo da Ara Homerea se estendia *uma faxa de verdura* ampla de *de oitocentos stadios* em roda.

«*Os grandes feitos*, que os Portuguezes obrarão neste dia, o Oriente *os* diga; eu creio que *da illustre Dio* lhes será *cada pedra* um epitaphio mudo.» Aqui ha transposição de palavras sem notavel perturbação da ordem grammatical, por que da deslocação, que fez o prosador dos complementos, objectivo e restrictivo, *os grandes feitos*, e *da illustre Dio*, posto que pouco commum na prosa, não resulta confusão sensivel, principalmente sendo a attenção do leitor chamada para o primeiro complemento deslocado pelo adjectivo pronominal, *os*, que o representa junto ao verbo, *diga*. Eis no emtanto o que requeria a lei da

posição, e a ordem grammatical: «Diga o Oriente *os grandes feitos*, que os Portuguezes obrárão neste dia; eu creio que lhes será cada pedra *da illustre Dio* um epitaphio mudo.»

«Tres annos havia que el-rei D. Manoel era casado (*que tantos corrêrão do fim de Novembro de* 1518, *em que se recebêo na villa do Crato, até outro tal dia do anno de* 1521) quando aos cinco dias do mez de Dezembro do mesmo anno em uma quinta feira foi accommettido de uma febre ardente com inclinação á somno.» Aqui ha perturbação da ordem grammatical, porque o prosador intercalou um sentido em outro com prejuizo da clareza, que requer que cada sentido comece, e termine sem interrupção, que occasione confusão. A ordem grammatical pedia a suppressão *do parenthesis*, cuja substancia ja havia sido aliás relatada pelo autor, ficando o periodo concebido por esta forma: «Tres annos havia que el rei D. Manoel era casado, quando aos cinco dias do mez de Dezembro do anno de 1521 em uma quinta feira foi accommettido de uma febre ardente com inclinação á somno.»

«D. Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora infamar o nome portuguez, que a *honra* levavão ja *perdida, a vida*, grandemente *arriscada*.» Aqui ha transposição de palavras, sem que todavia se note perturbação da ordem grammatical, porque a deslocação, que fez o prosador dos complementos, *a honra, a vida perdida*, e, *arriscada*, longe de occasionar confusão, dá pelo contrario graça e energia ao dizer pelo effeito dos contrastes. Eis nada obstante o que exigia a lei da posição: «D. Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora infamar o nome portuguez, que levavão *a honra* ja *perdida*, e *a vida* grandemente *arriscada*.»

«Porem elles, fatalmente obstinados, se ordenárão para dar batalha, dizendo, que *de nenhum delicto* se engeitava a victoria *por desculpa* &c.» Aqui ha transposição de palavras sem notavel perturbação da ordem grammatical, por que da deslocação, que fez o prosador dos complementos, *de nenhum, delicto, e por desculpa*, não resulta confusão, sendo que a collocação em primeiro logar do negativo, *nenhum*, é requerida pela indole da lingua. Eis com tudo o que pedia a ordem grammatical: «Porem elles fatalmente obstinados, se ordenárão para dar batalha, dizendo, que

de nenhum delicto *por desculpa* se engeitava a victoria; isto é, que *por desculpa* de delicto algum se engeitava a victoria, ou que a victoria não se engeitava *por desculpa* de delicto algum.»

«E não me podendo eu supportar (*como fera tigre, que cançada, vindo de longes terras com mantimentos pera seus pequenos filhos, achando-os levados, sólta a preza da bocca; e esquecendo todo o cançaço, corre pera uns e outros cabos*) assim fiz eu.» Aqui ha perturbação da ordem grammatical, resultante, não de sentido extranho mettido de permeio, como parece indical-o o signal de *parenthesis* indevidamente empregado, mas da má collocação, que fez o prosador da proposição subordinada, que constitue o segundo termo da comparação, e começa, *como fera tigre.* Eis o que pedia neste logar a ordem grammatical: «E não me podendo supportar, fiz assim, *como* fera tigre, que cançada, vindo de longes terras com mantimentos pera seus pequenos filhos, achando-os levados, sólta a preza da bocca; e esquecendo todo cançaço, corre pera uns e outros cabos.»

«Testemunhas verdadeiras me sejão todos estes matos: não cessei, até que o vim achar á sombra deste arvoredo, que *descançando*, dizia elle, que *estava da calma*, que cahia então, e *do trabalho* do coração, que tinha &c. Aqui ha transposição de palavras sem notavel perturbação da ordem grammatical, porque da deslocação, que fez o prosador dos complementos, *descançando, da calma*, e *do trabalho.* não resulta confusão no sentido. Eis o que exigia a lei da posição, e a ordem grammatical: «Testemunhas verdadeiras me sejão todos estes matos: não cessei, até que o vim achar á sombra deste arvoredo, *em* que dizia elle, que estava *descançando da calma*, que então cahia, e *do trabalho* do coração, que tinha &c.

A *anastrophe*, que consiste na ordem prepostera, ou avêssa, das palavras, é especie de hyperbato mui frequente na poesia, como se nota, além dos logares citados dos exemplos adduzidos, *dos Cyclopas* o exercicio, *de Jesus Christo* a Igreja, *o raio* prende, &c., nest'outros dos mesmos exemplos: «*Os tremulos comêtas* imitando, *O ceo, a terra e as ondas* atrôando, *Tempo*

esperando e geito, *O fogo já desfeito* Da Cinza outra vez *cria*;» em vez de: «Imitando *os tremulos comêtas*, atrôando *o ceo*, *a terra*, *e as ondas*, esperando *tempo* e geito, da cinza outra vez cria *o fogo ja desfeito*.

Na prosa, que não comporta tantas transposições, é a *anastrophe* muito menos frequente, e hoje ainda menos, que no tempo em que escrevião os autores classicos, cujas passagens citamos.

A *tmesis*, que consiste na divisão das palavras compostas por outra, que se mette de permeio, é especie de hyperbato mui frequente no Portuguez com as formas compostas dos verbos, quando se juntão a estes por complementos pronomes pessoaes, como se nota nos seguintes exemplos: «Far-*te*-hei, dir-*me*-has, escrever-*lhe*-hei, bem dir-*vos*-hão, servir-*nos*-hão, far-*se*-ha &c.»

Fóra destes casos porem é mui rara esta figura ainda entre os poetas

O *parenthesis*, que consiste n'um sentido interposto n'outro, é especie de hyperbato muito mais frequente na prosa, que na poesia, e unicamente toleravel quando a phrase interposta é mui curta. Como, porém, não poucos de nossos classicos abusárão excessivamente desta figura, empregando parenthesis extensos e repetidos, apontaremos, alem das adduzidas, as seguintes passagens de João de Barros, e de Bernardim Ribeiro, em que se nota este vicio.

«E passados os primeiros annos da infancia delle (reino de Portugal), que foi todo o tempo, que esteve no berço, em que nascêo, limitado na costa do mar oceano (*por que o mais do sertão da terra ficou na corôa de Castella, e a elle lhe não coube mais em sorte nesta nossa Europa*), todo o trabalho daquelles principes, que então o governavão, foi alimpar a casa desta infiel gente dos Arabios, que lh'a tinhão occupada do tempo da perdição de Hespanha, té totalmente á poder de ferro os lançarem alem mar, com que se intitulárão reis de Portugal e do Algarve.»

«Foi assim, que, chegado o dia da desaventura de Bim-

narder, com seu escudeiro partio da ermida, e veio alli ao meio dia ao pé do freixo, onde ja cançado se assentou; e lavando o rosto e as mãos na agua *(como d'antes sohia)*, não lhe esquecêo Aonia, que bem contados trazia os dias; e tomou comsigo a Enis e dous moços, por ser perto sua hora, e os paços de Lamentor *(que fingio ir vêr, como muitas vezes fazia)* que elle de maravilha sahia.»

Na passagem de João de Barros deve supprimir-se todo o parenthesis em Italico, que é uma excrescencia inutil depois das palavras *limitado na costa*, isto é, *á costa do mar oceano*, que denotão bem a natureza e circumscripção do territorio de Portugal em seu começo, ficando o periodo concebido nestes termos: «E passados os primeiros annos da infancia delle, que foi todo o tempo, que esteve no berço, em que nascêo, limitado na costa do mar oceano, todo o trabalho d'aquelles principes, que então o governavão, foi alimpar a casa desta infiel gente dos Arabios, que lh'a tinha occupada do tempo da perdição de Hespanha, té totalmente á poder de ferro os lançarem alem mar, com que se intitulárão reis de Portugal e do Algarve.»

Na passagem de Bernardim Ribeiro devem supprimir-se os dois parenthesis em Italico, o primeiro, por ser uma excrescencia tão inutil, como semsaborôna, o segundo, porque torna o sentido empeçado e confuso, ficando o periodo concebido por esta forma: Foi assim, que, chegado o dia da desaventura de Bimnander, com seu escudeiro partio *elle* da ermida, e veio alli ao meio dia ter ao pé do freixo, onde já cançado se assentou; e lavando o rosto e as mãos na agua, não lhe esquecêo Aonia, que bem contados trazia os dias; e tomou comsigo a Enis e dous moços, por ser perto sua hora, e os paços de Lamentor, que de maravilha sahia.»

Tambem se pode supprimir a ultima proposição incidente, *que de maravilha sahia*, e conservar a primeira proposição incidente do segundo parenthesis, *que fingio ir ver*, terminando o periodo por esta forma mais consentanea ao sentido, que lhe quiz dar o au-

tor:....«E tomou a Enis e dous moços, por ser perto sua hora, e os paços de Lamentor, que fingio ir ver.»

A *synchisis*, que consiste na ordem confusa das palavras, ou na transposição destas com perturbação da ordem grammatical, é especie de hyberbato, que tem algumas vezes cabimento no verso, para produzir effeito imitativo, como se nota nas passagens adduzidas dos poetas, e não se tolera na prosa, que deve primar pela clareza.

Todas as vezes que o hyberbato occasiona confusão pela perturbação da ordem grammatical sem produzir outro resultado em nosso espirito, longe de ser belleza, que dê relevo ao estylo, é pelo contrario gravissimo defeito, que o disfigura.

As passagens de Camões, «As bombas que *de fogo* estão queimando,» «*A grita* se levanta ao ceo, *da gente*,» produzem certamente bello effeito, porque nestes casos o hyperbato imita bem tanto a confusão de muitas bombas a estourar, como a de muitas vozes em grita.

A passagem de F. M. do Nascimento, «Se estendia *uma faxa de verdura, De stadios, ampla*, em roda, *centos oito*,» é tambem de bello effeito, porque neste caso o hyperbato imita com propriedade a especie de confusão, resultante dos objectos collocados á immensa distancia em uma planicie, que se estende para todos os lados á perder de vista.

Não assim porém a passagem de Ferreira, «*Dos olhos* no meio d'alma *o raio* prende», a qual nos parece que deve ser condemnada como construcção durissima e viciosa, sem effeito imitativo, porque, *o raio dos olhos*, simples expressão metaphorica, desfecha sem estampido, nem confusão.

Observações geraes sobre as figuras de construcção.

Taes são as anomalias de construcção, que, sob o nome

de figuras, podem influir na analyse grammatical, e se resumem, ou em suppressão de partes da oração, como na *ellipse*, ou em redundancia destas como no *pleonasmo*, ou em discordia apparente das mesmas, como na *syllepse*, ou em deslocação das sobreditas com, ou sem perturbação da ordem grammatical, como no *hyperbato*.

Julgamos conveniente ser minuciosos na explicação da ellipse e do hyperbato, por serem estas figuras de grande uso na lingua portugueza, que nisso se aproxima da indole das linguas latina e grega, e distingue-se das outras linguas derivadas do Latim, com especialidade do Francez, muito mais parco no emprego de taes figuras, sobre tudo do hyperbato, á que repugna por sua indole.

Empregadas a proposito, a ellipse e o hyperbato concorrem para dar ao Portuguez muita concisão, harmonia, e graça, tornando-o proprio para tratar todo genero de assumpto, e a mais poetica pela ventura de todas as linguas da mesma origem. Nem o Italiano, nem o Hespanhol, que ja levão vantagem ao Francez na syntaxe figurada, tem neste ponto tanta liberdade, como o Portuguez.

Não nos occupamos com a *enallage*, que quer dizer mudança, porque tal figura de construcção não existe em certos casos, em que alguns grammaticos pretendem reconhecel-a, e em outros se pode explicar por ellipse.

O mesmo dizemos do *archaismo*, ou modo de fallar proprio dos antigos, porque o emprego de vozes antiquadas ou obsoletas não constitue figura de construcção.

QUINTA PARTE.

PRIMEIRA SECÇÃO.

Estructura do Periodo Grammatical.

A estructura do periodo grammatical, quer em relação á collocação dos complementos, quer em relação á das proposições, é parte essencial da construcção, e deve por sua importancia merecer-nos muita attenção. Como porém a lingua portugueza tenha neste ponto feito alguma differença desde a época, em que escrevêrão os autores classicos, até hoje, já daqui começaremos a adduzir, ou extremada, ou promiscuamente com as destes, algumas passagens dos autores subsequentes que, pela elevação de pensamentos, pintura de costumes, correcção de estylo, e pureza de linguagem, devem servir de modelo aos principiantes, pois só pela comparação de uns com outros se póde chegar ao conhecimento da differença apontada.

Collocação dos Complementos.

A collocação dos complementos importa muito, seja á clareza e precisão grammatical, seja á harmonia de cada juizo enunciado ou proposição, seja á da phrase total ou periodo, como passamos a demonstrar com passagens dos poetas e prosadores de melhor nota.
Exemplos:

«N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú Guaçú feroz, e vem guiando

Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenamente.»

(J. Basilio da Gama.)

«Feliz aquelle que os ouvidos cerra
    Á malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
    Do pecador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
    Pelo vicio empestada;
Mas na lei do Senhor fitando os olhos
    A revolve, e medita,
Na tenebrosa noite e claro dia.»

(O Padre Sousa Caldas.)

«Assim deixou de Creta as cem cidades
    O fabuloso mestre,
As entranhadas nuvens dividindo
    Com atrevidas pennas;
Assim nos ensinou a ser monarchas
    Do ligeiro elemento;
Mas, do arrojo agastada a Natureza,
    Sob o alçapão ferrado
O temerario arcano poz seguro,
    E aos seculos vindouros
Com manto espesso de nublada treva
    Lhe enconbrio o jazigo.»

(F. M. do Nascimento.)

Por largo campo, indomito e frenente
    Corre o Nilo espumoso:
Feroz alaga a rapida corrente
    O Egypto fabuloso:
Mas si na gran' carreira, ás ondas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
    Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato.»

(Diniz.)

«Já no roxo Oriente branqueando
As prenhes velas da Troiana frota,
Entre as vagas azues do mar dourado,
Sobre as azas dos ventos se escondião.»

(Garção.

«Copiosa multidão da náo franceza
Corre a vêr o espectaculo assombrada,
E ignorando a occasião da extranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma que as mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada;
Era Moêma, que de inveja geme,
E já visinha a náo, se apega ao leme.»

(Frei José Durão.)

. . . .«Afigurou-se-me
Vêr do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente,
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceos:—foi pouco á pouco
Condensando-se espêsso, e longes dava
De humana forma irregular,—qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.»

(Garrett.)

«Por fugir da cruel melancholia
Que a estragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui sentar-me n'um canto da janella;
D'alli pela miuda gelozia,
Espreitando qual timida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Si a tanto me ajudar engenho e arte.»

(Nicoláo Tolentino.)

«Emfim, fortuna, que me ja chamava
Esta gloria tão grande, quebra o nó
D'aquelle jugo a meu amor contrario:
Leva ante tempo a morte a infante triste:
Herdo eu mais livremente o amor constante,
Que a mi se entregou todo, e vive
Na minh'alma, onde está seguro e firme,
Já com doces penhôres confirmado.»

(Ferreira.)

«Rei de muitos reis, si um dia
Si uma hora só mal me atrevo
Occupar-vos, mal faria,

E ao bem commum não teria
Os respeitos, que ter devo.»

(Sá de Miranda.)

«Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Uma ilha, lá nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece alegremente:
A Lusitana gente,
Por armas sanguinosas,
Tem della o senhorio:
Cercada está de um rio
De maritimas aguas saúdosas;
Das ervas, que aqui nascem,
Os gados juntamente e os olhos pascem.»

(Camões.)

«E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e ar visinho,
E tudo quanto a via namorava.»

(Camões.)

«Aos que nas procellosas, bravas ondas
Com tempestuosos ventos ja se virão
Mil vezes submergidos, grande allivio,
E descanço lhes é porto seguro.»

(Côrte Real.)

«E logo a noite do aposento escuro
Sahio, as negras azas estendendo,
E breves treguas poz no assalto duro,
Que todos forão logo recebendo:
Uns deixão parte do ganhado muro,
E livremente ao campo veem descendo:
Outros em tão geral desconfiança
Inda não creem a timida esperança.»

(Quevedo.)

«Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobrecêo a litteratura, porque a ave-

sou á esse habito de copista; cancro que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional»

(Garrett.)

«Não é menos funesto aos homens um superlativo engenho, do que ás mulheres uma extraordinaria belleza: a mediocridade em tudo é uma garantia e penhor de segurança e tranquillidade.»

(O Marquez de Maricá.)

«Possuio elle (o Padre Antonio Vieira) em grão sublime todas as delicadezas, propriedades, e energia da sua lingua; e por isso é que ninguem ainda duvidou usar de vocabulo, phrase, e expressão achada em seus escriptos, ou se atrevêo a censural-as, achando-as em alheios, exceptuando uma, ou outra palavra, que o uso inteiramente dêo por antiquada; injuria, a que estão sujeitos os classicos mais distinctos das linguas vivas.

(Francisco José Freire.)

«Era então João de Barros de pouco mais de vinte annos de idade, e como andava em serviço do principe, que lhe occupava a mor parte do tempo, só nos espaços, que lhe restavão, publicamente, e como elle diz, na mesma guarda roupa do paço, sem outro repouso, nem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudesse escolher as cousas, que a phantasia lhe representava, em oito mezes compoz esta historia (o Clarimundo), que para tal idade e occupação se pode ter por grande cousa.

(M. Severim de Faria.)

«O bonacho, animal semelhante á vacca e com crinas como cavallo, quando os caçadores o perseguem, sólta de si tão pestilento humor por largo espaço de terra, que os atordôa, e assim deixão de o seguir, taes são os que, quando os quereis reduzir á razão de cada vez sóltão mais despropositos, e fallão decomedidamente.»

(O Padre Manoel Bernardes.)

«Chegada á Portugal esta nova, tratou logo el-rei de fortificar Ceita, que não tinha outra defensa, que a que ensinava a disciplina d'aquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com o temor alheio.»

(Jacinto Freire.)

«Assim como a medicina, diz Philo Hebreu, não só attende a purgar os humores nocivos, senão a alentar e alimentar o sujeito debilitado; assim á um exercito ou republica não lhe basta aquella parte da justiça, que com o rigor do castigo alimpa dos vicios como de perniciosos humores, senão que é tambem necessaria a outra parte, que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime, a esperança dos homens.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«Bem vejo que fallar eu nesta materia será grande atrevimento; porque convem somente ás pessôas de muito maior autoridade, do que a minha pode ser, mas o amor e lealdade não tem pejo, pelo que apontarei á vossa alteza algumas razões, pelas quaes me parece que não devia fazer tal abalo; e fio que vossa alteza, quando vir de que principio esta minha ouzadia tem nascimento, a levará facilmente em conta.

(O bispo, D. Jeronimo Ozorio.)

«Profundissimos são os juizos de Deus: tres annos havia que el rei andava entendendo com grande cuidado em buscar pera a India os prégadores, que de presente lhe mandou, e juntamente dando ordem pera se reformarem todas as mais Ordens e Religiões de seu reino; edificando collegios pera todas, dotados com sua industria, e muita despeza da corôa real.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Portanto pois lhe *a elle* (Deus) approuve que não per officio, mas per indignação, não per premio, mas de graça, e mais offerecido, que convidado, eu tomasse cuidado de escrever as cousas, que passárão neste descobrimento, e conquista do Oriente; não permittirá que eu perca algum premio, se desse trabalho o posso ter, trocando ou negando os meritos de cada um.»

(João de Barros.)

«Menina e moça me levárão de casa de meu pae pera longes terras: qual fosse então a causa daquella minha levada, era pequena, não na soube.»

(Bernardim Ribeiro.)

Observações sobre a collocação dos Complementos.

Nas linguas, que não teem casos para indicar as relações das palavras umas com outras, os complementos do sujeito e do attributo collocão-se na proposição segundo as suas relações de dependencia com as palavras, que os precedem. Á esta collocação successiva fatalmente requerida pela dependencia das palavras nas linguassem casos, é que se chama lei de posição, a qual é desconhecida nas linguas com casos, e distincta da ordem grammatical, que em umas e outras linguas regula tanto a subordinação das palavras, como a das proposições entre si.

Quando porem ao mesmo verbo attributivo se juntão tres ou quatro complementos de diversa natureza, convem não só collocar os mais extensos depois dos que o são menos,mas ainda antepôr um delles ao verbo, ordinariamente o circumstancial, para não offender o ouvido com uma collocação desusada e aspera. Eis aqui um exemplo disto: «Com toda a contricção peço á Deus perdão de minhas culpas,» e não, «peço perdão de minhas culpas á Deus com toda a contricção», porque offenderia o ouvido.

Quando tambem aos verbos, participios e gerundios, se juntão pronomes pessoaes por complementos, podem estes antepôr-se, ou collocar-se entre as formas verbaes compostas, conforme melhor convém á bôa harmonia, e á clareza, que deve reinar no discurso.

A analyse das passagens adduzidas, que vamos fazer, melhor explicará esta collocação pratica. Comecemos pelos poetas, em que é riquissima a lingua portugueza, e cujo estylo apurado nos dará uma bella amostra da estructura do periodo.

A passagem de José Basilio é um periodo composto de tres proposições grammaticaes, duas absolutas e uma subordinada, nas quaesos complementos não só se achão

mui bem collocados, mas com arte tal, que produzem admiravel effeito onomatopico nas duas ultimas proposições:....«E *vem guiando* Tropel confuso *de cavallaria,* Que combate *desordenadamente.*»

Neste periodo tudo concorre para o effeito apontado, tanto os complementos naturalmente collocados depois da forma composta do verbo frequentativo, *vem guiando*, equivalendo ao ultimo e mais extenso de todos a proposição subordinada, *que combate desordenadamente*, como as pausas dos dois ultimos versos de proposito deslocadas,as consoantes asperas combinadascom vogaes mudas, e as estiradissimas palavras, *cavallaria, desordenadamente*, postas no fim de cada um delles; por que tudo reunido imita, com propriedade, o galopar dos cavallos, que faz estremecer o solo, o retinir das armas dos cavalleiros, que fere os ouvidos, e o prolongado de toda essa scena de confusão e desordem, que impressiona os olhos.

Cumpre notar de passagem que as linguas, que não possuem estas formas verbaes compostas, que habilitão o Portuguez a converter em frequentativos não poucos de seus verbos, não podem produzir o mesmo genero de harmonia imitativa.

A passagem do padre Sousa Caldas é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, uma absoluta e cinco subordinadas, nas quaes todos os complementos estão mui bem dispostos para produzir effeito, notando-se na sua collocação estas leves transposições, ou simples *anastrophes*, mui frequentes no verso, «Feliz aquelle que *os ouvidos* cerra,» *Pelo vicio* empestada,» e o hyperbato, «Mas *na lei do Senhor* fitando *os olhos.*»

Neste periodo ha ellypse do adjectivo conjunctivo, *que*, nas ultimas quatro proposições subordinadas, o que com os adjectivos, *malvados, tenebrosa*, e, *claro*, antepostos aos substantivos com que concordão, com a appropriada collocação dos complementos,e o arrojado

hyperbato, «Mas *na lei do Senhor* fitando *os olhos*, que pinta bem a abstenção de outro qualquer pensamento, que não seja meditar na lei do Senhor, muito concorre, sem fallar na harmonia dos versos, para tornal-o summamente poetico, distinguindo-o da prosa, em assumpto tão elevado, como é a poesia biblica.

Eis como o padre Sousa Caldas, que é um dos primeiros poetas liricos de todos quantos ennobrecêrão o idioma portuguez, vertêo a mesma passagem em versos octosillabos, ou da arte menor:

«Venturoso o que não vaga
Pela estrada criminosa
Da impiedade, e a voz dolosa
Do malvado, que extragava,
Com sorriso não afaga;
Nem do vicio corruptor
Na cadeira pestilente
Se assentou com cego ardor;
Antes posta sempre a mente
Traz na lei do Creador.»

E tão bella é por sua naturalidade, graça, harmonia, e cunho poetico, a estrophe que se segue a essa, que ainda que não venha agora á nosso proposito, não podemos resistir ao desejo de transcrevel-a aqui:

«Qual arbusto, que plantado
Das aguas junto á corrente,
Com frescura permanente
Sempre está verde e copado,
E no tempo apropriado,
Troca em fructo a tenra flor:
Tal o justo, que se esmera
Na lei santa do Senhor;
Logo tudo lhe prospera,
Tudo corre a seu sabôr.»

Para que se veja a differença que vai de poeta á poeta, transcreveremos tambem a paraphrase da mesma passagem deste psalmo, feita pela marqueza de Alorna

e condessa d'Oeynhausen, mulher eruditissima, assignalando os logares, que nos parecem defeituosos:

«É feliz o varão, que se *desvia*
Dos conselhos dos impios; *que* prudente
Do peccador evita a errada *via*;
Nem lhe *importa* a cadeira pestilente
Onde corrupto ensina
O perverso sabêr, falsa doutrina.
É do Senhor a lei seu doce estudo;
Noite e dia a medita *enternecido*,
Ella lhe basta, nella encontra tudo.

Basta comparar uma com outra na escolha dos termos, para se conhecer o prosaico da segunda paraphrase que, além do pouco poetico, *importa*, e alambicado, *enternecido*, da especie de trocadilho, *desvia* e *via*, e repetição da mesma idea, *ella lhe basta*, *nella encontra tudo*, não contém epithetos, que formem imagem, como estes da primeira paraphrase, *iniqua*, *orgulhoso*, *infame*, *tenebrosa* e *claro*, si exceptuarmos apenas o adjectivo, *corrupto*.

Eis agora o texto, donde os dois poetas tirárão composições tão differentes, quer se attenda á belleza e perfeição do estylo, quer somente á harmonia metrica, que distingue o verso da prosa:

«Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum et in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiae non sedit;
Sed in lege Domini voluntas ejus, et in lege ejus meditabitur die ac nocte.»

A passagem de F. M. do Nascimento é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, todas absolutas, nas quaes os complementos estão mui bem dispostos para produzir effeito, notando-se em sua collocação todos estes hyperbatos mais ou menos arrojados, «As *entranhadas nuvens* dividindo,» «Mas, *do arrojo agastada* a Natureza, Sob alçapão ferrado *O te-*

merario arcano poz *seguro*, « *E aos seculos vindouros* Com manto espêsso de nublada treva *Lhe encobrio* o jazigo.»

Neste periodo produzem bello effeito os referidos hyperbatos, que pintão bem o esforço do areonauta rompendo as entranhadas nuvens, o agastamento da Natureza indignado, o encerro do arcano temerario, e o seu encobrimento aos seculos vindouros, contribuindo ainda para tornal-o muito poetico, e distincto da prosa, os adjectivos, *fabuloso*, *entranhadas*, *atrevidas*, *ligeiro*, *temerario*, e, *nublada*, já por sua collocação, já como epithetos, que formão imagem.

A passagem de Diniz é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, todas absolutas, nas quaes os complementos se achão igualmente bem dispostos para produzir effeito, notando-se em sua collocação estes hyperbatos, «Por largo campo *indomito* e *fremente* Corre o Nilo espumoso», Mas si na gran'carreira, *ás ondas* grato, *Tributo de candaes rios* acceita.»

Neste periodo concorrem superlativamente para o effeito poetico e onomatopico, tanto os referidos hyperbatos, como o apropriado dos epithetos, *indomito*, *fremente*, *fabuloso*, *caudaes*, *incognito*, e sobretudo a ajustada combinação de consoantes asperas e sibilantes com vogaes mudas, a qual representa ao vivo o Nilo avolumando ruidosamente em aguas até transbordar, e alagar o Egyto todo, a que o poeta chama *fabuloso*, por ser o berço das fabulas. Eis a demonstração desta feliz combinação nos tres primeiros bellissimos versos: «*Por largo* campo, indomito e *fre*mente *Corre* o Nilo e*s*pumo*so: Feroz* alaga a *ra*pida *cor*rente &c.»

A passagem de Garção é um periodo que consta de uma só proposição grammatical complexa, ou um periodo simples, no qual apenas se notão estas leves transposições, ou anastrophes: «*Já no roxo Oriente* branqueando,» «*Entre as vagas azues do mar dourado*, *Sobre as azas dos ventos* se escondião.»

Neste periodo o effeito politico está, tanto nas sobreditas anastrophes, como na propriedade e collocação dos epithetos, *roxo*, *prenhes*, *azues*, *dourado*, que com o gerundio *branqueando*, apresentão á vista uma especie de illusão cambiante, e principalmente nas ultimas pausas dos versos, que coincidindo com o final dos complementos, e do verbo pronominal, *se escondião*, pintão bem á imaginação o progressivo alongar-se da frota troiana, observado das praias de Cathargo.

A passagem de Frei José Durão é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, quatro absolutas, e quatro subordinadas, nas quaes se nota o hyperbato, «Copiosa multidão da náo franceza Corre a vêr o espectaculo *assombrada*, e as leves transposições ou anastrophes, «Uma que *as mais* precede em gentiieza», «Era Moêma, que *de inveja* geme.»

Neste periodo o effeito poetico está mais na novidade da pintura, que no artificio da collocação dos complementos; e concorre certamente para diminuil-o o grande numero de proposições incidentes ligadas pelo adjectivo conjunctivo, *que*, expresso, o qual se acha repetido não menos de tres vezes, e coincide desagradavelmente com o, *que*, depois do comparativo, *menos bella*. Tambem nos parece pouco poetico o emprego da palavra, *occasião*, por causa, no terceiro verso. Entretanto são mui bellos os dois primeiros versos já citados, assim como o ultimo, «E já visinha á náo se apega ao lême.»

A necessidade de empregar com frequencia proposições incidentes para supprir a falta de participios presentes, ou antes para evitar o equivoco destes com o gerundio, é um dos principaes defeitos do Portuguez; mas os grandes mestres da lingua procurão sempre encobril-o, seja omittindo, quando não são essenciaes, as circumstancias por taes proposições expressas, seja recorrendo, quando é possivel, ao participio sem confusão com o gerundio para exprimil-as, e ainda á simples

adjectivos verbaes, seja fazendo a ellipse do adjectivo conjunctivo, *que*, todas as vezes que o caso o permitte, como se nota na passagem do Padre Sousa Caldas, que analysámos, e ainda n'esta outra de Camões, em que por este signal—designamos a ellipse do referido adjectivo:

«As armas e os barões assignalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passárão ainda alem da Toprobana:
—Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificárão
Novo reino, *que* tanto sublimárão:

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, *que* forão dilatando
A fé, o imperio;—e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andárão devastando;
E aquelles, *que* por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Si a tanto me ajudar o engenho, e arte.»

Neste periodo de Camões notão-se até seis proposições incidentes, o adjectivo conjunctivo, *que*, quatro vezes expresso, e ainda a coincidencia deste com o, *que*, depois do comparativo, *mais*; com tudo, como o periodo é muito mais extenso, que o de Durão, e cabe á cada oitava tres incidentes com uma ellipse do sobredito adjectivo, o defeito fica como encoberto, porque a nossa attenção é illudida e distrahida, já pelas duas ellipses do, *que*, ja pela grande pausa entre as duas oitavas, ja principalmente pelo mais arrojado dos hyperbatos, de que pela ventura ministra exemplo a lingua portugueza, na collocação dos complementos, e do verbo regente, «*As armas e os barões assignalados* &, *Cantando espalharei* por toda parte.»

Na passagem de Durão, onde apenas lhe foi possivel fazer a ellipse do adjectivo conjunctivo no bello verso ja

citado, *Ja mais visinha a não se apega ao lême*, e nenhum outro artificio encobre o desagradavel encontro dos quatro, *quês*, em quatro versos successívos, o defeito é sobre modo notavel, como aqui se vê:

«Pasma da turba feminil, *que* nada;
Uma *que* as mais precede em gentileza
Não vinha menos bella do *que* irada;
Era Moêma, *que* de inveja geme.»

A passagem de Garrett é um periodo composto de cinco proposições grammaticaes, tres absolutas, e duas subordinadas, sem contar as infinitivas nellas comprehendidas, ou como sujeito, ou como attributo. Neste aggregado de proposições complexas, apenas se notão o hyperbato, «Qual sohem *Ao pôr do sol phantasticas figuras* As nuvens *debuxar* pelo horisonte,» e as leves transposições, ou anastrophes,...«Afigurou-se-me Vêr *do moimento* erguer-se um vapor leve.».... «E *longes* dava De humana forma irregular»...., achandose todos os mais complementos naturalmente collocados, como na prosa.

Neste periodo tudo concorre para o bello effeito poetico, quer as leves transposições, que servem á harmonia imitativa, quer o hyperbato, que tão bem pinta o phantastico das figuras debuxadas pelas nuvens, quer o appropriado dos epithetos, *leve, raro, transparente, espêsso*, e dos simples qualificativos, *humana*, *irregular,* quer as pausas dos versos artisticamente combinadas...«AfiguROU-se-me VER—do moimento erGUERse um VAPOR—LE—ve, RA—ro, como de NU—vem transpaREN—te FOI—pouco a pouco CondenSAN—dose esPÊS—so, e LON—ges DA—va De huMA—na FOR—ma irreguLAR--, qual soh—em Ao PÔR—do SOL—PHAN—tas—ticas fiGU—ras As NU—vens debuXAR—pelo horisON—TE,» accrescendo a isto o extraordinario da scena, para cuja verosimil representação conspirão todos esses artificios de collocação e pausa. A apparição do

phantasma d'el-rei D. Manoel está aqui soberba e magistralmente figurada.

A passagem de Nicoláo Tolentino é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, duas absolutas, e quatro subordinadas, nas quaes se notão os hyperbatos, «Que *a estragada cabeça* me atropella,» «*De tudo* quanto vi, te darei parte,» e a especie de anastrophe, «*D'alli pela miuda gelozia*, Espreitando qual timida donzella,» achando-se todos os complementos naturalmente collocados, como na prosa.

Neste periodo todo o effeito poetico está nas sobreditas transposições, das quaes a primeira pinta bem o desarranjo de cabeça occasionado pela melancholia, a segunda o acto de espreitar escondendo-se, e a ultima serve para distinguir o verso da prosa, no appropriado dos epithetos, *estragada*, *pobre*, *miuda, timida*, e na mesma natural collocação de todos os mais complementos, porque o assumpto tratado pelo poeta requer versos faceis e cadentes.

A passagem de Ferreira é um periodo composto de sete proposições grammaticaes, tres absolutas, e quatro subordinadas, nas quaes notão-se os hyperbatos, «*Leva* ante tempo a morte *á infame triste*,» *Herdo* eu mais livremente o *amor constante*,» e as anastrophes, Em-«fim Fortuna que *me* já *chamava*.» «D'aquelle jugo *á meu amor* contrario,» *ja com doces penhôres* confirmado,» sendo os complementos naturalmente collocados em muito menor numero, que os deslocados em sentidos diversos e oppostos.

Neste periodo o effeito poetico, si o ha, está unicamente na valentia do conceito expresso por estes versos, «Que a mi se entregou todo, e todo vive Na minh'alma, onde está seguro e firme, Já com doces penhôres confirmado,» porque as transposições são quasi todas defeituosissimas. A primeira, «Que *me* ja *chamava*,» produz desagradavel cacophonia pela reunião das palavras, *me já*; a segunda, «D'aquelle jugo *a meu amor*

contrario,» torna o verso duro pela má combinação das pausas; a terceira, «*Leva* ante tempo a morte *á infante triste*,» dá logar á equivoco do complemento objectivo com o sujeto, pela má collocação de um e outro na proposição; a quarta, «*Herdo* eu mais livremente *o amor constante*, offende o ouvido pela reunião das palavras, *herdo eu*, com elisão, e pela má combinação das pausas do verso.

A passagem de Sá de Miranda é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, duas absolutas, ou postas por taes com o verbo no condicional, e duas outras subordinadas, sem contar a elliptica incidente, «Rei de muitos reis,» nem as infinitivas comprehendidas nos attributos das subordinadas. Neste aggregado de proposições, apenas se notão as leves transposições, ou anastrophes, «E *ao bem commum* mal teria,» «Os respeitos, que *ter* devo,» requeridas pela necessidade da collocação, ainda quando o poeta se tivesse exprimido em prosa.

Neste periodo o effeito poetico, si algum ha, está todo na mesma naturalidade da collocação dos complementos, accommodada ao assumpto, e o defeito capital na falta de correspondencia dos tempos dos verbos, que a necessidade do consoante obrigou o poeta a commetter. Eis o que exigia a bôa logica grammatical: «Rei de muitos reis, si um dia, si uma hora só mal me *atrevesse* occupar-vos, mal faria, e ao bem commum não teria os respeitos, que ter devo.»

A primeira passagem de Camões é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, quatro absolutas, e duas subordinadas, nas quaes se notão os hyperbatos, «Com força desusada *Aquenta* o fogo eterno *Uma ilha, lá nas partes do Oriente, De estranhos habitada,*» «*Cercada* está *de um rio* De maritimas aguas saúdosas,» «*Das hervas que aqui nascem*, Os gados juntamente e os olhos *pascem,*» e as simples anastropes, «Aonde o duro inverno *Os campos* reverdece

alegremente,» «A Lusitana gente, Por armas sanguinosas, tem *della* o senhorio.»

Neste periodo o effeito poetico, que é maravilhoso, resulta, tanto das transposições citadas e da variedade do metro, ou ultimas pausas dos versos, como da propriedade e collocação, quer dos epithetos, *eterno*, *duro*, *sanguinosas*, *saúdosas*, quer dos adverbios, *alegremente*, *juntamente*, quer por fim dos constrastes, que formão *alegremente* com *duro inverno*, e *olhos* com *gados*, tomando-se o verbo, *pascem*, ja no sentido proprio, ja no figurado, em relação a cada um desses dois sujeitos. Todos estes accidentes reunidos compõe um harmonioso e bellissimo quadro traçado por mão de mestre.

A segunda passagem de Camões é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, uma absoluta, e tres subordinadas, nas quaes notão-se estes hyperbatos, «*Tão formosa* no gesto *se* mostrava,» «Que *as estrellas e o ceo e o ar visinho E tudo quanto a via* namorava.»

Neste periodo o effeito poetico, assás bello, está todo nas transposições, que tanto concorrem, já para o pittoresco, já para a harmonia, nas pausas, com especialidade do primeiro verso, «E CO—mo I—a—AFRON—TA—da—do CAMI—nho,» adrede calculadas para exprimir a especie de afrontamento da Deusa Venus, e no arrojado da hyberbole,....«As estrellas e o ceo e ar visinho E tudo quanto a via *namorava*.»

A passagem de Côrte Real é um periodo composto de duas proposições grammaticaes, uma absoluta, e outra subordinada, nas quaes se nota o arrojado hyperbato, «*Aos que nas procellosas, bravas ondas*, Com tempestuosos ventos ja *se virão Mil vezes submergidos*, grande allivio E descanso *lhes* é porto seguro,» que comprehende toda a passagem, chamando o caso, *lhes*, junto ao verbo, *é*, a attenção para o verdadeiro complemento do attributo da proposição absoluta, colloca-

do logo no principio, *aos que* &c., isto é, *áquelles que* &c.

Neste periodo o effeito poetico, que nos parece completo, está todo no referido hyperbato, nas pausas dos versos provenientes de vogaes longas e do sentido, que pintão admiravelmente a lucta das procellosas e bravas ondas, e o susto e as angustias dos que se virão mil vezes submergidos, formando bello contraste com essa angustiosa lucta o conceito expresso no final do penultimo e do ultimo verso,.... «Grande allivio E descanço lhes é porto seguro,» e finalmente na propriedade e collocação dos epithetos, «*procellosas, bravas, tempestuosos, grande, seguro.*»

Todo este artificio será melhor percebido notadas as pausas dos versos e do sentido pela maneira seguinte:

«Aos QUE—nas procELLO—sas, BRA—vas ON—das
Com tempesTUO—SOS VEN—tos, JA—se VI—rão
MIL VEZ—es submerGI—dos—, grande aLLI—vio
E desCAN—so lhes É—POR—to SEGU—ro.»

Neste quadro tão expressivo ha com tudo um senão, e vem a ser o emprego dos adjectivos synonimos *procellosas* e *tempestuosos*, que, applicados com justeza, um a ondas, outro a ventos, exprimem, reunidos no periodo, quasi uma e a mesma idea. O quadro seria perfeito, si o poeta no primeiro,ou no segundo caso, tivesse empregado outro adjectivo accommodado, que evitasse essa especie de repetição da mesma idéa.

A passagem de Quevedo é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, cinco absolutas, e uma subordinada, nas quaes se notão estas leves transposições, ou simples anastrophes, «E logo a Noite do aposento escuro Sahio, *as negras azas* estendendo, E *breves treguas* poz no assalto duro,» e o duplo hyperbato, «*Que* todos fôrão logo *recebendo*,» visto como o adjectivo conjunctivo, *que*, não se acha collocado logo depois do seu antecedente, *breves treguas*.

Neste periodo o effeito poetico está todo já nas simples anastrophes,e nos verbos frequentativos, *forão recebendo*, e, *vem descendo*, que servem optimamente á harmonia imitativa, já nos contrastes de ideas contidos nos versos, «E *breves treguas* poz *no assalto duro*,» Outros *em tão geral desconfiança* Inda não crêm *a timida esperança*,» que muito concorrem para dar animação e vida ao quadro traçado pelo poeta. O duplo hyperbato porém formado com o adjectivo conjunctivo, *que*, é um gravissimo defeito, que o desfigura, por ser construcção repgnante á indole da lingua.

Nas linguas em que as relações das palavras são expressas por casos, não ha inconveniente em separar o adjectivo conjunctivo do seu termo antecedente, mettendo outras palavras de permeio, como se observa no Latim, mas nas linguas sem casos, qual a nossa, e em que, aliás, esse adjectivo vai sempre para o principio da proposição incidente, de que é origem, não se tolera tal separação, não só por que dá logar á confusão,mas ainda porque, sendo elle complemento objectivo, como aqui, equivale a um duplo e desagradavel hyperbato. Os exemplos desta má deslocação encontrados nos classicos são devidos á servil imitação do Latim.

Até aqui temos produzido exemplos tirados de poetas, que escrevêrão em diversas épocas, é verdade, mas todos depois que a lingua se formou, e polio, despindo a primitiva rudeza, que lhe deturpou a menimice balbuciente; agora para que possão ser bem avaliados todos os serviços, que lhe prestárão estes, desde Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda até Garrett, adduziremos uma passagem extrahida do Cancioneiro del rei D. Diniz, que começou a reinar em 1279, e escripta por conseguinte quasi trezentos annos antes da publicação dos Luziadas de Camões, a qual se realisou em 1572 no reinado del rei D. Sebastião.

«Praz m'ha (*por* me á) mi, senhor, de moirer (morrer)
E praz m'ende (*por ello*, por isso) por vosso mal

Ca (porque) sey que sentiredes (sentireis) qual
Mingua (falta) vos poys ey (hei) de fazer
Ca nõ (não) perdé (*por* perdedes) pouco senhor
Quando perdé tal servidor
Qual perdedes (perdeis) en (em) me perder.

(El Rei D. Diniz.)

Quem, ao ler essa passagem, dirá que a barbara e rude algaravia do tempo del rei D. Diniz é a mesma lingua tão culta, e nobre, em que poetizárão os Camões, os Nascimentos e Sousa Caldas, que não teem, quanto a perfeição de estylo, superiores em lingua viva, o primeiro na poesia épica, e os dois ultimos na lyrica? Quem, ao comparar o bello portuguez dos Luziadas com o durissimo vosconso do exemplo citado, não ficará verdadeiramente assombrado do immenso progresso, que fez a lingua dentro de tres seculos, devido pela mór parte aos sublimes esforços dos poetas, e com especialidade de Camões, o maior de todos, e o europeo pela ventura mais instruido do seu tempo?

A rudez do Portuguez primitivo é com muita propriedade descripta nos seguintes versos por F. M. do Nascimento:

«Uma lingua tão dura como as armas,
Que em nosso pó terçavão nas pelejas,
Era a lingua dos Luzos valerosos,
Antes que os claros lumes do alto Pindo
Queimassem fezes godas e mouriscas
Da tosca algaravia, que em seu seio
Lavrou té o seculo apurado
De João segundo, de Manoel ditoso.»

Entretanto para que se veja a grande e notavel differença que, em pouco mais de cinco ou seis quartos de seculo, ja fazia o idioma portuguez, daquella tosca algaravia do tempo del rei D. Diniz, aqui produzimos tres passagens, uma de Garcia de Rezende, outra de Gil Vicente, e outra de Bernardim Ribeiro:

«Vimos taes cousas passar,
Em nosso tempo e idade,
Que, se se ouvirão contar,
Por mentira e vaidade
Se ouverão de julgar;
E pois as temos sabidas,
E estão tão esquecidas,
Que não lembrão a ningem,
Veja vossa Alteza bem,
Que vimos em nossas vidas.»

Escudeiro—«Toma lá esse sombreiro;
Eu sam (sou) já accrescentado
Escudeiro encavalgado,
Depois serei cavalleiro,
Que o anno fôr acabado.
Ando já quasi privado
Como quem no melhor anda,
Agora vêr-me em demanda,
Acho-me tão salteado
Como o gato na varanda.

Viste-me tu nunca andar
Em demanda com ninguem,
Senão hua em Santarem?
Moço—E outra no Lumiar,
E em Lisbôa tambem
Mas antes, a Deos louvores,
Sempre vos vi ser citado
Escudeiro—Folgo porque és lembrado,
E louvas Deos com minhas dôres.»
. . . .

«I-vos (ide-vos), minhas cabras, i-vos,
Gado bem aventurado,
Em outro tempo passado;
Ficai-vos, ou despedi-vos,
Despojo do meu cuidado:
Já vos não verei comêr
Penduradas do penedo,
Onde vos sohia vêr

Andar saltando sem medo,
Sem medo de me perder.

Já vos mais não cantarei
Nenhuns versos nem cantigas,
Mas a todos contarei
As minhas tristes fadigas,
Com que sempre vivirei:
Minhas cabras desditosas,
Já vos não verei roêr
As salgeiras amargosas,
Que sohieis de pascêr
Polas ribeiras fragosas.»

A passagem de Bernardim Ribeiro sobre tudo é admiravel, por ser uma feliz imitação, antes excellente traducção paraphrastica daquelle logar da primeira ecloga de Virgilio, *Ite, meae, felix quondam pecus, ite, capellae,* á qual já então se prestava a lingua portugueza, que, a seculo e meio ou dous seculos atrás, era ainda uma mistura de latim barbaro, de godo e arabe! Aqui damos toda a passagem do poeta latino, para que se veja que o poeta portuguez não só a não desfigurou, mas até a aformoseu no que respeita á natural expressão do sentimento, em que é cabal.

«Ite, meae, felix quondam pecus, ite capellae,
Non ego vos posthac, viridi projectus in antro,
Dumosa pendere procul de rupe videbo.
Carmina nulla canam; non, me pascente, capellae,
Florentem cytisum et salices carpetis amaras.»

Sendo ambas as estancias do poeta portuguez mui bellas por sua naturalidade, melancholia e suavidade, só notaremos os ultimos cinco versos da segunda, em que servem optimamente ao colorido os epithetos, *desditosas*, *amargosas*, *fragosas*, os dois ultimos pela propriedade, e o primeiro pelo arrojado da applicação. Quem lêr com toda a attenção esta passagem, e a confrontar com o texto, não deixará certamente de confessar que

não era possivel traduzir Virgilio em mais lindos e maviosos versos. Bernardim Ribeiro, que não tem aliás sido tão bem apreciado, quanto devêra sêl-o, é de todos os poetas classicos, si exceptuarmos Camões, o que melhor soube fallar ao coração.

Convem observar que assim como a lingua portugueza, por suas proposições do infinito pessoal, por seus verbos frequentativos, por suas amiudadas transposições e ellipses, e por sua abundancia de palavras e sons onomatopicos, é uma das linguas modernas mais proprias para a poesia, assim possue tambem qualidades, que lhe são contrarias, como a sua multiplicidade de proposições incidentes, as suas invariaveis terminações em, *s*, no plural dos nomes, as suas igualmente invariaveis terminações em, *r*, nos infinitos dos verbos, e as suas desagradaveis terminações, em *ão*, quando a ellas se seguem palavras, cuja primeira syllaba começa por vogal.

Das asperezas resultantes dos, *ss*, finaes repetidos, quando no mesmo verso se empregão muitos nomes do plural, ou ainda somente dois com palavras invariaveis terminadas em, *s*, não se acha isento o proprio Camões, como se nota nos seguintes versos das duas primeiras oitavas do seu poema já citados, tão cheios de, *ss*, sibilantes.

«A*s* arma*s* e o*s* barõe*s* assignalado*s*
. . . .
Por mare*s* nunca d'ante*s* navegado*s*
. . . .
Em perigo*s* e guerra*s* esforçado*s*.»
. . . .

A invariavel terminação em, *r*, dos infinitos dos verbos, que nos é commum com o Hespanhol, e não se dá nas outras linguas derivadas do Latim, como o Italiano e o Francez, porque na ultima é modificada pela pronuncia nos verbos das tres primeiras conjugações, é outra notavel aspereza do patrio idioma, que o instincto

leva as vezes o povo baixo a evitar, em Portugal, accrescentando um, *i*, depois do, *r*, e no Brazil, supprimindo o, *r*, como se vê nestes exemplos da pronuncia vulgar nos dois paizes. «Não posso *perderi*» «não posso *perdê*,» os quaes citamos não para imitação, o que seria absurdo, mas unicamente para comprovar o nosso asserto.

A terminação em, *ão*, antigamente, *om*, como se vê em, *nom*, *affeiçom*, *amárom*, *perderóm*, torna-se assás desagradavel quando a palavra seguinte começa por vogal, com ou sem ellisão dessa vogal, o que se nota na seguinte passagem de Ferreira, poeta que prestou grandes serviços á lingua, mas de durissimo ouvido:

«Trabalho, mais que stado, teem os reis,
Os bons reis, que *não amão assi* seus vicios,
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos e mais fortes,
Que o baixo povo que anda após só elles.»

Passemos porém á analyse dos prosadores, em que a lingua em verdade não é tão rica, como em poetas, por que depois dos grandes vultos de João de Barros, de Frei Luiz de Souza e do Padre Antonio Vieira, que a ennobrecêrão, e aperfeiçoárão no seculo decimo sexto e em parte do decimo setimo, não se apresentão outros que lhe fizessem iguaes serviços, ou com aquelles emparelhassem no merito de escrever, si bem tenha ella feito sensivel differença, si a apreciarmos na generalidade dos escriptos dos que se lhes seguirão até hoje.

A passagem de Garrett é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, quatro absolutas, e duas subordinadas, nas quaes todos os complementos se achão naturalmente collocados sem transposição alguma.

Neste periodo, assás numeroso e claro pela bôa disposição dos complementos, a palavra, *cancro,* complemento do attributo da primeira proposição subordinada, e antecedente do adjectivo conjunctivo, *que*, que liga a segunda subordinada, equivale por si só a esta propo-

sição incidente: «O que é cancro que &c.» Este genero de proposições implicitas é um expediente a que muitas vezes recorrem os nossos prosadores, e poetas, para evitar o emprego de proposições incidentes, em que tanto abunda o Portuguez.

A passagem do marquez de Maricá é um periodo composto de tres proposições grammaticaes, duas completas, e uma elliptica, aquellas absolutas e esta subordinada, nas quaes todos os complementos estão naturalmente collocados sem transposição alguma.

Neste periodo, que pode servir de modelo de estylo sentencioso, o numero e a harmonia estão tanto na bôa disposição dos complementos, como nos contrastes das ideas *superlativo engenho*, e *extraordinaria belleza*, com *mediocridade em tudo*, auxiliando optimamente a natural collocação dos primeiros ao effeito moral produzido pela opposição dos segundos.

A passagem do Padre Francisco José Freire é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, duas absolutas, e quatro subordinadas, nas quaes os complementos se achão todos naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo em que a bôa disposição dos complementos serve ao numero e á harmonia, e a palavra, *injuria*, equivale por si só á uma proposição incidente, como a palavra, *cancro*, no de Garrett, ha todavia a notar um defeito, e vem a ser a dureza da ellipse do adjectivo *toda* e artigo *a*, subentendidos no singular para concordarem com o substantivo, *energia*, visto como os referidos adjectivo e artigo se achão expressos no plural antes da palavra, *delicadezas*.

A passagem de M. Severim de Faria é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, duas absolutas, e seis subordinadas, nas quaes todos os complementos estão naturalmente collocados, não obstante a multiplicidade de circumstancias, que precedem o verbo da seguinte proposição absoluta, *compoz*.

Neste periodo, assás numeroso e cheio, a bôa disposição dos complementos não só serve perfeitamente á harmonia, que desappareceria com a menor mudança, mas ainda como que a encobrir a reunião de quatro proposições incidentes, cuja ligação o autor teve aliás o cuidado de variar, substituindo em uma dellas o adjectivo conjunctivo, *que*, pelo adverbio conjunctivo, *onde*, para evitar o desagradavel encontro de quatro, *quês*. Assim, posto que os complementos estejão naturalmente collocados, ha nelle grande artificio de collocação, necessitado pelas muitas circumstancias, que se ligão ao sobredito verbo.

A passagem de Jacinto Freire é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, duas absolutas, e quatro subordinadas, nas quaes todos os complementos estão naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo, em que nada ha a notar, o numero e a harmonia resultão tanto da bôa disposição dos complementos, como da collocação na ordem inversa dos sujeitos da proposição principal, *tratou logo el rei de fortificar Ceita*, da subordinada do participio, *chegada á Portugal esta nova*, e da subordinada incidente, *que ensinava a disciplina d'aquelles tempos*.

A passagem do Padre Antonio Vieira é um periodo composto de sete proposições grammaticaes, uma absoluta, e seis subordinadas, nas quaes apenas se nota a leve transposição ou anastrophe, «Assim *a um exercito* ou *republica* não *lhe basta* aquella parte da justiça, que &c.», achando-se todos os mais complementos naturalmente collocados.

Neste periodo, em que o numero e a harmonia resultão, tanto da sobredita anastrophe e bôa disposição dos complementos, como de duas ellipses do adjectivo conjunctivo nas proposições incidentes, *sustente*, *e anime a esperança dos homens*, ha nada obstante a notar a dureza da ellipse do artigo indefinido, *uma*, subenten-

dido na terminação feminina para concordar com o substantivo, *republica*, sendo que este artigo se acha expresso antes na terminação masculina junta ao substantivo, *exercito*.

A passagem do Bispo D. Jeronymo Ozorio é um periodo composto de doze proposições grammaticaes, tres absolutas, e nove subordinadas, sem contar as infinitivas, que ou servem de sujeito, ou completão o attributo de algumas dellas. Em todas estas proposições os complementos estão naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo, assás numeroso e cheio pela bôa disposição dos complementos, ha nada obstante a notar o desagradavel encontro de seis, *quês*, bem que tomados em sentidos diversos, ora como conjuncção, ora como adjectivo conjunctivo, ora como adjectivo interrogativo, tendo aliás tido o autor o cuidado de variar as ligações das proposições incidentes com o emprego do adjectivo conjunctivo, já na forma invariavel, já na variavel.

A passagem de Frei Luiz de Sousa é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, duas absolutas, e duas subordinadas, sem contar as infinitivas, que completão o attributo da primeira subordinada. Em todas estas proposições os complementos estão naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo, assás numeroso e cheio, tanto concorre para a harmonia a bôa disposição dos complementos, como o emprego do verbo frequentativo, *andava entendendo*; e si ha alguma cousa a notar é a especie de duplo sentido, a que dá logar a primeira proposição absoluta nelle incluida, *Profundissimos são os juizos de Deus*, a qual devia por si só formar um periodo grammatical distincto.

A passagem de João de Barros é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, duas absolutas, e quatro subordinadas, nas quaes se nota o pleonasmo,

«Por tanto pois *lhe a elle* approuve,» e o hyperbato, «não permittirá que *eu perca algum premio*, si desse trabalho o posso ter, *trocando* ou *negando os meritos de cada um*, achando-se todos os mais complementos naturalmente collocados.

Neste periodo, tão numeroso e cheio, tudo concorre para a harmonia, quer as sobreditas figuras de construcção, quer a bôa e natural collocação de todos os mais complementos, quer, e muito principalmente, os expressivos contrastes formados pela opposição das ideas, «não *per officio*, mas *per indignação*,» «não *por premio*, mas *de graça*,» «e *mais offerecido*, que *convidado*.»

A passagem de Bernardim Ribeiro é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, tres absolutas,e uma subordinada, nas quaes se nota a leve transposição ou anastrophe, «*Menina* e *moça* me levárão de casa de meu pai pera longes terras,» e o hyperbato, *qual fosse então a causa daquella minha levada*, era pequena, não *a soube*.»

Neste periodo o numero e a harmonia resultão das transposições sobreditas; e nada mais ha a notar senão que a proposição, *era pequena*, devia estar collocada entre parenthesis, por ser uma absoluta incidente, visto que o autor a não ligou por conjuncção, afim de subordinal-a á ultima, *não a soube*.

Até aqui temos unicamente produzido exemplos de prosadores, que escrevêrão do seculo decimo sexto em diante, ou depois que a lingua se formou, e polio; agora adduziremos tambem alguns de prosadores, que escrevêrão no seculo decimo quinto, para que se veja a differença por ella feita em tres quartos de seculo pouco mais ou menos, a qual, si exceptuarmos os termos antiquados, consiste quasi toda na terminação, em, *om*, na pronuncia, e no modo de ortographar as palavras.

«Muito presada e amada Raynha Senhôra, vós me requereste que juntamente vos mandasse screver alguas

cousas que avia scriptas per boo regimento de nossas consciencias e vontades: e posto que saiba, graças a nosso Senhor, que de todo (de tudo) avees muy comprido conhecimento com virtuosa husança, satisfazendo a vosso desejo, consiirei (considerei) que seria melhor feicto em forma de huu soo tractado com alguns adimentos; e assi o fiz por vos complazer, e filhar (tomar) em no fazendo alguu spaço de cuidados com rasoado passamento de tempo.»

(El Rei D. Duarte.)

«E porem ouverom seu conselho do que faryam o outro dya, e acordarom, depois de muytas razões passadas, que por nom fazer longa scriptura leixo (deixo) de screver, de irem nos batées, e darem ante manhaa na povoraçom (povoação), ca podera seer, disseram elles, que os Mouros, vista nossa tornada, pensarom que nos viemos como homees desesperados de os podermos cobrar, e com tal maginaçom, faram a volta pera seu allojamento; e nom somente nos aproveitara sua tornada ally, mas ainda a segurança com que se podem lançar em repouso.»

(Gomes Eannes de Azurara.)

«Se me ante maravilhava do padecimento de Joham Frrz acerca de sua governança, pouco menos me maravilho da afeiçom que lhe os moradores daquella terra tomarom, e já seja que fosse sua afabyllidade muy grande pera qualquer outra gente, antre aquelles maravilhoume como pode haver lugar, ca me certificarom que quando se partira daquelles com que nos passados sete mezes conversara, muytos delles choravom com soydoso pensamento.»

(Gomes Eannes Azurara.)

El rei D. Duarte, o primeiro prosador portuguez, de quem adduzimos uma passagem, que nos parece bastante para especimen, escrevêo o seu «Leal Conselheiro» de 1428 a 1437, e era não só um dos principes, mas ainda um dos homens mais instruidos do seu tempo. Gomes Eannes de Azurara, o terceiro prosador [1] portu-

1 Porquanto escrevêo depois de Fernão Lopes, que se seguio á D. Duarte, e cujos escriptos só ultimamente podemos obter.

guez, de quem adduzimos duas passagens, terminou a sua «Chronica de Guiné» em 1448 no reinado de D. Affonso V, filho e successor de D. Duarte, e era tambem um dos europeus mais instruidos de seu tempo.

Nos exemplos citados, que produzimos com a mesma ortographia, cumpre notar que duas vogaes semelhantes repetidas equivalem a uma vogal longa, e que já no tempo de Azurára a terminação, em, *om*, começava a variar para, *am*, ou *ão*, pois que o autor escreve quasi indifferentemente, *faryam*, *disseram*, *acordarom*, *certificarom*, *choravom*.

A passagem d'el rei D. Duarte é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, quatro absolutas, das quaes uma é elliptica e incidente, e quatro subordinadas, sem contar as infinitivas que completão o attributo da ultima absoluta. Em todas estas proposições os complementos estão naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo o numero e a harmonia resultão da bôa disposição dos complementos, que todos se achão mui bem collocados, menos o adverbio, *juntamente*, que devia estar antes ou depois do verbo, *screver*; e ha a notar a dureza tanto da ellipse do pronome, *eu*, sujeito dos verbos, *avia scriptas*, e, *saiba*, porque, sem elles, as primeiras pessôas dos referidos verbos se confundem com as terceiras, como da ellipse do adverbio, *separadamente*, que devia estar expresso junto ao verbo, *avia scriptas*, para a perfeita intelligencia do sentido.

.....«As cousas *que avia*, ou *havia scriptas*,» é construcção analoga á franceza, *les choses que j'avais écrites*, mui usada n'aquelles tempos, e depois substituida pela forma verbal composta, *hei*, *houve*, *havia*, *haverá escripto*, *feito*, *dito*, &c., na qual tomou o logar do participio preterito o supino invariavel combinado com os auxiliares, *ter*, e, *haver*. Nos classicos do decimo sexto seculo, como Barros e outros, sem ex-

cepção do proprio Camões, ha ainda exemplos daquella primeira construcção, adoptada sem duvida do Francez.

A primeira passagem de Azurára é um periodo composto de doze proposições grammaticaes, quatro absolutas inclusivé a incidente, *disseram elles,* e oito subordinadas inclusivé a do participio, *vista nossa tornada;* isto, sem contar as proposições do infinito pessoal, que completão o attributo de uma das absolutas, e o de outra das subordinadas. Em todas estas proposições os complementos estão naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo o numero e a harmonia resultão da bôa disposição dos complementos, que todos se achão mui bem collocados; e nada ha a notar em sua estructura, a não ser o cuidado com que o autor evitou o desagradavel encontro de muitos, *quês,* seja empregando as proposições do infinito pessoal, *de irem nos batees, darem ante manhaa na povoraçom, de os podermos cobrar,*, seja fazendo a ellipse da conjuncção, *que,* nas proposições, *e—com tal maginaçom faram volta pera seu allojamento. e—nom só nos aproveitara sua tornada ally, mas ainda a segurança &c.*

A segunda passagem de Azurára é um periodo composto de onze proposições grammaticaes, duas absolutas. e nove subordinadas, nas quaes se notão as leves transposições ou anastrophes, «Se *me* ante *maravilhava* do padecimento de Joham Frrz acerca de sua governança,» pouco menos me maravilho da afeiçom que *lhe* os moradores daquella terra *tomarom*,» achandose todos os mais complementos naturalmente collocados.

Neste periodo, em cuja estructura assentão mui bem as duas anastrophes sobreditas, o numero e a harmonia resultão da boa disposição dos complementos, que todos estão optimamente collocados para produzir ef-

feito, e não ha a notar cousa alguma, que o desfigure, antes o artificio, com que o autor soube fazer sobresahir a saúdade nos barbaros de Africa, collocando no fim a proposição, *muitos delles choravom com soydoso pensamento*, tão cheia de palavras harmoniosas.

Si Gomes Eannes de Azurára, que á tanta instrucção reunia tão apurado gosto e delicado ouvido, tivesse vivido um seculo mais tarde, ou composto a sua interessante obra, depois que a lingua se polio, e aperfeiçoou, teria sido por certo um escriptor igual em merito á João de Barros, ou á Frei Luiz de Sousa, e um dos primeiros classicos portuguezes. Para nos convencermos disto, basta compararmos os seus dois periodos, tão perfeitos na estructura, com os defeituosos de outros autores muito mais modernos, cujas passagens adduzimos, e nomeadamente com o do padre Manoel Bernardes, cuja analyse por mais complicada reservamos para este logar.

A passagem do referido padre é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, uma absoluta, e sete subordinadas, nas quaes os complementos achão-se naturalmente collocados sem a menor transposição.

Neste periodo, não obstante a regular disposição dos complementos, e a harmonia material della resultante, nota-se com tudo dureza e confusão na expressão do pensamento, occasionadas por falta de observancia da bôa logica grammatical. Provem a má enunciação das ideas de haver o autor feito duas comparações ambas defeituosas; uma, porque carece de perfeita concordancia; outra, porque tem um termo de mais.

Para que isto se torne bem evidente restabeleceremos primeiramente toda passagem com supprimento das ellipses:

«*Qual* o bonacho, animal semelhante á vacca e com crinas como cavallo, quando os caçadores o perseguem, solta de si *tão pestilento humor* por largo espaço de terra, *que* os atordôa, e *que* assim deixão de o seguir; *taes são*

os que, quando os quereis reduzir á razão, de cada vez soltão mais despropositos, e fallão *mais* descomedidamente.»

Para que houvesse na primeira comparação perfeita concordancia, convinha que os objectos comparados estivessem ambos no singular, ou que o termo antecedente de, *qual*, fosse, *tal*, e não, *taes*, cuja discordancia com o segundo termo é contraria á bôa logica grammatical.

Para que na segunda houvesse justeza, devia constar de dous termos, supprimida a proposição redundante, *e que assim deixão de o seguir*, que constitue uma especie hybrida de terceiro termo, sendo aliás que toda comparação se dá unicamente entre dois termos,—*o objecto* que se compra, e *aquelle* a que é comparado.

Ora, devendo as cousas comparadas em segundo logar ser, *o humor tão pestilento*, e, *o prompto atordoamento dos caçadores*, seu effeito; é claro que a proposição, *e que assim deixão de o seguir*, a qual tem sujeito e attributo diversos dos da proposição, *que os atordôa*, ou não é complemento della, mas da proposição. . . .*solta de si tão pestilento humor por largo espaço de terra*, constitúe um terceiro termo de comparação, e é demais tanto na comparação, como no periodo.

Eis aqui a mesma passagem reproduzida com as ellipses, e sem os defeitos capitaes, que a desfigurão:

«O bonacho, animal semelhante á vacca e com crinas como o cavallo, quando os caçadores o perseguem, solta de si tão pestilento humor por largo espaço de terra, que os atordôa: tal é o que, quando o quereis reduzir á razão, de cada vez solta mais despropositos, e falla descomedidamente.»

Da comparação do Portuguez culto do seculo decimo terceiro, ou do Cancioneiro d'el rei D. Diniz, que é um dos primeiros monumentos da lingua, com o Portuguez do seculo decimo quinto, ou com os escriptos d'el rei D. Duarte e de Gomes Eannes de Azurára, resultão as seguintes differenças essenciaes:

1.ª Mudança das terminações das segundas pessôas do plural dos verbos, em *ades*, *ade*, *èdes*, *ède*, para *ais*, *ai*, *ees*, ou *eis*, *ei*.

2.ª Começo de alteração no modo de ortographar as palavras, resultante da alteração na pronuncia dellas.

3.ª Começo de extirpação das fezes godas e mouriscas, que ja quasi se não notão nas obras dos dois ultimos autores, senão de longe em longe.

4.ª Mais numero na harmonia e estructura dos periodos.

Da comparação do Portuguez culto do decimo quinto seculo, ou dos escriptos d'el rei D. Duarte e de Gomes Eannes de Azurára, com o Portuguez do decimo sexto e decimo setimo seculos, ou com os escriptos dos principaes prosadores e poetas dessa época, resultão as seguintes differenças essenciaes:

1.ª Mudança da terminação, em, *om*, para *ão*.

2.ª Mudança na pronuncia de muitas palavras, e consequente alteração no modo de ortographal-as.

3.ª Substituição do participio preterito pelo supino invariavel nas formas compostas dos verbos conjungados com os auxiliares, *ter*, e *haver*.

4.ª Ellipse quasi constante da preposição, *em*, nas circumstancias expressas pelo gerundio.

5.ª Combinação muito mais frequente das preposições, *em*, *de*, *per*, *por*, com o artigo, *o*, *a*, donde resulta muito mais harmonia á phrase.

6.ª Diminuição sensivel de transposições e hyperbatos na prosa, que ficou pela collocação dos complementos assás distincta da poesia.

7.ª Rejeição de vozes antiquadas e obsoletas, já pela significação, já pela terminação, e sua substituição por outras, ou mais expressivas, ou mais sonoras.

8.ª Abundancia e riqueza de termos e expressões, proprios para exprimir toda a sorte de ideas, e tratar todo o genero de assumptos

9.ª Muito mais numero e harmonia na estructura dos periodos.

O seculo decimo sexto, em que florecêrão João de Barros, Camões, e Frei Luiz de Sousa, os mais insignes e abalisados mestres do fallar portuguez, é a verdadeira época do aperfeiçoamento e virilidade da lingua, á qual Gomes Eannes de Azurára, tão merecidamente elogiado pelo primeiro, havia ja prestado grandes e assignalados serviços na sua Chronica de Guinê, obra que, attendendo-se ao tempo em que foi escripta, excita a admiração dos entendedores.

Si bem que quasi todas as modificações porque passou o idioma, depois do apparecimento do primeiro historiador portuguez até ao dos classicos do decimo sexto seculo, tenhão geralmente concorrido para ennobrecêl-o e aperfeiçoal-o; é todavia para lamentar que fosse adoptada a ellipse da preposição antes do gerundio, que ficou assim confundido com o participio presente, bem como que cahisse em desuso a deslocação dos pronomes chamados conjunctivos, a qual tanta graça e harmonia ministrava ao dizer, e ainda se nota nos escriptos de Bernardim Ribeiro, João de Barros, e outros classicos do referido seculo.

Da comparação do Portuguez do decimo sexto e decimo setimo seculos, ou dos escriptos dos prosadores e e poetas da época em que mais florecêo a lingua, com o Portuguez do decimo oitavo e decimo nono seculos, ou com os escriptos dos prosadores e poetas, que succedêrão aos grandes modelos classicos, até os nossos dias, resultão as seguintes differenças essenciaes:

1.ª Raro emprego de hyperbatos e transposições na prosa, onde por via de regra a collocação dos complementos é toda feita naturalmente.

2.ª Uso muito mais frequente da ordem directa na collocação dos termos da proposição, sem que com tudo deixe ainda de predominar a ordem inversa nos escriptos dos autores de melhor nota, que lutão contra a torrente das innovações francezas, que nos vão abastardando a lingua.

3.ª Abandono deploravel de muitos termos expressivos, e locuções pittorescas e animadas, que o pouco ou nenhum estudo do patrio idioma tem feito esquecer.

SEGUNDA SECÇÃO.

CONTINUAÇÃO DA ESTRUCTURA DO PERIODO GRAMMATICAL.

Collocação das proposições.

A collocação das proposições no periodo não importa menos á sua clareza e harmonia, que a dos complementos, como passamos a demonstrar com exemplos, tirados dos poetas e prosadores mais distinctos de differentes épocas, desde que a lingua se polio, e aperfeiçoou, até nossos dias. Sendo mui conveniente conhecer bem as ligações das proposições em cada uma das passagens adduzidas, as conjuncções de primeira classe ou partes da oração, que fazem as suas vezes vão em versaletes; as de segunda classe ou partes da oração, que fazem as suas vezes, em italico.

Exemplos:

«Campos, com *que* prazer, com *que* saudade,
Buscar-vos corro, escravo fugidio
Do duro imperio da violenta côrte!
Sêde-me asylo, oh bosques
De afortunada sombra!
Contra as douradas mágoas,
Contra o riso traidor da vil lisonja,
Contra a voz indigente de cobiça.»

(F. M. do Nascimento.)

«Poz o seu throno sobre o sol ardente,
Que as nuvens rompe, E *qual* gentil esposo
Ergue do leito nupcial a frente

Pomposa E leda:
Com desmedido agigantado passo,
De um polo á outro se abalança E gira;
Deserto monte, solitario valle
Não se lhe escondem.»

(O Padre Sousa Caldas.)

«Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro cristalino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.»

(Garção.)

«O sublime cantor, *que* sobre as azas
Do sagrado poema leva aos astros
O Gama illustre E a lusitana empreza
Dos Gangeticos mares;
Dizei, *qual* digna recompensa, o Musas!
Teve á seu canto, de *que* se honra Apollo,
Que á tanto feito, á tanto heroe valente
Deo immortal memoria?»

(A. Ribeiro dos Santos.)

«Engana-se, senhor: (o Deão volve)
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;
E *posto que* no côro, muitas vezes,
Em rasão desta minha dignidade,
A meu pesar, alguns ouvir eu deva;
Em quanto o padre grita, estou dormindo;
Pois d'outra sorte disfarçar não posso
A fome, *que* me ataca a essas horas.»

(Diniz.)

«O cavallo atélli forte e brioso,
E costumado á não ter mais sustento
N'aquelles climas, do *que* a verde relva
Da mimosa campina, desfallece;
NEM mais, *si* o seu senhor o afaga, encurva
Os pés, E cava o chão co'as mãos, E o valle
Rinchando atrôa, E açouta o ar co'as clinas.»

(J. Basilio da Gama.)

«Oh divino pintor da natureza,
Prestigioso Gesner, meu doce enlevo!
Oh! tu, *cujas* canções harmoniosas,
Como o sol bellas, gratas como as flores,
Puras como a tua alma, *quando* as lia,
OU de uma fonte ao trémulo murmurio,
OU á sombra de um plátano, ou de um louro,
Dos olhos doces lagrimas saltávão,
E no sensivel coração me erguião
Terna saúdade, ou co'a innocencia E mágoas
Dos nossos paes primeiros, OU c'o quadro
Dos singelos costumes dos Pastores.

(J. M. da Costa e Silva.)

«Eu, Marillia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, E dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, E nelle assisto;
Da-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãas, de *que* me visto.»

(Gonzaga.)

«Arde a Neptunia Troia já rendida
Ao cavallo fatal E grega espada,
Em cinza, em fumo, em sombra convertida,
Que a gloria humana é fumo, é sombra, é nada:
Já tratavão os Gregos da partida,
Carregando o despojo á grande armada;
E entre tão rica E soberana preza
Era a formosa Hellena a mor riqueza.»

(Gabriel P. de Castro.)

«Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruto,
N'aquelle engano da alma, ledo E cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saúdosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando E ás hervinhas
O nome, *que* no peito escripto tinhas.»

(Camões.)

«Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados E nascidos;
Verão os Cafres asperos E avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, E preclaros,
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisado longamente
C'os delicados pés a areia ardente.»

(Camões.)

«Lá no meio de Italia, ao pé de uns montes,
Altissimos, se faz um valle escuro,
De negro E espesso bosque rodeado.
Pelo *qual* um medonho, torto rio
Corre com gran'rugido entre penedos:
Dentro neste logar sombrio E triste
Uma profunda cova E bocca horrenda
Escurissima está, E nella se abre
Um fera gauganta, *que* descobre
As tristes negras aguas de Acheronte:
Infernaes E pestiferos vapores
Desta espantosa bocca veem continuos.»

(Corte Real.)

«O universo material e moral está de tal maneira impregnado da acção e inspirações da Divindade, *que* os eventos, *que* parecem mais fortuitos, teem a sua origem latente nas disposições predeterminadas daquella infinita sabedoria e providencia, *que* vela incessantemente no bem, na ordem E perpetuidade do systema universal.»

(O Marquez de Maricá.)

«São mui raros os homens privilegiados, á *quem* circumstancias especiaes elevárão á um gráo de saber insolito E extraordinario; elles deverião ser os directores dos povos, MAS infelizmente estes não os sabem comprehender E apreciar, NEM elles tolerar os seus caprichos E desatinos.»

(O Marquez de Maricá.)

«A doutrina de Zoroastres, celeberrimo entre os Persas, era: *Que* do Deus grande, symbolisado no fogo, manavão outros dois Deuses inferiores; de um, symbolisado na luz, procedião os espiritos; de outro, symbolisado nas trevas,

procedia tudo o que era materia: *que* havia contenda perpetua entre a luz, e as trévas, e *que* a materia, sempre agitada pelo principio da luz, se havia de tornar no Oceano de fogo, donde mana.»

(O Padre Theodoro de Almeida.)

«MAS, *em quanto* Bocage e seus discipulos tyrannisavão a poesia, e estragavão o gosto, Francisco Manoel, unico representante da grande eschola de Garção, gemia no exilio, e de lá com os olhos fitos na patria se preparava para luctar contra a enorme hydra, *cujas* innumeras cabeças erão o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios,*que* ião devorando a litteratura nacional.»

(Garrett.)

«*Que* o livro dos Psalmos, vulgarmente chamados de David, é uma collecção de canticos sagrados *que*, nas festividades religiosas dos Hebreos, se cantavão no templo do Senhor, ao som de diversos instrumentos musicos, da maior parte *dos quaes* apenas conhecemos hoje os nomes; é uma verdade, em *que* expositores, interpretes, e paraphraseadores da Biblia se achão de accordo.»

(Garção Stockler.)

«Teem tanta força as obras dos homens doutos, para fazer estimar seus autores em toda a parte, *que* não somente ganhão com particular affeição a vontade dos *que* os veem, mas ainda levão após si os desejos dos ausentes para pretenderem sua communicação.

(M. Severim de Faria.)

«De Lisboa me avisão, pergunta Sua Alteza muitas vezes, si sou já partido, ou quando parto; MAS não se responde á replica do Padre Geral com a instancia E resolução, *que* convém, estando mais perto outra Magestade, á *quem* elle quer agradar, E levará mal tal mudança; *com tudo* a minha doença vai mostrando tal contumacia, *que*, por força ou por vontade, haverei de ser remettido aos ares patrios, estando determinado por todos os medicos, *que* em Roma não posso viver, E muito menos esperar nella outro inverno: E por esta causa parto amanhã á Neptumno, *que* é um logar maritimo distante d'aqui trinta milhas, *mas nem* por essa ausencia deixe Vossa Senhoria de me escrever, *porque* deixo ordem *para* se me enviarem as cartas.»

(O Padre Antonio Vieira.)

«Entrou el-rei em consideração de buscar *quem* governasse a armada, E *dado que* no reino havia muitos homens, á *quem* as experiencias E perigos de nossas conquistas tinhão feito soldados, o nome de D. João de Castro se fazia logar entre os maiores; fez brio de não pedir, NEM engeitar o serviço da patria.

(Jacinto Freire.)

«Achamos nas memorias antigas, *que* no anno de mil quinhentos e setenta e quatro houve nas terras de além Douro geral esterilidade em todos os frutos, *que* foi causa de venderem os pobres tudo o que tinhão de seu pera sustentarem seus filhinhos, E *depois que* não houve que vender, NEM que comer, desempararem as casas, E irem-se á ventura peregrinando e lazerando: E aconteceo morrerem muitos pelas estradas.»

(Frei Luiz de Sousa.)

«Não tardou muito *que* polo mesmo caminho contra a fonte veio um cavalleiro em cima de um cavallo baio grande, armado de armas negras E amarellas á quarteirões, E no escudo em campo negro um grifo pardo com lettras no bico, tão trocadas, *que* ninguem as entendia, senão seu dono: as redeas lançadas sobre o collo do cavallo, E elle tão triste E descuidado, *que* parecia *que* nenhuma cousa sentia.»

(Francisco de Moraes.)

«Partido este principe, dêo á vela, E foi á vontade dos ventos sem saber para onde ia, E em poucos dias foi haver vista de uma ilha deserta, *que* é esta de Ceilão, *que* tomou pela banda de dentro em um porto, *que* se chama Preaturé, *que* está entre Trinquillimalé, E a ponta de Jafanapatãa; E desembarcando em terra, ficárão muito satisfeitos da suavidade de seus cheiros, da brandura de seus ares, da fresquidão das suas ribeiras, E da formosura de seus arvoredos; *pelo que* determinárão de se deixar alli ficar, E começárão a fazer suas povoações.»

(Diogo de Couto.)

«El-rei, havido este recado, *posto que* ao nome Christão tivesse aquelle natural odio, *que* lhe teem todolos Mouros, *como* era homem bem inclinado, E sezudo, sabendo per este Mouro o modo *de como* os nossos se houverão com elles, E *que* lhe parecião homens de grande animo no

feito da guerra, E na conversação brandos, e caridosos segundo o bom tratamento, *que* lhe fizerão *depois de* os tomarem, não querendo perder amisade de tal gente com más obras, *como* perdêrão os outros principes, *per cujos* portos passárão, assentou de levar outro modo com elles, *em quanto* não visse sinal contrario *do que* lhe este Mouro contava.»

(João de Barros.)

«*Porque* as guerras passadas entre os reis e reinos de Portugal e Castella se acabassem, por serviço de Deus, E bem d'ambos os reinos, foi feita, E assentada paz perpetua por meio da senhôra D. Beatriz antre os ditos reis, E reinos, E successores d'elles, por ser pessoa, *que* tanta licença tinha em ambos, *que* era mãe da rainha dona Lianor nossa senhôra, E tia da rainha D. Isabel de Castella, irmãa da rainha sua mãe, a qual paz se fez no anno de mil E quatrocentos E setenta E nove.»

(André de Rezende.)

Obsevações sobre a collocação das proposições.

A collocação das proposições é parte essencial da construcção, porque sendo muitas dellas rigorosos complementos, como o são todas as subordinadas, da sua bôa ou má disposição no periodo depende não só a clareza ou confusão, mas ainda a harmonia ou desharmonia do sentido por elle formado, e por conseguinte do discurso, que não é senão uma serie de sentidos absolutos aproximados, ou por conjuncções de primeira classe, ou simplesmente pela ordem, geração e successão natural das idéas.

As proposições devem ser collocadas no periodo segundo as relações de dependencia de seus enunciados, uns com outros, mas podem as que são subordinadas á outras, ser antepostas ou pospostas ás proposições principaes, e absolutas, de que são dependencia, como melhor o requerer a expressão do pensamento, e a harmonia da phrase total. No modo de satisfazer estes requisitos

é que se distingue a boa ou má collocação, e consiste todo o artificio da disposição das proposições.

Assignar regras especiaes á esta collocação, que é quasi toda pratica, e em que tem tanta parte o ouvido, é por certo cousa bem difficil, mas no entretanto apontaremos aqui algumas, por onde se póde guiar o escriptor principiante:

1.ª As proposições absolutas approximadas por conjuncções de primeira classe, ou pela identidade de sujeito, ou pela ordem, geração e successão natural das idéas, devem ser collocadas no periodo, que comprehende mais de uma, ou successivamente, quando entre ellas se não mettem de permeio proposições subordinadas, ou, no caso contrario, separadamente, cada uma com as suas respectivas dependencias.

2.ª As proposições subordinadas circumstanciaes devem ser collocadas:

> 1.º As proposições circumstanciaes incidentes, ligadas pelo adjectivo conjunctivo, ou adverbios d'elle formados, logo depois da palavra, que, nas proposições por ellas modificadas, é o termo antecedente dos referidos, adjectivos, e adverbios, os quaes vão sempre para o principio das proppsições a que dão origem, de modo que entre o antecedente e o consequente não se metta outra palavra de permeio, excepto quando o adjectivo conjunctivo, e os adverbios seus equivalentes, se referem, não á uma simples palavra, mas á todo o sentido anterior.
>
> 2.ª As proposições circumstanciaes, ligadas, ou por conjuncções de segunda classe, ou pelo verbo no participio, ou por simples preposições, antes ou depois das proposições por ella modificadas, segundo o pedir a bôa expressão do pensamento, e a harmonia da phrase total.

3.ª As proposições subordinadas completivas devem ser collocadas:

1.º As proposições completivas, ligadas ou por conjuncções da segunda classe, ou pelos adjectivo e adverbios interrogativos, ou pelo verbo no infinito, quasi sempre depois das proposições por ellas modificadas, quando são sujeitos destas, que ficão assim collocadas na ordem inversa, si bem que nos bons autores ha tambem exemplos do contrario, principalmente quando se mette de permeio alguma proposição incidente.

2.º As proposições completivas, ligadas pelas sobreditas partes da oração, depois das proposições por ellas modificadas, quando são complementos objectivos dos verbos destas, mas isto unicamente na prosa, porque entre os poetas encontrão-se não pouco exemplos do contrario.

3.º As proposições completivas, ligadas, ou por conjuncções de segunda classe, ou por preposições, depois das palavras cujo sentido modificão, quando são complementos, ou terminativos, ou restrictivos destas, mas isto tão somente na prosa, porque entre os poetas ha tambem não poucos exemplos do contrario.

Melhor, porém, que quaesquer regras, explicará esta collocação aos principiantes a analyse, que passamos a fazer das passagens adduzidas dos poetas e prosadores de diversas épocas, depois de polida e aperfeiçoada a lingua. Daremos a primazia aos poetas pelas razões, que ficão expendidas na secção anterior.

A passagem de F. M. do Nascimento é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, duas absolutas, e duas subordinadas, umas e outras do genero exclamativo, isto sem contar uma infinitiva, ficando a proposição principal na mente do poeta, ou antes equivalendo á ella a interjeição. *oh*, expressa.

As proposições absolutas ligão-se á principal implicita pela ordem, geração e successão natural das idéas,

e estão aproximadas entre si pela identidade do sujeito occulto, *vós*; as subordinadas ligão-se áquella pelo adjectivo interrogativo, *que*; e a infinitiva prende-se á cada uma das subordinadas pela preposição, *a*, occulta.

Das duas proposições absolutas, a primeira, *Campos*, é elliptica, e se completa por esta forma, *attendei*, ou *ouvi vós, campos*; a segunda, *Sede-me asylo, oh, bosques de afortunada sombra! Contra as douradas magoas, Contra o riso traidor da vil lisonja, Contra a voz indigente da cubiça*, tem occulto o sujeito, *vós*, aliás indicado pelo verbo na segunda pessôa do imperativo na sua forma plural, *sede*. Ambas ellas se achão na ordem inversa.

Das duas proposições subordinadas, ambas completivas, a primeira, *Com que prazer*, é elliptica, e se completa, entendendo-se tudo quanto está na segunda, menos *com que saudade*; a segunda, *com que saudade Buscar-vos corro escravo fugidio Do duro imperio da violenta côrte!* tem occulto o sujeito, *eu*, aliás indicado pelo verbo na primeira pessôa do presente do indicativo na sua forma-singular, *corro*. Ambas ellas se achão tambem na ordem inversa.

A proposição infinitiva, *á buscar-vos*, considerada como tal, é uma subordinada circumstancial anteposta á proposição por ella modificada; tomada como nome, *a*, ou *em busca de vós*, um circumstancia de fim ligada ao verbo *corro*; e reputando-se, *corro buscar* ou *á buscar*, forma verbal composta, desapparece totalmente.

Neste periodo tudo concorre a produzir admiravel effeito poetico, seja a harmoniosa collocação das proposições e complementos, seja a escolha dos epithetos, *duro*, *violenta*, *douradas*, *traidor*, *vil*, *indigente*, que todos servem optimamente ao colorido, formando imagens, seja o contraste das ideas, *escravo fugidio do duro imperio da violenta côrte*, com *bosques de afor-*

tunada sombra, seja a grata impressão de saudade, que reçuma de todo elle, e desperta em nós o amor á vida do campo. Esta passagem, em que se nota ainda o verso, «BuscaR-vos CORRO esCRavo fugidio,» cheio de consoantes asperas combinadas com vogaes mudas para exprimir a pressa e o açodamento, é um primoroso e bellissimo quadro traçado por mão de mestre.

Não é menos bella a estrophe que se segue, e tal perfume de poesia respira, que não nos podemos furtar ao prazer de reproduzil-a aqui:

«Verdes alamos tremulos, cobri-me
De sombrio socego; e tu, ribeiro,
Que entre pardos penedos te espedaças,
Manda esquecido somno,
Com teu rouco murmurio,
Á mente inda abalada
Dos crebos sobresaltos veladores,
Dos turvos medos, subitas justiças.»

É tambem bellissima a primeira, ou a que precede á estrophe por nós analysada. Eil-a:

«Lá vem a Aurora o manto apavonado
Lançando pelas c'roas dos oiteiros;
Soprando os brandos zephyros lhe ondeião
As faldas roçagantes:
Orvalhadas boninas
Cubição de enfeital-a;
Do verde leito de enleiada murta
Se ergue a saudal-a o rouxinol canoro.»

Em que lingua viva, a não ser a portugueza, ha exemplo de poesia tão pittoresca e cheia de imagens, tão rica de primores e delicadezas, tão repassada de saudade e de melancholia, e tão impregnada do doce e suave ar do campo ao romper d'alva, quando nelle tudo respira arômas, frescura, harmonia? Como é expressiva, rica, harmoniosa e bella a lingua de Camões e de F. M. do Nascimento!

A ode de que extrahimos estas admiraveis passagens,

é escripta no gosto das de Horacio, e uma dos melhores poesias lyricas deste genero, que temos visto. Nesta bellissima composição o grande lyrico portuguez não só igualou, mas até excedêo o seu modelo!

A passagem do padre Sousa Caldas é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, duas absolutas, e quatro subordinadas, as quaes se achão todas successivamente collocadas, menos as duas absolutas, que estão, uma no principio, outra no fim.

Das proposições absolutas, ambas na ordem directa, a primeira *Poz o seu throno sobre o Sol ardente*, é a principal com o sujeito occulto, *Deus*; a segunda *Deserto monte, solitario vale, Não se lhe escondem*, liga-se á principal pela ordem, geração, e successão natural das idéas.

Das quatro subordinadas, todas tambem na ordem directa, a primeira, *Que as nuvens rompe*, liga-se á principal pelo adjectivo conjunctivo, *que*; as outras tres, *qual gentil esposo Ergue do leito nupcial a frente Pomposa e leda*; *Com desmedido agigantado passo De um polo á outro se abalança e gira*, pelo mesmo adjectivo conjunctivo, que se deve subentender em cada uma dellas, atando a conjuncção de primeira classe, E, a segunda subordinada á primeira, e a quarta á terceira.

Nesta passagem tudo se ajusta optimamente para produzir effeito poetico, quer a harmoniosa collocação das proposições e dos complementos, entre os quaes se nota a anastrophe, *as nuvens rompe*, quer a escolha dos epithetos, *ardente, pomposa, leda, agigantado, deserto, solitario*, que todos formão imagem, quer a combinação de consoantes asperas com vogaes mudas no verso, «Que As nuvens Rompe, e qual gentil esposo,» para juntamente com a anastrophe pintar o rompimento das nuvens, quer a triplice ellipse do adjectivo conjunctivo, *que*, não apresentando dureza alguma a ellipse de, *tal*, antes de *qual*, reunida á deste adjectivo por ser

quasi constante na lingua. Bello, magnifico e sublime é o quadro resultante de todo esse artificio tão magistralmente empregado pelo poeta.

Não é menos bella e poetica a segunda paraphrase desta passagem do mesmo psalmo feita pelo autor, que no seu genro não tem rival na lingua portugueza, nem superior em outra. Eil-a:

«No sol se estriba
O sublimado
Throno sagrado
Do grande Deus:
E como bello
Rompe do dia
O astro, e alumia
A Terra e os Ceos!

Vede como ergue,
Na madrugada,
A face ornada
D'almo esplendor!
Qual sahe do leito
Nupcial o esposo,
Ledo, e mimoso
De um puro amor.

Apenas surge
No firmamento,
Eis, n'um momento
Gigante audaz
Exulta, vendo
Que, á largo passo,
De immenso espaco
O giro faz.

Ao summo vertice
Dos Ceos se lança,
E não descansa
Tê os girar:
Nada a seus raios
Se esconde, e rapido
Aquece, impavido,
A Terra e o Mar.»

Eis agora o texto latino donde o grande lyrico brazileiro tirou tão magestosa e bella poesia:

«In Sole posuit tabernaculum suum, et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo.
Exultavit ut gigas ad currendam viam, a summo Cœlo egressio ejus.
Et occurus ejus usque ad summum ejus, nec est qui se abscondat a calore ejus»

Para que se veja ainda a differença, que vai de poeta a poeta, aqui pomos a paraphrase da mesma passagem deste psalmo, feita pela marqueza de Alorna e condessa de Assumar e de Oeynhausen, notando-lhe os logares prosaicos e defeituosos:

«Deos prescreveo ao Sol *seu aposento*,
E como juvenil esposo surge
Do thalamo, com passo gigantesco
Se abalança *a seu giro*.

Em torrentes de luz sahe do Oriente,
Vai sempre *na carreira accelerado*,
Diffundindo o calor nos sêres todos
Té sumir-se no Occaso

Tanto nos impressiona esta grandiosa poesia biblica reproduzida em Portuguez com insigne mestria, e inimitavel perfeição de estylo, por um dos primeiros poetas lyricos dos tempos modernos, que não podemos resistir ao desejo de transcrever aqui as tres bellissimas estrophes, que precedem ás duas por nós analysadas. Eil-as:

«Os Ceos resoão do Senhor a gloria,
E o firmamento luminoso ostenta
Por toda parte, do supremo Artifice
As mãos divinas.

O dia e noite revezados cantão
Sua grandeza, que o visinho dia,
E a imminente tenebrosa noite
De novo entoão.

Os povos todos, inda o mais selvatico,
Ouvem, percebem esta voz sonora;
E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo
Sôa e retumba.»

Eis a segunda paraphrase desta passagem do mesmo psalmo feita pelo autor, e não menos bella, que a primeira:

«Um Deus immenso
Os Ceos resoão,
E a gloria entoão
Do Credor:
No firmamento,
Astros brilhantes
Cantão constantes
O seu Senhor.

O claro dia,
Que foge, o conta
A que desponta
Seguinte luz:
Por entre as trevas
Da noite escura
A face pura
De Deus traluz.

Ouvem da Terra
Os povos todos,
Em varios modos
Tão alta voz:
Do Tejo ao Ganges,
Jaz descoberto
Este concerto
Que elle compoz.»

Eis agora o texto latino correspondente a esta admiravel poesia portugueza:

«Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annunciat firmamentum.

Dies diei eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam.

Non sunt loquelae, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.

In ommem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum.»

Fomos minuciosos na citação destas admiraveis passagens, para que se veja á que gráo de elevação e magestade chega a lingua portugueza, que parece estar nos reproduzindo os bellos sons do mais afinado orgão em cada uma dessas sublimes e magnificas estrophes! É sem duvida bellissima, quanto a elevação do pensamento, a paraphrase do mesmo psalmo feita por J. B. Rosseau, mas fica a quem da do Padre Sousa Caldas no colorido e nas imagens. Aqui a damos na parte correspondente, para que o leitor possa fazer a comparação de uma com outra.

«Les cieux instruisent la terre
A révérer leur anteur:
Tout ce que leur globe enserre
Cèlébre un Dieu createur.
Quel plus sublime cantique
De tous les célestes corps!
Quelle grandeur infinie!
Quelle divine harmonie
Résulte de leurs accords!

De sa puissance immortelle
Tout parle, tout nous instruit.
Le jour au jour la rêvéle,
La nuit l'annonce á la nuit.
Ce grand et superbe ouvrage
N'est point pour l'homme um langage
Obscur et mystérieux.
Son admirable structure
Est la voix de la nature
Qui se fait entendre aux yeux.

Dans une éclatante voûte
Il a placé de ses mains
Ce soleil qui, dans sa route,

Éclaire tous les humains.
Environné de lumiére,
Cet astre ouvre sa carriére,
Comme un époux glorieux,
Qui, dés l'aube matinale,
De sa couche nuptiale
Sort brillant et radieux.

L'univers, á sa prèsence,
Semble sortir du néant.
Il prend sa course, il s'avance
Comme um superbe géant.
Bientôt sa marche féconde
Embrasse le tour du monde
Dans le cercle qu'il décrit;
Et, par sa chaleur puissante,
La nature languissante
Se ranime et se nourrit.»

Para que se torne bem patente a superioridade da paraphrase do Padre Sousa Caldas sobre a de J. B. Rosseau no que respeita á poesia do estylo, continuaremos ainda a confrontar uma com outra. Eis ahi as tres primeiras estrophes, que se seguem ás duas por nós analysadas, não menos magnificas pela elevação do pensamento, nem menos ricas de imagens, e de tropos:

«E como a lei immaculada e pura
De Deus splende! testemunho certo
De altas promessas, o perdido esp'rito
Toca e converte.
De almo prazer os corações embebe,
Illustra os olhos deslumbrados, enche
Singelos peitos de saber profundo:
É santa e eterna.
Em si descobre da verdade o lume,
Que a justifica; na doçura excede
Sabr'oso favo, mais que o ouro e pedras
Preciosas brilha.»

Segunda paraphrase da mesma passagem feita pelo autor, não menos poetica, que a primeira.

«Se me namora
Tanta belleza,
Que a natureza
Deus emprestou;
Mais me transporta
A Lei benina
Que a mão divina
Nos outorgou.

É justa e santa,
Converte o esp'rito,
E o peito afflito
Banha em prazer;
Seu testemunho
Fiel, constante,
Faz o ignorante
Rico em saber.

Os seus preceitos
Resplandescentes
As cegas gentes
Cercão de luz:
De Deus é santo
O temor terno,
Corôa eterno
A quem conduz.

É a verdade
Quem vivifica
E justifica
De Deus a lei;
Á vista d'ella
O oiro brilhante
E o diamante
Desprezarei.

De mel excede
Favo doirado
Seu delicado
Doce sabor;
Eu o conheço,

Pois fiel servo
A lei observo
Do meu Senhor.»

Eis agora a ultima estrophe da paraphrase de J. B. Rousseau, brilhando é verdade pela elevação do pensamento, mas só por ella e nada mais.

«O que tes œuvres sont belles,
Grand Dieu! Quels sont tes bienfaits!
Que ceux qui te sont fideles
Sous ton joug trouvent d'attraits!
Ta crainte inspire la joie;
Elle assure notre voie,
Elle nous rend triomphans;
Elle éclaire la jeunesse
Et fait briller la sagessse
Dans les plus faibles enfants.»

Será o Padre Sousa Caldas maior poeta, que J. B. Rousseau? Assim o cremos, não obstante ser Ronsseau um grande poeta. Não se trata porém de comparar os dous poetas, mas as linguas, de que se servirão para nacionalisar a grandiosa e sublime poesia do psalmo «Coeli enarrant gloriam Dei»; e é indubitavel, pela confrontação das duas paraphrases, que a lingua portugueza é um instrumento muito mais poetico, que a franceza.

A passagem de Garção é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, todas absolutas, as quaes se achão successivamente collocadas, e postas na ordem directa, menos a ultima, que está na inversa.

Destas proposições absolutas aproximadas, a primeira, *Com a convulsa mão subito arranca A lamina fulgente da bainha*, é a principal; a segunda, *E sobre o duro ferro penetrante Arroja o tenro crystalino peito*, liga-se á principal pela conjuncção de primeira classe E, e pela identidade de sujeito; a terceira, *E em borbotões de espuma murmurando, O quente sangue da ferida salta*, unicamente pela conjuncção de

primeira classe, E; a quarta, *De roxas espadanas rociadas Tremem da sala as doricas columnas,*» não tem outra ligação mais, que a ordem, geração, e successão natural das ideas.

Neste periodo produzem admiravel effeito, e servem optimamente ao colorido, tanto a harmoniosa collocação das proposições e complementos, como a boa escolha dos epithetos, *convulsa*, *fulgente*, *duro*, *penetrante*, *tenro*, *crystalino*, *quente*, *roxas*, que todos formão imagem; tanto as pausas finaes dos versos com momentanea suspensão de sentido, calculadas para pintar o subito arrancar da lamina fulgente da bainha, o arrojar do peito sobre o duro ferro penetrante, é o jorrar do quente sangue em borbotões de espuma, como o ajustado emprego dos tropos, que todos tem virtude, e dão realce á harmonia material e imitativa. De todo esse artificio resulta um pittoresco, animado e bellissimo quadro poetico, em que nada ha a desejar.

A passagem de A. Ribeiro dos Santos é um periodo composto de cinco proposições grammaticaes, uma absoluta, e quatro subordinadas, das quaes uma se acha anteposta á absoluta ou principal, outra collocada de permeio formando dois hyperbatos, e as duas ultimas natural e successivamente collocadas.

Destas cinco proposições, a principal, *Dizei, ó Musas*, tem occulto o sujeito, *vós*, de que é complemento *Musas*; a subordinada, *O sublime cantor, qual recompensa teve á seu canto*, é uma proposição completiva ligada á principal pelo adjectivo interrogativo, *qual;* a subordinada, *que sobre as azas Do sagrado poema leva aos astros O Gama illustre e a lusitana empreza Dos Gangeticos mares*, é uma proposição circumstancial incidente ligada pelo adjectivo conjunctivo, *que,* á subordinana completiva, de cujo sujeito faz parte; as subordinadas, *de que se honra Appollo*, *Que á tanto feito illustre, á tanto heroe valente Dêo immortal memoria*, são duas proposições circumstan-

ciaes incidentes ligadas ainda pelo adjectivo conjunctivo, *que*, á subordinada completiva, de cujo attributo fazem parte. As quatro proposições subordinadas cahem todas sobre o attributo da principal, e delle fazem parte.

Neste periodo o effeito poetico resulta, seja da collocação anteposta e posposta das proposições que, com os dois hyperbatos, servem optimamente á harmonia, seja da boa collocação dos complementos dos sujeitos e attributos das mesmas proposições, seja da ajustada escolha dos epithetos, *sublime*, *sagrado, illustre, valente*, *immortal,* que todos formão imagem, seja do acertado emprego dos tropos, que todos teem virtude. Com todo esse artificio compoz o poeta o seu quadro sem duvida primoroso e bello; mas em que ha a notar um leve senão; e vem a ser a dureza da ellipse da conjunção, E, que liga a ultima subordinada incidente á penultima, visto como o adjectivo conjunctivo, *que,* tanto n'uma como n'outra, se refere á, *seu canto,* e requer ser expressamente repetido, porque no primeiro caso é complemento precedido de preposição, e no segundo, sujeito.

A passagem de Diniz é um periodo composto de sete proposições grammaticaes, duas absolutas, e cinco subordinadas, as quaes todas estão natural e successivamente collocadas, achando-se em primeiro logar a principal, depois a absoluta aproximada, e em seguida as proposições subordinadas.

Das duas proposições absolutas, a primeira, *Engana-se, Senhor*, é a principal com o sujeito occulto, *Vossa Reverencia,* do qual, *Senhor,* é complemento; a segunda, (*o Deão volve*), é uma absoluta incidente, approximada á principal pela ordem, geração e successão natural das idéas. Esta proposição incidente forma um hyperbato por sua collocação no periodo.

Das seis proposições subordinadas, a primeira, *Que eu sermões nunca ouvi em minha vida*, é uma su-

bordinada circumstancial, ligada á principal pela conjuncção, *que*, em logar de, *porque;* a segunda, E, *posto que, no côro, muitas vezes, Em razão desta minha dignidade, A meu pesar, alguns ouvir eu deva*, é outra subordinada circumstancial, ligada á quarta pela locução conjunctiva, *posto que;* a terceira, *Em quanto o padre grita,* é outra subordinada circumstancial, ligada tambem á quarta pela locução conjunctiva, *em quanto*; a quarta, *estou dormindo*, é outra subordinada circumstancial, ligada á principal pela conjuncção, *que,* occulta em logar de, *porque*, e á primeira subordinada pela conjuncção de primeira classe, E; a quinta, *Pois d'outra sorte disfarçar não posso A fome,* é outra subordinada circumstancial, ligada á principal pela conjuncção, *pois*, em logar de, *pois que;* a sexta, *que me ataca á essas horas*, é outra subordinada circumstancial, ligada á quinta pelo adjectivo conjunctivo, *que.*

Neste periodo o effeito poetico resulta quasi todo da harmoniosa collocação, seja das proposições, das quaes a segunda absoluta constitúe hyperbato, e as ligadas por, *posto que*, e, *em quanto,* se achão antepostas á proposição subordinada, de que são dependentes, seja dos complementos, entre os quaes se notão estas transposições, ou anastrophes, «Que eu *sermões* nunca *ouvi* em minha vida,» «A meu pesar *alguns ouvir* eu *deva*» e o hyperbato, «Pois de outra sorte *disfarçar* não posso *a fome* &c.» Fora disso não notamos outro artificio, a não ser a cadencia dos versos accommodada ao assumpto, bem que nos pareça prosaico este, *Em razão desta minha dignidade.*

A passagem de J. Basilio da Gama é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, cinco absolutas, e uma subordinada, as quaes todas se achão natural e sucessivamente collocadas, excepto uma.

Das proposições absolutas a primeira, *O cavallo atelli forte e brioso*, E *costumado a não ter mais*

sustento Naquelles climas, do que a verde relva Da mimosa campina, desfallece, é a principal; a segunda, *Nem mais encurva os pés*, liga-se á principal pela conjuncção de primeira classe, *nem;* a terceira, a quarta, e quinta, E *cava o chão co'as mãos*, E *o valle Rinchando atrôa*, E *açouta o ar co'as clinas*, ligão-se á ella pela conjuncção de primeira classe, E, achando-se ainda todas approximadas umas das outras pela identidade de sujeito. Todas essas proposições estão na ordem directa.

A unica proposição subordinada, *si o seu senhor o afaga*, liga-se á segunda, terceira, quarta e quinta absolutas pela conjuncção de segunda classe, *si*, e constitúe hyperbato por sua collocação entre, *Nem mais*, e, *encurva*.

Neste periodo concorre para o effeito poetico, quer a harmoniosa collocação das proposições e complementos que, umas e outros se achão bem dispostos, quer a ajustada escolha dos epithetos, *brioso, verde, mimosa*, que todos formão imagem, quer as pausas finaes dos versos adrede calculadas para pintar o desfallecer do cavallo, o encurvar dos pés, o atrôar do valle com relinchos, resultando de tudo um bello, expressivo e animado quadro, em que nada ha a notar.

A passagem de J. Maria da Costa e Silva é um periodo composto de cinco proposições grammaticaes, quatro absolutas inclusivé duas ellipticas, e uma subordinada, sendo as duas proposições ellipticas do genero exclamativo.

Das quatro proposições absolutas, a terceira, *Dos olhos doces lagrimas saltavão*, é a principal; a primeira e a segunda, *Oh divino pintor da natureza, Prestigioso Gesner, meu doce enlevo! Oh! tu*, são ellipticas incidentes, aproximadas á principal pela ordem, geração e successão natural das idéas, e suppremse por este modo: «Oh *tu* divino pintor da natureza, Prestigioso Gesner, meu doce enlevo, *attende*,» Oh!

tu cujas canções harmoniosas &c., *attende*; a quarta, E *no sensivel coração me erguião terna saudade*, OU *co'a innocencia* E *magoa Dos nossos paes primevos*, OU *c'o quadro Dos singelos, costumes dos pastores*, é uma absoluta, aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, E, e ligada a ella ainda pela identidade do sujeito.

A proposição subordinada, *cujas canções harmoniosas, Como o sol bellas, gratas como as flores, Puras como a tua alma, quando as lia*, OU *de uma fonte ao tremulo murmurio*, OU *á sombra de um platano*, OU *de um louro*, é uma subordinada circumstancial, que o poeta quiz ligar á segunda absoluta incidente pelo adjectivo conjunctivo, *cujas*, mas cuja verdadeira ligação é a conjuncção, *quando*, que a subordina á principal.

Este periodo é defeituoso em sua estructura, porque o adjectivo conjunctivo, *cujas*, que parece, á primeira vista, estar ligando a proposição subordinada á segunda proposição absoluta incidente, não a liga em realidade, sendo que não dá origem á proposição alguma, que necessite tal ligação. Eis o que pedia a boa logica grammatical:

«Oh divino pintor da natureza, prestigioso Gesner, meu doce enlevo! Quando eu lia tuas canções harmoniosas, como o sol bellas, gratas como as flores, puras como a tua alma, ou de uma fonte ao tremulo murmurio, ou á sombra de um platano, ou de um louro, dos olhos doces lagrimas saltavão, e no sensivel coração me erguião terna saúdade, ou c'o a innocencia e magoas dos nossos paes primevos, ou c'o quadro dos singelos costumes dos pastores.»

Entretanto não deixa de haver nelle muita harmonia material resultante da collocação das proposições e dos complementos, e muita poesia de estylo proveniente, seja da escolha de epithetos, que formão imagem, como, *divino*, *prestigioso*, *trémulo*, *doces*, *sensivel*, *terna*,

singelos, seja do primoroso das comparações, seja do emprego dos tropos, seja emfim do conceito, que nos deixa a alma repassada de doce melancholia. Ha com tudo ainda a notar alguns pequenos defeitos nesta passagem, como a ellipse do pronome, *eu*, quando, *lia*, primeira pessoa do preterito imperfeito do verbo, *ler*, que se confunde com a terceira, e a desagradavel cacophonia, *ou c'o quadro*.

O autor na segunda edição do seu poema, que só nos chegou á mão depois de impressas as Postillas, corregio esta passagem pela seguinte maneira:

«Oh divino pintor da Natureza,
Prestigioso Gésnner, Moscho Helvecio,
Oh Tu, cujas canções das Graças mimo,
Como o Sol bellas, gratas como as flores,
Puras como tua alma (quando as lia,
Ou de uma fonte ao tremulo murmurio,
Ou a sombra de um Platano, ou de um Louro)
Terno pranto dos olhos me soltavão,
E no sensivel coração me erguião
Meiga saudade, ou co'a innocencia, e magoa
De nossos Pais primeiros, ou com o quadro
Dos singelos costumes dos Pastores,
Quanto mais, grande vate, observo o campo,
Mais apreço e louvor dou ao teu canto.»

O autor é certamente um poeta de muito merito, e no genero descriptivo não tem superior em Portuguez. Eis aqui a descripção do cavallo feita por elle, a qual nada tem que invejar ás mais gabadas.

. . . .«E quem pode
Olhar sem gosto o intrepido ginete,
Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nitrido feroz, que a guerra incita:
Languido tosa a relva...a tuba canta,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja que o dorso já lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle

Se arroja aos batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos tambores, não se assusta
Vendo luzir mortiferas bayonetas,
Folga escutando o sibilo das balas,
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece.»

A passagem de Gonzaga é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, seis absolutas inclusive uma elliptica incidente, e duas subordinadas, as quaes todas se achão natural e successivamente collocadas, e postas na ordem directa.

Das seis proposições absolutas, a primeira, *Eu não sou algum vaqueiro, de tosco trato, de expressões grosseiro, dos frios gelos, e dos sóes queimado,* é a principal; a segunda, *Marilia,* é uma incidente elliptica, aproximada á principal pela ordem, geração, e successão natural das idéas, e suppre-se por este modo: «*Attende tu*, Marilia»; a terceira, *Tenho proprio casal,* liga-se á principal pela identidade do sujeito; a quarta, *e nelle assisto,* tambem pela identidade de sujeito, e aproxima-se á terceira pela conjucção de primeira classe, E; a quinta, *Da-me vinho,legumes, fruta, azeite*, aproxima-se á terceira pela ordem, geração e successão natural das idéas; a sexta, *Das brancas ovelhinas tiro o leite,* E *mais as finas lãas*, liga-se á principal pela identidade de sujeito.

Das duas proposições subordinadas, a primeira, *Que viva de guardar alheio gado*, é uma circumstancial incidente restrictiva, que cabe sobre o attributo da principal, e liga-se á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que;* a segunda, *de que me visto,* é uma circumstancial incidente restrictiva, que cabe sobre o attributo da sexta proposição absoluta, e liga-se tambem á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que.*

Este periodo é defeituoso em sua estructura, por que a proposição absoluta, *Da-me vinho, legumes, fruta, azeite*, não se aproxima á principal, mas á terceira absoluta, *Tenho proprio casal*, sem que todavia seja uma

dependencia della, como requeria a boa expressão do pensamento, e fica assim sendo um verdadeiro enxerto, ou uma absoluta incidente, que devia ser collocada entre paranthesis.

Eis o que exigia a boa logica grammatical:

«Eu Marilia, não sou algum vaqueiro, que viva de guardar alheio gado, de tosco trato, de expressões grosseiro, dos frios gelos e dos sóes queimado; tenho proprio casal, no qual, ou onde assisto, e que me dá vinho, legumes fruta, azeite; das brancas ovelhinas tiro o leite, e mais as finas lãas, de que me visto.»

Nota-se com tudo nelle effeito poetico, produzido tanto pela harmoniosa collocação das mais proposições e dos complementos, como pela naturalidade e cadencia dos versos, accommodados ao assumpto, de que trata o poeta.

A passagem de Gabriel P. de Castro é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, tres absolutas, e uma subordinada, das quaes as absolutas estão na ordem inversa, e a subordinada na directa.

Das tres proposições absolutas, *Arde a Neptumnia Troia já rendida Ao cavallo fatal e Grega espada Em cinza, em fumo, em sombra convertida*, é a principal; a segunda, *Já tratavão os Gregos da partida, Carregando o despojo á grande armada*, aproxima-se á principal pela ordem, geração e successão natural das idéas; a terceira, *E entre tão rica e soberana preza Era a formosa Hellena a mor riqueza*, aproxima-se tambem á ella pela mesma relação, e liga-se a segunda pela conjuncção de primeira classe, *e*.

A proposição subordinada, *Que a gloria humana é fumo, é sombra, é nada,* é uma subordinada circumstancial, ligada á principal, de que é dependencia, pela conjuncção, *que*, em logar de, *porque*.

Neste periodo o effeito poetico é produzido pela harmoniosa collocação das proposições e dos complemen-

tos, pela escolha dos epithetos, *Neptunia*, *fatal*, *formosa*, que não deixão de servir ao colorido, pelo emprego de tropos, que teem virtude, e pelo expressivo do conceito, *E entre tão rica e soberana preza Era a formosa Hellena a mor riqueza.*

Ha com tudo a notar nelle a dureza da ellipse do artigo definido, *a*, na terminação feminina, combinado com a preposição *a*, o qual deve preceder o complemento terminativo, *Grega espada*, quando o mencionado artigo se acha expresso na terminação masculina junto ao complemento da mesma natureza, *ao cavallo fatal*. Eis o que requeria a boa logica grammatical: «Ao cavallo fatal e *á* Grega espada.»

Este poeta, grande imitador do hespanhol Gongora e do italiano Marini, é turgido, de estylo encarecido e alambicado. Na mesma passagem que analysamos, temos disto uma prova na proposição, *Que a gloria humana é fumo, é sombra, é nada,* depois de haver elle dito, *Arde a Neptunia Troia........ Em cinza, em fumo, em sombra convertida.*

Toda essa successão de metaphoras, com que o poeta sobrecarrega o estylo na proposição subordinada, não é senão a repetição na ordem moral da mesma idéa, que já havia repetido na ordem phisica, quando disse na proposição principal, «*Em cinza, em fumo, em sombra* convertida.» É isso um encarecimento de máo gosto, insado de turgidez bombastica; é o *sesquipedalia verba* de Horacio.

A primeira passagem de Camões é um periodo composto de tres proposições grammaticaes, uma absoluta, e duas subordinadas, todas natural e successivamente collocadas.

A proposição absoluta, *Estavas, linda Ignez, posta em socego De teus annos colhendo o doce fruto N'aquelle engano d'alma, ledo e cego.. .... Nos saúdosos campos do Mondego, De teus formosos olhos nunca enxuto, Aos montes ensinando e ás*

*hervinhas O nome......*é a principal; tem occulto o sujeito, *tu,* de que é complemento, *linda Ignez;* e está na ordem inversa.

Das duas proposições subordinadas, a primeira, *Que a fortuna não deixa durar muito,* é uma circumstancial incidente restrictiva, ligada á principal pelo adjectivo conjunctivo, *que;* a segunda, *que no peito escripto tinhas*, é outra circumstancial incidente restrictiva, ligada tambem á principal pelo adjectivo conjunctivo, *que.* Ambas ellas cahem sobre o attributo da proposição, que modificão, e estão na ordem directa.

Neste periodo é admiravel o effeito poetico produzido, seja pela harmoniosa collocação das proposições e dos complementos, seja pela ajustada escolha dos epithetos, *linda, doce, ledo, cego, saúdosos, formosos,* que servem optimamente ao colorido, formando imagens, seja pelo apropriado emprego dos tropos, que todos teem virtude, seja pelo delicado e terno do conceito, expresso em versos maviosissimos, seja emfim pelo perfeito contraste de idéas, que apresentão esta e as tres seguintes estancias com todas as mais do episodio. De todo esse artificio empregado pelo poeta resulta um primoroso, bellissimo e pathetico quadro, que nos impressiona profundamente o espirito.

Para que o leitor possa apreciar ao justo o admiravel effeito resultante do perfeito contraste de idéas a que alludimos, poremos aqui algumas das estancias, em que o poeta descreve a catastrophe da misera mesquinha, que depois de ser morta foi rainha, precedida da bella transição, que começa, *Tirar Ignez ao Mundo determina:*

«Trazião-no os horrificos algozes
Ante o rei, já movido á piedade,
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes
Sahidas só da magoa e saúdade

De seu principe, e filhos que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o céo chrystalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos filhinhos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:»

É admiravel pela força do pathetico o discurso posto na bocca de D. Ignez de Castro, e tal, que nos não podemos furtar ao desejo de reproduzil-o aqui:

«Si ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento:
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias teem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento;
Como co'a mãe de Nino já mostrárão,
E c'os irmãos, que Roma edificárão:

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
Si de humano é matar uma donzella,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a,
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

E si vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas si t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda feridade,
Entre leões e tigres, e verei,
Si nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli c'o amor intrinseco, e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquas suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejão da mãe triste.»

Admire-se agora na primeira estancia, que vamos transcrever, a naturalidade e belleza da transição depois de um tão pathetico discurso, e nas quatro subsequentes a inimitavel perfeição de estylo do poeta:

«Queria perdoar-lhe o rei benino,
Movido das palavras, que o magôão;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
Que d'esta sorte o quiz, lhe não perdôão.
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli pregôão.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostraes, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polixena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
C'o o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
Bem como paciente mansa ovelha,
Na misera mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrificio se offerece.

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem puderas, ó sol, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia,

Como da seva meza de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes,
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

Em que lingua das que actualmente se fallão, se encontra poesia igual a essa, na expressão do sentimento, no mavioso dos versos, e no primoroso do colorido? Muitos poetas nacionaes e estrangeiros teem tratado deste tragico assumpto depois de Camões, mas todos ficárão muito a quem do grande epico portuguez, que imprimio o indelevel cunho do genio neste episodio, no de Adamastor, e em muitos outros logares do seu immortal poema. Só em um poeta da antiguidade deparamos toques iguaes, e esse é Virgilio no episodio de Dido.

Tanto mais é para admirar o genio inventor de Camões nos seus dois bellissimos episodios citados, quanto é certo, que nos epicos antigos e modernos nada encontrou elle, que lhe pudesse servir de modelo, porque nada, que tenha com elles analogia, nem em Homero, nem em Virgilio, se depara, e ainda menos nos dois grandes poetas italianos, Dante e Ariosto, cujos poemas são anteriores aos Luziadas.

Outro tanto não podemos dizer do seu tambem bellissimo episodio da Ilha dos Amores, porque para esse achou modelo em Ariosto no episodio da Ilha ou Jardim de Alcina, assim como Tasso, em Ariosto, e no

proprio Camões, teve igualmente modelo para o seu tão celebrado episodio do Jardim de Armida.

A segunda passagem de Camões é um periodo composto de tres proposições grammaticaes, todas absolutas aproximadas, e natural e successivamente collocadas.

Destas tres proposições, a primeira, *Verão morrer com fome os filhos charos Em tanto amor gerados e nascidos*, faz as vezes de principal; a segunda, *Verão os Cafres asperos e avaros Tirar á linda dama seus vestidos*, é uma absoluta aproximada á principal pela identidade de sujeito; a terceira, *Os crystallinos membros, E preclaros, Á calma, ao frio, ao ar, verão despidos, Depois de ter pisada longamente C'os delicados pés a areia ardente*, é outra absoluta aproximada á principal e á segunda, tambem pela identidade de sujeito. Todas estas proposições teem occulto o sujeito, *elles*, e estão postas na ordem directa.

Neste periodo o effeito poetico, não menos admiravel, que no precedentemente analysado, é em grande parte produzido, seja pela harmoniosa collocação das proposições e dos complementos, entre os quaes se nota o hyperbato, «*Os crystallinos membros* E *preclaros, Á calma, ao frio, ao ar,* verão *despidos*», que tão bem pinta a inclemencia do tempo, actuando sobre os crystallinos membros e preclaros em tal estado, seja pela boa escolha dos epithetos, *cháros, asperos, avaros, linda, crystallinos, delicados, ardente,* que servem optimamente ao colorido, formando imagens, seja pelo apropriado emprego dos tropos, que todos teem virtude, seja pelos perfeitos contrastes de idéas, que apresentão, *crystallinos membros e preclaros* com *calma, frio, ar,* e, *delicados pés* com *areia ardente*, seja pelas pausas dos dois ultimos bellissimos versos, *Depois de ter pisada longamente C'os delicados pés a areia ardente*, adrede calculadas para servir á harmonia imitativa, com o adverbio, *longamente*,

tão bem collocado no fim do primeiro. De todo esse artificio tão magistralmente empregado resulta um patethico, primoroso, e perfeitissimo quadro, que tanto nos commove o coração, como arrebata o espirito.

Não são menos admiraveis pelo pathetico, pela belleza dos versos, e pela poesia de estylo, as outras duas estancias, em que juntamente com esta o poeta descreve o triste e miserabilissimo fim de D. Leonor de Sá, e de Manoel de Sousa de Sepulveda.

Eis a que precede a estancia por nós analysada:

«Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por gran' mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.»

Eis agora a que se segue á estancia por nós analysada:

«E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.»

Este tragico e miserando successo, cuja pathetica descripção o grande épico portuguez resumio nas tres bellissimas e inimitaveis oitavas, que citamos, dêo assumpto ao longo poema de Jeronimo Côrte Real, intitulado «O Naufragio de Sepulveda». Não exageramos, dizendo que as tres oitavas de Camões, cuja admiravel poesia é ao mesmo tempo um padrão de gloria para o genio do poeta, e um documento da excellencia da lingua portugueza, que se presta á taes e tão maviosos accen-

tos, equivalem ellas sós á todo o poema de Côrte Real, supposto entre as extravagancias de máo gosto, ahi seja tambem mui pathetica e pungente a descripção da morte de D. Leonor.

N. B. Jeronymo Côrte Real, que compoz o «Cerco de Dio», e «O Naufragio de Sepulveda», é um poeta contemporaneo de Camões, grande sabedor da lingua, de muita e variada instrucção, e o primeiro introductor do genero descriptivo em Portugal, mas muito inferior em talento e estro poetico ao immortal cantor dos Luziadas, que é um dos maiores poetas épicos dos tempos modernos.

A passagem de Côrte Real é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, quatro absolutas, e duas subordinadas, todas natural e successivamente collocadas.

Destas quatro proposições absolutas, a primeira, *Lá no meio de Italia, ao pé de uns montes Altissimos, se faz um valle escuro, De negro* E *espesso bosque rodeado,* é a principal; a segunda, *Dentro n'este logar sombrio* E *triste Uma profunda cova* E *bocca horrenda Escurissima está,* é uma absoluta aproximada á principal pela ordem, geração e successão natural das idéas; a terceira, E *nella se abre Uma fera garganta,* é outra absoluta aproximada á principal pela mesma relação, e á segunda absoluta pela conjuncção de primeira classe, E; a quarta *Infernaes* E *pestiferos vapores Desta espantosa bocca veem continuos,* é outra absoluta, aproximada á principal e á terceira absoluta pela mesma relação acima citada. A proposição principal e a terceira absoluta estão na ordem inversa; a segunda e a quatra absolutas, na directa.

Das duas proposições subordinadas, a primeira, *Pelo qual um medonho, torto rio, Corre com gran'rugido entre penedos,* é uma circumstancial incidente restrictiva, ligada á principal pelo adjectivo conjunctivo, *o qual;* a segunda, *que descobre As tristes negras*

aguas do Acheronte, é outra circumstancial incidente restrictiva, ligada á terceira absoluta ainda pelo adjectivo conjunctivo, *que*. Ambas as proposições subordinadas estão na ordem directa; e modificão, a primeira o attributo da principal; a segunda o sujeito da terceira absoluta.

Neste periodo o effeito poetico, si o ha, está na harmoniosa collocação das proposições e dos complementos, e no emprego dos epithetos, *escuro, negro, medonho, torto, sombrio, triste, horrenda, escurissima, fera, tristes, negras, espantosa*, que formão imagem. Ha porem a notar nelle o mesmo excesso dos epithetos que, occasionando repetições, tornão o estylo arrastrado e languido, as palavras *cova, bocca, garganta*, que são a repetição da mesmo idéa sob diversos nomes, e a expressão prosaica, *dentro n'este logar*.

Releva porem deixarmos de parte os poetas, que assás nos teem occupado, e passarmos á analyse dos prosadores, de cujos exemplos se colhem licções não menos proveitosas á bôa collocação das proposições, e estructura do periodo. Passemos pois á analyse dos ultimos.

A primeira passagem do Marquez de Maricá é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, uma absoluta, e tres subordinadas, todas natural e successivamente collocadas.

A proposição absoluta, *O Universo material está de tal maneira impregnado da acção e inspirações da Divindade*, é a principal, e está na ordem directa.

Das tres proposições subordinadas, a primeira, *Que os eventos teem a sua origem latente nas disposições predeterminadas daquella infinita sabedoria e providencia*, é uma proposição completiva, ligada pela conjuncção, *que*, á proposição principal de cujo attributo faz parte; a segunda, *que parecem mais fortuitos*, é uma circumstancial incidente restrictiva, ligada pelo adjectivo conjunctivo, *que*, á primeira subordinada, sobre cujo sujeito cahe; a terceira, *que vela in-*

cessantemente no bem, na ordem e perpetuidade do systema universal, é uma circumstancial incidente explicativa, ligada tambem pelo adjectivo conjunctivo, *que*, á primeira subordinada, sobre cujo attributo cahe. Todas estas proposições subordinadas estão na ordem directa, e modificão o attributo da principal.

Neste periodo, assás regular e numeroso pela bôa collocação das proposições e dos complementos, a qual tanto serve á clareza, como á harmonia, nada ha a notar, a não ser o leve senão da ellipse do artigo definido, *as*, no plural, com a da conjuncção, *de*, antes da palavra, *inspirações*, quando o mesmo artigo se acha expresso no singular antes da palavra, *acção*, a que se liga *inspirações*, pela conjuncção de primeira classe, *e*.

A segunda passagem do Marquez de Maricá é um periodo composto de cinco proposições grammaticaes, quatro absolutas inclusivé uma elliptica, e uma subordinada, isto sem contar as proposições infinitivas, que fazem parte do attributo das duas ultimas absolutas. Todas estas proposições se achão natural e successivamente collocadas.

Das quatro proposições absolutas, a primeira, *São mui raros os homens privilegiados*, é a principal; a segunda, *elles deverião ser os directores dos povos*, acha-se aproximada á principal pela identidade de sujeito; a terceira, *mas infelizmente estes não os sabem comprehender* E *apreciar*, está aproximada á segunda e á principal pela ordem, geração, e successão natural das idéas; e a quarta, *nem elles tolerar os seus caprichos e desatinos*, na qual se subentende o verbo, *sabem*, acha-se ligada á terceira pela conjuncção de primeira classe, *nem*, e á a principal tambem pela ordem, geração e successão natural das idéas. Todas estas proposições, das quaes a principal está na ordem inversa, e as outras na directa, teem sujeitos expressos, que formão contraste nas tres ultimas.

A proposição subordinada, *á quem circumstancias*

especiaes elevárão á um grão de saber insolito E *extraordinario*, é uma circumstancial incidente do genero restrictivo, porque explica o privilegio, restringindo-o, liga-se á principal, sobre cujo sujeito cahe, pelo adjectivo conjunctivo, *quem*, e está na ordem directa.

Neste periodo, mui regular em sua estructura, a perspicuidade e o numero resultão, tanto da boa collocação das proposições e dos complementos, como do effeito dos contrastes, e da verdade pratica do conceito enunciada em estylo sentencioso.

A passagem do Padre Theodoro de Almeida é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, uma absoluta, e sete subordinadas, as quaes todas se achão natural e successivamente collocadas.

A proposição absoluta, *A doctrina de Zoroastres, celeberrimo entre os Persas, era....*, a qual tem por sujeito as subordinadas, é a principal, e está na ordem inversa.

Das sete proposições subordinadas, a primeira, *Que do Deus Grande, symbolisado no fogo manavão outros dois Deuses inferiores*, é uma subordinada completiva, que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*; a segunda, e a terceira, *de um, symbolisado na luz, procedião os espiritos; de outro, symbolisado nas trevas, procedia tudo o....*, são outras duas subordinadas completivas, que se ligão tambem á principal pela conjuncção, *que* subentendida; a quarta, *que* ou o *que, era materia*, é uma subordinada circumstancial incidente restrictiva, que cahe sobre o sujeito da terceira, e se liga á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que*; a quinta e a sexta, *que havia contenda perpetua, entre a luz, e as trevas; e que a materia, sempre agitada pelo principio da luz, se havia de tornar no Oceano de fogo*, são outras duas subordinadas completivas, que se ligão á principal, ainda pela conjuncção, *que*; a setima, *donde mana,*

é uma subordinada circumstancial, que cahe sobre o attributo da sexta, e liga-se á ella pelo adverbio conjunctivo, *donde*. A primeira, segunda, terceira, e quinta destas proposições, estão na ordem inversa; a quarta, sexta, e setima, na directa.

Neste periodo tão numeroso não ha a notar o mais leve defeito de estructura; antes tudo concorre optimamente para a perspicuidade e para a harmonia, quer a bôa collocação das proposições e dos complementos, quer as ajustadas inversões dos termos das primeiras, quer as duas ellipses da conjuncção, *que*, requeridas pela delicadeza do ouvido em uma phrase,onde ella figura tantas vezes.

A passagem de Garrett é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, duas absolutas,e quatro subordinadas, as quaes todas estão natural e successivamente collocadas, menos duas,que se achão antepostas á principal.

Das duas proposições absolutas, a primeira, *Mas....*, *Francisco Manoel, unico representante da grande eschola de Garção, gemia no exilio*,é a principal; a segunda, E *de lá, com os olhos fitos na patria,se preparava para luctar contra a enorme hydra....*, é uma absoluta aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, E, e pela identidade de sujeito. Ambas estas proposições estão na ordem directa.

Das quatro proposições subordinadas, a primeira e a segunda, *em quanto Bocage* E *seus discipulos tyrannisavão a poesia*,E *estragavão o gosto*, que se achão antepostas á principal, são duas subordinadas circumstanciaes ligadas á ella pela conjuncção de segunda classe, *em quanto*; a terceira, *cujas innumeras cabeças era o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios.....*, é uma subordinada circumstancial incidente restrictiva,que cahe sobre o attributo da segunda absoluta, e se liga a ella pelo adjectivo conjunctivo, *cujas;* a quarta, *que ião devorando a litte-*

ratura nacional, é outra subordinada incidente restrictiva, que cabe sobre o attributo da terceira, e liga-se á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que*. A primeira, segunda, e quarta destas proposições, estão na ordem directa; a terceira, na inversa.

Neste periodo, perfeito em sua estructura, concorrem para a perspicuidade e para o numero, tanto a bôa collocação das proposições e dos complementos, como a inversão dos termos da que começa, *cujas innumeras cabeças &c.*, e o emprego do verbo frequentativo, *ião devorando*, na ultima subordinada; e só ha a notar a reunião de duas proposições incidentes no fim delle.

A passagem de Garção Stokler é um periodo composto de cinco proposições grammaticaes, uma absoluta, e quatro subordinadas, as quaes todas se achão natural e successivamente collocadas, e postas na ordem directa.

A proposição absoluta, *é uma verdade*, é a principal, e tem por sujeito todas as proposições, que a precedem.

Das quatro proposições subordinadas, a primeira, *Que o livro dos Psalmos, vulgarmente chamados de David, é uma collecção de canticos sagrados....*, é uma subordinada completiva que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*; a segunda, *que, nas festividades religiosas dos Hebreos, se cantavão no templo do Senhor, ao som de diversos instrumentos musicos....., é uma subordinada circumstancial explicativa*, que cabe sobre o attributo da primeira, e se liga á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que*; a terceira, *da maior parte dos quaes apenas conhecemos hoje os nomes*, é uma subordinada circumstancial restrictiva, que cabe sobre o attributo da segunda, e se liga á ella pelo adjectivo conjunctivo, *os quaes*; a quarta, *em que expositores, interpretes, e paraphraseadores da Biblia se achão de accordo*, é uma subordinada incidente explicativa, que cabe so-

bre o attributo da principal, e se liga á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que.*

Neste periodo, aliás regular e numeroso pela boa collocação das proposições e dos complementos, ha nada obstante a notar a desagradavel reunião de tres *quês*, que o autor podia ter evitado, dando outro torneio á phrase, ou concluindo-a por esta forma: «....é uma verdade, geralmente reconhecida por expositores, interpretes e paraphraseadores da Biblia.»

Cumpre observar aqui que as proposições incidentes collocadas no fim do perido concorrem muitas vezes para enfraquecer o estylo, porque parecem empregadas unicamente para estirar o pensamento.

A passagem de M. Severim de Faria é um periodo composto de quatro proposições grammaticaes, uma absoluta,e tres subordinadas, as quaes todas se achão natural e successivamente collocadas.

A proposição absoluta, *Tem tanta força as obras dos homens doutos, para fazer estimar seus autores em toda a parte....*, é a principal, e está na ordem inversa.

Das tres proposições subordinadas, a primeira, *que não somente ganhão com particular affeição as vontades dos....*, é uma subordinada completiva, que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*; a segunda, *que os veem,* é uma subordinada circumstancial restrictiva, que cabe sobre o attributo da primeira, e se liga á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que;* a terceira, *mas ainda levão após si os desejos dos ausentes para pretenderem sua communicação,* é outra subordinada completiva, que se liga á principal pela conjuncção, *que*, subentendida, e á primeira com pletiva pela conjuncção de primeira classe, MAS. Todas estas proposições estão na ordem directa.

Neste periodo, assás regular, em que tudo concorre para a perspicuidade e para o numero, seja a bôa collocação das proposições e dos complementos, seja a in-

versão dos termos da proposição principal, seja o expressivo do conceito, ha todavia a notar a especie de equivoco occasionado pelo adjectivo possessivo, *sua*, cuja referencia á *homens doutos*, e não á *ausentes*, só pelo sentido se percebe, e que o autor teria evitado si dissesse, «mas levão após si os desejos dos ausentes para *lhes* pretenderem a communicação, ou com João de Barros e alguns outros classicos, para pretenderem *sua* communicação *delles*.

O defeito entretanto é menos do autor, que da lingua, que experimenta falta de pronomes para exprimir sem equivoco as mesmas relações expressas em Francez pelos pronomes, *leur*, e, *en*, e em Italiano pelos pronomes, *loro*, e *ne*.

A passagem do Padre Antonio Vieira é um periodo composto de desecete proposições grammaticaes, quatro absolutas, e treze subordinadas, isto sem contar as proposições infinitivas, que fazem parte dos attributos de algumas das ultimas. Esta passagem é um aggregado de proposições, que pode reduzir-se a tres periodos grammaticaes ordinarios. Todas estas proposições estão natural e successivamente collocadas.

Das quatro proposições absolutas, a primeira, *De Lisbôa me avisão...*, é a principal; a segunda, *com tudo a minha doença vai mostrando tal contumacia...*, é uma absoluta, aproximada á principal pela ordem, geração successão e natural das idéas; a terceira, *e por esta causa parto amanhã a Neptuno*, é outra absoluta, aproximada á principal pela mesma relação; a quarta, *mas nem por isso deixe Vossa Senhoria de me escrever*, é outra absoluta, aproximada á principal ainda pela mesma relação. A locução conjunctiva, *com tudo*, e as conjuncções de primeira classe, *e, mas, nem*, apenas ligão apparentemente todos esses sentidos mui indirecta e remotamente aproximados. A proposição principal, e a quarta absoluta, estão na ordem inversa; as outras duas, na directa.

Das treze proposições subordinadas, a primeira, *pergunta Sua Alteza muitas vezes*, é uma subordinada completiva, que se liga á primeira proposição absoluta pela conjuncção, *que*, subentendida; a segunda, *si ja sou partido*, é outra subordinada completiva, que se liga á primeira pela conjuncção de segunda classe, *si*; a terceira, *ou quando parto*, é outra subordinada completiva, que se liga á primeira pela conjuncção de segunda classe, *quando*, e á segunda pela conjuncção de primeira classe, *ou*; a quarta, *mas não se responde á replica do Padre Geral com a instancia, e resolução...*, é outra subordinada completiva, que se liga ainda á primeira absoluta pela conjuncção, *que*, subentendida, e ás primeiras completivas pela conjuncção de primeira classe, *mas*; a quinta, *que convem*, é uma subordinada circumstancial restrictiva, que se liga á quarta pelo adjectivo conjunctivo, *que*, e cahe sobre o attributo della; a sexta, *estando mais perto outra Magestade...*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á quarta pelo verbo no participio; a setima e oitava, *a quem elle quer agradar*, e, *levará mal esta mudança*, são duas subordinadas circumstanciaes restrictivas, que se ligão á sexta pelo adjectivo conjunctivo, *quem*, expresso, e, *que*, subentendido, e cahem sobre o sujeito della; a nona, *que, por força ou por vontade, haverei de ser remettido aos ares patrios*, é uma subordinada completiva, que se liga á segunda absoluta pela conjuncção, *que*; a decima, *estando determinado por todos os medicos*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á nona pelo verbo no participio, e tem por sujeito a subordinada, que se segue; a undecima, *que em Roma não posso viver*, E *muito menos esperar nella outro inverno*, é uma subordinada completiva, que se liga á decima pela conjuncção, *que*; a duodecima, *que é um logar maritimo distante d'aqui trinta milhas*, é uma subordinada circumstancial explicativa, que se liga á terceira absoluta pelo adjectivo

conjunctivo, *que*, e cahe sobre o attributo della; a decima terceira, *porque deixo ordem para se me enviarem as cartas*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á quarta absoluta pela conjuncção de segunda classe, *porque*, e em que se inclue ainda a proposição circumstancial infinitiva do modo pessoal, *para se me enviarem as cartas*, ligada á ella pela preposição, *para*. Destas proposições subordinadas, a primeira, a sexta, a decima, e a infinitiva incluida na decima terceira, estão na ordem inversa; e todas as mais, na directa.

A prosa, de que consta toda esta passagem, é assás numerosa, seja pela bôa collocação das proposições e dos complementos, seja pela apropriada inversão dos termos de algumas dellas, seja pelas duas ellipses da conjuncção, *que*, requeridas pela delicadeza do ouvido, seja pelo emprego do verbo frequentativo, *vai mostrando*, de modo,que pelo lado da harmonia material nada deixa a desejar. Sendo porém mui diversos os sentidos das duas primeiras proposições absolutas, e resultando d'ahi falta de ligação natural entre ellas, porque o autor referio-se á que tinha na mente, notase nella dureza na expressão do pensamento, a qual em nada é modificada pelo nexo apparente da conjuncção, *com tudo*, visto como a bôa logica grammatical requeria que o autor tivesse formado um periodo de cada sentido absoluto diverso.

Eis a mesma passagem naturalmente dividida em tres periodos distinctos, cada um com as suas respectivas dependencias:

«De Lisboa me avisão, pergunta Sua Alteza muitas vezes, si sou já partido, ou quando parto; mas não se responde á replica do Padre Geral com a instancia, e resolução, que convem, estando mais perto outra Magestade á quem elle quer agradar, e levará mal tal mudança. Com tudo a minha doença vai mostrando tal contumacia que, por força ou por vontade, haverei de ser remettido aos ares patrios, estando determinado por todos os medicos, que em Roma não posso viver, e muito menos esperar

nella outro inverno. E por esta causa parto amanhã a Neptuno, que é um logar maritimo distante d'aqui trinto milhas; mas nem por isso deixe Vossa Senhoria de me escrever, porque deixo ordem para se me enviarem as cartas.»

A passagem de Jacintho Freire é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, tres absolutas, e tres subordinadas, isto, sem contar as infinitivas,que fazem parte dos attributos de algumas dellas. Todas estas proposições estão natural e successivamente collocadas, menos a subordinada, *dado que no reino havia muitos homens*, que com a de sua dependencia ligada pelo adjectivo conjunctivo, *quem*, se acha anteposta á segunda absoluta.

Das tres proposições absolutas, a primeira,*Entrou el rei em consideração de buscar....*, é a principal: a segunda, E *o nome de D. João de Castro se fazia logar entre os maiores*, é uma absoluta aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, E; a terceira, *fez brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria,* é outra absoluta mal aproximada á segunda, pela ordem, geração e successão natural das idéas, mas completamente desligada da principal. A primeira destas proposições está na ordem inversa; as outras duas estão na directa.

Das tres proposições subordinadas, a primeira,*quem governasse a armada*, é uma subordinada circumnstancial restrictiva que, ligando-se á principal pelo adjectivo conjunctivo, *quem,* cahe sobre o attributo della; a segunda, *dado que no reino havia muitos homens*, é uma subordinada circumstancial,que se liga á segunda absoluta pelo locução conjunctiva, ou conjuncção de segunda classe, *dado que;* a terceira, *á quem as experiencias, e perigos de nossas conquistas, tinhão feito soldados,* é uma subordinada circumstancial restrictiva, que, ligando-se á segunda subordinada pelo adjectivo conjunctivo, *quem*, cahe sobre o sujeito della.

A primeira e terceira destas proposições estão na ordem directa; a segunda, na inversa.

Neste periodo, em que tudo concorre apparentemente para a harmonia material, tanto a bôa collocação das proposições e dos complementos, como a apropriada inversão dos termos de algumas dellas, ha nada obstante a notar muita dureza na expressão do pensamento, proveniente de vicio de estructura, a qual é toda forçada. A terceira proposição absoluta, não só não está aproximada á principal, com a qual não tem relação alguma, mas ainda só indirectamente se aproxima á segunda pela relação, que existe entre o nome de D. João de Castro, e elle proprio, quando devia ser uma dependencia della para poder ter logar no periodo. Não ha além disso correspondencia entre os tempos dos verbos das duas primeiras proposições absolutas aproximadas, achando-se o da principal no preterito perfeito, e o da segunda absoluta, no imperfeito.

Eis o que requeria a bôa logica grammatical:

«Entrou el rei em consideração de buscar quem governasse a armada; e, dado que no reino havia, ou houvesse muitos homens a quem as experiencias e os perigos de nossas conquistas tinhão feito soldados, o nome de D. João de Castro, que fazia brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria, se fez logar entre os maiores.»

Nesta passagem não ha só a notar os vicios de estructura, que apontámos. mas tambem alguns outros defeitos de menos monta, como o verbo, *fazer,* tres vezes repetido, e a dureza da ellipse do artigo, *os,* na terminação masculina, antes de, *perigos*, quando o mesmo artigo se acha expresso, na terminação feminina, antes de, *experiencias.*

A passagem de Frei Luiz de Sousa é um periodo composto de seis proposições grammaticaes, uma absoluta, e cinco subordinadas, isto, sem contar as infinitivas, que fazem parte de algumas dellas, seja completando-lhes o attributo, seja servindo de sujeito. Todas estas propo-

sições estão natural e successivamente collocadas, menos a subordinada, *depois que não houve que vender, nem que comer,* que se acha interposta entre as infinitivas.

A proposição absoluta, *Achamos nas memorias antigas....,* com o sujeito occulto, *nós,* onde o plural está pelo singular, é a principal, de que dependem todas as outras, que lhe completão o attributo. Esta proposição está na ordem directa.

Das cinco proposições subordinadas, a primeira, *que no anno de mil quinhentos e setenta e quatro houve nas terras de alem Douro geral esterilidade em todos os fructos,* é uma subordinada completiva, que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que;* a segunda, *que foi causa de venderem os pobres o... para sustentarem seus filhinhos,* E....*desampararem as casas,* E *irem-se á ventura,peregrinando,* E *lazerando,* é uma subordinada circumstancial incidente restrictiva que, ligando-se á primeira subordinada pelo adjectivo conjunctivo, *que,* cahe sobre o sujeito della, e comprehende quatro infinitivas do modo pessoal, das quaes a primeira, terceira e quarta, ligadas pela preposição, *de,* são completivas, a segunda ligada pela preposição, *para,* é circumstancial; a terceira, *que,* ou *o que tinhão de seu,* é uma subordinada circumstancial,incidente explicativa que, ligando á segunda subordinada pelo adjectivo conjunctivo, *que,* cahe sobre o attributo della; a quarta, *depois que não houve que vender, nem que comer,* é uma subordinada circumstancial, que se liga ainda á segunda subordinada pela locução conjunctiva, ou conjuncção de segunda classe, *depois que;* a quinta, E *aconteceo morrerem muitos pelas estradas,* em que se inclue a infinitiva do modo pessoal,que lhe serve de sujeito, é uma subordinada completiva, que se liga á principal pela conjuncção, *que,* subentendida, e á primeira subordinada pela conjuncção de primeira classe, E. A primeira das qua-

tro proposições subordinadas está na ordem inversa; a segunda, na directa, com as suas infinitivas na inversa; a terceira, na directa; a quarta, na inversa; a quinta, na inversa, com a sua infinitiva na mesma ordem.

Neste periodo, tão perfeito em sua estructura, tudo concorre para a perspicuidade e para o numero, seja a bôa collocação das proposições e dos complementos, seja a apropriada inversão dos termos de algumas dellas, seja a ellipse da conjuncção, *que*, para evitar a desagradavel reunião de muitos, *quês*, seja o conveniente emprego das proposições infintivas do modo pessoal, que tanto servem á clareza como á harmonia, seja ainda para servir á esta, a ellipse da preposição, *de*, que liga algumas das ultimas, seja o emprego do verbo pronominal,*irem-se*, nas formas compostas com os gerundios, *peregrinando*, e, *lazerando*, que tão bem pintão a continuação do misero estado dos pobres. Esta passagem,em que nada ha a desejar, é uma descripção traçada por mão de mestre, toda cheia de movimento e vida, e tão verosimel, que ao lêl-a, affigura-se-nos termos diante dos olhos todo esse afflictivo quadro de extrema miseria humana.

Em que outra lingua conhecida, sem o soccorro das proposições do infinito pessoal, e dos verbos frequentativos, seria possivel dar tanto movimento e animação a um quadro resumido em tão circumscripto espaço, qual é o de um periodo? Esta admiravel passagem, em que assás se revela o cunho do genio, é ao mesmo tempo, um documento da excellencia da lingua portugueza para o estylo animado e pittoresco, e do grande e profundo engenho de Frei Luiz de Sousa que, em nossa humilde opinião, é o primeiro entre os primeiros prosadores portuguezes.

A passagem de Francisco de Moraes é um periodo composto de sete proposições grammaticaes, uma absoluta, e seis subordinadas, as quaes todas estão natural e successivamente collocadas.

A proposição absoluta, *Não tardou muito....*, que tem por sujeito todas as subordinadas, é a principal, e está na ordem inversa.

Das seis proposições subordinadas, a primeira, *que pelo mesmo caminho contra a fonte veio um cavalleiro em cima de um cavallo baio grande, armado de armas negras* E *amarrellas á quarteirões*, E *no escudo em campo negro um grifo pardo com lettras no bico, tão trocadas....*, é uma subordinada completiva, que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*; a segunda, *que ninguem as entendia, senão seu dono*, é outra subordinada completiva, que se liga á primeira tambem pela conjuncção, *que;* a terceira e quarta, *as redeas lançadas sobre o pescoço do cavallo, e elle tão triste e descuidado....*, com o verbo occulto, *estando*, ou ainda, *vindo*, são duas subordinadas circumstanciaes, que se ligão á primeira completiva pelo verbo no participio; a quinta, *que parecia...*, é outra subordinada completiva, que se liga á quarta pela conjuncção, *que;* a sexta, *que nenhuma cousa sentia*, é outra subordinada completiva que se liga á quinta tambem pela conjuncção, *que*. A primeira, terceira e quarta destas proposições, estão na ordem inversa; as mais, na directa.

Neste periodo, assás numeroso, seja pela bôa collocação das proposições e dos complementos, seja pela apropriada inversão dos termos de algumas dellas, seja pelas ellipses da preposição, *com*, junto á *um grifo*, e do verbo nas duas proposições do participio, ha a notar a repetição da conjuncção, *que*, por quatro vezes, tanto mais desagradavel, quanto mais uniformes são todos esses, *quês*, por sua natureza e officio.

A passagem de Diogo de Couto é um periodo composto de doze proposições grammaticaes, quatro absolutas, e oito subordinadas, todas natural e successivamente collocadas.

Das quatro proposições absolutas, a primeira, *dêo á*

vela, é a principal; a segunda, *e foi á vontade dos ventos, sem saber...*, é uma absoluta, aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, E, e pela identidade de sujeito; a terceira, *e em poucos dias foi haver vista de uma ilha deserta*, é outra absoluta, aproximada á principal e á segunda absoluta pelas mesmas ligações; a quarta, *e, desembarcando em terra, ficárão muito satisfeitos da suavidade de seus cheiros, da brandura de seus ares, da fresquidão de suas ribeiras*, E *da formosura de seus arvoredos*, é outra absoluta, aproximada á principal e ás outras absolutas pela conjuncção de primeira classe, E. Todas estas proposições estão na ordem directa.

Das oito proposições subordinadas, a primeira, *partido o principe*, com o verbo, *sendo*, subentendido, é uma subordinada circumstancial, que se liga á principal pelo verbo no participio; a segunda, *por onde ia*, é uma subordinada circumstancial restrictiva que, ligando-se á segunda absoluta pelo adverbio conjunctivo, *por onde*, cabe sobre o attributo della; a terceira, quarta, quinta e sexta, *que é esta de Ceilão, que tomou pela banda de dentro em um porto, que se chama Preaturé, que está entre Trinquillimalé, e a ponta de Jafanapatão*, são outras tantas subordinadas circumstanciaes restrictivas que, ligando-se pelo adjectivo conjunctivo, *que*, a primeira dellas á segunda absoluta, e as mais umas ás outras, cabem todas sobre o attributo da proposição absoluta; a setima e oitava, *pelo que determinárão de se deixar alli ficar, e começárão a fazer suas povoações*, são duas subordinadas circumstanciaes incidentes do genero explicativo, que se ligão á terceira absoluta pelo adjectivo conjunctivo, *que*. A primeira destas proposições está na ordem inversa; todas as mais, na directa.

Neste periodo, em que o pensamento se acha claramente expresso, e tudo concorre admiravelmente para a harmonia material, seja a bôa collocação das proposi-

ções e dos complementos, seja o emprego de termos sonoros e apropriados, que tão bem descrevem a excellencia da ilha de Ceilão, *na suavidade de seus cheiros, na brandura de seus ares, na fresquidão de suas ribeiras, e na formusura de seus arvoredos*, ha todavia a notar a multiplicidade de proposições incidentes, que tornão o estylo arrastrado e languido, a desagradavel reunião de muitos, *qués*, e o emprego da proposição participio com sujeito identico ao da proposição principal.

A passagem de João de Barros é um periodo composto de doze proposições grammaticaes, uma absoluta, e onze subordinadas, isto, sem contar as infinitivas do modo pessoal ou impessoal, que em algumas dellas se inclúem. Destas proposições a principal, as que lhe completão o sujeito, e as duas ultimas, estão natural e successivamente collocadas; as que se interpõem entre o sujeito grammatical da principal e os seus complementos necessarios, não guardão a collocação natural, e constituem hyperbato.

A proposição absoluta, *El rei.. , sabendo per este Mouro o modo de..., não querendo perder amisade de tal gente com más obras, assentou de levar outro modo com elles*, é a principal, de que dependem todas as outras, que á ella se ligão. Esta proposição está na ordem directa.

Das onze proposições subordinadas, a primeira, *havido este recado*, com o verbo, *tendo havido*, na significação de, *tendo existido*, ou *tendo-se dado*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á principal pelo verbo no participio; a segunda, *posto que ao nome Christão tivesse aquelle natural odio...*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á principal pela locução conjunctiva, ou conjuncção de segunda classe, *posto que;* a terceira, *que lhe teem todolos Mouros*, é uma subordinada circumstancial, incidente restrictiva que, ligando-se á segunda pelo adjectivo con-

junctivo, *que*, cahe sobre o attributo della; a quarta, *como era homem bem inclinado*, E, *sezudo*, é uma subordinada circumstancial,que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *como;* a quinta, *de como os nossos se houverão com elles*, é uma subordinada completiva, que se liga á principal pela locução conjunctiva, ou conjuncção de segunda classe, *de como;* a sexta, E *que lhe parecião homens de grande animo no feito da guerra*, E *na conversação brandos* E *caridosos, segundo o bom tratamento*..., é uma subordinada circumstancial,que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*, em logar de, *porque*; a setima, *que lhe fizerão depois de os tomarem*, é uma subordinada circumstancial incidente restrictiva que, ligando-se á sexta pelo adjectivo conjunctivo, *que*, cahe sobre o attributo della; a oitava, *como perderão os outros principes*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *como;* a nona, *per cujos portos passárão*, é uma subordinada circumstancial incidente restrictiva que, ligando-se á oitava pelo adjectivo conjunctivo, *cujos*, cahe sobre o sujeito della; a decima, *em quanto não visse signal contrario do*..., é uma subordinada circumstancial, que se liga á principal pela locução conjunctiva, ou conjuncção de segunda classe, *em quanto;* a undecima, *que*, ou *o que lhe este Mouro contava*, é uma subordinada circumstancial incidente explicativa que, ligando-se á decima pelo adjectivo conjunctivo, *que*, cahe sobre o attributo della. A primeira, terceira, oitava e undecima, estão na ordem inversa; todas as mais, na directa.

Neste periodo assás regular, onde tudo concorre para a perspicuidade e para o numero, seja o hyperbato formado por estas proposições, *havido este recado*, *posto que ao nome Christão tivesse aquelle natural odio*, *que lhe teem todolos Mouros*, seja a boa collocação tanto das mais proposições,como dos complemen-

tos, seja a apropriada inversão dos termos de algumas dellas, ha nada obstante a notar o emprego da proposição incidente, que o fecha, e só serve de estirar a phrase total, por isso mesmo que sendo explicativa, podia mui bem ser dispensada, terminando o sentido com a proposição, *em quanto não visse signal do contrario.*

Não concluiremos a analyse desta passagem sem fazer notar o emprego de *todolos*, *todalas*, ainda tão frequente no tempo de Barros, o que é muito mais harmonioso que, *todos os, todas as*, que se entrou a usar depois delle.

A passagem de André de Rezende é um periodo composto de cinco proposições grammaticaes, uma absoluta, e quatro subordinadas, as quaes todas estão natural e successivamente collocadas, menos a proposição, *Porque as guerras passadas antre os reis* E *reinos de Portugal e Castella se acabassem por serviço de Deus,* E *bem de ambos os reinos*, que se acha anteposta á principal.

A proposição absoluta, *foi feita,* E *assentada paz perpetua per meio da senhôra dona Beatriz antre os ditos reis,* E *reinos,* E *successores delles, por ser pessôa...*, é a principal de que dependem todas as outras proposições, que á ella se ligão. Esta proposição está na ordem inversa.

Das quatro proposições subordinadas, a primeira, *Por que as guerras passadas antre os reis* E *reinos de Portugal* E *Castella se acabassem, por serviço de Deus,* E *bem de ambos os reinos*, é uma subordinada circumstancial, que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *porque*; a segunda, *que tanta licença tinha em ambos,* é uma subordinada circumstancial incidente restrictiva que, ligando-se á principal pelo adjectivo conjunctivo, *que*, cahe sobre o attributo della; a terceira, *que era mãe da rainha dona Lianor nossa senhôra,* E *tia da rainha dona Isabel de*

Castella, irmãa da rainha sua mãe, é uma subordinada circumstancial,que se liga á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*, em logar de, *porque*, sem que inflúa na natureza desta proposição o comparativo, *tanta*, da proposição antecedente, cujo segundo termo, *quanta*, se acha occulto, e suppre-se por este modo, «quanta licença, isto é, autoridade, era conveniente, *que*, ou *porque &c.*;» a quarta, *a qual paz se fez no anno de mil e quatrocentos* E *setenta e nove*, é uma subordinada circumstancial incidente explicativa, que se liga á principal pelo adjectivo conjunctivo, *a qual*, e cahe sobre o sujeito della, não obstante achar-se mui remota desse sujeito. Todas estas proposições estão na ordem directa.

Neste periodo,que não deixa de ter numero produzido pela bôa collocação da maior parte das proposições e dos complementos, entre os quaes se nota o hyperbato, *tanta licença* tinha *em ambos*, ha todavia muita dureza na expressão do pensamento, proveniente de vicio de estructura, a qual é em parte forçada. Resulta este vicio da má collocação da ultima proposição incidente, que se acha mui remota do sujeito da principal, ou de, *paz*, termo antecedente do adjectivo conjunctivo, a *qual*, e podia aliás ser dispensada, incluindo-se como simples complemento na principal a mesma circumstancia de tempo por ella expressa.

Ha nelle ainda a notar alem desse capital outros defeitos menores. Na segunda proposição subordinada, junto ao complemento, *em ambos*, devia estar expresso, *os reinos*, para evitar-se o equivoco da referencia de, *ambos*, á reis, ou á reinos; na terceira proposição subordinada, em vez, *da rainha sua mãe*, devia dizer-se, *da rainha mãe dessa princeza*, ou como dizião alguns outros classicos, «da rainha *sua* mãe *della*, para evitar-se o equivoco, embora apparente, da referencia do possessivo, *sua*.

Eis o mesmo periodo reproduzido sem os defeitos apontados:

«Porque as guerras passadas entre os reis e reinos de Portugal e Castella se acabassem, por serviço de Deus, e bem de ambos os reinos, foi, *no anno de mil quarocentos e setenta e nove*, feita e assentada paz perpetua por meio da senhôra D. Beatriz, entre os ditos reis e reinos, e successores delles, por ser *ella* pessôa, que tanta licença tinha em ambos *os reinos*, que era mãe da rainha D. Lianor nossa senhora, e tia da rainha D. Isabel de Castella, irmãa da rainha mãe *dessa princeza*.»

Fomos minuciosos na analyse da collocção, ligação, e subordinação das proposições, porque dessa collocação, ligação, e subordinação, depende a bôa estructura do periodo grammatical, sem a qual não pode haver clareza na expressão do pensamento. É nisto que os francezes nos levão grande vantagem, porque estudão muito melhor a philosophia de sua lingua, que nós, a da nossa, de que apenas adquirimos noções mui superficiaes nas escolas de primeiras lettras, sem que com o andar do tempo tratemos de dar o preciso desenvolvimento ás primeiras noções adquiridas. É facto infelizmente verdadeiro, que tudo entre nós se estuda, menos a lingua, de cujo perfeito conhecimento depende aliás o rapido progresso nas artes e sciencias, porque ninguem pode saber bem o que aprende, si o não sabe bem exprimir.

Nesta parte da collocação das proposições, tem feito a lingua pouca differença, e consiste esta principalmente:

1.º Na diminuição dos hyperbatos formados com proposições, especialmente com proposições collocadas entre parenthesis, ou com novos e extranhos sentidos interpostos, que tanto se notão em Bernardim Ribeiro, em João de Barros, e ainda em Frei Luiz de Sousa.

2.º Na diminuição das proposições collocadas na ordem inversa, começada nos tempos posteriores aos dos grandes modelos, que temos analysado, depois que en-

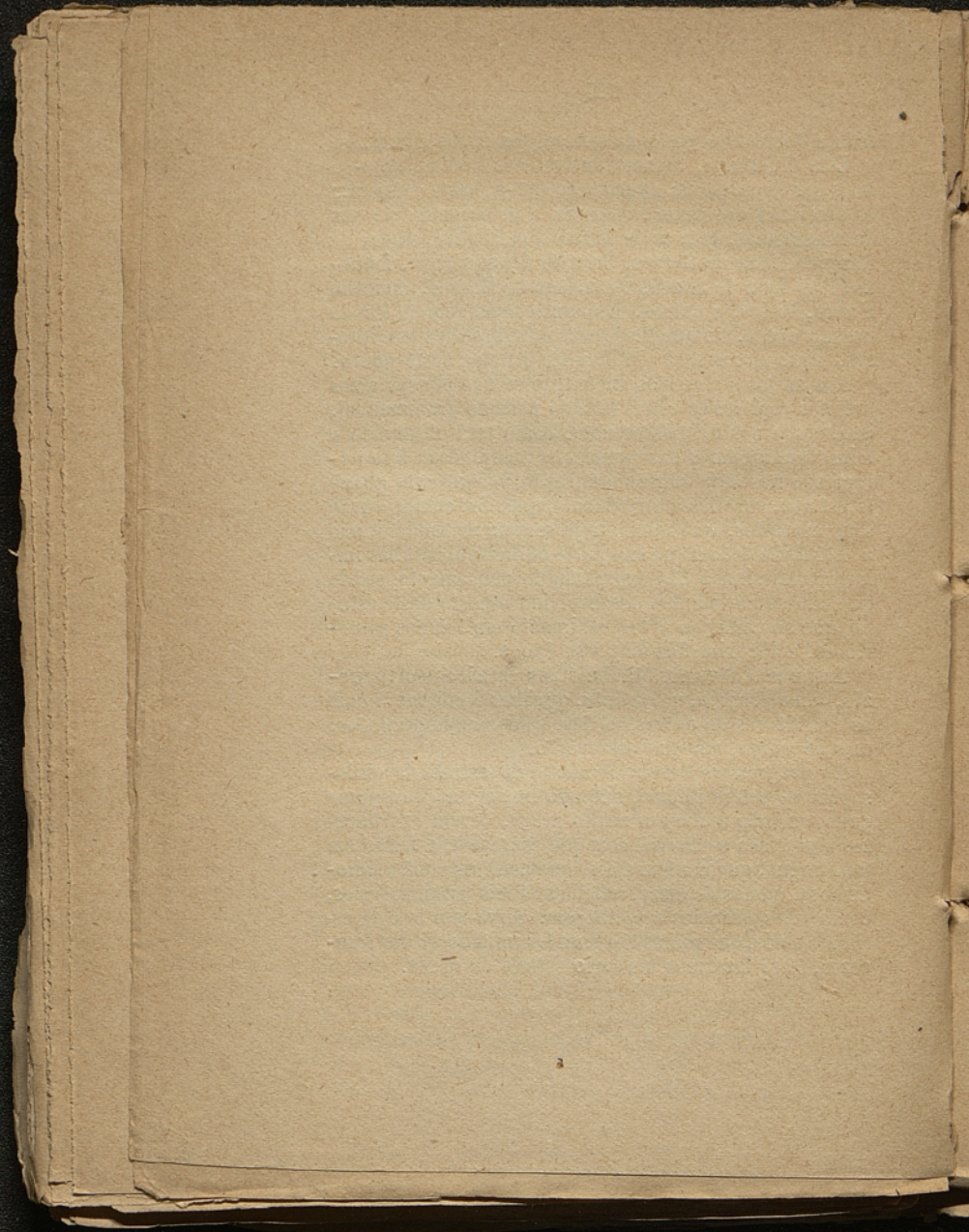
trou a dominar o gosto da leitura dos livros francezes.

Esta differença, menos sensivel nos poetas, nota-se mais nos prosadores; e para percebel-a, basta comparar os escriptos dos mais modernos, e principalmente dos de nossos dias, com os de Bernardim Ribeiro, André de Rezende, João de Barros, Braz de Albuquerque, Lucena, Frei Luiz de Sousa, Francisco de Moraes, Jacintho Freire, Vieira, e outros. E quanto mais remota fôr da nossa a época, em que florecêrão os sobreditos escriptores, tanto maior será a differença a notar neste ponto.

Nos mesmos classicos encontrão-se não poucas vezes defeitos capitaes na estructura do periodo grammatical, isto, ainda nos de melhor nota, como terá observado o leitor em algumas das passagens analysadas. Isso porem não nos deve causar admiração, porque com quanto estudassem elles a lingua mais, que nós, como provão seus escriptos, que ainda hoje servem de modelo, não a estudavão todavia na sua parte philosophica, aliás imimportantissima á bôa expressão do pensamento, sendo que não se havia então desenvolvido o gosto deste estudo, que só começou a ter cabimento em tempos posteriores, e aproximados da nossa época.

Assim não devemos attribuir aos classicos portuguezes, como proprio, um defeito, que lhes é commum com os escriptores de outras nações, seus contemporaneos, mas ao tempo, em que escrevêrão.

Ao progressivo desenvolvimento do estudo da philosophia do patrio idioma, que não ha hoje nação alguma culta, que não tenha em muito preço, devem os francezes a precisão e clareza, com que escrevem, e fallão em uma lingua, que contem mais, que nenhuma outra, idiotismos e modos de dizer, rebeldes ás leis grammaticaes, como elles proprios reconhecem. Sirva-nos isso de estimulo a nós, que somos tão grandes imitadores dos francezes, para fazermos um serio estudo da nossa.

FIM.

SUPPLEMENTO Á QUINTA PARTE.

Não tendo nós tido á mão para consultar, por occasião da primeira edição das Postillas Grammaticaes, alguns escriptores antigos, como Fernão Lopes, Ruy de Pina, e outros, que só ultimamente pudémos obter, julgamos conveniente dar em supplemento á ultima parte das mesmas, nesta nova edição mais correcta e accrescentada, alguns exemplos tirados delles, que sirvão como de complemento ao nosso trabalho sobre a construcção portugueza. Nelles poderá o leitor, não só ver confirmado com maior numero de autoridades o juizo, que emittimos sobre as modificações, por que tem passado a lingua, desde nossos mais antigos escriptores até nós, como formar tambem o seu com segurança, sem ter presentes os respectivos originaes, hoje pela mor parte raros.

Exemplos:

«E se quereis saber mais,
Porque deis conta de mi,
São (sou) um dos que descendi
Nos abysmos infernaes;
E fui lá com tal ventura,
Que quanto quiz acabei,
Mas depois me condemnei
Por não guardar a postura.»

(Fingimento de Amores, do Cancioneiro de Rezende.)

«Lembre-vos o grande amor,
Que me vosso filho tem,
E que sentirá grã dôr
Morrer-lhe tal servidor,

Por lhe querer grande bem;
Que, se algum erro fizera,
Fôra bem que padecêra,
E que estes filhos ficárão
Orphãos tristes, e buscárão
Quem delles paixão houvera.»

(Garcia de Rezende, no seu Cancioneiro.)

«Foy (El-Rei D. Pedro) muyto manteedor de suas Leys, e grande executor de suas sentenças julgadas; cuydava muyto quanto podia, de as gentes nom seerem gastadas per aazo (occasião) de demandas, e perlongados preitos; e, se a Escritura affirma que por o Rey nom fazer justiça veem as tempestaades, e tribulaçoens sobre o poovo, nom se pode assy dizer deste, por que nom achamos em quanto regnou, que aa nenhuum perdoasse morte de alguã pessoa, nem que a merecesse per outra via, nem lha mudasse en tal pena, por que podesse escapar a vida, aa toda a gente era galardoador dos serviços, que lhe fezessem, e nom soo dos que lhe faziam aa elle, mas dos que haviam feyto aa seu pay; e nunca tolheo nenhuã cousa, que seu pay lhe desse; mas mantinhala, e acrescentava en ella.»

(Fernão Lopes, Chronica d'el-rei D. Pedro I.)

«Começando de escrever das vidas, e muy excellentes feitos dinos de eterna memoria, dos muy esclarecidos Reys de Portugal, encomendo-me áquelle guiador de seus nobres e virtuosos coraçones Espiritu Santo, que assi como participou com elles de sua infinda graça pera has obrar, me queira dar alguma pera hos escrever, e assentar em devida lembrança, por tal que nom pareção

falecidas minhas palavras na grande excellencia de tam louvadas obras, de cujo louvor a primeyra prova, e testemunho será ho muy esforçado, e manifico Rey D. Affonso Anriques primeiro Rey de Portugal, fundamento loguo proprio, e necessario, por Deos ordenado pera tam alto cume da gloria destes Reynos, como nelle edeficou, segundo que seu immenso louvor nem menos se verá aho diante accrescatado, e cõformado pelos Reys seus successores, nos quaes, contãdo deste primeiro Rey, são por todos quatorze cõ ho Serenissimo de todo louvor illustrado El Rey D. Manoel N. Senhor, ho qual vai em deez annos, que aho presente reyna, anno do Senhor de mil e quinhentos e sinquo.»

(Duarte Galvão, Chronica d'el Rey D. A. Henriques.)

«E por esta discordia, que antre El-Rey, e o Ifante avia, ha Rainha Dona Isabel era triste, e anojada, e por aver antre elles booa paaz, e amor, como era razam, fazia ha Deos, e mandava fazer muitas oraçoens, e devaçoens, e seendo certifiquada destas mortes, e maales tam grandes, que desta desaventura se seguiam, ella de sua propria, e virtuosa vontade partio Dalanquer, donde estava, e se veyo ha Coimbra, e por sy falou a todolos Senhores, que eram com El-Rey, e com o Ifante, e assi com o conde D. Pedro, e com elles por sua sancta intercessam banhada com piedosas lagrimas, asentou que era beem fazer-se logo paaz, e concordia, e ha Rainha com El-Rey, e com o Ifante concordou, que ambos se partissem da ly, e se fossem a outros lugares, dõde por pessoas seem sospeyta se veriam has couzas, que o Ifante requeria pera dellas lhe serem outorga-

das aquellas, que fossem de razam, e onestidade, e El-Rey com prazer, e consentimento desto se foy ha Leyria, e ha Rainha, e ho Ifante se foram da y ha Pombal, e aly concertaram.»

(Ruy de Pina, Chronica d'el Rey D. Diniz.)

«Ancorada a frota, Afonso dalbuquerque mandou dizer a el Rei, que elle vinha alli pera com elle tratar pazes, e amizade em nome del Rey de Portugal seu senhor, e poer aquella cidade a sua obediencia, que se lha quizesse entregar pacificamente, elle o deixaria viver em seu estado, e aos seus em todalas liberdades, como o ate alli fizeram, e o defenderia, e a todo seu regno, e senhorios, de quem o quizesse anojar, e que o mesmo farião sempre todolos capitães del Rei seu senhor.»

(Damião de Goes, Chronica d'el-rei D. Manoel.)

A primeira passagem do Cancioneiro de Rezende é um periodo composto de oito proposições grammaticaes, tres absolutas, e cinco subordinadas, das quaes tres se achão antepostas, e duas propostas ás absolutas, de que são dependencia. Das tres proposições absolutas, a primeira, *São um dos*, com o sujeito occulto, *eu*, é a principal; a segunda, *E fui lá com tal ventura*, e a terceira, *Mas depois me condemnei Por não guardar a postura*, achão-se á ella aproximadas pelas conjuncções de primeira classe, *E*, e, *Mas*.

Das cinco proposições subordinadas, tres circumstanciaes são dependencias da principal, á que se ligão, as duas antepostas, *se quereis saber mais, Porque deis conta de mi*, pelas conjuncções de segunda classe, *se*, *porque*, e a poposta, *que descendi Nos abysmos infernaes*, pelo adjectivo con-

junctivo, *que*; duas completivas, dependencias da segunda absoluta, á que se liga pela conjuncção de segunda classe, *que*, a posposta, *Que acabei*, de que é pelo seu turno dependencia immediata, a anteposta em referencia á ella, *quanto quiz*, que se lhe liga por, *quanto*, que tem por antecedente, *tanto*, occulto. [1] A conjuncção de primeira classe, no principio do periodo, está ligando todo o sentido nelle contido aos antecedentes.

Neste periodo, assás numeroso e cheio, o artificio da collocação das proposições concorre essencialmente para a harmonia; pois sem elle haveria muita dureza, senão confusão, na expressão do sentido total, como se póde verificar, pospondo á principal seguida da incidente, ou tal qual se acha collocada, as duas subordinadas antepostas. Saber bem grupar as proposições no periodo importa muito, quer á harmonia, quer á clareza, quer á energia do dizer.

«São um dos que &:» *São*, ou, *Sam*, ou, *Som*, foi em Portuguez a fórma da primeira pessôa do presente do indicativo do verbo primitivo, *Seer*, ser, ou estar, cujo participio presente era, *Seente*; e d'ahi o uso frequente nos antigos escriptores de, *Ser*, por, *Estar*, que é verbo mais moderno. *Sam*, por, *sou*, era da linguagem do povo até ao reinado de D. João III, tempo, em que escrevia Gil Vicente, que á cada passo o emprega, e foi o autor antigo, que melhor nos conservou os modos de fallar do povo.

[1] Supprindo-se as ellipses nas duas proposições, ficão as mesmas concebidas por esta forma: «Que acabei tanto, ou tanta cousa, quanto, ou quanta cousa quiz acabar.»

Eis o presente do indicativo do antigo verbo, *Seer*, que aqui damos para amostra:

«São, ou sam, ou som, ees, ou es, ee, ou he, somos, sodes, som.»

N.B. A conversão de, *são*, ou, *sam*, ou, *som*, em, *sou*, foi feita nos tempos posteriores, seguramente para evitar que a primeira pessoa do singular não se confundisse com a terceira do plural.

A segunda passagem do Cancioneiro sobre dito é um periodo composto de nove proposições grammaticaes, uma que está pela principal, e oito subordinadas, as quaes todas se achão naturalmente collocadas.

Destas nove proposições, a principal, *Lembre-vos o grande amor*, está na ordem inversa com o verbo na terceira pessoa do presente do conjunctivo, pela terceira do futuro do imperativo, que não temos, e supprimos por esta maneira; a subordinada circumstancial, *Que me vosso filho tem*, liga-se á ella pelo adjectivo conjunctivo, *que*, e cahe-lhe sobre o sujeito; a subordinada completiva, *E que sentirá grã dôr Morrer-lhe tal servidor*, *Por lhe querer grande bem*, que é outro sujeito da principal, liga-se á ella pela conjuncção de segunda classe, *que*; a subordinada circumstancial, *Que fôra bem*, formando grupo com suas dependentes, a circumstancial, *se algum erro fizera*, e a completiva, *que padecêra*, liga-se á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*, que está por, *pois que*; as subordinadas completivas, *E que estes filhos ficárão Orphãos tristes, e buscárão*, formando esta grupo com sua dependente, a circumstancial, *Quem d'elles paixão houvera*, que

são ainda outros tantos sujeitos da principal, ligão-se á ella pela conjuncção de segunda classe, *que*, a qual se subentende antes de, *buscárão*. A conjuncção de primeira classe, *E*, posta antes de cada completiva immediatamente subordinada á principal, serve de ligar entre si os diversos sujeitos desta.

Neste periodo, aliás completo, pela bôa collocação das proposições, em tudo quanto se refere ao numero e á harmonia, ha todavia á notar faltas, que o desfigurão, e taes são;—a incongruencia de estar a conjuncção de primeira classe, *E*, ligando uma proposição á um nome, ou ao primeiro sujeito da proposição principal, «o grande *amor*, que me vosso filho tem, *E* que sentirá grã dôr &», quando é da natureza de tal conjuncção ligar só nome á nome, proposição á proposição, sentido á sentido; e a dureza da insolita ellipse da preposição, *por*, ou, *com*, que deve ligar o complemento, *Morrer-lhe tal servidor*, seguramente porque o poeta a não poude metter no verso, e porque julgou que exprimindo-a no seguinte complemento, *Por lhe querer grande bem*, tinha reparado a falta, quando tal suppressão só podia ter cabimento no segundo caso, e ainda assim precedida da conjuncção, *E*, que a indicasse.

«Morrer-lhe tal servidor:» o adjectivo, *Servidor*, e outros em *or*, tinhão uma só terminação nos primeiros tempos da lingua: aqui é do genero feminino, porque se refere á D. Ignez de Castro, que é quem falla, e com quem concorda.

«Quem d'elles paixão houvera:» *Paixão*, por, *compaixão*, é liberdade poetica, que hoje ninguem tomaria, porque muda inteiramente a natureza da

palavra, mas parece que era permittida naquelles tempos, em que a lingua ainda se não achava fixada.

Estas duas passagens são extrahidas das duas melhores peças do Cancioneiro de Rezende, que são aliás de um valor mediocre, e cujo principal merito consiste na antiguidade, ou em terem seus autores precedido á Camões, e á Ferreira, de dois a tres quartos de seculo, si tanto. A segunda, obra de Rezende, é a morte de D. Ignez de Castro com as suas circumstancias, posta na bocca da propria victima.

Para fazer sentir a inverosimilhança de uma tal composição basta transcrever aqui a ultima estancia della:

«Dous cavalleiros irosos,
Que taes palavras lhe ouvirão,
Mui crus e não piedosos,
Perversos, desamorosos,
Contra mim rijos se virão!
Com as espadas na mão
Me atravessão o coração!
A confissão me tolherão!
Este é o galardão,
Que meus amores me derão.»

Passarei agora aos prosadores antigos, cujo estudo importa muito ao perfeito conhecimento da lingua.

A passagem de Fernão Lopes, contemporaneo d'el Rei D. Duarte, e o segundo prosador portuguez, é um periodo composto de vinte e uma proposições grammaticaes, sete absolutas, e quatorze subordinadas, em cuja natural collocação, apenas se nota uma, ou outra leve excepção.

Das sete proposições absolutas, a primeira, *Foy muyto manteedor de suas Leys, e grande executor de suas sentenças julgadas*, com o sujeito occulto, *El Rey D. Pedro*, é a principal; a segunda absoluta com suas dependentes,*cuydava muyto quanto podia,de as gentes nom sereem gastadas per aazo de demandas, e perlongados preitos*, acha-se aproximada á principal pela identidade de sujeito; a terceira absoluta com suas dependentes, *e, se a Escritura affirma que por o Rey nom fazer justiça veem as tempestaades, e tribulaçoens sobre o poovo, nom se pode assy dizer deste, porque nom achamos em quanto regnou, q' aa nenhuum perdoasse morte de algua pessoa, nem que a merecesse per outra via, nem lha mudasse en tal pena, porque podesse escapar a vida*, acha-se aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, *E*; a quarta absoluta com suas dependentes, *aá toda a gente era galardoador dos serviços, que lhe fezessem, e nom soo dos que lhe faziam aa elle, mas dos que haviam feito aa seu pay*, acha-se aproximada á principal pela identidade de sujeito; a quinta absoluta com sua dependenle, *e nunca tolheo nenhua cousa, que seu pay lhe dēsse*, acha-se aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, *E*; a sexta absoluta, *mas mantinhala*, acha-se aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, *mas;* a setima absoluta, *e accrescentava en ella*, acha-se aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, *E*. Aqui a aproximação das absolutas com a principal faz-se em ultima analyse pela aproximação successiva de umas com outras, conservando-se por este meio um liame entre sentidos aproxima-

dos, de que se podião formar outros tantos periodos grammaticaes.

Das quatorze proposições subordinadas, a completiva, *quanto podia,* e a completiva do infinito pessoal, *de as gentes non seerem gastadas per aazo de demandas,* e *perlongados preitos,* achão-se ligadas á segunda absoluta, a primeira pelo adverbio de quantidade, *quanto,* a segunda pela preposição, *de;* a circumstancial, *se a Escritura affirma,* com a completiva sua dependente, *que por o rey nom fazer justiça veem as tempestaades, e tribulaçoens sobre o poovo,* assim como a circumstancial, *porque nom achamos,* com suas dependentes, a saber, a circumstancial, *em quanto regnou,* as completivas, *que aa nenhuum perdoasse morte de pessoa algua, nem que a merecesse per outra via, nem lha mudasse en tal pena,* e a circumstancial, *por q̃ podesse escapar a vida,* achão-se ligadas á terceira absoluta, a que forma o primeiro grupo pela conjuncção de segunda classe, *se,* a que forma o segundo pela conjuncção de segunda classe, *porque;* as circumstanciaes, *que lhe fezessem, que lhe faziam aa elle, que haviam feito a seu pay,* achão-se todas ligadas á quarta absoluta, pelo adjectivo conjunctivo, *que;* a circumstancial, *que seu pay lhe desse,* acha-se ligada á quinta absoluta pelo adjectivo conjunctivo, *que.*

Este periodo, que comprehende um tão crescido numero de proposições, é do genero d'aquelles, a que os rhetoricos chamão oração periodica, porque constão de mais de quatro membros. N'um periodo desta ordem o numero e a harmonia do todo depende, tanto do artificio da collo-

cação das proposições, como da natural aproximação das absolutas, a que se ligão as subordinadas; e neste nota-se dureza no sentido, que fica como empeçado, porque o autor, não só dêo á terceira absoluta sujeito diverso do das outras seis, que o tem identico, mas ligou-lhe ainda dois grupos de subordinadas, que a isolão das mais, como se pode vêr da pontuação, com que distinguimos as absolutas. O pronome, *lhe*, na ultima, subordinada é demais, porque occasiona equivoco, e deve ser supprimido.

Com ser extenso este periodo do autor, não é dos que o são mais entre os seus, porque outros teem elle ainda muito mais extensos; mas em vista do abuso, que fizerão das orações periodicas os chronistas, que lhe succederão, com especialidade Ruy de Pina, que tem periodos interminaveis, que abrangem quasi capitulos inteiros, e ainda Damião de Goes, pode se dizer em abono de Fernão Lopes, que foi elle mui parco nesta parte.

Como são hoje mui raros os escriptos deste autor, julgamos conveniente para dar idéa de sua maneira de dizer, apresentar aqui uma passagem sua de mais vulto, restabelecendo-lhe, pela dos escriptores contemporaneos. D. Duarte, e Azurára, a orthographia primitiva, que Bayão desfigurou completamente na edição, que fez da sua Chronica, sem se lembrar que a orthographia, que intempestivamente pretendêo corrigir, era o melhor representativo da pronuncia do Portuguez n'aquelles remotos tempos. Mas não foi este o unico damno, que causou Bayão á Chronica de Fernão Lopes, trocou-lhe palavras, e até intercalou phrases inteiras no texto.

Eis a passagem da Chronica, constante de todo o capitulo XXXIII, que é um dos mais curiosos della:

«Feyto aquelle contrauto desta guiza, forom em Portugal prezos os Fidalgos, que dicemos, e en aquelle dia que o recado del Rey de Castella chegou ao lugar, hu (onde) Diogo Lopes e os outros estavam pera aver de seerem prezos, aveo q' esta manhã muyto cedo fora Diogo Lopes aa caça dos perdigoens, e prezos Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves, quãdo forom buscar Diogo Lopes, acharom, q' nom estava en o lugar, e q' se fora polla manhã aa caça, cerrarom entonces a porta da Villa, pera q' ninguem lhe levasse recado pera o avisar, e esperavomno assy etãdo pera o prender aa vinda; e huum pobre manco, q' sempre em sua casa avia recebido esmola, quãdo Diogo Lopes comia, e com que alguas vezes zõbava, veendo como se passavam estas cousas, trautou consigo, e cuydou muyto en o avisar en o caminho, antes que chegasse ao lugar, pera o q' soube secretamente pera qual parte Diogo Lopes fora; e chegando aas guardas da porta, lhe pedio q' o leixassem sair foora aa buscar sua vida.»

«E elles, que de tal home em nenhua cousa sospeitavam, abrirom a porta, e leixaromno sair, e elle andou quanto poude per hu entendeo que Diogo Lopes viria; e achouo jaa vir com seus escudeiros muy descuydado das novas, que lhe elle levava; e dizendo o pobre aa Diogo Lopes: *Que lhe queria falar*, quizera se elle escusar de o ouvir, como quem pouco suspeitava que lhe trazia tal recado; profiando porem o pobre que o ouvisse, coutoulhe em segredo como hua guarda del Rey

de Castella com muytas gentes chegarom ao seu paço pera o prender, despois que os outros forom prezos; e esso meesmo de que maneyra as portas estavam guardadas, porque ninguem saisse pera o avisar.»

«Diogo Lopes, tanto que esto ouvio, ficou sobresaltado, e loguo entedeo o que era, e o medo da morte o fez turbar todo, e poer en grande pensamento,e cuydado; e o pobre lhe dice quãdo assy o vio: *Tomay meu conselho, e servos a proveitoso. Apartayvos dos vossos, e vamonos a huum valle, nom longe daquí, e ally vos darey a maneyra, como vos ponhaes en salvo.* Entonces dice Diogo Lopes aos seus: *Que andassem per ally perto caçando, porque elle soo queria ir com aquelle pobre aa huum valle, hu lhe dezia que avia muytos perdigoens. Fezeromno assy,* e foromse ambos aaquelle lugar, e ally dice o pobre: *Que se queria escapar, que vestisse os seus fatos rotos, e assy aa pee andasse quanto podesse ataa dar en a estrada, que ia pera Aragom, e que com os primeyros almocreves, que achasse se metesse per soldada; e assy com elles de volta fosse seu caminho, q' per esta via, ou com abito de frade se despois o aver podesse, se pozesse em salvo em o regno de Aragom; porque per força avia de seer buscado polla terra.»*

«Diogo Lopes tomou o seu conselho, e foy se aa pee daquella maneyra. E o pobre nom tornou loguo pera a Villa. Os seus aguardarom per muy grande espaço, e veendo que nom vinha, foromno buscar contra hu elle fora; andando em busca delle acharom a besta andar soo, e cuydarom que caira della, ou lhe fugira, e buscando o com

mayor cuydado, foy a detença com esto tam grande, que se fazia jaa muyto tarde, e veendo como o nom podiam achar, levarom a besta, e forom se ao Lugar nom sabeendo que cuydassem en tal feyto.»

«E quãdo chegarom, e virom de que sorte o aguardarom, e souberom da prizom dos outros, ficarom muy espantados; e loguo entenderom que era fugido; e perguntados por elle, dicerom, que caçando soo se perdera delles, e buscando o acharom a besta, e nom aa elle, e que com aquello forom detidos ataa aquellas horas, e que non sabiam que cuydassem, senom que jaria(jazeria) em alguum lugar morto; e os que tinham cuydado, ou carrego de o preender, foromno buscar per diversas partes sem efecto, e do que lhe socedeo en o caminho, e como passou por Aragom, e se foy aa França pera o Conde Dom Anrique, e de que sorte lhe fez roubar os campos, nom curamos de dizer mais por nom sair foora do proposito.»

«Quãdo El Rey de Castella soube, que Diogo Lopes nom fora tomado, teve grande pezar, e nom poude mais fazer. Entonces enviou Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho, beem prezos e arrecadados aa El Rey de Portugal, seu tio, segundo era ordenado antre elles, e quãndo chegarom ao estremo acharom hy Mem Rodrigues Tenorio, e os outros Castelhanos, que lhe El Rey Dom Pedro enviava, e ally, dezia despois Diogo Lopes, falando en esta historia: *Que se fezera o troco de burros per burros.* E forom levados aa Sevilha, onde El Rey entonces estava, aquelles Fidalgos, que jaa nomeamos, e ally os mandou El Rey matar

todos. E aa Portugal forom trazidos Alvaro Gõçalves, e Pedro Coelho, e chegarom aa Santarem, onde El Rey Dom Pedro se achava, o qual com prazer de sua vinda os saio loguo aa receber foora, e com sanha cruel, seem pyedade os fez per sua mom meter aa tormento, queerendo q' lhe confesassem a verdade quaes forom culpados en a morte de Dona Inez, e que era que seu pay trautava contra elle, quãdo andavam desavindos por causa da morte della, e nenhuum delles lhe respondeo aa taes perguntas cousa, que aa El Rey aprouvesse.»

«E El Rey com queixume, dizem que deo huum açoute en o rosto aa Pedro Coelho, e elle se soltou entonces contra El Rey em palavras injuriosas, chamãdo-lhe: *Treedor, sem fé, prejuro, algoz e carniceiro dos homens*. E El Rey dizendo, que lhe trouxessem sebola, e vinagre pera o Coelho, enfadou se delles, e mandou os matar.»

«A maneyra de sua morte seendo dita pollo miudo seria muy estranha, e crua de contar; por que mandou tirar o coraçom pollos peytos aa Pedro Coelho, e aa Alvaro Gõçalves pollas spadoas; e quaes palavras ouve, e aquelle, que lho tirava, que tal oficio avia pouco em costume, seria beem durida cousa de ouvir; e tudo foy feyto ante os Paços, onde elle pousava, de sorte que comeendo estava veendo executar quanto mandava fazer.»

«Muyto perdeo El Rey de sua booa fama por tal escaibo (troco, troca), como este; o qual foy avido em Portugal, e em Castella por muy grande maal, dizendo que todos os boons, que o ouviam deziam: *Que os Reys erravam muyto indo contra*

suas verdaades, pois que estes Cavalleiros estavam sobre segurança acoutados en seus regnos.»

Os periodos desta passagem, onde ha só duas orações periodicas no começo, e essas não demasiadamente extensas, são de tamanho regular, e não destituidos de numero, quer se attenda á collocação dos complementos, quer á das proposições, si bem se possa notar dureza na aproximação das proposições absolutas das duas orações periodicas, com a primeira das quaes devia o autor formar tres periodos, e com a segunda, dois, si escrevesse hoje, ou em tempos mais proximos do nosso.

O estylo do autor, de que a mesma passagem nos dá sufficiente amostra, é em toda a chronica geralmente despido de ornatos, que lhe dêm relevo; mas não deixa por isso de ser succulento, proprio da narrativa, e terso para o tempo, em que foi escripta a obra, quando a lingua portugueza mal contava tres seculos de existencia, e apenas começava a ser manejada pela penna do escriptor. Si elle se não levanta por vezes, como o de Azurára na Chronica de Guiné, é todavia digno da historia pela arte, com que o autor soube expôr os factos, guardando as precisas conveniencias sem faltar á verdade historica; do que é bôa prova o ter-se elle recusado a narrar as circumstancias dos atrozes supplicios de Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho. Deve-se ainda levar em linha de conta na apreciação dos estylos de um e outro—que o primeiro escrevia a chronica de um rei, que torturava os criminosos com suas proprias mãos, e se comprazia, estando á meza, em ver arrancar corações á homens; o segundo narrava

os altos feitos, e infatigaveis exforços em promover descobrimentos, do maior principe sem corôa, de que se honra Portugal; ou que o assumpto, ingrato para o primeiro, ministrava ao segundo occasião de levantar a voz.

Admira certamente que Fernão Lopes, que escrevia antes do meiado do seculo decimo quinto, quando quasi toda a Europa, á excepção da culta Italia, se achava immersa nas trevas da ignorancia, e era apenas precedido na prosa portugueza, digna deste nome, por el rei D. Duarte, compuzesse em tal tempo um capitulo como esse, que com as leves correcções, que apontámos, não seria desdenhado por qualquer escriptor moderno. Tanta é a propriedade do seu estylo, e a nobre independencia, com que, elle chronista regio, narra os factos louvando o bom, e reprovando o máo! A sua autorisada chronica é na descripção dos costumes o fiel transumpto da barbaridade dos tempos, a que o autor se mostra superior pelo seu bom senso.

Com razão pois é elle tido pelo pae da Historia Portugueza, ou pelo nosso Herodoto, de cuja nobre simplicidade muito se aproxima.

A veneranda antiguidade, que o cerca, exige que se faça em proveito do estudo da lingua uma nova edição da sua chronica com a orthographia primitiva, como a que se fez do Leal Conselheiro d'el rei D. Duarte, e da Chronica de Guiné de Azurára. A conservação da orthographia, na edição dos escriptores antigos, é indispensavel ao conhecimento da pronuncia das palavras na antiga linguagem, sem o qual nunca se poderá chegar á percepção do numero nos periodos da composição.

A terceira pessôa, por exemplo, do presente do indicativo do verbo, *Ser*, que Azurára escreve, *foe*, e os chronistas seus successores com el rei D. Duarte, *foy*, não se devia pronunciar como hoje, *foi*, fazendo-se de toda a palavra um diphtongo, mas, *fo-e*, ou, *fo-y*: *muito*; *muita*, que os antigos escrevião *muyto*, *muyta;* não se devia pronunciar como hoje, fazendo-se da primeira syllaba da palavra um simples diphtongo nasal, mas, *mu-yto*, *mu-yta*, *algum*, *alguma*, que elles escrevião, *alguum*, *alyua*, não se devia pronunciar como nós o fazemos, mas, *alguum*, *algum-a: bom*, *boa*, que os mesmos escrevião, *bõo*, *bõa*; não se devia pronunciar como nós o fazemos, mas, *boom*, *bom-a*.

Bastão estes poucos exemplos para se conhecer a grande differença, que ha entre a nossa pronuncia e a dos antigos, e com especialidade, a dos escriptores do seculo decimo quinto e de parte do decimo sexto, isto, em relação á um sem nuro de palavras variaveis e invariaveis. Do seculo decimo sexto inclusive em diante é que a pronuncia se foi sensivelmente modificando até nós, notando-se ainda alguma differença entre a dos escriptores do seculo decimo setimo e a nossa, como o attesta a sua orthographia. Isto é tanto mais facil de verificar, que não possuimos uma orthographia de convenção, como os Inglezes e os Francezes, mas uma orthographia, em que a pronuncia tem felizmente sido sempre o elemento dominante.

A passagem de Duarte Galvão é um periodo composto de dez proposições grammaticaes, uma absoluta, e nove subordinadas, todas collocadas sem artificio notovel.

Destas dez proposições, a bsoluta, *Começando de escrever das vidas, e muy excellentes feitos dinos de eterna memoria, dos muy esclarecidos Reys de Portugal, encomendome àquelle guiador de seus nobres, e virtuosos coraçoens, Espiritu Santo,* é a principal; a primeira completiva, *que assi me queira dar alguma pera hos escrever, e assentar em devida lembrança por tal,* á que se ligão todas as outras, circumstanciaes e completivas, liga-se á principal pela conjuncção de segunda classe, *que*; a primeira circumstancial, *como participou* (repartio) *com elles de sua infinda graça pera has obrar,* liga-se á primeira completiva pela conjuncção de segunda classe, *como;* a segunda completiva, *que nom pareção falecidas minhas palavras na grande excellencia de tam louvadas obras,* liga-se á primeira pela conjuncção de segunda classe, *que;* a segunda circumstancial, *de cujo louvor ha primeyra prova, e testemunho será ho muy esforçado, e manifico Rey D. Affonso Anriques, primeyro Rey de Portugal, fundamento loguo proprio, e necessario, por Deos ordenado pera tam alto cume da gloria destes Reynos,* liga-se á segunda completiva pelo adjectivo conjunctivo, *cujo;* a terceira circumstancial, *como nelle edeficou,* liga-se á segunda pela conjuncção de segunda classe, *como;* a quarta circumstancial, *segundo que seu immenso louvor nom menos se verá aho diante accrescentado, e cõformado pelos Reys seus successores,* liga-se á terceira pela locução conjunctiva, *segundo que;* a quinta circumstancial, *hos quaes, contão deste primeyro Rey, são por todos quatorze cõ o Serenissimo de todo o louvor illustrado El-Rey D. Manoel N. Senhor,* liga-se á quarta pelo adjectivo

conjunctivo, *hos quaes*; a sexta circumstancial, *ho qual vai em dez annos*, liga-se á quinta pelo adjectivo conjunctivo, *ho qual*; a setima circumstancial *q' ao presente Reina, anno do Senhor de mil e quinhetos e sinquo*, liga-se á sexta pelo adjectivo conjunctivo, *que*. Aqui a subordinação das proposições é, como se vê, successiva, dependendo todas em ultima analyse da principal pelo intermedio da primeira completiva á ella immediatamente ligada.

O principal defeito a notar neste periodo é esse grande numero de proposições subordinadas dependentes de uma só absoluta, que formão uma especie de cauda, ou rabo-leva, que o fazem terminar mui fria e desenxabidamente no, *anno do Senhor de mil quinhetos e sinquo*. Ha ainda a censurar a approximação impropria, senão impia, das palavras, *El-Rey D. Manoel N. Senhor*, e, *anno do Senhor*. Cumpre alem disso observar que ja a lisonja em tempo d'el-rei D. Manoel fazia começar por lettra maiuscula a palavra, *Reina*, collocada no corpo do periodo.

A passagem de Ruy de Pina é uma oração periodica composta de vinte tres proposições grammaticaes, onze absolutas, e doze subordinadas, todas naturalmente collocadas, si bem se note algum artificio na collocação dos complementos.

Das onze proposições absolutas, a primeira, *E por esta discordia, ha Rainha Dona Isabel era* (estava) *triste e anojada*, é a principal; a segunda (elliptica), *e por aver antre elles booa paaz, e amor fazia ha Deos*, está aproximada á principal pela conjuncção de primeira classe, *E;* a terceira, *e mandava fazer muitas oraçoens e devaçoens*, está aproximada á segunda pela mesma

conjuncção; a quarta, *e seendo certifiquada destas mortes, e maales tam grandes, ella de sua propria e virtuosa vontade partio Dalanquer*, está aproximada á terceira pela mesma conjuncção; a quinta, *e se veyo ha Coimbra*, está aproximada á quarta pela mesma conjuncção; a sexta, *e por sy falou ha todolos Senhores*, está aproximada á quinta pela mesma conjuncção; a setima, *e com elles por sua santa intercessam, banhada com piedosas lagrymas*, *asentou*, está aproximada á sexta pela mesma conjuncção; a oitava, *e ha Rainha com El Rey e com o Ifante concordou*, está aproximada á setima pela mesma conjuncção; a nona, *e El Rey com prazer, e consentimento desto, se foy a Leyria*, está aproximada á oitava pela mesma conjuncção; a decima, *e ha Rainha, e ho Ifante se foram ha Pombal*, está aproximada á nona pela mesma conjuncção; a undecima finalmente, *e aly concertáram*, está aproximada á decima pela mesma conjuncção. A aproximação destas proposições absolutas é completa, porque alem de ser feita pela referida conjuncção, o é tambem em quasi todas pela identidade de sujeito, o que a torna muito mais perfeita.

Das doze proposições subordinadas, a primeira circumstancial; *que antre El Rey, e o Ifante, avia*, acha-se ligada á principal pelo adjectivo conjunctivo, *que*, e cahe-lhe sobre o attributo; a segunda circumstancial, *como era razam*, acha-se ligada á segunda absoldta pela conjuncção de segunda classe, *como;* a terceira circumstancial, *que desta desaventura se seguiam*, acha-se ligada á quarta absoluta pelo adjectivo conjunctivo, *que*, e cahe-lhe sobre o sujeito; a quarta circumstancial, *donde*

estava, acha-se ligada á quinta absoluta pelo adverbio conjunctivo, *donde;* a quinta circumstancial, *que eram com El Rey*, acha-se ligada á sexta absoluta pelo adjectivo conjunctivo, *que*, e cahe-lhe sobre o attributo; a primeira completiva, *que era bem fazer-se loguo paaz e concordia*, acha-se ligada á setima absoluta pela conjuncção de segunda classe, *que;* a segunda e terceira completivas, *que ambos se partissem da ly, e se fossem ha outros logares*, achão-se ligadas á oitava absoluta pela conjuncção de segunda classe, *que*, que se subentende na terceira; a sexta circumstancial, *dõde por pessoas seem sospeita se veriam has couzas*, achase ligada á terceira completiva pelo adverbio conjunctivo, *dõde;* a setima circumstancial, *que ho Ifante requeria*, acha-se ligada á sexta pelo adjectivo conjunctivo, *que*, e cahe-lhe sobre o sujeito; a oitava circumstancial do infinito pessoal, *pera dellas lhe serem outorgadas aquellas*, acha-se tambem ligada á sexta pela preposição, *pera;* a nona circumstancial emfim, *que fossem de razam, e onestiaade*, acha-se ligada á oitava pelo adjectivo conjunctivo, *que*.

Nada ha a notar nesta oração periodica, que é assás numerosa e cheia, tanto pela boa disposição dos complementos e proposições, como pela perfeita ligação destas, o que evita que o sentido total se torne empeçado, como acontece não poucas vezes nos periodos, que pecção por extensos. Mas nem todas as orações periodicas do autor são perfeitas como esta.

Ruy de Pina, que escrevia no principio do seculo decimo sexto, mostra-se de ordinario bem informado dos factos, que narra, interessa-nos por

noticioso, e é, como historiador, superior a Duarte Galvão, que o precedêo no officio, e compoz um secco esqueleto de chronica destituido de interesse: tem alem disso numero na phrase, estylo por vezes pittoresco, e dicção copiosa; mas cahio no vicio dos periodos interminaveis, que estavão muito em moda no seu tempo, e ainda nos posteriores.

Eis ahi para amostra um dos seus periodos, ou orações periodicas interminaveis, onde a ligação das proposições é defeituosa, e o sentido por conseguinte empeçado e revesso. É tirado da Chronica d'elrei D. Sancho I.

«Durando jaa ho cerquo (de Silves) por tres semanas, e sendo a vitoria dos cerquadores e cerquados muy duvidosa, por que El Rey determinou nom se alevantar do cerquo, sem primeyro cometer todolos caminhos para cobrar ha cidade, vendo que os Mouros tinhão para o rio huma couraça de muros muito fortes, e bem torrejada, pela qual se provião abastadamente, sem perigo, dagoas, com que eram por muitas couzas, e em suas necessidades muy refresquados, detreminou sobre Conselho, e acordo bem consirado de poer loguo suas forças em cobrar ha couraça, para ha qual concertados todolos engenhos, artelharias, e todas has outras couzas, que compriam, sendo juntos todos os besteyros, e frecheyros, e outra gente darmas escudados de mantas fortes, e amparos cubertos de couro para combater, fizeram principalmente sobre esso huma manta de traves, e viguas muy fortes, que peguavam com ha torre, que estava sobre hum poço de muita aguoa doce, que dentro da couraça avia tambem, com tenção

de ha piquarem, e sendo derribado fazerem por ahy ha entrada ha couraça, e ha Cidade, mas hos Mouros, quando viram couza tam aparelhada para mais breve sua perdição, acorreram aly com diligencia, e grande triguança para empedir ho efeyto da manta, que se concertava, lançaram das Ameas muita lenha, e sobre ella outros materiaes revoltos em foguo, e foy tanto, e ardente, que ha manta sem algua detença foy queymada, e feyta em poo.»

Neste extensissimo periodo não só é defeituosa a ligação das proposições, mas tambem má, a sua collocação e a dos respectivos complementos. Assim quem tiver a pachorra de ler em voz alta toda essa immensa tirada com risco de perder o folego, ficará no fim quasi em jejum sobre o seu cabal sentido, porque o autor fez de uns poucos um periodo unico, ou comprehendêo em um só diversos sentidos mal ligados e peor collocados.

Entretanto, para que o leitor não perca o seu tempo, poderá por essa mesma passagem conhecer o modo de orthographar, e pronunciar muitas palavras no tempo d'el-rei D. Manoel. A maneira, por exemplo, de escrever com, *h*, o artigo, a preposição, *a*, e o adjectivo pronominal, indica que os Portuguezes de então pronunciavão o artigo como o pronuncião hoje os nossos Paulistas que lhe conservárão a pronuncia primitiva, dizendo, *ho homem, ha casa,* ou, *oo homem, aa casa*, porque o *h*, era aspirado, como expende Viterbo no seu Elucidario.

A passagem de Damião de Góes é um periodo composto de nove proposições grammaticaes, uma absoluta, e oito subordinadas, todas naturalmen-

te collocadas, segundo a ordem requerida pelo sentido.

Destas nove proposições, a absoluta, *Afonso dalbuquerque mandou dizer a el Rei*, é a principal; a primeira circumstancial, *ancorada a frota*, liga-se á principal pelo verbo no participio, *sendo*, que se subentende; a primeira completiva, *que elle vinha alli pera com elle tratar pazes, e amizade em nome del Rei de Portugal seu senhor, e poer aquella cidade a sua obediencia*, liga-se á principal pela conjuncção de segunda classe, *que;* a segunda completiva, *que o deixaria viver em seu estado, e aos seus em todalas liberdades*, liga-se á principal pela referida conjuncção, *que;* a segunda circumstancial, *se lha quizesse entregar pacificamente*, liga-se á segunda completiva, pela conjuncção de segunda classe, *se;* a terceira circumstancial, *como o até alli fizeram*, liga-se á segunda completiva pela conjuncção de segunda classe, *como*; a terceira completiva, *e o defenderia e a todo seu regno e senhorios*, liga-se á principal pela referida conjuncção, *que*, que se subentende; a quarta circumstancial, *de quem o quizesse anojar* liga-se á terceira completiva pelo adjectivo conjunctivo, *quem;* a quarta completiva, *e que o mesmo fariam sempre todolos capitaens del Rei seu senhor*, liga-se á principal pela referida conjuncção, *que*. A conjuncção de primeira classe, E, entre as completivas serve de ligal-as umas ás outras.

Nada ha a notar neste periodo, nem quanto á ligação das proposições, que é perfeita, nem quanto á sua collocação e a dos respectivos complementos. É um periodo regular, que tem o numero conveniente

Damião de Góes, que é muito mais moderno, que Ruy de Pina, pois começou a escrever em 1558, é sem duvida de todos quantos chronistas succederão á Fernão Lopes e á Azurara, o mais bem informado dos factos, que narra, aquelle, cuja leitura nos inspira mais interesse pela ordem e natureza dos mesmos factos, que se referem ao glorioso reinado d'el rei D. Manoel, ou á época dos grandes descobrimentos e conquistas dos Portuguezes na Asia e America, e o chronista de todos sem excepção mais diligente e laborioso, como o attesta a sua volumosa obra dividida em quatro partes, a qual é a chronica mais completa, que temos.

Quanto aos dotes do estylo, o seu é abundante, ás vezes pittoresco, fluente, e proprio da narrativa; a sua dicção é castiça sem ser pobre; a sua phrase não deixa de ter numero. Com todas essas qualidades porem não soube o autor levantar a voz em relação á grandeza dos acontecimentos, que relata, ou collocar-se na altura do assumpto, como fizerão Azurara e João de Barros. Por isso de certo é que elle censura no primeiro a qualidade, que justamente lhe falta.

Com escrever meio seculo depois de Ruy de Pina, que parece haver tomado por modelo, cahio ainda este autor no vicio dos periodos de legua e meia, como se pode ver dos dois, que aqui transcrevemos para amostra, em relação á importancia da obra.

«Depois que hos Reis de Castella lançarão hos Judeus fora de seus regnos, e senhorios, quomo atras fica dito, el Rei dom Emmanoel requerido per cartas dos mesmos Reis determinou de fazer

ho mesmo, mas quomo ho negocio fosse de qualidade pera se delle não tomar resolução, sem bom conselho, houue sobrisso varios pareceres, por que huns dizião que pois ho Papa consentia esta gente em todalas terras da Egreja, permittindo lhes viuerem em sua lei, e que o mesmo fazião todolos Principes, e respublicas de Italia, e Hungria, Bohemia, e Polonia, o que se podia cuidar, que não fazião sem causa, a cuja imitação em toda Alemanha, e outros regnos, e provincias de Christãos os deixauão tambem viuer, que causa haueria pera os lançarem do regno, que não repugnasse com a razão questoutras nações tinhão pera o consentirem, e que alem disto polos lançarem da terra, nem por isso lhes dauam azo de nas alheas se tornarem Christãos, mas antes se se fossem pera ha dos mouros, se perdia de todo ha esperança de nenhum se conuerter, o que muitos delles viuendo entre nos, mouidos de nossa religião, e do bom uso della se podia sperar que fezessem, e que hauia ainda nisto outros inconvenientes, porque alem dos seruiços, e tributos que el-Rei perdia, ficaua obrigado a satisfazer ás pessoas a que elle, e hos Reis passados delles fezerão merce, e que não tão sômente leuauão consigo da terra muitos haueres, e riquezas, mas ainda o que era mais de estimar, leuauão sotis, e dilicados spiritos com que saberião dar aos mouros auisos qne lhes necessarios fossem contra nós, e sobre tudo lhes ensinarião seus officios mecanicos, em que erão muito destros, principalmente no fazer das armas, do que se poderia seguir muito dãno, trabalhos, e perdas, assi de gente, como de bens a toda ha Chaistande.

(Extrahido do cap. XVIII da primeira parte da chronica.)

«No tempo em que se fazião prestes estas naos teve el-Rei conselho sobre quem mandaria por capitão dellas, e assentou, que fosse Vasquo da Gama, fidalgo de sua casa, natural da villa de Sines, homem solteiro, e de idade pera poder sofrer os trabalhos de hua tal viagem, pelo que ho mandou chamar, estando em Estremoz no mes de Janeiro de mil e quatrocentos e nouenta e sete, e lhe deu a capitania dellas, com palauras de muita confiança, pondo diante ho peso de tamanho negocio consistir não na despeza, que se nelle podia fazer, nem no que se nisso auenturava, senão no serviço de Deos, e bem de seus Regnos, ho que tudo se podia conseguir, se passando elle adiante do que já era discuberto, podesse chegar à India, e daquellas partes lhe trazer ho primeiro fructo de todalas despezas, que seus antecessores nisso tinhão feitas, e dos perigos que ha nação Portugueza tanto tempo hauia, que nestas nauegações tinha passados, do que se podia seguir tanta honra, e louuor quanta elle bem podia cuidar, ao que se ajuntarião muitas merces que lhe sperava fazer em galardão de todolos trabalhos, que nesta viagem passasse, ao que Vascuo da Gama respondendo com palauras de bom caualleiro, prudente, e leal vassallo, lhe beijou ha mão pola merce que lhe fazia, e confiança que delle tinha, ajuntando a isto que huma das partes que ho conuidauão a este trabalho, depois do serviço, que nisso sperava fazer a Deos, e a sua Alteza, era parecer-lhe, que tinha algua aução nesta viagem, polla el-Rei dom João, pouco antes que falecesse, ter dado a seu pai Esteuão da Gama, que já tambem era defuncto, em cujo lugar, e por sua lembrança lhe

pedia que houuesse por bem nesta viagem se querer tambem seruir de Paulo da Gama seu irmão, porque com tal e fiel companheiro speraua vir ao fim della, sem differenças, nem cautellas que poderião caber, e acontecer entre outras pessoas, que não fossem tão conjuntas em sangue quomo elles erão, ho que lhe el-Rei muito agardeceo, e houue logo por bem ser Paulo da Gama hum dos que houuesse de mandar em sua companhia.»

(Extrahido do cap. XXIII, ibidem.)

Nesses descommunaes periodos, ou orações periodicas, ha a notar além da ligação forçada das proposições, a qual mais ou menos torna o sentido empeçado, a desmesurada extensão, que fatiga o leitor, fazendo com que lhe seja preciso tomar mais de uma vez o folego para chegar ao cabo. Com periodos taes a leitura se converte em supplicio. Felizmente as interminaveis orações periodicas teem cahido no mais completo abandono, e muito lucrou com isso a clareza do discurso, á que ellas erão não pequeno estorvo.

Pelo modo de orthographar as palavras deste chronista comparado com o de Fernão Lopes, Azurara, e Ruy de Pina, póde se inferir das principaes modificações, por que foi passando a orthographia e a pronuncia do Portuguez no espaço de um seculo, ou pouco mais, que tanto vai do pae da historia portugueza até elle.

As terceiras pessoas dos verbos, por exemplo, que no tempo d'el Rei D. Duarte, Fernão Lopes, e Azurára, terminão em, *om*, e no de Ruy de Pina em, *am;* terminavão em, *ão*, no de Damião de Goes. Dos nomes, os que terminavão em, *om*, no

tempo dos tres primeiros, e no de Ruy de Pina, que ainda escrevia, *nom*, em, *ão* ou *am*, sem regularidade; terminão, em, *ão*, no de Damião de Goes. Os, *y y*, tão frequentes no tempo dos tres primeiros, e no de Ruy de Pina, forão pela mór parte substituidos pelos, *i i*, vogaes no tempo de Damião de Goes, que escrevia com, *i*, vogal o adverbio, e o adjectivo, *muito*, e só conserva o, *y*, no adverbio contracto, *muy*. Esta mudança fazia variar a pronuncia da palavra, como acima expendemos. Mas a orthographia do artigo, que ainda era a mesma no tempo de Damião de Goes, si bem este já escreva a preposição, *a*, sem, h, faz suppôr que ainda então o pronunciavão em Portugal, como o pronuncião os Paulistas. O, *u*, vogal, que Damião de Goes emprega no meio das palavras pelo *v*, e continuou a ser assim empregado por muito tempo depois, não influe sobre a pronuncia. As vogaes dobradas, *aa*, *ee*, *oo*, e ainda, *ii*, *uu*, tão usadas no tempo d'el rei D. Duarte, Fernão Lopes e Azurara, para denotar as syllabas longas, e já quasi em desuso no de Ruy de Pina, forão no de Damião de Goes substituidas por vogaes simples accentuadas, ou não. O, *y*, substituio depois na mór parte dos casos, os, *ii*, dobrados ou longos, officio que aliás já não poucas vezes fazia no tempo dos tres primeiros escriptores.

O que é facto é que os antigos accentuavão melhor as palavras, do que nós o fazemos, ou distinguião melhor os dois tempos das syllabas longas, do tempo unico das breves, o que devia tornar a sua pronuncia muito mais musical, do que a nossa, que pecca por mui rapida e surda. Das

mesmas vogaes breves preferião as mais claras, pois dizião, *fezerom*, ou *fezeram*, *deziam*, em vez do nosso, *fizerão*, *dizião*.

No emtanto para que melhor se conheção as modificações, por que foi passando a lingua desde El Rei D. Diniz, que foi o nosso primeiro escriptor, até Camões, que a fixou com a publicação do seu immortal poema, aqui transcrevemos, extrahida do Elucidario de Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, uma carta, como então se chamava, do sobredito rei, expedida em 1281.

«Dom Denis pela graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve. A todolos Alcaides, e Comendadores, e Meirinos, e Alvaziis, e Juizes, e Justiças de meu Reino, saude. Sabede, que Eu som certo, que vós nom fazedes Justiça, assi como devedes, e os de mais por quem se nom faz. E porque vós Alcaides, e per vós outros, per quem se deve a fazer, que levades ende (dahi) algo: porque vos Eu mando su (sob) pena dos corpos, e de quanto avedes, que Justiça que a façades, e a comprades (cumprais) de guiza, que nom mengue (mingúe) ende en nengua cousa; cá (pois) bem crede que aquel que Eu souber de vós, que a nom faz, nem na compre (cumpre), assi como deve, que Eu o matarei por ende (por isso), ou lhi farei dar aquella pena meesma, que ouvesse receber aquel, em quem menguar (faltar) a Justiça; ca bem sabedes vós, ca (que) pera esto me fez a mi Deos Rei pera fazer Justiça, e pera fazela fazer en todo meu Reino: de guiza que cada huum aja aquello, que deve aaver; e Eu pera esto vos meto en meu logar pera fazerdes Justiça, e pera comprila; de guiza, porque per medo, nem per

meaça, nem per ofreçom (peita), nem por outra cousa nenhua nom se perca minha Justiça, e que cada huum aja seu dereito. E por esto sede certos, que Eu de todo en todo quero saber per Inquisiçoens, que mandarei fazer, aquelles per que a Justiça mengua, e as cousas en que se nom compre, nem se faz, e farei y tal escarmento en aquelles perque menguar, que serom eixempro pera todo o mundo. E mando a todolos Tabellioens de meu Reino, su pena dos corpos, que escrevam todalas cousas, en que se nom fezer Justiça, e aquelles per quem menguar; de guiza, que quando Eu for na terra, ou mandar sobr'esto fazer Inquiriçom, que o possa todo (tudo) saber. Item vos mando, que en os preitos, que perante vos veerem, nom sofrades que nenguum y faça perlongança, senom aquella que for de dereito: nem er (particula expletiva) sofrades aos Avogados que fação esta pontaria (trapaça), nem esta burla, nem que se fação en os preitos: mas sem outra pontaria, e sem outra perlonga, fazede que cada huum aja todo o seu dereito, e nenguum nom perca seu dereito per pontaria; ca Eu nom quero que os preitos andem, senom chaamente, e per verdade. E mando a este meu home, portador desta carta, que a faça leer en cada una Villa, e en cada logar, e no Concelho apregoado. E mando aos Tabellioens, que registem esta Carta, per tal, que sea pera sempre, e que a leam cada dõma (semana) hua vez em o Concelho. Dada em Beja 1.º dia de Agosto. El-Rei o mandou. Airas Martins a fez en Era M. CCC. XIX.»

Este documento, que conta perto de seis seculos, pois tanto vai de 1281, até nós, é pela ven-

tura de todos quantos teem visto a luz da imprensa, o documento mais antigo escripto ja em bom Portuguez, sendo que antes d'el rei D. Diniz, que escreveo o seu Cancioneiro em vulgar, e mandou traduzir tambem em vulgar diversas obras estrangeiras, ou se escrevia em Latim com menos preço do idioma vulgar, ou quando não em Portuguez ainda alatinado, ou pelo menos acastelhando. Assim com pouco mais de um seculo de existencia já o Portuguez do tempo do sobredito rei constituia uma verdadeira lingua com indole e feições proprias, e mui distincta tanto do Castelhano, como do Latim, que dêo origem a um e outro idioma. Nem faça duvida trazer o documente a data de 1319, porque então computavão o tempo pela era de Cesar, que precedia 38 annos ao anno do nascimento de Christo, e corresponde justamente ao anno de 1281 da era christã, porque o computamos.

Ahi vai tirada do mesmo Elucidario de Viterbo uma amostra do que era o Portuguez nas proximidades do ultimo quarto do seculo XII, reinando ainda el-rei D. Affonso Henriques, ou pouco mais de um seculo antes do documento acima transcripto:

«In no Nome da Santa Trindade, Padre, Filho, e Spirito Santo. Amen. Porque Deos todo Poderoso, Direito Juiz, encomendou a todolhos usantes Poderio na terra, reger o poboo a ssy sometudo en justiça, e en ygualdade assy como o leem en Salomon: Amade justiça aqueles, que julgades terra: Porem eu Meestre Gaudin, ensembra (juntamente) com os meus Freires, encinado pela mercee de Deos, enduzemos (julgamos) de neces-

sidade remover as injurias, e as roubas (os roubos) do poboo, suiugado a nós; consirantes magis (mais), e melhor en saude das almas, ca (que) en ganho e prol das cousas temporaes, seermos consiguidoiros. Por ende (por isso) en a terra soo (sob) nosso Poderio estabeleçuda, taes damos degredos (decretos).»

(Foral de Thomar de 1174.)

N. B. Os participios presentes, em, *ante, ente, inte*, dos quaes se notão nesta passagem, «*usantes* poderio na terra» e, «*consirantes* magis e melhor en saude das almas,» conservárão-se na lingua ate fins do seculo decimo quarto pouco mais ou menos; e ainda hoje servem de attestar a sua primitiva existencia as fórmas usadas, «isto não *obstante*,» e, «*presente* elle.» Os participios do preterito dos verbos da segunda conjugação, em, *udo, uda*, dos quaes se notão na mesma passagem, «reger o poboo a ssy *sometudo* en justiça,» e, «en a terra soo nosso Poderio *estabeleçuda*, conservárão-se por mais algum tempo; e ainda hoje servem tambem de attestar a sua existencia primitiva as formas usadas, *teudo, teuda, contheudo, contheuda, manteudo, manteuda*, em, «mulher *teuda* e *manteuda*,» e em, «fico inteirado do *contheudo* de sua carta,» tomando-se o adjectivo participio substantivadamente.

O Portuguez da carta d'el rei D. Diniz já é tão intelligivel e corrente, que apenas se distingue do d'el rei D. Duarte, Fernão Lopes, e Azurára, pelas formas antiquadas dos verbos em, *odes, ades, edes, ides, ade, ede, ide*, que no tempo do primeiro dos tres escriptores começárão a ser substituidas pelas formas verbaes correspondentes, de que

usamos. Assim o Portuguez do tempo d'el rei D. Diniz, no espaço de seculo e meio a quasi dois seculos, só passsou por esta modificação notavel, e a dos sobreditos participios presentes para, *ando, endo, indo*; porque a substituição da terminação em, *om*, nas terceiras pessôas dos verbos, e nos nomes, que a tinhão igual, pela terminação, em, *ão*, hoje usada, veio mais tarde, ou pouco mais de tres seculos depois. É de notar que ainda se conserva na lingua a forma verbal primitiva em, *ede*, no futuro do imperativo dos verbos, *sede, crede, vede*, como para attestal-a nos outros.

Escrever com, *h*, o artigo, a preposição, *a*, e o adjectivo pronominal, parece ter sido uso só geralmente adoptado no tempo de Duarte Galvão, e Ruy de Pina, e seguido em parte por Damião de Goes; pois até ao tempo de Azurara não era isso seguido, como se vê na sua Chronica de Guiné, no Leal Conselheiro d'el rei D. Duarte, e neste antiquissimo documento. Na edição da chronica d'el rei D. Pedro I, feita por Bayão, tambem não vem nenhuma d'aquellas tres especies com, *h*; e, attendendo ao tempo, em que escrevêo Fernão Lopes, creio que Bayão lhe não alterou nesta parte a orthographia.

No entanto no Elucidario de Viterbo vem alguns documentos antigos, em que o artigo é escripto com, *h*, mas isso sem regularidade.

Assim depois dessas modificações essenciaes e de outras mais leves, que todas ou mais ou menos influirão sobre a pronuncia, é que o Portuguez adquirindo copia de termos, principalmente com as viagens e explorações dos Portuguezes, passou, pouco mais de quatro seculos depois de sua formação, a ser a lingua culta

de Camões, que o fixou com seus Luziadas, enriquecendo-o com um dialecto poetico, que não tinha, e de Barros, que, com as suas Decadas da Asia, ennobrecêo-lhe a prosa, dando-lhe conveniente numero e magestade. Os grandes escriptores, que depois vierão, e com especialidade Frei Luiz de Sousa, o Padre Antonio Vieira e F. Manoel do Nascimento, com terem feito muito, o primeiro e o segundo na prosa, o terceiro no verso, pode se dizer que não fizerão mais, que aperfeiçoar o trabalho d'aquelles dois primeiros mestres da lingua, que forão de certo os que maiores serviços lhe prestárão. Antes de Camões e Barros, o Portuguez era um idioma ainda pobre, e por vezes horrido nas maneiras de dizer, como se nota nas obras de nossos escriptores mais antigos, mas com elles, e depois delles, foi uma lingua mui rica, e propria para todo genero de assumptos.

FIM.

INDICE.

PRIMEIRA PARTE.

SEGUNDA PARTE.

TERCEIRA PARTE.

Secção I.—PARTICULARIDADES DE CONSTRUCÇAÕ E IDIOTISMOS DA LINGUA PORTUGUEZA.

Inversão dos termos da proposição.

Secção II.—IDIOTISMOS E DIFFICULDADES GRAMMATICAES.

QMARTA PARTE.

FIGURAS DE CONSTRUCÇÃO.

QUINTA PARTE.

Secção I.— ESTRUCTURA DO PERIODO GRAMMATICAL.

Secção II.—CONTINUAÇAÕ DA ESTRUCTURA DO PERIODO GRAMMATICAL.

ERRATA.

Pag.	Lin.	Erros.	Correcções.
5	21 a 22	completo	completa
19	31	sugeito	sujeito
20	19	sugeito	sujeito
32	19	prpposição	proposições
39	16	Sonsa	Sousa
47	12	apontados	apontadas
52	8	cautella	cautela
54	11	sugeito	sujeito
63	29	no sagrada	na sagrada
64	15	dest'ontra	dest'outra
»	40	aboarecer	aborrecer
74	25	permance	permanece
84	4	qaanto	quanto
86	10	concorreo	concorrerão
95	37	preposição	proposição
96	22	açoadados	açodados
»	27	Vem lá o Sul no de tropel	Vem lá o sul de tropel
99	17	a percebida	apercebida
110	23	eutoar	entoar
112	30	preposição	proposição
123	37	Sonsa	Sousa
138	27	frenente	fremente
145	14	estragava	extragava
147	7	indignado	indignada
148	1	politico	poetico
»	9	Cathargo	Carthago
»	15	gentiieza	gentileza

Pag.	Lin.	Erros.	Coprecções.
149	9	Topobrana	Taprobana
152	36 a 37	anastrepes	anastrophes
153	35	comprebende	comprehende
169	14	compra	compara
175	7	pisado	pisada
179	35	pbrase	phrase
182	17	crebos	crebros
187	3	om*m*em	om*n*em
190	15	sagess*s*e	sagesse
»	18	Ro*n*seau	Ro*u*seau
191	13	é o jorrar	e o jorrar
197	24	ovelhinas	ovelhinhas
198	21	Neptu*m*nia	Neptunia
201	1	deixa va	deixava
216	27	circum*n*stancial	circumstanciai
230	29 a 30	coraçones	coraçoens.
232	33	poposta	posposta
237	23	dependen*l*e	dependente
250	21 a 22	onestiaade	onestidade.